



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



CAROLINE BULHÕES NUNES VAZ

**REFLEXÕES SOBRE RUA: TENSÕES ENTRE MEMÓRIA E
IMAGINAÇÃO EM EXPERIÊNCIAS NAS RUAS SOTEROPOLITANAS**

V.2

Salvador
2022

CAROLINE BULHÕES NUNES VAZ

**REFLEXÕES SOBRE RUA: TENSÕES ENTRE MEMÓRIA E
IMAGINAÇÃO EM EXPERIÊNCIAS NAS RUAS SOTEROPOLITANAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa

Salvador
2022

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Prof. Omar Catunda, SIBI - UFBA.

V393 Vaz, Caroline Bulhões Nunes

Reflexões sobre rua: tensões entre memória e imaginação em experiências nas ruas soteropolitanas / Caroline Bulhões Nunes Vaz. – Salvador, 2022.

679 f. 2 v.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências, 2022.

1. Ruas. 2. Experiência espacial. 3. Planejamento Urbano. 4. Espaço público. 5. Memória. I. Serpa, Ângelo Szaniecki Perret. II. Universidade Federal da Bahia. III. Título.

CDU:911.3(813.8)

RESUMO

A intenção de estudar a rua, especialmente as ruas brasileiras e de Salvador se deu por preocupações teóricas sobre as transformações do mundo e da cidade, emanadas da obra de Walter Benjamin e Richard Sennett. Deste modo, as suas reflexões sobre as transformações no cotidiano urbano e o aprofundamento da modernidade nos seus vários aspectos, desde a alteração das relações sociais até as implicações na própria vida urbana, ressoaram com as minhas próprias experiências urbanas. No âmbito dos estudos geográficos, com algumas exceções, a rua é um fenômeno auto-representado, considerado ou através de uma perspectiva de morfologia urbana, ou como o centro de ação e vida, mas raramente é o principal ponto de discussão. Neste sentido, procurei construir esta investigação considerando a rua a sua principal escala geográfica e o objeto de análise, porque o foco na rua torna visíveis as transformações da cidade e permite uma compreensão dos processos em curso e das práticas espaciais de habitar a cidade. Assim, procurei uma aproximação entre a fenomenologia e a dialética para ligar as circunstâncias individuais e a estrutura social a fim de ponderar a rua como um fenômeno circunstancial da experiência urbana. Desse modo, a memória e a imaginação foram as duas categorias escolhidas para articular as dimensões temporal e espacial da experiência, que revelaram os pensamentos e as ações das pessoas para o seu futuro e as suas esperanças para a sociedade, através da sua relação com o lugar e a paisagem. Esta investigação foi afetada pela pandemia, o que exigiu alterações no seu âmbito. Nesse sentido, foi preciso de reorganizar a metodologia, para se adequar ao atual contexto de quarentena e distanciamento social brasileiro. Então, optei por sistematizar e analisar notícias, cobrindo o período entre março de 2020 e maio de 2021, como fontes de informação sobre a cidade e as suas ruas. Além disso, 11 entrevistas visaram responder à pergunta "o que é isto: a rua?", considerando as particularidades de cada entrevistado, os seus vários contextos sócio-espaciais-temporais, as suas possibilidades e circunstâncias, para contribuir para os estudos urbanos e particularmente para o planejamento urbano. Os resultados mostram o potencial da rua para manifestar a dinâmica da vida na cidade, através da tensão entre o público e o privado. A rua favorece a criação de imagens da cidade, assim negociada entre indivíduos e o coletivo. As narrativas dos indivíduos sobre as ruas transformam-nas em paisagens urbanas, dando-lhes sentido e força de lugar. Finalmente, apresenta vários significados que são circunstanciais e que se relacionam tanto com a estrutura do mundo como com conjunturas particulares, sendo, a um só tempo, singulares e transversais à compreensão da cidade. As notícias mostraram a importância dos meios de comunicação social como criadores de narrativas sociais, porque unificam fragmentos da cidade, construindo representações hegemônicas positivas ou negativas sobre bairros e ruas.

Palavras-Chave: Rua, modernidade, memória, imaginação, dimensão espacial da experiência

ABSTRACT

The intention to study the street, specially Brazilian and soteropolitan streets, was motivated by theoretical concerns about the transformations of the world and the city, emanating from Walter Benjamin and Richard Sennett's oeuvre. Therefore, their reflections about the transformations in the urban quotidian and the deepening of modernity in its various aspects, from alteration in social relations to the implications in urban life itself, resonated with my own urban experiences. In the scope of geographic studies, with some exceptions, the street is a self-presented phenomenon, considered through a perspective of urban morphology or as the center of action and life, but rarely is the main point of discussion. In this sense, I sought to build this research considering the street, its main geographical scale, and the object of analysis because the focus on the street makes transformations of the city visible and allows an understanding of the ongoing processes and the spatial practices of inhabiting the city. Hence, I pursued an approximation between phenomenology and dialectics to connect individual circumstances and social structure to ponder the street as a circumstantial phenomenon of the urban experience. Accordingly, memory and imagination were the two categories chosen to articulate the temporal and the spatial dimensions of experience, which revealed thoughts and actions of people towards their future and their hopes for society through their relation to place and landscape. This investigation was affected by the pandemic, which demanded changes in its scope. I needed to rearrange the methodology to suit the ongoing context of Brazilian quarantine and social distancing. Thus, I chose to systematize and analyze news, covering the period between March 2020 and May 2021, as sources of information about the city and its streets. Furthermore, 11 interviews aimed to answer the question "what is this: the street?", considering the particularities of each interviewee, their various social-spatial-temporal contexts, their possibilities, and circumstances, to contribute to urban studies and particularly to urban planning. The results show the potential of the street to reveal the dynamics of city life through the tension among public and private. The street supports the creation of images of the city hence negotiated between individuals and the collective. Individuals' narratives about the streets transform them into cityscapes providing them with sense and strength of place. Finally, it presents various meanings that are circumstantial that relate to both the world's structure and its particular conjunctures, being at one-time singular and transversal to understandings of the city. The news revealed the importance of the media as creators of social narratives because they unify fragments of the city, constructing positive or negative hegemonic representations about neighborhoods and streets.

Keywords: Street; Modernity, Memory, Imagination. Spatial dimension of experience

RESÚMEN

La intención de estudiar la calle, especialmente las calles brasileras y soteropolitanas estuvo motivada por las preocupaciones teóricas sobre las transformaciones del mundo y la ciudad, que emanan de la obra de Walter Benjamin y Richard Sennett. Por lo tanto, sus reflexiones sobre las transformaciones en la cotidianidad urbana y la profundización de la modernidad en sus diversos aspectos, desde la alteración de las relaciones sociales hasta las implicaciones en la propia vida urbana, resonaban con mis propias experiencias urbanas. En el ámbito de los estudios geográficos, con algunas excepciones, la calle es un fenómeno auto presentado, considerado a través de una perspectiva de morfología urbana o como centro de la acción y la vida, pero rara vez es el punto principal de la discusión. En este sentido, busqué construir esta investigación considerando la calle, su principal escala geográfica, como objeto de análisis porque el enfoque en la calle hace visibles las transformaciones de la ciudad y permite comprender los procesos en curso y las prácticas espaciales de habitar la ciudad. De ahí que persiguiera una aproximación entre la fenomenología y la dialéctica para conectar las circunstancias individuales y la estructura social para ponderar la calle como fenómeno circunstancial de la experiencia urbana. En consecuencia, la memoria y la imaginación fueron las dos categorías elegidas para articular las dimensiones temporal y espacial de la experiencia, que revelaron los pensamientos y las acciones de las personas hacia su futuro y sus esperanzas para la sociedad a través de su relación con el lugar y el paisaje. Esta investigación se vio afectada por la pandemia, que exigió cambios en su alcance. Tuve que reorganizar la metodología para adaptarla al contexto actual de cuarentena y distanciamiento social de Brasil. Así, opté por sistematizar y analizar las noticias, que abarcan el período entre marzo de 2020 y mayo de 2021, como fuentes de información sobre la ciudad y sus calles. Además, 11 entrevistas tuvieron como objetivo responder a la pregunta "¿qué es esto: la calle?", considerando las particularidades de cada entrevistado, sus diversos contextos socio-espaciales-temporales, sus posibilidades y circunstancias, para contribuir a los estudios urbanos y particularmente a la planificación urbana. Los resultados muestran el potencial de la calle para revelar la dinámica de la vida en la ciudad a través de la tensión entre lo público y lo privado. La calle favorece la creación de imágenes de la ciudad, por tanto, negociadas entre los individuos y el colectivo. Las narrativas de los individuos sobre las calles las transforman en paisajes urbanos que les proporcionan sentido y fuerza de lugar. Por último, presenta diversos significados circunstanciales que se relacionan tanto con la estructura del mundo como con las coyunturas particulares, siendo a la vez singulares y transversales a la comprensión de la ciudad. Las noticias revelaron la importancia de los medios de comunicación como creadores de narrativas sociales porque unifican fragmentos de la ciudad, construyendo representaciones hegemónicas positivas o negativas sobre barrios y calles.

Palabras-Clave: Calle, modernidad, memoria, imaginación, dimensión espacial de la experiencia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa de localização do bairro de residência dos entrevistados em Salvador	21
Figura 2	Rua Onze de Novembro, na Santa Cruz, em frente à barraca de frutas	201
Figura 3	Rua Onze de Novembro, na Santa Cruz, em frente a uma farmácia	202
Figura 4	Av. Manoel Dias da Silva, na Pituba, em frente à agência do Banco Santander.	202
Figura 5	Av. Manoel Dias da Silva, na Pituba, ao lado da loja Di Fábrica.	203
Figura 6	Av.ACM, no Itaipara, antes das obras de infraestrutura, na interseção entre as Av. Juracy Magalhães e Av. ACM, nas proximidades do Parque da Cidade.	205
Figura 7	AV. ACM, no Itaipara, depois das obras de infraestrutura, na interseção entre as Av. Juracy Magalhães e Av. ACM, nas proximidades do Parque da Cidade	205
Figura 8	Av. ACM, no Itaipara, antes das obras de infraestrutura, próximo à Ladeira da Cruz da Redenção.	206
Figura 9	Av. ACM, no Itaipara, depois das obras de infraestrutura, próximo à Ladeira da Cruz da Redenção	206
Figura 10	Av. ACM, no Iguatemi, antes das obras de infraestrutura, próximo ao Edifício Thomé de Souza	207
Figura 11	Av. ACM, no Iguatemi, depois das obras de infraestrutura, próximo ao Edifício Thomé de Souza	207
Figura 12	Av. ACM, no Iguatemi, antes das obras de infraestrutura, próximo ao Sam's Club	208
Figura 13	Av. ACM, no Iguatemi, depois das obras de infraestrutura, próximo ao Sam's Club	208
Figura 14.	Pessoas se abrigam na sombra do muro para evitar o sol na Pituba	209
Figura 15	Caminhos formados pelos passos de pessoas no canteiro central da Av. Vasco da Gama.	210
Figura 16	Imagens de travessas e escadas do bairro de Pernambués	215
Figura 17	Imagens de travessas e escadas do bairro de Pernambués	215
Figura 18	Fotografia do final da rua Escritor Edison Carneiro e do Largo da Ventosa, no final de linha de Pernambués.	216
Figura 19	Primeiro Mosaico síntese da rua, elaborado pelo entrevistado 11, Pedro Mota Viana	248
Figura 20	Segundo Mosaico síntese da rua, elaborado pelo entrevistado 11, Pedro Mota Viana.	249
Figura 21	Mapa de todos os trajetos mencionados pela entrevistada 1.	253
Figura 22	Mapa de todos os trajetos mencionados pela entrevistada 2	254
Figura 23	Mapa de todos os trajetos mencionados pela entrevistada 3	255
Figura 24	Mapa de todos os trajetos mencionados pela entrevistada 4	256
Figura 25	Mapa de todos os trajetos mencionados pela entrevistada 5	257
Figura 26	Mapa de todos os trajetos mencionados pelo entrevistado 6	258

Figura 27	Mapa de todos os trajetos mencionados pela entrevistada 7	259
Figura 28	Mapa de todos os trajetos mencionados pela entrevistada 8	260
Figura 29	Mapa de todos os trajetos mencionados pela entrevistada 9	261
Figura 30	Mapa de todos os trajetos mencionados pelo entrevistado 10	262
Figura 31	Mapa de todos os trajetos mencionados pelo entrevistado 11	263
Figura 32	Mapa de destaque do trajeto a pé mencionado pela entrevistada 1	264
Figura 33	Mapa de destaque do trajeto a pé mencionado pela entrevistada 3	265
Figura 34	Mapa de destaque do trajeto a pé mencionado pela entrevistada 4	266

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1	Entrevistados da pesquisa	20
Quadro 2	Palavras-chave sobre a rua escolhidas pelos participantes	231
Quadro 3	Notícias da cidade e da rua em tempos de pandemia	287

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ACM	Antônio Carlos Magalhães
COPENE	Central Petroquímica de Camaçari
COVID-19	Doença por Coronavírus – 2019
CPM	Centro de Planejamento Municipal
EdUFRR	Editora da Universidade Federal de Roraima
EPUCS	Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador
EUA	Estados Unidos da América
GPS	Sistema de Posicionamento Global
HCoV-229E	Coronavírus humano 229E
HCoV-HKU1	Coronavírus humano HKU1
HCoV-NL63	Coronavírus humano NL63
HCoV-OC43	Coronavírus humano OC43
HCoVs	Coronavírus humano
MERS	Síndrome respiratória do Oriente
MERS-COV	Síndrome Respiratória do Oriente Médio
MP	Medida Provisória
OCEPLAN	Órgão Central de Planejamento
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PLANDURB	Plano de Desenvolvimento Urbano
POSGEO-UFBA	Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia
PPGL/UFRR	Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima
RMS	Região Metropolitana de Salvador
SARS	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SARS-COV	Coronavírus da síndrome respiratória aguda grave
SARS-CoV-2	Coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2
SEPLAN	Secretaria de Planejamento
SSP/BA	Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

Volume 1

1. INTRODUÇÃO	15
2. O MUNDO E A MINHA EXPERIÊNCIA	31
3. TEMPO: REFLEXÕES GEOGRÁFICAS E FILOSÓFICAS	40
4. EXPERIÊNCIA: RELAÇÃO ENTRE CONJUNTURA E ESTRUTURA, NA FISSURA ENTRE O ESPAÇO E O TEMPO	57
5. MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO COMO INSTRUMENTOS PARA PENSAR A CIDADE E A RUA	74
6. PAISAGEM E LUGAR	89
7. MODERNIDADE ENTRANHADA NA VIDA E NA RUA	116
7.1. A MODERNIDADE, AS CIDADES E AS RUAS	Erro! Indicador não definido.
7.2. MODERNIDADE E PLANEJAMENTO NA CIDADE DA BAHIA	139
7.3. ONDE A RUA ME ENCONTROU: UM MOVIMENTO DE ENCONTRO COM A RUA E COM A MODERNIDADE.	157
8. HABITAR, CAMINHAR: EXPERIÊNCIAS NAS RUAS DA CIDADE	181
8.1. CAMINHANDO PELAS RUAS DA CIDADE COMO FORMA DE HABITÁ-LA	181
8.2. CAMINHADA E PLANEJAMENTO: VINCULAÇÃO ENTRE EXPERIÊNCIA DE TEMPO E ESPAÇO	Erro! Indicador não definido.
9. OS SENTIDOS DA RUA: NARRATIVAS DA RUA E DA CIDADE	Erro! Indicador não definido.
10. A CIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA	267
10.1 TRANSFORMAÇÕES PANDÊMICAS: CRISE, POLÍTICA E O URBANO	267
10.1.1. Pandemia entre aspas: relatos da mudança no cotidiano, do Outro, das ruas e da cidade	293
10.2. DIGRESSÕES: UNS DIAS OBSERVANDO A RUA	299
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	307
REFERÊNCIAS	313

Volume 2

INTRODUÇÃO AOS APÊNDICES	348
APÊNDICE I – PANDEMIA ALHURES: MENSAGENS TROCADAS	349
APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	355
APÊNDICE III – O QUE É ISSO, A RUA, PARA VOCÊ? ENTREVISTAS TRANSCRITAS	358
APÊNDICE IV - A RUA NA PANDEMIA PELAS NOTÍCIAS DE JORNAL	653
APÊNDICE V – TRAJETOS MENCIONADOS DURANTE AS ENTREVISTAS	675

INTRODUÇÃO AOS APÊNDICES

A organização deste volume teve por objetivo disponibilizar ao leitor os dados que serviram para a construção das reflexões sobre a rua, a cidade e a modernidade, podendo, tais dados, servir para estudos futuros.

Este volume dispõe: a) de duas cartas recebidas por mim no início da pandemia de COVID-19 por amigos que se encontravam em trânsito internacional ou residem no exterior. A primeira se refere ao contexto do Iraque no Oriente Médio e a segunda é uma pequena crônica que reporta a situação na Europa, a partir de um ponto de vista da Alemanha, e como este afetou à vida de Cecília e de sua vizinhança. O contexto brasileiro, sob a minha ótica, encontra-se no primeiro volume da tese em meio às reflexões sobre a pandemia e a rotina na cidade; b) do roteiro de entrevistas semiestruturado que norteou a realização das entrevistas; c) da transcrição na íntegra das onze entrevistas realizadas; d) das notícias sobre a rua e a pandemia sistematizadas entre março de 2020 e maio de 2021; e e) dos trajetos mencionados durante as entrevistas pelos entrevistados.

APÊNDICE I
PANDEMIA ALHURES: MENSAGENS TROCADAS

Apêndice I. A. Raul Guerrero: Voltando para o Brasil do Oriente Médio

Salvador, 31 de março de 2020

Prezada Carol,

Segue na sequência o texto da minha experiência sobre a mais recente crise relacionada ao COVID-19 e as medidas de mitigação adotadas por alguns países.

"My name is Raul Guerrero and I've been a humanitarian worker overseas since mid-2017 with regular round-trips among America, Europe, Africa and Asia related to both leisure and work. At the time-being, I refer as home the city of Salvador of Bahia, located in the Northeastern coast of Brazil with a return time of over 15 days from my most recent Middle eastern assignment.

Being a civil engineer with 2 engineering Master's degree, I was able to provide my technical expertise to the humanitarian sector nearly 3 years with a positive and successful outcome at both ends, despite my 32 years of age. Personal-life goals have drawn me back to Brazil and avoid an additional contract extension within Iraq with my former employer [ACTED Org.], thus, without a formal source of income at the moment.

During this pandemic hardship I was able to witness two ends of the outbreak, 1 being within a relatively proximity [Iraq] to the initial outbreak reported in January/20 at Wuhan, China; and the 2nd in Brazil where the outbreak is at least 1 month behind compared to the Middle Eastern region. Consequently, it has been an appalling difference from one place to another in terms of government response, social conduct and law adherence in times of great uncertainty for the majority of population.

Concerning my experience in Iraq, Covid-19 related news were monitored on a daily basis by government and NGO officials after the outbreak had surpassed Chinese borders and moving towards Thailand and so forth. Once the first cases reported within the Middle East region were announced, in Pakistan and Iran, the alert level from the government rose as well as the social anxiety thinking in how to deal with this virus.

By late Feb/20, travel restrictions were faced between Iraqi governorates, decreasing/blocking activities [even humanitarian aid] throughout the whole country, which only increased the social tension fueled by the lack of leadership at Baghdad level having recurrent street demonstrations since Oct/19. First cases of the virus started emerging within the south-central region of the country, which were linked to Iranian visits [direct and indirectly] as this part of the country has sacred sites for the Shi'a [Islamic] branch of Islam having year-round visits/pilgrimage among citizens of both countries.

As for myself, I was based within the northern part of Iraq known as Kurdistan, which is a semi-autonomous region as from 2003 [after US occupation], that serves as a safe haven for all humanitarian actors due to the infrastructure [international airports] and diplomatic body [consulates and embassies] levels found. Worth-mentioning that my end of contract date was set for 15th of March/20, which came into questioning as the airline couriers started cancelling/postponing outgoing flights from Iraqi territory. Hence, 2 flights for my departure were cancelled between the first 2 weeks of March/20 with a significant decrease of route options to get to Brazil.

Fortunately, the successful route proved to be through Germany [FRA] straight from Iraq and into Brazil without any further layovers in between, which saw a significant decrease of travelers, specially witnessed at FRA airport being 1 of the most important travel HUBs globally. On the other hand, right before my departure date, a 72-hour nationwide curfew was announced by the Iraqi government as a novel measure to reduce the outspread rate among residents and citizens, which has been renewed constantly with a new ending date of April 4th/20.

Soon after the announcement of the first curfew went public, hundreds of people rushed into food stores in order to stock-up and pile whatever they could get a hold of in an irrational and unsettling behavior from all social stratus. However, despite the initial panic many residents still under lock-down seem to come into ease due to the health concerns related to COVID-19 exposure, even though still a significant amount of the population within the south-central region has disobeyed the social-distancing guidelines motivated by local leadership that opposes or disbelieves on the threat level suggested by the officials.

Once the journey back to Brazil was done, interesting, to say the least, contrasts were observed such as: no customs/migration officer inquiries as of my country of origin, temperature measurement [symptom verification]; poor PPE

availability from airport workers; loosen social-distancing guidelines; and unawareness of the virus contagion/impact. Inside country I was able to catch my domestic flight from GRU to SSA without delays and witnessing a greater level of unawareness at SSA airport with no major guidelines and protocols that could indicate that containment efforts were being implemented or even introduced for travelers that could present a potential risk to the host community such as myself. Right away, I set myself in self-quarantine with the aid and close monitoring of a health professional for a total period of 14 days without trespassing the apartment limits to avoid exposure and direct/indirect contact with other people. Grocery shopping and other errands were carried out by other parties rather than myself as a preventive measure having also taken the precautions with the person of direct contact with me. Luckily, no symptoms were experienced during the self-isolation time, but as public health measures tighten in Brazil, and considering my previous experience, it will take at least 1-2 months more to stabilize the number of reported cases and then start experiencing a decrease in security measures for social-distancing, suggested by the trend seen in Wuhan in the most recent days.

Finally, the last 2 weeks of March have seen isolated preventive measures by the citizens and government officials in Brazil, despite that is not a federal enforced policy. These regulations seem to work in the states that have been following them as best as possible and in those where the opposite occurs the trends seem to increase in the rate of other hot-spots around the world. As for my self-care [physical, mental and spiritual] I try to prepare a daily schedule with different type of activities that can suit as best as possible all of my individual needs through a prioritization system in order to avoid a breakdown at any possible level."

Qualquer coisa a ser acrescentada ou que não ficasse clara pode entrar em contato.

Atenciosamente,
Raul Guerrero.

Apêndice I. B. Cecília Bastos Newrat: A pandemia no velho mundo

Estamos vivendo tempos de incertezas...

Olho para as ruas da pequena Echterdingen e me quedo, sem palavras, sem ação... Tudo parece ilusório, tudo parece mais um trailer baseado nas obras de Stephen King ou mesmo Saramago. Jamais imaginaria que um dia isso pudesse se transformar numa cruel realidade.

O silêncio é devastador, algo que transcende o entendimento do curso normal das coisas... Nenhum som de avião vem do aeroporto próximo, todos os voos suspensos, exceto algum pequeno avião para voo doméstico. Nenhum veículo na rua antes movimentada, nenhuma criança a brincar no parquinho em frente, nenhuma pessoa a tirar as folhas da calçada, nenhuma senhora voltando das compras, nenhum jovem passando rápido para a sua corrida diária... Nada, silêncio absoluto, quietude que assombra... Todos se refugiam nas suas casas e apartamentos, alguns espreitam com medo através da janela, o sol brilha lá fora convidando a sair após um inverno frio ... Ninguém sai, ninguém escuta, ninguém quer apreciar o calor que o Sol emana...

Estamos no dia 27 de março, dois meses e poucos dias depois desse vírus manifestar-se por todos os continentes deste nosso Planeta Terra. Poucos dias antes, tudo era vida, tudo era movimento, tudo era descontração, pessoas sem preocupações com as atividades rotineiras, crianças a brincar na calçada ou no parquinho e a vida seguia em frente, sem imaginar que o inimigo espreitava manifestando-se numa província da China e percorrendo à uma velocidade assombrosa todos os continentes deste nosso Globo Terrestre. Hoje, incertezas permeiam todo e qualquer plano para um futuro imediato.

Há uma angústia que se revela ao irmos ao supermercado, os produtos básicos estão a faltar: Carne, farinha de trigo, papel higiênico e produtos para desinfecção... Em algumas cidades não tem legumes, verduras ou frutas, macarrão ou molho de tomate... Incerteza se hoje à tarde ou amanhã estes gêneros serão abastecidos nas prateleiras...

O comportamento das pouquíssimas pessoas que encontramos na farmácia, supermercado ou padaria assim como seus funcionários, mudou

completamente, começando com uma proteção em vidro ou acrílico em frente aos balcões e caixas, luvas, máscaras de proteção, escondem os rostos de quem também apavorado vai buscar um pão ou mesmo um pacote de arroz e muitas vezes volta de mãos vazias por nada encontrar para comprar.

Sim, uma incerteza avassaladora invade as pessoas deste Velho Continente tão castigado por catástrofes naturais e humanas, assim como todos os humanos que habitam este nosso Planeta Terra. Pessoas estas que começam a questionar forçadas por uma Pandemia, o Valor da LIBERDADE, o valor da VIDA.

Com tudo isso, o desespero já chegou à milhares de famílias que sentem de perto o poder maléfico deste Covid 19, quando perdem os seus entes queridos de uma forma inacreditavelmente letal, sem ao menos poder fazer as cerimônias tradicionais de despedida deste plano terrestre.

A Europa configura-se hoje num cenário de medo, angústia e incerteza, com Líderes Políticos Administrativos buscando soluções para neutralizar o avanço do vírus e prestar assistência às pessoas infectadas, medidas como multas se encontrarem três pessoas juntas nas ruas, se utilizarem os locais públicos, antes interditados e outras medidas preventivas, podem parecer drásticas mas é louvável o esforço para conter a contaminação principalmente dos grupos de risco que são as pessoas idosas e com problemas como Diabetes, Pressão Alta e doenças cardíacas.

Isso é assustador... A Pandemia da Gripe Espanhola, a Peste Negra na Europa num passado distante faz com que reflitamos e cheguemos a conclusão de que o ser humano que hoje pensa que é inatingível, que tem dinheiro, que não precisa do outro, que é autossuficiente... Não passa de um mero espectador de uma tragédia anunciada... Um Vírus que infecta, que devasta, que rouba a vida e nos deixa a todos com a incerteza do amanhã.

Cecília Bastos Newrat, Echterdingen, 28 de março de 2020

APÊNDICE II
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro semiestruturado de entrevista

1. Quais as três primeiras palavras que vem à sua cabeça quando você pensa em rua?
2. Qual seu nome, gênero e idade?
3. Você ainda estuda?
4. Até qual série/nível estudou?
5. Você trabalha? Em que? Caso esteja sem trabalhar, pode falar um pouco da sua experiência profissional?
6. Onde você mora? Em qual bairro? Em casa ou apartamento? É imóvel próprio?
7. Mora com quantas pessoas?
8. O que é a rua para você?
9. Como é a infraestrutura da sua rua?
10. Qual a sua relação com a sua rua?
11. Qual é o seu principal lazer? E na quarentena?
12. como você vê a cidade?
13. como você vê a rua?
14. há diferenças entre como você via a rua antes e como vc vê a rua agora? o que você sente por estar privada de estar na rua?
15. o que chama sua atenção na rua?
16. como a quarentena afetou sua vida?
17. o que significa sair à rua para você? E nos tempos de quarentena?
18. como a sua vizinhança tem reagido a isso? O que você acha?
19. quais são as memórias que mais vem à mente nesse tempo de ausência da rua?
20. Você pode compartilhar algumas memórias de infância que você tem na rua?
21. Essas memórias te levam a pensar no como você gostaria que fosse a rua e a cidade?
22. O que você acha de eventos na rua [passeatas, corridas, festas, babas, churrasco etc.]?
23. Quais os principais motivos de seus deslocamentos pela cidade?
24. Como você se desloca na cidade?

25. Você anda a pé? Em que circunstâncias?
26. No geral, quanto tempo você leva nos seus deslocamentos?
27. a. E de ônibus? De carro? A pé?
28. Em quais horários você costuma se deslocar na cidade?
29. a. Por quê?
30. O que você percebe da cidade nesses momentos de deslocamento no seu dia a dia?
31. Para você, andar a pé ou em algum outro meio de transporte faz com que você veja a cidade de formas diferentes?
32. a. O que é diferente?
33. O que chama sua atenção durante os seus deslocamentos? Por quê?
34. Você costuma observar o que outras pessoas estão fazendo na rua enquanto você se desloca?
35. a. O que costuma te chamar atenção nessas pessoas?
36. Como foi a sua infância na cidade? O que você fazia na rua?
37. Sente falta desses momentos? Por quê?
38. Depois que você cresceu sua relação com a rua mudou?
39. Por que você acha que isso aconteceu?
40. Como você vê a relação das crianças com a rua hoje?
41. Existe diferença na rua quando você está sozinho e quando você está acompanhado? Como?
42. diante disso como a você imagina o futuro da rua e da cidade?

APÊNDICE III
O QUE É ISSO, A RUA, PARA VOCÊ? ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Entrevista 1: O que é isso a rua para uma dona de casa?**Caroline Vaz [C]****Juliana Machado [J]****Entrevistada 1 [E1]**

C: Então, primeiro informar a gravação. Vai ficar registrado que eu pedi autorização de Juliana e da entrevistada para a realização da gravação, e agora eu vou ler a autorização de entrevista para, caso a senhora não concorde, a gente não dar seguimento. “Participando dessa entrevista, a senhora cede, sem qualquer restrição ao patrimônio e às finanças, a propriedade e os direitos autorais desse depoimento de caráter histórico e documental prestado a mim, Caroline, e a Juliana, em Salvador, Bahia, em 02 de dezembro de 2020, para construção da sua tese de doutorado a ser submetida ao Programa de Pós- graduação em Geografia da UFBA. As pesquisadoras, acima citadas, ficam autorizadas a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir ao grupo de pesquisa que fazem parte [Espaço Livre de Pesquisa Ação], que tem apoio do CNPQ, o acesso ao depoimento para fins idênticos com a única ressalva de garantia da integridade do seu conteúdo e de preservação da identidade do autor do depoimento”. A senhora concorda?

E1: Sim, concordo. Concordo e autorizo.

C: Obrigada. A gente vai ter dois momentos de entrevista: um primeiro para fazer um perfil de entrevistada e depois umas perguntas específicas voltadas para aquela conversa que a gente teve com aquelas duas perguntinhas lá, que eu falei com a senhora, sobre rua.

E1: Sim.

C: Então a primeira coisa que eu queria saber era o seu gênero, a sua idade.

E1: Certo. Feminino, né? A minha idade: 49 anos.

C: A senhora ainda estuda?

E1: Não.

C: Até que série a senhora estudou? Até que período a senhora estudou?

E1: Fundamental completo. Ensino médio completo.

C: A senhora trabalha?

E1: Não. Em casa, né?

C: A senhora é dona de casa, não é?

E1: Isso.

C: A senhora pode falar um pouco de como é que é ser dona de casa?

E1: Certo. Dona de casa é um pouco de tudo, né? Eu faço um pouco de tudo. Além de cuidar da casa, sou cozinheira também, cozinho, lavadeira também [lava, passa, normal], então faz um pouco de tudo. Vai fazer feira no supermercado, entende um pouquinho de economia também, né, porque tem que fazer as economias. Então também sou um pouco economista [risos], eu acho. E é isso, ser dona de casa é um pouco de tudo. Fui mãe durante muito tempo, agora o filho casou, agora sou só dona de casa.

C: E onde é que a senhora mora? Em qual bairro?

E1: Eu moro no bairro do Stiep [supressão da descrição do local de moradia com fins à preservação da entrevistada].

C: O imóvel é próprio ou é alugado?

E1: É próprio.

C: A senhora mora com quantas pessoas?

E1: Uma pessoa. Eu e meu marido.

C: Agora a gente parte dessa parte inicial, né? A senhora tem renda própria?

E1: Não.

C: Pronto. Depois dessa primeira parte inicial, lembrando que o nome da senhoranão vai ser revelado na entrevista, na pesquisa, eu queria perguntar à senhora um pouco sobre esse relacionamento da senhora com a rua, né? A senhoradisse que “ir para rua é sair para descontrair”. O que é “sair para descontrair”?

E1: Certo. No meu caso, descontrair é: faz umas compras, para para tomar um sorvete, né? E como eu sou dona de casa, então não vou todos os dias para rua, então ver gente para mim já é uma alegria, entendeu? Porque em casa é só eu e meu marido, então para mim isso é descontrair.

C: E aí quando a senhora fala, assim, de rua, o que é rua para senhora? O que é que a senhora acha que é rua? O que é que a senhora entende por rua?

E1: Certo. Rua, para mim, se torna também um lazer, né? Para mim se torna também um lazer. Quando eu vou para comprar alguma coisa, então, é uma

maneira de eu ir e ter um lazer onde eu possa andar um pouco, ver gente, sair um pouco da rotina.

J: Bater perna¹.

E1: Isso, bater perna. Sair um pouco da rotina, né, de casa? Para mim, rua éisso. É sair da rotina de casa.

C: E como é a infraestrutura da rua da senhora, da rua que a senhora mora?

E1: É tranquila, a estrutura é boa. É pavimentada, né? Tem uma pavimentaçãoboa, tem rede de esgoto, é uma rua larga, para mim é boa. É uma rua sem saída, não tem saída, e é bem tranquila.

C: Qual é o principal lazer da senhora?

E1: Meu principal lazer? [segundos de silêncio] Deixa... meu principal lazer? [7 segundos de silêncio] Deixa eu pensar viu, Carol? Tá difícil. Meu principal lazer é quando eu saio com as vizinhas para ir almoçar, ou então quando eu saio mesmo para bater perna, no caso. É o principal lazer, não tem outra, não.

C: E aí, agora, na quarentena, como é que fica isso?

E1: Aí está complicado, viu? Porque eu gosto muito de sair para bater perna na rua então tá muito complicado ficar em casa, né? Às vezes bate uma frustração, às vezes bate uma angústia, está bem complicado, mas espero em Deus que vai passar.

C: Vai, sim. Com fé em Deus, vai passar. Mas, o que que é bater perna? Me explica aí, conta aí um dia de bateção de perna como é.

E1: Pronto. Bater perna é quando você não tem o que fazer e você está com dinheiro pouco, e aí você vai para rua para olhar a vitrine. Entra no shopping, olha a vitrine e vai na sorveteria tomar sorvete. E aí entra numa loja, sai de outra. Bater perna para mim é isso, sair mesmo para bater perna. Às vezes compra, às vezes não compra, entendeu? Aí para mim é bater perna.

C: E, vem cá, a senhora bate perna aonde? Onde é que a senhora bate perna? **E1:** Às vezes eu vou na Avenida Sete, às vezes vou no shopping. No Shopping Salvador, no Shopping da Bahia, na Avenida Sete também, são esses lugares.

C: E é a mesma coisa bater perna na Avenida Sete e bater perna no shopping?

E1: Não, não é a mesma coisa. Na Avenida Sete você tem mais... os preços são mais em conta, né, e a variedade de lojas, também, são maiores. Também, por exemplo: armarinho. No shopping você encontra uma loja, na Avenida Sete você

¹ Bater perna é uma gíria baiana que significa fazer longa caminhada sem uma finalidade específica.

entra em várias lojas de armarinhos. Então na Avenida Sete a variedade é maior e a céu aberto, né?

C: E o conforto?

E1: É, é isso. E além do conforto, né? Porque na Avenida Sete é a céu aberto, né, você anda... chuva, sol. E o shopping, não. O shopping tem um conforto do shopping, mas o preço é mais elevado.

C: Deixa eu perguntar para senhora. Quando a senhora para, assim, no portão de casa, ou está numa vitrine de loja, ou tá no período de bateção de perna, como é que a senhora vê a rua? O que é a rua nesses momentos?

E1: Olhe, a diferença da rua do portão de casa para o shopping é a segurança, né? Eu, quando eu venho da rua, que eu já vejo o portão, quando eu salto do carro, aí eu já venho com a chave na mão. Que é a segurança, né, aqui na rua. E no shopping eu fico mais tranquila, porque no shopping a segurança é um pouco melhor. A diferença é a segurança.

C: E o que é que a senhora pensa da cidade quando a senhora pensa em Salvador? O que é que vem à mente?

E1: Bom, se eu pensar Salvador oito anos atrás Salvador é uma. A Salvador de hoje é uma outra. Eu acredito que Salvador há oito anos atrás, em questão de engarrafamentos, eu acho que melhorou muito. Melhorou muito de pavimentação, essas coisas, sabe? Eu acho que melhorou de oito anos para cá, se for pensar em forma disso.

C: E no geral, assim, quando a senhora pensa na cidade, pensa em Salvador, o que é que vem à mente, né? Quando a senhora vai passear em Salvador, passear por aqui, né? Ou quando a senhora está em outros momentos, né? O que é que é Salvador para senhora?

E1: Eu acho que Salvador, para mim, ela é uma cidade de alegria, divertida. Eu acho que o povo é muito acolhedor. Salvador para mim é uma cidade boa de semorar. Eu penso em Salvador como uma cidade que... dizem que o Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa, eu não conheço o Rio, mas eu penso que Salvador é uma cidade maravilhosa. Eu gosto muito de Salvador, eu penso que Salvador é uma cidade boa de se morar.

C: E as ruas de Salvador, o que a senhora acha?

E1: Bem, as que eu conheço, né, que eu... eu sei te falar, eu acho... a que eu moro é muito boa, agora tem as que a gente vê, né? Que eu vejo na televisão

mais assim que falta infraestrutura né e não são tão boas assim, não é cem por cento.

C: E agora na pandemia? Mudou a forma como a senhora via a rua, antes e depois?

E1: Mudou em função das pessoas, né? Menos gente na rua e, assim, as ruas também eles limpavam também mais, né? Que davam aquele banhodesinfectando, né, as ruas. Então eu acho que em questão de limpeza melhorou.

C: E o que é que a senhora sente por estar fora da rua, né, sem poder bater perna?

E1: Ai, angústia. Tem dia que bate angústia, entendeu? E você só andar de máscara, essa máscara também causa angústia, eu não gosto, sufoca. Você não poder ir nos horários que deve ir. Por exemplo, o mercado que tem uma restrição de horário. Às vezes você quer resolver as coisas cedo e só pode entrara partir de nove horas, entendeu? Porque das sete às nove são os idosos, entendeu? Então restringe um pouco os horários de você querer resolver as coisas. Então nem sempre tem que ser da sua vontade, tem que esperar a vontade das autoridades né.

C: E quando a senhora tá na rua o que é que chama a atenção da senhora?

E1: O que me chama atenção? Você fala em termos de chamar atenção...

C: De tudo, né? De chamar atenção geral, qualquer coisa. Quando a senhora está na rua, o que é que chama a atenção?

[13 segundos de silêncio].

E1: É, às vezes, com essa pandemia, né, me chama atenção a quantidade de gente que ainda anda na rua sem máscara. Às vezes me chama a atenção quando eu vejo uma pessoa sem máscara, aí às vezes me chama atenção, isso.

C: E num dia normal, se a gente não tivesse na pandemia, quando a senhora está andando na rua, o que é que faz a senhora parar um pouco, olhar, pensar, quando a senhora tá na rua?

E1: Certo [17 segundos de silêncio]. Deixa eu ver, Carol. Deixa eu pensar aqui, que eu nunca parei assim para pensar.

C: Não, pode levar o tempo que a senhora precisar, fica à vontade [7 segundos de silêncio]. É normal, quando a gente faz uma coisa muito habitual, a gente não pensar sobre isso, não é? Por isso que é uma pergunta, realmente, que a gente fica assim encafifado, né? Por que é que tem alguém me perguntando o que é que chama atenção?

E1: É, o que chama atenção na rua... [7 segundos de silêncio]. Às vezes o que me chama atenção na rua, Carol, é a falta de educação das pessoas, sabe? Eu já vi muito, já presenciei muito, já cheguei em casa muito aborrecida. Ver as pessoas jogando lixo na rua, isso me chama muita atenção. Quando eu vejo alguém pegar um papelzinho assim, pode ser o menor papel que seja, minúsculo, joga na rua, isso me tira do sério, e isso me chama atenção,entendeu? A falta de educação.

C: E o que é que a senhora acha interessante quando a senhora está na rua?

E1: Ai, eu acho interessante, eu gosto de ver gente... [risos] Eu acho interessante a cordialidade das pessoas, quando eu vou no lugar que as pessoas tratam bem, entendeu? Eu gosto muito e para mim chama atenção, também.

C: E como é que a quarentena afetou a senhora?

E1: Eu digo assim, afetou na angústia, né? De ficar em casa, não poder sair parabater perna, para fazer o que a pessoa realmente gosta, né? Isso me afetou muito, fiquei muito angustiada.

C: E a sua vizinhança, como é que tem reagido a isso?

E1: Tive uma vizinha que ficou muito doente, ficou muito mal, mesmo, intubada. E ficou sem trabalhar, ainda está sem trabalhar, ainda está fazendo fisioterapia até hoje. E por isso traz, né, essa angústia para gente, porque é uma coisa que está perto da gente, né? Aí [trecho inaudível] muito medo.

C: Sair na rua, na pandemia, dá medo?

E1: Dá muito medo.

C: E antes da pandemia, a senhora sentia medo de sair na rua?

E1: Sentia insegurança, medo não, mas insegurança, insegurança. Insegurança, assim, de não poder sair com relógio, de não poder botar um brinco melhor, entendeu? De não poder... e às vezes sair com a bolsa pequenininha, não levartudo, aí dá insegurança. Medo não, mas insegurança.

C: Assim, né, a gente está nessa quarentena que é um período muito difícil e eu mesmo, às vezes, fico um pouco pensativa do que é que está acontecendo. As notícias nem sempre são as melhores e a gente vê esses comportamentos estranhos que a senhora comentou, né, do pessoal na rua sem máscara e tudo. Isso já tem um bocadinho, mas para mim tem sido também o tempo de pensar muito na vida, né? E aí algumas vezes vem umas memórias para mim. Eu queria saber se nesse tempo de quarentena, né, quais são as memórias de vida na cidade, de bater perna, que a senhora tem? Se tem vindo alguma memória, comoé que é isso?

E1: Vem, vem sim. Vem memórias, assim, eu acredito que nisso aí a gente tem que tirar um aprendizado, né? De coisas positivas, né? A minha memória é que antes o comércio estava melhor. Hoje você vai no comércio e as coisas estão bem mais reduzidas, né, estão bem mais caras. E aí você tira, né, você tem que tirar isso aí de um aprendizado que nem sempre as coisas é como a gente quer. Então eu acho que a gente tem que aprender muito a valorizar, né, as coisas que a gente tem. E aí eu fico pensando, né, que às vezes essa pandemia veio para a gente refletir um pouco sobre a vida da gente.

C: E pensando, assim, na vida da senhora, a senhora tem memórias de infância na rua brincando, alguma coisa assim? Como é que foi essa infância da senhora?

E1: Minha infância foi muito boa. Minha infância foi no interior jogando gude com meus primos, subindo em árvore, foi muito boa. Às vezes a gente sente saudade, né, da infância. Minha infância foi boa, mas eu sinto saudade.

C: A senhora imagina, hoje, uma infância como a da senhora nas ruas de Salvador?

E1: Não.

C: Por quê?

E1: Não, por causa disso aqui que a gente está falando: do celular. Por causa da... como é que se diz hoje? Da informatização, né, que teve, digital. Não tem... hoje, os meninos de hoje, se você perguntar, os meninos de 8 anos, 6 anos, sabe nem o que é um pião. Um peão, se você perguntar o que é um peão ele não sabe o que é. Hoje os meninos só querem andar com celular, né, notebook, é tablet. É isso, então a infância é diferente, muito diferente.

C: E essas memórias da senhora, da infância, de brincar na rua, de subir em árvore, de pular gude, elas, de algum modo, te levam a pensar em como é que a senhora gostaria que fosse a rua e a cidade?

E1: Eu acho que a rua e a cidade não, mas a educação. Eu acho que a educação dos pais, eu acho que deveria ser um pouco diferente.

C: Como assim?

E1: É porque, hoje, você fala com o filho, aí o filho te responde. Antigamente os pais bastavam olhar para o filho, e o filho já sabia que o pai gostou, ou não gostou, daquilo, entendeu? Com um simples olhar você já obedecia a seu pai. Ou se era para sair da sala, que não era para ficar, ou se era para ir para o quarto, entendeu? Com um simples olhar, já se sabia. Hoje as crianças... o pai fala uma coisa e o filho

retruca com outra coisa, entendeu? Então eu acho que a educação dos pais poderia ser diferente.

C: E a senhora acha que a educação influenciaria na forma como a gente vive a cidade?

E1: Eu acho que sim. Sim.

C: Como?

E1: Eu acho que pelo que a cultura, né, mudou, mudou a forma de educar na cidade também. Eu acho que o método que está usando hoje, poderia ser melhor cidade.

C: Mas, assim, fora do contexto de pandemia, o que é que a senhora acha dos eventos que tem na rua? Tipo passeata, corrida, baba, churrasco. O que é que a senhora acha de ter eventos, na rua, desse tipo?

E1: Eu acho ótimo! Eu acho ótimo, eu acho que é uma forma de ter, também, na cidade né, uma forma de descontração com os trabalhadores, por exemplo: umbaba, né? A pessoa trabalha a semana toda, chega final de semana vai jogar um baba, né? Tem uma corrida, vai correr. Eu acho que é muito bom.

C: Quais são os motivos que fazem a senhora se deslocar pela cidade?

E1: Os motivos são os de dona de casa, mesmo. É sair para fazer supermercado, sair para comprar alguma coisa que está faltando em casa. Não tem... É um aniversário de uma amiga ou de um parente, entendeu? Um almoço com a família. Esses são os motivos.

C: E como é que a senhora faz os deslocamentos pela cidade? Qual é o meio de transporte, né?

E1: Eu ando de carro, ando de metrô, ando de ônibus, são esses.

C: E a senhora anda mais de carro, ou de metrô e de ônibus?

E1: Eu acho que mais de ônibus.

C: E a senhora anda a pé na cidade?

E1: Também, ando a pé.

C: Quais são as circunstâncias que fazem a senhora andar a pé?

E1: A demora do ônibus, né, que às vezes falta paciência de esperar o ônibus. E quando eu vou mesmo para comprar... por exemplo, vou na avenida sete, então ando mais a pé do que dentro do veículo, né?

C: E como é que é isso aí? O ônibus demorou, a senhora cansou e sai dando paletada?

E1: É, assim mesmo.

C: E como é essa paletada, aí, em Salvador? Me conte um pouquinho sobre isso.

E1: É bom porque você vai vendo coisas que você dentro do carro não vê, né? É uma loja diferente que você, se passar no carro, às vezes, você passa despercebido, não vê. Você interagir com pessoas que tá na rua, é um “bom dia”, uma “boa tarde”, que se você tivesse no carro você não tem essa interação, né, com as outras pessoas. E é isso. E andar, mesmo, porque distrai um pouco a mente, aí eu gosto muito de andar por isso.

C: Quando a senhora anda a pé, ou de carro, a cidade, ela fica diferente para senhora, quando a senhora está andando?

E1: Sim, fica diferente, fica diferente, porque quando você está andando você vê as coisas, você vê as pessoas. De carro você passa mais despercebido com as coisas. É diferente, é muito diferente.

C: E o que é que a senhora percebe quando tá de carro olhando a cidade, passando, e de ir a pé? A pé a senhora falou, né, que tem as lojas e tudo, mas, além disso, tem o que mais? Assim, que a senhora vê de diferente, de carro para a pé?

E1: De carro, às vezes, você vê um buraco no asfalto, né, que de carro você cainum buraco. Aí, a pé, às vezes, você passa despercebido daquele buraco que estava ali, que você passou a pé e você nem percebeu, entendeu? De carro é isso que eu vejo mais [7 segundos de silêncio].

C: A senhora acha que a senhora anda muito?

E1: Eu ando, ando muito.

C: Me conta aí como é que é andar muito. Quanto é que é andar muito? Me explica aí.

E1: Eu já andei do Aquidabã até o Campo Grande, andando, entrando nas lojas.

C: É mesmo?

E1: É, e não foi uma vez só que eu fiz isso, não. Foram várias [Risos]

C: Conta aí umas experiências dessas, para mim.

E1: Ai eu fui olhar um... Eu ia para comprar um pedaço de espuma ali no Taboão. Aí eu soltei na Sete Portas. E aí eu fui, né, para o Taboão andando, comprei um pedaço de espuma, e aí disse “ah, vou na Avenida Sete dar uma olhada”. Aí fui, andei a Barroquinha toda, a baixa do sapateiro toda, a Barroquinha toda e fui parar na Avenida Sete. Aí rodei Avenida Sete toda, entrei numa loja, entrei em outra. E aí ainda fui no banco e depois disse “eu não vou esperar o ônibus aqui, não, vou para o Campo Grande”. E aí saí da Avenida Sete e fui para o Campo Grande, esperar o

ônibus lá no Campo Grande, que eu tinha mais opções de ônibus. Porque na Avenida Sete passa um ônibus só e lá no Campo Grande eutinha três opções. Então fui para o Campo Grande para esperar o ônibus lá. Então saí da Sete Portas e fui para o Campo Grande andando [Risos]. E não foi uma vez só, não viu? Foram várias vezes [Risos]

C: E quanto tempo leva? A senhora passa um dia fazendo isso?

E1: Não! Não, às vezes três horas. Assim, para andar mesmo deve gastar uma hora e dez, uma hora e vinte minutos, do percurso, né? Tudo, deve gastar isso tudo. Mas é uma andada, Carol, muito boa, porque você entra numa loja, aí olha uma coisa, aí na outra loja você vê mais barato, aí você volta mais um pouquinho para comprar aquela coisa que você viu atrás, mais barato um pouquinho [risos], entendeu? E aí conversa com a vendedora, conversa com o dono da loja que está ali, vê preço, vê as coisas diferentes que tem, né, que a gente não vê no shopping, entendeu? E isso é bom, é bom para cabeça.

C: E, fora o comércio, quando a senhora está batendo essas paletadas, como é que é? O que é que a senhora vê da rua, mais?

E1: O que eu vejo mais? Eu vejo muito muita gente pedindo, tem muito mendigo na rua também, entendeu? Dormindo pelo chão. A gente vê muito isso.

C: E como é que a senhora se sente com isso?

E1: É, me sinto mal, né? Mas aquele mal que você também não pode fazer muita coisa, entendeu? Mas eu não me sinto bem, não. Me sinto angustiada com aquilo, quando eu vejo muita gente pedindo na rua, com fome, é ruim. Me sinto muito mal.

J: Carol.

C: Oi.

J: Posso fazer uma pergunta para ela?

C: Pode

J: A senhora vai nessas caminhadas sozinha ou acompanhada?

E1: Vou sozinha

J: Sozinha? A senhora prefere, é?

E1: Eu prefiro ir sozinha, é. Prefiro ir sozinha porque nem todo mundo gosta de fazer isso, né? Então quando você vai acompanhada com outra pessoa, você deixa de fazer aquilo que você ia fazer para poder encaixar o que aquela pessoa vai fazer. Então eu prefiro ir sozinha porque aí eu faço do meu jeito, né?

J: Algumas pessoas não gostam de ir a pé, no caso, né?

E1: É, nem todo mundo gosta.

C: A senhora costuma observar o que outras pessoas estão fazendo na rua quando a senhora tá passando, assim, caminhando ou de carro?

E1: Se for uma coisa, assim, às vezes, que chama atenção. Aí por exemplo, quando eu estou andando, que fica aquelas pessoas na porta da loja chamando “Entra!”, batendo palma, para gente entrar na loja e aquilo ali me chama atenção, também, entendeu? Acho legal. Às vezes ficam algumas com microfone, outras botam aquelas roupas com aquelas perucas, né, meio maluco para chamar atenção. Aí isso chama atenção, realmente.

C: É, deixa eu ver aqui. Eu estou aqui me divertindo [Risos]. Além disso, né, porque é que a senhora ver chamar atenção esse pessoal que bate palma, ou que tá ali gritando?

E1: Eu acho que o baiano tem isso, né? Por isso que eu digo que a Bahia é um lugar bom, Salvador é um lugar bom de se morar, porque é bem divertido quando você, por exemplo, vai no pelourinho aí tem aquela Baiana com aquelas roupas, né, chamando você para tirar foto. Ou então tem aquele que quer pintar seu braço, entendeu? Então isso aí eu acho legal, eu gosto porque eu acho que é uma maneira que eles veem, né, de chamar sua atenção para poder eles venderem o produto dele, né, e ter o ganha-pão dele. E é uma maneira também que tem, que você que tá ali na rua, às vezes você sai angustiada, aí chega uma pessoa “Venha cá! Venha para ver isso, ver aquilo e tal, entra aqui”. Aí eu acho que é uma maneira que eles têm de chamar sua atenção, porque se eles não fizerem a gente passa andando e nem para dentro da loja a gente olha. E quando eles chamam a atenção da gente já para aquilo, aí eu acho que é uma maneira que tem deles venderem um produto deles, chamar atenção para que a gente vá lá e olhe, né, para a loja dele.

C: E essa tensão negativa, né, que a senhora falou, que sente muita angústia, muito desconforto, que é de pessoas pedindo, mendigando, o que é que chama atenção na senhora? Quando é que a senhora percebe essas pessoas, essas coisas na rua?

E1: Eu percebo quando eu saio andando mesmo, né? Vejo muita gente dormindo na calçada, né, nos passeios, e muita gente sentada às vezes pedindo um trocado para comprar um café. E eu acho que ali é um ser humano, né? Que às vezes tem até uma família, ou que tem uma família, né? E foi ali ou por um desequilíbrio mental ou por não ter dinheiro, mesmo, para pagar um lugar para ficar. E aí a gente fica meia pensativa, né? Como aquela pessoa foi parar ali daquela maneira? E aí as vezes fica

refletindo um pouquinho, né? Às vezes quer ajudar, mas a gente não pode ajudar a todos.

C: É complicado. Voltando para infância, a senhora passou a infância onde?

E1: Eu passei num município de Jacobina chamado Caatinga do Moura. Eu passei a minha infância praticamente toda lá. Acho que quando eu nasci até os dez anos, depois eu vim para Jacobina, que foi para estudar, que já é uma cidadezinha maior, mas minha infância foi lá no interior chamado Catinga do Moura.

C: Eu conheço. Caatinga do Moura não, mas eu conheço Jacobina.

E1: Isso! Uma cidade maravilhosa!

C: Perto de Mairi, onde tem o ouro, que tem uma escada enorme com um cruzeiro, que o pessoal faz. Já subi aquilo ali.

E1: É, eu também já [Risos]

C: Uns degraus desse tamanho, outros desse, uma agonia retada. Mas muito legal, a vista é bonita.

E1: É, dizem que tem 366 degraus, ali.

C: É, eu nunca contei, não, mas eu subi uma vez e a vista é muito bonita, mas é cansativo, viu? O negócio ali é terrível [Risos].

E1: Dizem que tem muito ouro, ali [Risos].

C: Como foi, para senhora, a infância da senhora na cidade? O que é que a senhora fazia quando era criança?

E1: Olhe, eu brinquei muito, brincava e estudava, né? Era a única coisa que a gente fazia. Meu avô tinha uma roça, a gente ia para a roça na época de colheita do feijão, ia a galerinha toda, pequena. E o resto foi brincadeira, brinquei muito. Bandeirinha, gude, tudo quanto for. Minha infância foi boa, não foi uma infância ruim não. Não tinha, ainda, celular.

C: A senhora sente falta desses momentos?

E1: Às vezes, sim. Às vezes dá saudade.

C: Por quê?

E1: Ai, as lembranças, né? Que sente falta da minha avó que já é falecida, a minha mãe também que é falecida, e às vezes bate aquela saudade, aí você fica lembrando do tempo de infância. Aí é isso, a saudade mesmo aí fica lembrando do tempo que fazia os buracos. Que não era pavimentada lá, ainda, a rua da minha vó, e aí a gente faz os buracos com o pé para poder jogar gude. E à noite a luz só funcionava, à noite, até dez horas da noite. Quando dava dez para as dez, aí a luz desligava. E aí ia todo

mundo para dentro de casa para dormir. E aí são essas lembranças né, que fica aqui hoje, não tem mais.

C: A senhora acha que, depois que a senhora cresceu, a sua relação com a rua mudou?

E1: É, mudou. Mudou muito! Termos da violência, em termos da segurança. Sim, mudou.

C: A senhora pode falar um pouquinho mais sobre isso? O que foi que mudou, como é que mudou?

E1: Antigamente a gente podia ficar, sentar na porta, né, ficar batendo papo na porta. Hoje não dá mais para fazer isso, em função disso, né, da insegurança que a gente tá tendo. É mais isso aí mesmo, é a falta de segurança, que a gente não tem. Não pode mais ficar na porta conversando, hoje a gente anda tudo assustado. Se encostar alguém com uma bicicleta, com uma moto, a gente já fica, né, meia apreensiva, já pensando que é um assalto. Mudou em função disso, em função da insegurança que a gente tá tendo.

C: E por que foi que a senhora acha que isso aconteceu?

E1: Eu acho que tem vários motivos, né? Tem a questão da educação, tem a questão da desigualdade, né? Tem a questão da educação dos pais, para mim só um são essas as principais. É a educação em casa, é a desigualdade, né, social e as leis. A impunidade, né, das leis.

C: A senhora acha que a relação das crianças com a rua hoje é diferente da que a senhora teve?

E1: Sim, eu acho. Eu acho que hoje as crianças não têm nem mais interação, assim, com a rua. Você não vê mais uma criança brincando na rua como eu brinquei de bandeirinha, juntava aquela turma de menina e menino para brincar de bandeirinha, de juntar e brincar de roda no meio da rua, jogar gude. Hoje você não vê criança nem empinando pipa aqui na rua, mesmo, que eu moro, eu nunca vi uma criança empinando pipa aqui. Nunca! Então eu acho que hoje nem existem mais essa interação criança e rua, não tem.

C: A senhora acha que isso faz diferença para cidade, ter crianças na rua ou não?

E1: Eu acho que faz. É assim, quando acontece da criança brincar na rua, como a gente vê aí nos noticiários, né, de televisão, as crianças sendo assassinadas no meio da rua por que? Porque estava brincando na rua, né, como já aconteceu. Então hoje as crianças brincam muito em escola, hoje tem escola de tempo integral, né? Eu

tenho um vizinho mesmo aqui que ele, quando estava na escola, estava estudando o tempo integral. Então isso tira um pouco, né, a criança da rua [Trecho confuso, falas simultâneas].

C: Não, não, não, pode continuar.

E1: Eu acho que, no interior, eu acho que a coisa é um pouco diferente. Eu acho que no interior as crianças ainda brincam na rua, pelo menos de bola eu acho que ainda brincam. Aqui em Salvador eu acho que é mais complicado, eu acho que é mais difícil. Justamente por isso, por causa da insegurança que a gente tem.

C: Como é que a senhora, diante dessas coisas que a gente conversou, né, o que é que a senhora sonhava para a cidade, né, e para rua? Como é que seria a cidade dos sonhos da senhora?

E1: Pronto.

C: E a rua dos sonhos?

E1: Certo. Eu queria que tivesse um parque, né? Um parque para que as crianças pudessem brincar e se divertir. Eu queria que tivesse um jardim, né, para que a gente pudesse colocar uma esteira e sentar para bater papo, né? Queria que tivesse uma praça com tudo isso. Um parquinho para criança, um lugar onde a gente pudesse colocar uma esteira, ou um banco para gente sentar, bater papo. Isso aí seria a cidade dos sonhos, que não tivesse violência.

C: E o futuro, diante do que a gente tem visto? Como é que a senhora acha que vai ser o futuro da cidade?

E1: Todo mundo dentro de casa sem poder sair, todo mundo preso. Enquanto essas leis não mudar, eu acho que vai ser assim. Vai ser a gente saindo, restritamente mesmo, só para resolver o que tem que resolver na rua e depois ficar em casa trancado. Eu acho que esse é o futuro, acho que...

C: Por quê?

E1: Por causa das leis, da impunidade. As pessoas hoje não querem ir mais trabalhar, só querem ganhar dinheiro fácil [trecho inaudível] insegurança que a gente sente. É isso. Você vai para rua hoje assustada. Hoje você procura um pedreiro bom, não acha. Você procura um carpinteiro, entendeu? Então as coisas, um profissional bom, então, tá ficando tudo mais difícil justamente porque as pessoas estão indo para um outro caminho.

C: A senhora acha que o futuro da cidade é um futuro melhor ou um futuro pior?

E1: Eu acho que vai ser pior.

C: Por causa dessas coisas, né, da insegurança...

E1: Da insegurança, é, tudo. As pessoas não querem se dedicar mais a estudar, só querem é ganhar dinheiro fácil, entendeu? Então as leis permitem que as pessoas vão para um outro caminho. Não querem mais se dedicar aos estudos, entendeu, para melhorar a situação. Querem ir pelo caminho mais fácil [Trecho confuso, falas simultâneas].

E1: Os jovens, hoje, a grande maioria está indo mais, levando para outro caminho, que é o caminho do mal.

C: Quando a senhora pensa nessas coisas, a gente fica imaginando no futuro, né? Pensando, assim, o que é que vai acontecer e tal. O que é que a senhora sente quando a senhora pensa nessas coisas?

E1: Eu sinto angústia, né? Que a gente podia... a gente vive... o Brasil é um lugar tão bom de se viver e a gente vê as coisas acontecendo. A gente podia estar melhor, né, cuidando melhor. Aí...

C: E pa... Oh, desculpa eu interromper é porque, às vezes, a senhora começa a falar e demora para chegar para mim, aí eu vejo pelo lábio. A senhora já me disse que prefere dar as paletadas sozinha do que com gente, né?

E1: Sim.

C: Mas, assim, em termos de segurança ou para ficar na praça, que a gente imagina que teria, né? A senhora vê diferença em estar sozinha ou estar com outras pessoas?

E1: Certo. Se fosse uma praça, a praça que eu imaginei, né, uma praça com segurança, uma praça onde tivesse um parquinho para as crianças pudessem brincar tranquilamente e com segurança, se fosse essa praça, claro que eu queria todo mundo é arrodado, né, para bater papo. Certo?

C: Mas para bater perna, para resolver as coisas, é melhor sozinha.

E1: É, melhor sozinha. Outra pessoa já atrapalha porque ao invés de eu resolver uma coisa só que eu vou fazer para mim, aí já teria uma outra pessoa que vai resolver para ela também. Então teria que dividir o tempo das duas e, às vezes, também, a pessoa não gosta de fazer a mesma coisa que a pessoa quer, que é andar, entendeu?

C: E a diferença, entre paletada para resolver as coisas e para passear? Como é, aí, a diferença?

E1: Para passear, você vai mesmo “ah, eu vou sair sem compromisso”, entendeu? “Vou sair sem compromisso”. Então eu posso ir e entrar em várias lojas ou ir mesmo só andar, sem entrar em loja, sem comprar nada, certo? Agora paletar com um compromisso, que aí você vai resolver as coisas, e se sobrar um tempinho aí você anda mais para fazer a paletada, aí você estende mais a andada [Risos]. Mas quando vai para resolver mesmo, você vai diretamente naquela loja, resolve e depois você vai sair para paletar. Eu, pelo menos, eu faço isso. Quando eu vou sair para andar “não, vou de ônibus”, porque de ônibus eu não me estresso no trânsito, ou para estacionar também, aqui em Salvador tá terrível, você não acha estacionamento. E aí eu vou de ônibus, solto em tal lugar, e aí vou andar para resolver minhas coisas. Aí quando é para descontrair a mente, aí eu ando, ando, ando, e aí só vou vendo gente, às vezes não entro nemem loja, só mesmo para andar, mesmo.

C: Aí a senhora, quando tá andando assim, que não entra nem em loja, só para descontrair, às vezes é essa ideia da caminhada como uma coisa para limpar ojuízo mesmo, né?

E1: Isso, exatamente! Para refletir [Risos]. A reflexão que você vai absorvendo as coisas, né? Vai vendo as coisas na rua e vai absorvendo “Meu Deus e se fosse comigo?”, né? Aí às vezes você vê uma situação ali diz “Ai, meu Deus, nãoqueria que isso acontecesse comigo”, entendeu? É uma coisa, assim, mais de reflexão. Eu gosto de fazer também.

C: Olhando o movimento, né?

E1: É, olhando o movimento.

C: Então a senhora olha o movimento para pensar na vida.

E1: É, é isso.

C: Entendi. Tem alguma coisa, que a senhora acha importante falar, que a gente não falou. Se a senhora quiser falar um pouco mais sobre essa esses momentos de reflexão, de sair, né, para ver o movimento, de como é que a senhora faz isso.

E1: É. Alguma coisa que eu não falei, foi... [26 segundos de silêncio]. É, eu acho que não, Carol. Acho que não tem.

C: Então beleza. Tia, muito obrigada eu vou encerrar a gravação. A gente pode continuar conversando, mas eu vou encerrar a gravação e dar entrevista por finalizada.

E1: Tá bom, Carol.

Entrevista 2: O que é isso a rua para Rosana Paulo, Artista de rua, contadora de histórias infantis?²

Caroline Vaz [C]

Juliana Machado [J]

Rosana Paulo [RP]

C: Então a gravação começou, conforme autorização prévia de Rosana Paulo e Juliana nesse momento. E para começar nossa entrevista eu vou ler a autorização para uso de entrevista e depoimento oral para saber se Rosana Paulo concorda com os termos, para a gente dar seguimento à entrevista, certo? Então, a solicitação é de “Cessão, sem restrição a efeitos patrimoniais e financeiros, à propriedade e os direitos do depoimento de caráter histórico e documental prestado à pesquisadora Caroline, e Juliana, aqui em Salvador, Bahia, dia 03 de dezembro, para subsídio à construção da sua tese. As pesquisadoras acima citadas ficam autorizadas a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir ao grupo de pesquisa que fazem parte, o Espaço Livre de Pesquisa e Ação e o Geopráxis, ambos do CNPQ, o acesso ao depoimento para fins idênticos com a única ressalva de garantia da integridade do seu conteúdo e de preservação da identidade e fonte do autor”. Concorda?

RP: Sim.

C: Então, vamos dar sequência ao nosso encontro.

RP: O som está bom, e a iluminação?

C: Está ótimo, tudo perfeito. Primeiro eu queria que a senhora falasse, né, qualé seu nome idade e gênero.

RP: Meu nome é Rosana Paulo, eu tenho 55 anos, né, e sou mulher.

C: Você ainda estuda? Ou estudou até qual série, se já parou de estudar?**RP:** Eu tenho ensino superior completo. Eu fiz Ciências Contábeis na Fundação Visconde de Cairu e só depois que eu acabei para arte, né, trabalhando com arte. Mas agora eu pretendo voltar a estudar, eu estou querendo fazer uma pós-graduação, ou então

² Antes do início da entrevista, Rosana eu e Juliana ponderamos sobre a possibilidade de identificação da entrevistada devido ao caráter artístico de sua produção. Rosana, prontamente se disponibilizou a identificar-se para que as menções que faz à arte tivessem o devido reconhecimento de modo que a entrevistada assinou um termo de autorização de identificação de fonte e autor.

talvez até um mestrado sobre Literatura Infantil que é assunto que me interessa muito.

C: A senhora trabalha hoje?

RP: Não, eu me aposentei. Eu só trabalho agora com Arte.

C: Já que a senhora tá sem trabalhar, a senhora pode falar um pouco da sua experiência profissional anterior ao trabalho com Arte e também um pouco sobre a sua experiência profissional agora com a arte?

RP: Sim. Primeiro eu fiz escola técnica, eu fiz Química na escola técnica e trabalhei durante cinco anos na área de química. Trabalhei em uma indústria metalúrgica como analista química. Trabalhei no centro de pesquisa, trabalhei na Bahia Farma, na Embasa. Aí depois eu comecei a fazer ciências contábeis e acabei mudando de área. Eu comecei a trabalhar com contabilidade pública numa secretaria, na SEPLANTEC, que é uma Secretaria do Governo Do Estado, quer dizer, eu era funcionária pública.

C: E com Arte, como foi que a senhora chegou nessa experiência, com a arte, de trabalho?

RP: Quando meus filhos, né, nasceram, eu comecei a contar a história para eles. Bem pequenininho, mesmo, bebê, contava histórias, e aí ficava sempre contando história, eu percebi que eu gostava muito de contar histórias. Então um dia eu resolvi contar história para as crianças da minha rua. Então eu fiz tipo uma oficina de literatura, chamei as crianças da rua e contei histórias nessa oficina. Só que era para ser só uma vez, mas as crianças gostaram muito e pediram para eu fazer novamente. Aí eu marquei para no mês seguinte, nós faríamos novamente. E aí contando histórias eu percebi que quem conta um conto aumenta um ponto. Às vezes a história não estava pronta para poder contar e eu tinha que fazer uma adaptação, e com isso comecei a escrever também em algumas histórias. E comecei a fazer ensaios com as crianças, porque eu contava história e elas dramatizavam, e tinham vários outros tipos de arte dentro dessa contação de história. Tinha uma moça aqui da minha rua que na época ela era bailarina, então ela começou a fazer coreografia com as crianças, aí a gente começou a fazer também um pouquinho de teatro e a coisa foi crescendo muito. Aí eu senti a necessidade de aperfeiçoar essa contação de histórias, então o que foi que eu comecei a fazer? Eu comecei a seguir uma contadora de história, mas não seguir da forma que a gente conhece hoje. Seguir mesmo, onde ela estava contando história eu ia. Na época eu trabalhava no

PROCON e trabalhava só meio turno, trabalhava só pela manhã. Então à tarde, sempre que tinha alguma contação de histórias dela, nos Barris, né, na biblioteca pública, ou então na biblioteca Monteiro Lobato, eu estava presente assistindo essa contação de histórias. O nome dela é Bete Coelho. E ela percebeu, ela olhou para mim e fez assim “Você gosta de histórias, né? Você tá sempre na plateia.”. Então eu peguei e falei para ela sobre o que eu fazia, né, no quintal de minha casa. Ela fez “Mas isso um projeto, isso é um projeto muito bom. Você acaba de ganhar o curso de contação de histórias.”. Então eu ganhei esse curso de contação de história com Bete Coelho, né, sobre a arte de contar histórias e isso aí abriu horizontes, abriu meus horizontes. Então aquela coisa que era só vontade se juntou também à técnica e ao gosto, né? Porque cada vez que eu contava eu gostava mais, e foi crescendo, e um ano depois que eu estava fazendo esse trabalho de contação de histórias eu comecei a escrever poesias. Eu fiz uma viagem, aconteceu um fato interessante e eu senti necessidade de expressar através das palavras e acabei começando a escrever poesias também.

C: Muito legal. Onde é que a senhora mora?

RP: Eu moro em Itapuã.

C: A senhora mora em casa ou apartamento?

RP: Em casa.

C: É imóvel próprio?

RP: Sim.

C: A senhora mora com quantas pessoas?

RP: Eu moro com três pessoas.

C: E nesse contexto, né, a senhora mora em condomínio ou direto na rua?

RP: É, condomínio. Porque, né, tem segurança, essas coisas, guarita, é fechado.

C: O que é que a rua para senhora?

RP: A rua para mim, principalmente hoje na pandemia, para mim é liberdade

C: A senhora pode falar um pouco mais sobre isso?

RP: Eu gosto muito de sair. Eu gosto de passear e eu gosto também de andarapé. Uma das coisas que eu mais gostei foi quando eu comecei a trabalhar praticamente do lado da minha casa. Eu trabalhei durante dez anos perto de casa na antiga EBDA, e eu gostava de ir caminhando e voltar caminhando, e sempre observando, né, a paisagem, encontrando pessoas e isso para mim era bem importante. Eu sempre gostava de dar bom dia, sabe? E eu conhecia, às vezes, pessoas, quando

eu caminhava. A única coisa, assim, que eu não gostava era justamente o trânsito porque onde eu caminhava às vezes o trânsito era pesado, né? Passava, assim, muito carro e às vezes passava perto do lugar que eu estava indo, e às vezes eu não gostava porque eu achava que os carros estavam, às vezes, muito perto de mim. E também a questão da violência urbana. Quando eu comecei a caminhar para ir trabalhar, eu ia com mais tranquilidade, mas de tanto as pessoas falarem para eu ter cuidado eu comecei a ficar mais, sabe, atenta. E com isso eu perdia um pouco do prazer de caminhar, porque eu sempre estava olhando, né, ao redor se tinha vindo alguém suspeito, esse tipo de coisa que faz com que a gente não relaxe no caminhar. E até que depois de um tempo eu comecei a pegar carona aqui no condomínio, ou então eu pegava carona com meu marido, para ir trabalhar e voltava com os colegas. Porque o prazer de caminhar já tinha se perdido por causa desses cuidados que eu tinha que ter para chegar até o meu trabalho.

C: E como era esse prazer de caminhar, a senhora pode falar um pouco mais sobre isso? O que é esse caminhar prazeroso? Como era isso?

RP: Eu caminhava e tinha uma parte, mesmo, que tinha tipo uma grama e tinha uma cabra, umas duas cabrinhas nesse espaço, nesse terreno, então eu achava aquilo ali muito interessante, né? Aí eu passava, olhava as cabras. Tinha também umas plantas, umas flores, então eu olhava aquelas plantas quando era primavera. Essas flores mesmo, sabe? Que é mato, né? E aí eu achava bacana como mudava tudo isso. Construíram também dois prédios na época que eu estava caminhando, sempre que eu passava eu via os profissionais trabalhando, chegando e como estava evoluindo aquilo como estava mudando a paisagem do lugar que eu passava, porque eu acho feio prédio. Então aqueles prédios enormes, que não existiam ali. Então tudo isso era uma forma de eu observar. Às vezes a roupa que as pessoas [trecho inaudível]. Uma vez eu não escrevi uma poesia, que eu passei, tinha uma moça no ponto de ônibus, era uma moça negra com cabelo black power, com a saia curta, né, mini saia. E aí ela estava lá, e aí eu escrevi uma poesia falando sobre essa moça. Então o caminhar, o encontrar pessoas, é também uma forma de você encontrar material para poder escrever.

C: Sim.

RP: A rua para mim é isso: o caminhar, o conhecer. Quando eu trabalhava também no PROCON, eu tirava um dia na semana para bater perna na Avenida Sete e era muito interessante. Eu conheci aquelas lojas, eu conhecia já os vendedores, eles já

sabiam qual era o meu gosto. Então era loja de rua, mesmo. É diferente de loja de Shopping, sabe? A gente criava um vínculo, as coisas eram muito bacanas, diferentes, não eram aquela coisa, assim, [trecho inaudível]. Eu gostava de garimpar, às vezes eu tinha surpresas incríveis nessas lojas de rua. **C:** E como era essa bateção de perna na Avenida Sete? Quando a senhora ia bater perna era só por causa do comércio ou envolvia outras coisas também?

RP: Era uma forma do comércio, né? E uma forma também de conversar com as pessoas, conhecer, ver novidades. Às vezes eu nem comprava muita coisa, mas estava ali olhando. Eu gostava também de frequentar uns bazares que tinham igreja. Tinha um, eu não sei se ainda tem, numa igreja que tem ali na Avenida Sete, acho que é a Igreja do Rosário, tinha um bazar. Na outra também ali na Joana Angélica. Eu conhecia tudo aquilo ali. Às vezes eu caminhava também do Procon até a biblioteca para poder ver a contação de histórias, às vezes tinha alguma coisa de arte. Às vezes eu ia para o Pelourinho também, sabe? Visitava o museu, ia nos brechós e igrejas também, isso era muito bacana.

C: E por quê caminhando e não de carro ou de ônibus?

RP: Ah, porque caminhar é muito melhor. De carro você perde tudo, caminhando não. Caminhando você faz parte daquele contexto de carro é como se você tivesse assistindo e caminhando com você interage, você tá fazendo parte daquilo tudo ali que tá acontecendo.

C: Voltando um pouco para rua da senhora, a gente já já volta para as caminhadas que achei uma coisa muito interessante, mas eu queria falar um pouco agora da rua da senhora, né? A senhora mora em condomínio, então qual é a rua da senhora? É a rua do Condomínio ou a rua dentro do condomínio?

RP: A minha rua é a rua dentro do condomínio, né? Fica dentro do condomínio. Na época que meus meninos eram pequenos, eles brincavam assim na rua, juntava aquela meninada. Eu lembro de uma vez, eu estava sentada com os meninos, eu ficava sentada na porta e aí eles brincando, me metia também. E aí uma vizinha passou, olhou para mim e fez assim “Viva quem não tem o que fazer”, né? Aí eu parei assim, depois eu disse “Poxa, que bom que eu não tenho que fazer, né?”. Porque às vezes as pessoas acham que você, ficando adulto, você tem que ficar sério, engessado, mas você não pode brincar, você não pode sorrir, que bom que eu não tenho o que fazer. Então aquilo ali para ela não era uma atividade, a minha contação de história não era uma atividade, era alguma coisa de alguém que não tem

o que fazer, e aí procurava. Então [risos] essa rua é assim, uma rua que entra só os carros mesmo, praticamente só os carros dos moradores, entendeu? Então as crianças brincavam na rua. Só que hoje eu não vejo mais isso, as crianças brincando mesmo na rua. Eu acredito que por causa do celular e agora também por causa da pandemia, mas antes da pandemia eu já via isso, já observava as crianças não brincavam tanto mais não.

C: E a rua de fora do condomínio, a rua onde fica o condomínio, o que é essa rua para senhora?

RP: Essa rua é mais uma rua que eu transito para sair daqui dessa área, ir para algum lugar, e também é uma rua que tem comércio, né? Tem, assim, comércio que eu digo tem a padaria, tem uma quitanda, então sempre eu estou indo, agora mais não, mas antes da pandemia eu sempre estava indo lá, ou na quitandinha, ou faltava alguma coisa ia lá comprava, ou então na padaria. E também tem uma parte, porque esse Condomínio tá dentro da Vila Romana, e tem uma parte que você entra para ir para o metrô. Então às vezes eu caminhava por aí para ir para o metrô. Tem uma igreja, essas coisas.

C: Então qual é a relação da senhora com a sua rua, com as suas ruas no caso? A rua do condomínio e a rua de fora do condomínio.

RP: Então. Já foi uma relação mais forte, né? Antigamente eu achava que tinha uma relação mais forte hoje eu já não tenho tanta relação com a rua, assim. Porque quando eu fazia oficina aqui dentro de casa, né, as crianças estavam vindo para minha casa. As criança de lá, também, dessa rua de fora, da Vila Romana. As crianças vinham também porque foi uma propaganda boca-a-boca que era muita criança, mesmo, então eu tinha mais contato também com os vizinhos, sabe? Às vezes a gente chegou até a sentar na rua para poder conversar. Botar cadeira e sentar, já existiu essa fase. E logo quando eu cheguei, nós aqui dessa rua, construímos um quiosque, e nesse quiosque fazíamos almoços, festas, as pessoas interagiam mais. Depois de um tempo eu acredito que cada um começou a ficar mais na sua casa, sabe? Aí acabou que o quiosque não existe mais e eu acho que as pessoas ficaram mais individualistas e eu comecei também a sair mais daqui. Para fazer os meus trabalhos de arte fora daqui, então meu contato com os vizinhos diminuiu. Agora, assim, eu dou bom dia, boa tarde, alguns poucos que eu tenho um contato, assim, ainda não tão grande, mas maior, né? Mas diminuiu demais, eu tinha sim amizade com outras pessoas também daqui de dentro, agora menos, e agora

minhas amizades são mais fora daqui.

C: E quando a senhora fala, assim, desse contato com essa rua eu vejo que tinha muita proximidade, né? De passar muito tempo na rua mesmo.

RP: Era.

C: Agora eu vou fazer uma pergunta para senhora, assim, acho que uma pergunta um pouco esquisita, mas se a senhora não entender a senhora me fala, porque eu pensei nela agora. Essa rua da casa da senhora, do condomínio, também é uma parte da casa, né? Porque é parte de um condomínio que a senhora mora e que o acesso restrito, né?

RP: Sim, sim. Quando eu fazia caminhada, eu fazia caminhada aqui na rua. Essa rua, as pessoas falavam que era uma rua que os vizinhos, por serem muito unidos, então teve a época que a gente colocou os passeios, sabe, tudo padronizado, né? Todo mundo botou graminha e aquela coisa toda. Então tinha aquela união e isso acabava sendo uma extensão da nossa casa, porque os meninos também brincavam muito na rua. Às vezes eu deixava os meninos e eu ia fazer alguma coisa porque eu sabia que tinha algum vizinho que ficava ali, sabe? Como diz, como a gente falava antigamente, estava passando o olho, né? Estava dizendo “Ó, não faça isso, cuidado, não sei o que”. Qualquer coisa que via, me chamava. Então tinha muito isso, essa tranquilidade. Teve uma vez que eu esqueci uma máquina caríssima, né, logo quando saiu máquina digital. Eu deixei a máquina num passeio, né? E aí estava tirando foto dos meninos pequenos, deixei a máquina no passeio, aí fui para casa. Dei banho nos meninos, não sei o que, quando eu lembrei “Meu Deus, a máquina!”. A máquina estava lá no mesmo lugar, sabe? Era uma rua que não transitava pessoas estranhas.

C: E a senhora acha que se fosse uma rua aberta, que transitasse pessoas estranhas, a senhora ia ter a mesma liberdade?

RP: Acredito que não.

C: Mesmo antes, né, mesmo no passado?

RP: Sim, acho que sim.

C: Os deslocamentos que a senhora faz no dia a dia, né, antes pandemia, e hoje né, são para perto ou para longe de casa?

RP: Normalmente são para longe, a arte acontece mais no centro da cidade, né? Saraus de poesia, eventos culturais, literários, eu vou muito para escola e muitas vezes as escolas não são tão pertinho assim de mim. Mas eu fiz teatro

recentemente no late e depois dessa peça de teatro o diretor me chamou para fazer uma websérie e a websérie é aqui em Itapuã. Eu achei o ótimo porque apesar de morar em Itapuã, eu não trabalhava tanto assim em Itapuã depois que eu comecei a não fazer mais a oficina aqui. Então eu percebi que trabalhar em Itapuã era ótimo. Aqui tem um termo que chama “Itapuãzeiro”, né? Que são as pessoas de Itapuã que são raiz. E eu comecei a conhecer essas pessoas através dessa websérie que chama Reino Itapuã. É uma websérie que fala sobre Itapuã, porque Itapuã é como se fosse um lugar a parte de Salvador. E nessa websérie tem aqueles tipos, né? [trecho inaudível].

C: A senhora pode falar um pouco sobre os deslocamentos que a senhora faz perto de casa?

RP: Bom, então...

C: Quando faz?

RP: Antes da pandemia, né, eu estava caminhando na orla todos os dias e era muito interessante, porque como era sempre no mesmo horário, eu encontrava as mesmas pessoas às vezes, e aí a gente já se reconhecia. Às vezes não se falava, né, às vezes dava um bom dia, mas pelo olhar já se reconhecia. E tinha aquele caminho da orla que era de Itapuã, eu ia da sereia até mais ou menos o clube do [trecho inaudível]. Então eu fazia esse, eu ia de carro até lá e depois fazer esse trajeto a pé e voltava. E também eu vou às vezes no Abaeté, que eu gosto muito do Abaeté, na casa da música. Os nossos ensaios mesmo eram todos na casa da música. E também eu gosto do mundo do comércio de Itapuã, o comércio de Itapuã é muito bom. Porque antes, quando eu trabalhava no PROCON, para mim só servia o comércio da Avenida Sete, mas aí trabalhando perto de casa eu cheguei até a ir, mas eu vi que era muito cansativo. Porque já estava aqui, e aí eu trabalhava até 1:30 da tarde e aí saía para ir lá para o centro da cidade, né, porque eu não estava lá. Então eu comecei a achar que esse trajeto não valia a pena, e às vezes eu ia no comércio de Itapuã, que é um comércio bom.

C: Esses deslocamentos que a senhora faz perto de casa são a pé, de carro, de ônibus, como é que funciona?

RP: Então. Antes da pandemia, eu pegava ônibus e ia pertinho, mas agora mais é de carro. Outra coisa que eu gosto muito de frequentar aqui em Itapuã é a feira, sabe? O pessoal da feira já me conhece, então, tem cada figura muito interessante na feira. Na feira, mesmo, não é essa nova, não. É uma feira que tem ali perto da Sereia.

C: E os deslocamentos para longe a senhora faz mais de carro, né?

RP: Mais de carro, às vezes eu uso o metrô também.

C: Hoje, assim né, um pouco antes da pandemia já e depois da pandemia, a senhora anda a pé? Em quais circunstâncias?

RP: Depois da pandemia, não mais.

C: Antes e depois, né?

RP: Antes, sim. Antes eu caminhava, como eu disse, pela orla para poder fazer um exercício físico e, quando eu trabalhava, às vezes eu ia a pé para o trabalho e voltava, mas agora não mais. Só aquele caminho que eu fazia quando eu ia fazer alguma coisa, ia pegar metrô só aquele caminho daqui de casa para a estação de metrô. Então eu ia andando que é muito pertinho.

C: Qual é a importância dessas caminhadas para a senhora, né? Eu vejo a senhora falando assim, com tanto carinho desse tempo que a senhora batia perna na Avenida Sete, bater perna aí na orla, até na rua de casa, né? Qual é a importância dessas caminhadas para a senhora?

RP: Porque é isso, quando eu estou caminhando eu me sinto parte daquilo tudo que está acontecendo, né, daquela rua, eu conheço pessoas. Teve uma vez que minha mãe, né, estava fazendo uma salada e ia fazer uma farofa e meu marido estava fazendo um churrasco. Eu não estava fazendo nada. E aí minha mãe pegou e fez assim “lh, acabou a farinha”. Aí eu disse “Ah tá, eu vou comprar”. Peguei o dinheiro e fui comprar a farinha. Quando eu cheguei no caminho, no lugar que eu ia comprar a farinha, que era uma venda, não tinha. Aí me disseram que tinha uma lá mais adiante que era onde agora é o caminho do metrô, era bem mais adiante, aí eu fui. Quando eu chego lá, tinha aquele rio, que hoje já não é um rio, é um rio poluído, né, e na margem desse rio poluído tinha um girassol. E era o girassol mais lindo que eu já tinha visto na minha vida. Aí eu parei para olhar o girassol e aí uma senhora chegou e eu digo “Ô, mas nasceu esse girassol, mas ele é muito bonito, né? Como será que nasceu.” E a gente começou a conversar, pá, pererê, e esqueci da farinha. Aí conversei, conversei, aí depois “Ah, a farinha”. Fui lá, me lembrei da farinha. Aí minha mãe fez assim “Que demora foi essa para comprar uma farinha? Dava tempo de você ir lá no interior, na casa de farinha e pegar a farinha de tão demorada que você foi”. Aí eu contei a história, né? Eu contei a história muito animada para meu marido [trecho inaudível], aí ele falou assim para mim, como quem diz “não estou entendendo isso”. E uma vez foi que eu estava de ônibus, eu fui para a parada gay.

Chamei todo mundo para ir, ninguém quis ir comigo. Eu digo “Ah, então tá, eu vou só”. E aí eu fui de ônibus, só que quando chegou lá, tinha alguma coisa assim que eu queria, e aí eu comprei essa coisa. Eu não me lembro direito o que era, acho que era algum enfeite, lá, que estava vendendo e eu comprei. E aí eu fiquei com o dinheiro certinho do ônibus, mas aqui o dinheiro do ônibus eu deixei, né? Aí eu peguei o ônibus, o ônibus ia pela orla. Quando eu estou passando ali pelo Costa Azul, estou vendo todo mundo, assim, olhando, “é o que?”. É uma baleia. Tinha uma baleia ali no Costa Azul, eu nunca tinha visto uma baleia. Eu peguei e não contei conversa, desci do ônibus e fui ver a baleia, eu vi a baleia, só que eu não tinha dinheiro para voltar para casa porque eu tinha gastado o dinheiro, acabou [risos]. Aí eu digo “Ai, meu Deus, o que é que eu faço?”. Aí o que foi que eu fiz? Eu peguei, entrei e falei para o cobrador que eu não tinha dinheiro [risos]. E aí ele fez “Não, entre pela frente”, aí eu entrei pela frente. Aí Paulo fez assim, meu marido fez assim “Eu não acredito que você fez isso. Como é que você faz isso? Isso não existe!”. Aí, é uma forma diferente, né, de você pensar. Para mim era uma oportunidade de ver aquela baleia então eu fui. Como é que eu voltava para casa, depois eu ia ver como é que eu ia fazer isso. Então tem muito isso. Eu acho que tem muita riqueza nesse caminhar. Um filme que eu gosto muito, né, um diretor que eu gosto muito, é Pedro Almodovar. Porque você vê que ele dá muito valor à terra dele, né? À Espanha, a Madrid, aqueles vilarejos, né? Tem um lugar, porque o lugar que a gente mora, o lugar que a gente nasce, faz parte da nossa história. É muito forte isso, né? Porque é um pertencimento, você sente que você pertence a aquele lugar. E isso faz parte da sua história e faz parte de quem você é, então acho isso muito, muito rico, muito forte.

[Risos]

C: A senhora conta várias experiências, né, de ônibus, de carro, andando, que a senhora disse uma coisa muito interessante, né? Que andando a senhora se sente parte, enquanto de carro a senhora se sente vendo as coisas, né? Nesses deslocamentos de carro, alguma coisa chegava a chamar atenção da senhora, ou só andando mesmo?

RP: Não, não. Eu gosto muito de ficar na janela. Eu lembro que, quando eu trabalhava em Feira de Santana [eu trabalhei uns anos em Feira de Santana], eu lembro que eu sempre comprava a passagem na janela porque eu gostava de ficar olhando a paisagem. Eu sempre vou observando, né, aquela paisagem que muda, aquela pessoa diferente, e eu já escrevi também uma poesia por uma paisagem que

eu vi, que chama... é... fala sobre pessoas em situação de rua, e pessoas que eram consumidores de crack, né? Então eu vi aquelas pessoas, pareciam aqueles vultos caminhando, caminhando, caminhando, e para mim foi um... sabe? Aquilo ali ficou gravado na minha retina, aí quando eu cheguei em casa a poesia saiu, falando sobre isso.

C: A senhora quer declamar essa poesia?

RP: Chama “Espectros noturnos”.

C: A senhora podia declamar essa poesia?

RP: Tá no livro, é porque eu não tenho ela de cor, mas quer que eu pegue o livro?

C: Eu quero [risos]. **RP:** Espera aí [risos].[trecho inaudível]

C: Maravilhosa, eu estou aqui besta.

J: Eu to pensando em perguntar a ela sobre a rua como inspiração.

C: Boa, vou botar aqui já.

RP: Pronto, deixa eu ver aqui. [21 segundos de silêncio]. Aqui. “Espectros Noturnos”:

*“Vagos notívagos vagam manchando a paisagem da noite escura
O que estão à procura,
a cura da mente obscura? A secura na boca é sede De quê? Não sabem mais
eles falam, mas não escutame divagam nos versos
perversos daquela hora sombria o reverso do dia
Sonâmbulos não repousam... nas sombras pousam
as mariposas perdidas esposas da melancolia com sua falsa alegria
O fogo acende o cigarro desafogo da vida vazia e vadia A fumaça sobe
espectadora dos espectros noturnos Espelho sozinha
diante da expectativa absurda dos descaminhos Não de se encontrar consigo mesmo
em algum amanhecer?”*

[Palmas]

C: Maravilha. Como é que a rua serve de inspiração para a senhora? Como é que funciona isso? Qual é a relação, da senhora, entre a rua e as poesias?

RP: Então. A poesia é como se fosse um livro vivo, né? As coisas estão acontecendo ali, se você tiver olhos para ver, você enxerga tudo que tá acontecendo ali. Porque às vezes as pessoas caminham na rua olhando no celular. Não olham o que tá acontecendo ao redor muita coisa bonita, muita coisa interessante, não olham no olho do outro e tudo isso tem poesia. E eu tenho assim algumas coisas [trecho

inaudível] que falam sobre isso, né, sobre esse caminhar, esse descobrir, esse encontrar. A rua hoje tem mais carro do que gente, em muitas ruas você vê mais carro do que gente. E as pessoas quando estão em cima do carro, elas parecem que estão poderosas, elas se sentem poderosas, e elas não respeitam quem tá andando. Elas se sentem melhor do que quem tá andando. Então a gente, às vezes, para poder passar na própria rua, tem carro estacionado. Eu uma vez briguei com o vizinho, porque os meninos estavam jogando bola na rua e a bola bateu no carro dele, ele fez um escândalo. Aí eu olhei para ele e fiz assim “Olhe, é o seguinte. Quem deveria estar dentro da garagem era o seu carro, lugar de criança é na rua brincando e não dentro de casa presa. Seu carro que devia estar na garagem”. Então as pessoas acham que o carro tem que ter prioridade, em tudo e não é assim. O ser humano tem que ter prioridade das coisas. Você tem que ficar se espremendo para poder chegar no lugar. Eu já sofri um acidente na rua, uma vez, porque a calçada, toda esburacada, eu meti o pé no buraco, caí e machuquei meu ombro. Então, quer dizer, tem muito descaso nessa conservação dessas ruas, porque às vezes eu considero mais importante consertar aquela parte do asfalto, né? Mas as calçadas, não se importam.

C: Falando nisso, eu queria perguntar duas coisas. Uma: como é que é essa infraestrutura da rua da senhora, né, da rua do Condomínio. E a outra coisa que eu queria perguntar é o que é “ter olhos para ver”, né? Que a senhora falou “quem tem olhos para ver”, quem olha para ver, eu queria que a senhora aprofundasse isso um pouco.

RP: Aqui eu acho bacana, né? É tudo asfaltado, é tranquilo, as calçadas cada um cuida das suas calçadas, do seu passeio, então é tranquilo. Quando eu falo assim “olhos para ver”, porque às vezes você tá olhando uma coisa, mas você não tá vendo, né? Você olha, mas você não enxerga o profundo daquilo que tá acontecendo. Você tá olhando para rua só para ver o caminho que você quer passar, mas você não está observando as coisas que você tá vendo. Eu gosto muito de uma frase de Saramago, né, que ele fala isso: repara. E nesse reparar, quem tem olhos para ver enxerga e repara. Repara, se você tem olhos para ver. E se reparar, eu pensava assim, reparar é você olhar, e reparar também pode ser você consertar, corrigir alguma coisa que não tá bacana, né? E a gente poder esse poder de pedir, de exigir, que essas coisas sejam consertadas, que a gente possa caminhar.

C: E o que é que a senhora repara nos momentos de deslocamento na rua, no dia a

dia, pensando nesse reparar aí?

RP: Então, quando eu reparo, eu às vezes olho as calçadas que não estão respeitando, estacionam o carro na calçada que a gente vai caminhar, sabe? Calçada esburacada, falta de Segurança Pública também, porque a gente fica com medo de caminhar. Mas eu gosto de ver também aquele lado poético da coisa, né? Eu acho, assim, sensacional os vendedores, esses vendedores que passam pela rua. Aqui a gente não vê tanto isso, mas [trecho inaudível] eu me lembro que tinha uma mulher que ela passava todo sábado mercando, né? “Olha aí, o molhadinho de coco! Tem beijuzinho e tem lelê!”. Não sei isso aí ainda existe, né? E ela passava mercando os produtos dela, e era todo sábado. Tinhabeiju, tinha lelê, e minha mãe sempre comprava para mim, um molhadinho de coco, beiju, lelê, mas é o nunca via a mulher, nunca via a mulher, porque eu estava sempre dormindo. Eu estava na cama e via ela cantando. Eu disse “Um dia eu vou levantar e vou ver essa mulher, eu quero ver a cara dessa mulher”. Eu era muito jovem, nem escrevia ainda, mas eu queria ver, mas nunca vi. Aí depois de um tempão, eu já estava com os meninos, já estava escrevendo, passei um dia na casa de minha mãe, né, dormi na casa de minha mãe de sexta para sábado, e aí eu vi a mulher cantando. “Olha aí o molhadinho de coco, tem beiju...” eu digo “Não é possível! Minha mãe, essa mulher ainda tá vendendo?”. Aí minha mãe pegou... “Ah, eu quero ver a mulher”. Aí minha mãe chamou a mulher e tal para poder comprar, e aí eu fiz “Ah!”, mas quando eu olhei para mulher, eu digo “Oxente, a mulher é jovem, assim, né, para aquele tempo todo?”. E aí a mulher falou que ela era filha daquela outra. A outra já estava velhinha, eela agora que estava fazendo isso. Eu achei isso tão interessante que eu escreviam conto, uma crônica, que fala sobre isso, “Olha aí, molhadinho de coco”, sabe? Aquela coisa que passou de mãe para filha, né? E ela estava com uma menina, que era uma menina, assim tipo adolescente, mais ou menos, e a menina você via que ela não estava nem um pouco interessada naquilo, né? E aí você pensa: é uma tradição? É, mas que bom se aquela menina fosse estudar, né, fosse ter uma profissão mais segura, mas essas tradições são muito bonitas. Essacantilena, né, dos mercadores, aquela coisa, porque eu acho assim, que o ideal seria que essas profissões fossem valorizadas, o que não é, mas podiam ser valorizadas. Podiam, né, ter uma forma de não acabar.

C: Hoje a gente tem os carros de fruta, do ovo, fazendo isso, mas de forma muito homogênea, né?

RP: É.

C: Ao redor da cidade.

RP: Diferente. E também né, aquela coisa que eu detesto quando alguém fala “ah, empreendedor”. Isso aí para mim não é empreendedor nada, isso aí é sub-emprego, na verdade, né? Às vezes a gente quer romantizar, mas não tem comodante dessa desigualdade horrível que tem aqui no Brasil, não é? Uma desigualdade cruel. Então não tem como até a gente romantizar isso.

C: Quando a senhora fala dessas coisas eu lembro da minha rua, né? Na minha rua era o vassoureiro e o senhor da taboca. “Olha o vassoureiro!”, e realmente parecia que ele estava cantando, e toda vez que ele passava eu sentia paz no coração. Era como se o mundo estivesse normal, porque o senhor estava passando com a vassoura. E ele gritava, né, obviamente, provavelmente, sem nenhum preparo e ele gritava “Olha o vassoureiro”. E era realmente como se ele estivesse cantando, e era muito... eu parava para janela para ver.

RP: Tem coisas que você vê que é universal. Não precisa ele dizer o que ele tá fazendo porque você já conhece, sabe? Aquele som do amolador de faca, né? Então quando você escuta você já relaciona. Tá passando o amolador de faca, que ele tem aquela forma de chamar as pessoas.

C: Qual a importância desses sons, né, dessas pessoas para a rua, para senhora? Qual é a importância deles para o que a senhora entende por rua, hoje?

RP: Aqui, às vezes, ainda entra o amolador de facas, né? Não sei se você lembra, Ju. Você lembra do “Olha o milhão”? Era o vendedor de milho.

J: [risos] Lembro, sim.

RP: Então, quando vinha o “Olha o milhão” os meninos enlouqueciam, porque eles queriam milho. Então você vê que isso aí torna a rua viva, a rua fica pulsante, sabe? É como se fosse um teatro, que cada qual tem seu papel, e você se sente segura porque você tá dentro daquele contexto, sabe? Hoje, logo no início da pandemia, não estava passando nada, não estava passando nada, não estava passando ninguém vendendo nada. Isso é anormal, não é normal. Eu só saí uma vez, naquela época que não estava podendo sair eu saí uma vez só de carro, era muito esquisito ver as ruas vazias, né, sem pessoas. Então eu acho que é isso, você se sente que o mundo tá girando nessa rua, as coisas estão acontecendo.

C: No geral, né, nas suas rotinas diárias, o que é que chama atenção da senhora nos deslocamentos? Quando a senhora estava trabalhando, quando vai na padaria, não

é? A senhora contou o caso do girassol, o caso da baleia, mas são exceções, né? Não é todo dia que tem um girassol novo, nem todo dia que aparece uma baleia. Então no contexto regular, vamos dizer assim, o que é que chama a atenção da senhora, no que é que a senhora repara durante os deslocamentos?

RP: O que me chamava atenção. Assim, tinha uma velhinha que, quando eu trabalhava no PROCON, todas as quintas-feiras eu encontrava ela no ônibus, porque eu ia trabalhar de ônibus, todas as quintas-feiras. Eu trabalhei dez anos, eu trabalhei no PROCON durante dez anos, eu sempre encontrava ela quinta-feira. Aí um dia, ela não foi. E aí quando ela não foi eu já fiquei preocupada. Eu digo “O que será que aconteceu com ela?”. Aí quando foi na outra quinta-feira ela estava, ela disse que ficou gripada. E aí eu ficava curiosa “Onde é que ela vai?”, né, já era uma forma de você ficar curiosa. E aí eu perguntei para ela e ela me contou que ela ia para igreja. Ela saiu daqui de Itapuã e ia para igreja de São Pedro, porque ela venceu um câncer e era uma espécie de promessa. Então ela disse que já fazia isso há muitos anos. Então eu conheci a história dela através desse deslocamento. No ônibus eu conhecia pessoas que sempre pegavam ônibus no mesmo horário, e aí a gente acabava se conhecendo. Uma época, quando eu trabalhei no Centro Administrativo, as pessoas do ônibus eram tão fixas, porque era lá no Centro Administrativo. Todo mundo, as pessoas saíam do Centro Administrativo [trecho inaudível] para seu bairro. Tinha festa! Fazia amigosecreto, fazia aniversário, aí às vezes era muito interessante isso. E eu gosto de observar também as roupas das pessoas, a forma que as pessoas se vestem, porque se você for no shopping você vai ver que as mocinhas de hoje elas são muito padronizadas, né? Cabelo alisado, não sei o que, aquela roupa sempre daquele mesmo jeito, que se chama moda, né? Tá na moda, e você vê pessoas vestindo de uma forma diferente. Eu acho isso bacana e eu gosto de ver também, assim, em Agosto, aquelas pessoas que pedem dinheiro para São Lázaro, né? Aí você já sabe: é Agosto. E isso é legal.

C: O que é que a senhora de eventos na rua, né? Passeata, corrida, baba, festa, churrasco. Dessas situações que tem que fechar a rua, por exemplo. “Ah, vamos fechar a rua para fazer um churrasco”.

RP: Ah, isso aí eu não gosto, não. Esse negócio de festa, porque aí é muito... poxa! Uma passeata, é um evento que a gente tá fazendo essa passeata para pedir alguma coisa, né? Mas fechar a rua com um churrasco, botar um som alto, né? É uma coisa privada, que você mexe com todo mundo que tá ali, ao redor, né? Eu acho uma

coisa horrível. Eu não gosto mesmo, quando, às vezes, eu vou na casa de minha mãe e fecham a rua, fazem churrasco e fecham a rua. A gente não consegue entrar na rua, às vezes. Isso é chato, porque minha mãe é idosa, ela não pode andar até o carro, né? Então isso aí já atrapalha a gente. Eu não gosto disso, não. Eu acho que [trecho inaudível], mas não dessa forma. Eu acho essa forma uma forma desrespeitosa. É como se você invadisse, sabe, como se ultrapassasse o limite, invadisse a privacidade do outro, com um som muito alto, com um churrasco, sabe? Eu acho que isso aí, se é uma festa privada, eu não acho bacana, não.

C: E como é que a senhora acha que a rua tinha que ser ocupada? Como é que funcionaria, assim, a ocupação saudável da rua?

RP: Você vê arte de rua, eu acho bem bacana, você fazer uma arte de rua. Uma coisa que eu achava muito bacana, mas que não tem mais: desfiles, né? Desfile da Primavera, era legal. O Dois de Julho, eu sou apaixonada pelo Dois de Julho. Porque o Dois de Julho é uma festa do povo, né? Uma manifestação do povo. Às vezes, né, você vê que os políticos se metem e tudo, mas é uma coisa bem espontânea, eu acho isso bacana. E a rua também foi feita para protestar, porque se você quer alguma coisa, se alguma coisa não tá boa, você tem que ir para rua protestar. Isso aí é coletivo, né? Isso aí é em função do coletivo. Não é você fazer uma festa privada, e atrapalhar todo mundo. É diferente. E mesmo essas passeatas tem que ver também, né, uma forma de que não cause transtorno, tanto transtorno, pras outras pessoas.

C: A senhora vê alguma diferença na rua antes da pandemia e na rua agora?

RP: Sim, eu vejo né, assim. Eu acredito que algumas pessoas estão, assim, mais assustadas, menos espontâneas, e às vezes também você fica meio com medo do outro. Tipo assim, eu acho que agora existe como se fosse uma mensagem que o outro passa. Porque quando eu to na rua e vejo uma pessoa de máscara, eu penso “Poxa, você tá cuidando de você e de mim. Eu to cuidando de você e de mim, também”. Quando você vê uma pessoa sem máscara, eu penso o seguinte “Poxa, ele não tá nem aí para o outro”, sabe? “Não respeita”. Porque é importante tudo isso. Então às vezes eu não gosto de tá em um ambiente que as pessoas estão sem máscara, sabe? Então por isso que eu não voltei a caminhar na rua, ainda. Porque eu acho que a rua tá diferente. E também você vê aquele colorido de máscaras, porque quando você vê na china, é todo mundo com aquela máscara branca, e aqui é máscara de tudo quanto é cor, é de time. E eu acho que com essas máscaras as pessoas também estão mandando o seu recado. Tão mostrando quem são, né? Uma

máscara colorida, uma máscara de Frida Kahlo. Eu tenho uma máscara que tem um poema meu, do Projeto Oxe. Então tudo isso é uma forma de você dizer quem você é, é uma forma de comunicação, sem palavras.

C: E como é que a senhora se sente por estar privada de estar na rua agora? Privada dessa liberdade que a senhora falou que é a rua.

RP: É difícil, né? Não vou dizer a você que é fácil. Eu tenho tentado me reinventar. Eu comecei a desenhar novamente, eu comecei a pintar, eu to escrevendo, eu tomo sol jardim, eu cuido do meu jardimzinho, cuido dos meus bichos, né? É difícil, mas é importante. Então por ser importante, eu considero importante. Eu me preocupo com as pessoas que são grupo de risco, eu tenho uma mãe idosa, sabe? Então eu me preocupo com tudo isso que tá acontecendo. Então se é necessário, eu faço com aquele sentimento de responsabilidade, com aquele sentimento de que eu to fazendo a minha parte nisso tudo. Porque eu queria também estar na praia, podia estar por aí, mas eu não faço isso. Então quando eu vejo as pessoas que não estão nem aí para pandemia e se comportam dessa maneira, eu fico bem chateada. Porque a gente sabe que os hospitais estão cheios, que os profissionais da saúde estão sobrecarregados. Eu não to gostando de ficar presa em casa, mas como é necessário, eu fico.

C: Eu acho que, assim, para quem tá seguindo o isolamento, como a gente, é muito difícil ver as pessoas na rua como se não se importassem, né? E sem medo das consequências para saúde mental, né, que geralmente, nas pandemias, vem uma carga de saúde mental terrível depois.

RP: Exatamente! Exatamente! No início da pandemia eu estava ficando muito ansiosa. Aí eu comecei a fazer alongamento, a fazer oração, a fazer meditação, tudo isso para poder segurar a onda, mas às vezes é muito difícil. Aí quando você vê aquele que não tá nem aí, sabe? É como se você fosse... [trecho inaudível] ainda olha para você e diz assim "Ah, você é otário". Então não é fácil, não.

C: [Suspiro] Quando a senhora se deslocava, né? Quais eram os horários que a senhora se deslocava, geralmente, na cidade? Tinha um horário específico para sair na rua?

RP: Quando eu trabalhava na EBDA, eu saía de casa entre 07:30 e 08:00, e aí eu retornava de 13:30 a 14:00 andando, às vezes de carona. Quando eu trabalhava no PROCON eu saía de casa umas 06:30, 07:00, né, porque não tinha esse trânsito louco. Eu gostava até de trabalhar no PROCON, mas porque é que eu saí do

PROCON? Porque eu não suportava mais o trânsito, eu estava saindo cada vez mais cedo e chegando cada vez mais tarde. E aí por isso que eu realmente não quis mais trabalhar lá. Aí eu consegui uma disposição para vir trabalhar perto de casa. Eu sempre saía esse horário, eu trabalhei assim nos dois turnos, só durante cinco anos, né, que era quando eu estava na aula de química. Depois que eu mudei, eu comecei a trabalhar por meio turno. E depois que os meninos nasceram eu passei a trabalhar só de manhã, porque de tarde, eu achava que era melhor ficar à tarde. Porque à tarde, né, já emendava com anoite e tal. Depois que eles começaram a estudar, eles começaram a estudar de manhã e à tarde eu ficava com eles.

C: Quanto tempo a senhora levava nos deslocamentos em geral? A pé e de ônibus.

RP: Ah, a pé quando eu ia trabalhar, eram 20 minutinhos porque eu ia bem devagar. Porque é pertinho, eu levava 20 minutos porque eu ia bem devagar, ia bem na tranquilidade. Agora, para ir para o PROCON eu levava uma hora, uma hora e meia, de ônibus.

C: E andando, ali do PROCON para a Avenida Sete, para Biblioteca?

RP: Ah, isso eu não contava, não. Eu ia passeando, sabe, eu voltava. Eu ia do PROCON, aí descia às vezes lá para o São Bento, depois subia, ia até perto do Campo Grande, né? Aí às vezes eu entrava por ali, no relógio de São Pedro, alitem um monte de ruazinha. Eu entrava por ali, aí ia dar na Joana Angélica, sabe? Fazia assim, rodava por ali tudo, aí às vezes tinha contação de história, eu ia na Biblioteca. Mas nunca me liguei, assim, de quanto tempo estava andando.

C: O que é trânsito para senhora? Porque uma das palavras que a senhora falou, de rua, era gente, arte e trânsito. E gente, para mim, pela entrevista, pelas coisas que a senhora tá falando, gente me parece que é o que movimenta a rua. É o que faz a rua existir, é gente. A rua quando ela tá ali é porque ela tem gente, tem coisas acontecendo porque tem pessoas.

RP: Isso.

C: Arte é porque a rua é inspiração, né? Essas pessoas e as coisas que estão acontecendo inspiram a senhora. E trânsito? Qual é o papel do trânsito nisso aí? **RP:** O trânsito, quando eu pensei em trânsito eu pensei em uma coisa chata, sabe? Engarrafamento. Eu pensei nos engarrafamentos, que eu detesto ficar presa nos engarrafamentos. Eu já desci do ônibus e fui caminhando porque eu não aguentava mais ficar presa. Mas o trânsito também é importante, eu vejo a importância, também, do carro porque agora na pandemia eu to usando mais o carro para poder

sair. No entanto, eu gostava muito de andar de ônibus, porque quando eu andava de ônibus eu conversava, às vezes, com a pessoa que estava do meu lado, eu estava vendo as coisas acontecendo, era bacana. Mas porque é que parou de ficar bacana? Porque os ônibus eram sujos, eram velhos, sabe? Você estava ali no ônibus, de repente, podia entrar um assaltante. Eu já fui vítima de assalto em um ônibus, e foi terrível, sabe? O metrô não. Já o metrô, eu amei o metrô. Adoro andar de metrô. Porque eu vou andando, que eu gosto de andar, pego o metrô, estou lá no centro da cidade rapidinho. Então eu acho o metrô muito bacana, mas eu acho que a cultura do brasileiro é como se o transporte público fosse só para pobre. Quando você fala assim “Ah, você veio de que? Vim de ônibus”, sabe? Ou então “Eu vim de metrô”. As pessoas, então... “Eu vim de carro, eu tenho carro”. Então tem muito isso, porque, eu nunca fui na Europa, mas eu gosto muito de assistir filmes. E você vê as pessoas indo para Ópera, na Inglaterra, de metrô. As pessoas têm profissões que ganham [trecho inaudível] de metrô. E aqui você vê que se a pessoa ganha um pouquinho mais, compra logo um carro e não quer saber mais de ônibus, né? Porque ônibus é coisa de pobre. E eu acho isso uma grande bobagem, uma grande [trecho inaudível] transporte público. Se fosse um transporte público bom, o que não é. Os ônibus são ruins, são sucateados, né, tem essa questão da violência, tem também os engarrafamentos, aí tudo isso faz com que não seja bacana.

C: Quando a senhora andava de ônibus, a senhora ficava olhando a rua pela janela? Tinha um tempo de olhar na janela também?

RP: Ave maria! Era uma hora e pouca. Eu gostava da parte da praia, né? Ali perto do Costa Verde, né, que tem aquele rio, ali aparecia uns pássaros, sabe? Uns pássaros brancos. Eu gostava de ficar observando aqueles pássaros, eu sabia que eles estavam ali quando eu passava, e isso era bom. Gostava também dos artistas de rua, às vezes os poetas de busu, ou então alguém que tocava, que entrava, eu gostava de ficar escutando. Mas às vezes entrava muito vendedor, e às vezes era cansativo. Quando eles eram, assim... eles não vendiam, só, o produto. Eles queriam obrigar você a comprar. Então era meio assim, sabe, como se ele tivesse coagindo você. E aí isso aí eu já não gostava, porque obrigava você a segurar, tinha muita gente pedindo, aí às vezes a viagem ficava meio tumultuada. Apesar de entender o contexto social que as pessoas estavam passando e atravessando, mas às vezes ficava uma coisa assim que parecia que estava querendo obrigar você a fazer o que eles queriam. Isso aí não era...

C: Em síntese, um pouco do que a gente falou, o que é que chama atenção da senhora na rua?

RP: O que me chama atenção são as pessoas, a forma que elas são, a forma que elas se vestem, sabe? As formas que eu gosto também de escutar. Sabe aquele jeito de falar baiano? Eu acho, como se fala, é música pros meus ouvidos, sabe? Aquele jeito, assim, porque o baiano falando é único, né? E às vezes se vier uma pessoa de fora não compreende tudo que tá sendo dito. Eu acho bem bacana, sabe, “E aí, diga aí!”. São esses tipos de coisa, “Oxente!”, sabe? A gente tá compreendendo tudo aquilo que tá [trecho inaudível]. É bem bacana.

C: E a cidade, né? Como é que a senhora vê a cidade? O que é a cidade para senhora? O que é Salvador?

RP: Salvador é uma cidade muito bonita, é uma cidade que eu gosto demais, eu gosto de ser de Salvador, eu não gostaria de morar em outra cidade, mas é isso. Salvador é uma cidade desigual, é uma cidade que você vê muitas pessoas em situação de rua, você vê muito lixo, às pessoas jogam lixo da janela do carro, joga lixo quando tá andando, joga lixo quando tá no ônibus. Então você vê que, às vezes, a cidade tem coisas que são públicas. Então se é uma coisa pública, é minha, é sua, é de todo mundo, e as pessoas destroem o patrimônio público, não respeitam a cidade onde mora. É como se eles não considerassem a cidade sua casa, como se fosse fora, porque não existe... a cidade é nossa casa, né? A gente mora dentro dessa cidade, então ela é nossa casa, então a gente faz parte dessa cidade, e às vezes as pessoas parecem que não fazem parte dessa cidade. Elas consideram que, aquilo ali que é público, aquele parque, aquele jardim, aquela praça, não é dele também. Então ele não cuida. Eu vejo muito isso.

C: E as ruas de Salvador? Como é que a senhora vê as ruas de Salvador?

RP: As ruas de Salvador têm essa questão que eu falei da [trecho inaudível]. Eu fui outro dia, mesmo... outro dia, que eu digo, antes da pandemia, né? A última vez que eu saí, foi para um evento de poesia na praça da piedade, né? Menina, era inacreditável a quantidade de ambulantes que tinha ali na Joana Angélica. Você não conseguia nem caminhar, era muita gente, era muita fruta, era produto de supermercado, era tanta coisa sendo vendida. E aí você percebe: por que é que aquelas pessoas estão ali na rua, vendendo aquilo? Porque elas precisam sobreviver. Então você vê muito essa desigualdade que existe em Salvador, você percebe muito quando você anda na rua. Tem bairros que é diferente, né? Quando

você vai na Pituba é diferente. Então você percebe isso, porque a periferia também é diferente. Então cada lugar você vê que é de uma forma, e isso eu acho que é o que mostra, né, a desigualdade que a gente vive aqui em Salvador.

C: O que é que significa, para senhora, sair à rua? E nos tempos de quarentena, o que é que significa sair na rua, agora?

RP: Eu não to gostando de sair, não. Eu prefiro ficar em casa. Agora que não to gostando, porque quando eu saio, né, claro, é um ritual. Para sair, pelo menos para mim, e para voltar. Aí eu tenho que ver se a quantidade de máscaras que eu vou levar vai dar, né, a máscara. Aí pego o celular e enfio em plástico. Aí coloco um torso no cabelo, né, e aí álcool em gel na bolsa, sabe? Faceshield, não sei que mais lá, e eu não quero passar muito tempo na rua, vou na rua para resolver alguma coisa. Recentemente eu fiz meu check-up médico, porque normalmente eu faço em março, abril, por aí. Só que esse ano eu não fiz, mas eu disse “Bem, agora tá na hora de eu sair. Eu tenho que sair para fazer os meus exames”. Aí fui, né? Então é tudo muito estranho. Antes quando chegava uma pessoa perto de mim, assim, eu sorria. Hoje, você nem pode porque a máscara tá cobrindo tudo, mas eu não gosto que uma pessoa se aproxime de mim, né? Eu quero que ela fique longe. Então é tudo muito estranho, é tudo muito esquisito. A primeira vez que eu saí na rua a máscara começou a me sufocar, eu achei que estava me sufocando, e eu fiquei bem nervosa, agora eu já to mais acostumada. Mas eu prefiro ficar em casa, se eu tiver que sair é por um bom motivo.

C: E antes da quarentena, sair à rua significava o que para senhora?

RP: Liberdade, sabe? Diversão, passei, até às vezes quando eu ia para o médico, eu ia fazer exame, eu estava de boa. Levava meus livros, hoje eu não posso levar. Às vezes quando eu ia para banco, eu ia para banco antigamente e hoje já não vou mais. Mesmo antes da pandemia eu parei de ir e comecei a resolver tudo pela internet mesmo, né? Porque tem essa facilidade, porque banco é uma coisa chata. Eu levava meu livro e ficava lendo, hoje eu não quero, eu digo “Eu vou levar livro para depois quando chegar em casa ter que limpar, aquela onda toda? Não quero”. Quando eu chego em casa, aí tiro a roupa, coloca numa caixa, aquela coisa toda. O sapato, essas coisas, né? Aí toma banho dos pés à cabeça. Então ficou bem, bem diferente.

C: E como é que a vizinhança da senhora tem reagido a isso?

RP: Tem algumas pessoas que, né, tão respeitando. Você vê, eu vejo as pessoas

aqui passando de máscara, até as pessoas que caminham no condomínio passam de máscara. Tem outras pessoas não estão acreditando muito. Mas, assim, os que estão mais pertinho de mim eu percebo que eles estão levando a sério.

C: Pensando nesse tempo que a gente tá privado da rua, né, desde março. Já faz quantos meses? Uns nove meses, né, que a gente tá de quarentena? Vai fazer nove meses agora em meados do mês. Em casa, quais são as memórias que vem à mente nesse tempo de ausência da rua, de estar fora da rua? O que é que vem à memória, né? Às vezes a gente tá em casa, num momento de reflexão, ou conversando, o que é que vem de memória.

RP: Eu sempre gostei muito de passear, de levar os meninos para passear, levar minha mãe, né? Aí você sente falta, que é uma coisa é simples, né, que a gente nunca imaginou, que uma sorveteria é uma coisa proibitiva, né? E a gente sempre estava na sorveteria da Ribeira, sempre estava aplaudindo o pôr do sol na Barra, né? No ano passado a gente estava no Natal Luz da praça do Campo Grande. Era uma aglomeração impressionante, a gente mal conseguia se mexer. Teve também um Bon Odori, né? Meu Deus, o ano passado parecia que todo mundo estava adivinhando que não ia ter esse ano, porque estava lotado. E você não estava preocupado com isso, eu não estava nem um pouco preocupada que estava superlotado. Eu fui para a lavagem do Bonfim, para Lavagem de Itapuã, e tudo bem. Hoje a gente quando você pensa assim uma festa tão grande, você vê que não vai rolar, né? Eu gostava muito também de ir para o Parque da Cidade, né, que é um parque que está bem conservado. Então eu sempre ia, quando os meninos eram pequenos, eu ia muito no Parque de Pituaçu, que tá abandonado! O Parque de Pituaçu tá abandonado. Aquelas esculturas estão caindo aos pedaços, tudo oxidada, sem cuidar. O Abaeté, você sabe o que é que tá acontecendo no Abaeté. Estão querendo... estão querendo, não. Estão construindo uma estação elevatória de esgoto em plena lagoa do Abaeté. Então você vê o total descaso com espaços públicos. Espaços que é da comunidade, podem ficar lá em momento de lazer para poder descansar, para poder conversar. Eu fui alguns anos atrás em Curitiba, fiquei espantada como os parques de lá são bem cuidados, é um patrimônio, é um patrimônio da cidade, né? Faz gosto você ficar naqueles parques, e aqui só o Parque da Cidade que tá bacana, eu soube também que o Parque de São Bartolomeu diz que sofreu uma manutenção e tá bem bacana. Mas o Parque de Pituaçu, não sei o que é que os gestores pensam, né, porque deixou o parque daquele jeito.

C: Essas memórias que a senhora tem levam a senhora a pensar em como é que a senhora gostaria que fosse a rua e a cidade?

RP: Sim. Eu achava que hoje, você vê, as crianças não podem mais brincar na rua, e eu não estou falando nem da questão da pandemia, mas a questão mesmo da violência. Quando eu era criança, a rua para mim era brincadeira, era diversão. “Mãe, posso brincar na rua?”, sabe? Você ia para rua brincar, você só tinha que voltar no horário que a mãe mandou, mas você brincava na rua. Hoje você vê que as crianças ficou muito presas ou no computador, no celular e às vezes é medo mesmo, né? Que o pai, a mãe, têm medo que eles vão brincar na rua. Então a rua podia ser bem ocupada, né? Com poesia, praças com poesias, com arte, com contação de história, sabe? Com cor.

C: Como é que foi a sua infância na cidade, né? Falando aí dessa diferença que a gente vê das crianças cada vez menos na rua. Uma coisa que eu percebo também da minha infância, eu cresci brincando na rua, de roda, de esconde-esconde. Hoje eu não imagino um adulto responsável deixando criança brincar de esconde-esconde nas ruas de Salvador. A senhora pode falar um pouco sobre essa infância na cidade, sobre o que é que a senhora fazia como eram as brincadeiras?

RP: Eu morava num lugar que era tipo uma Avenida de barro e não entrava carro, era fechada, não tinha saída. E no final da rua tinha uma ladeirinha assim pequena, e tinha uma horta, né? Então a gente brincava de pegar piaba, a gente subia no pé de araçá, tinha um negócio de um sino que a gente subia também. Então a gente brincava de fura-pé, esconde-esconde, de roda, aquelas brincadeiras de anel, de melancia. “Eu sou pobre, pobre, pobre, de marré, marré, marré”...

C: “Eu sou pobre, pobre, pobre de marré descí”. [trecho inaudível]

RP: A gente brincava. Então tinha aquela turminha. Eu lembro também que eu saía. A gente assim, sabe? Tipo adolescente, ia para outro bairro [trecho inaudível] ia para outro bairro andando. Eu estudava no Barbalho e eu ia para escola andando e voltava andando. Quando eu fiquei maiorzinha, com onze anos, eu já estava voltando sozinha, com onze ou doze anos.

C: A senhora sente falta desses momentos?

RP: Sim, sinto. Eu me sentia mais livre, né? Você não tinha medo. Aquele medo, assim, sabe? Hoje você sente medo. A questão da violência, que cresceu muito. **C:** O medo é por causa da violência?

RP: É, da violência. Eu não me sinto, assim, segura. Olhe, quando eu fui trabalhar

em Feira de Santana eu estudava na UEFS, eu ia de moto com m colega meu para aula, e voltava. [trecho inaudível] de moto com ele, e às vezestinha um ônibus que levava a gente para lá para universidade. Só que aí ele não morava no mesmo bairro. Ele me deixava num ponto, e aí desse ponto eu pegava um ônibus para ir para casa que eu morava lá em feira. E eu ia tranquilamente, eu nunca pensei “Como é que eu vou voltar?”. Eu estudei na Fundação Visconde de Cairu, na Faculdade Visconde de Cairu, que é no Centro da cidade. Eu voltava da faculdade de ônibus 22:00, 22:30. Normalmente tinha um colega meu, que morava lá na cidade baixa também, que me dava carona, mas quando não, eu pegava meu ônibus e vinha “mimbora”. A gente anda da Fundação até a Lapa para pegar ônibus, e eu nunca vi ninguém da faculdade falar que foi assaltado. Hoje em dia deve ser completamente diferente.

C: Nesse momento a senhora morava onde, quando a senhora conta essas histórias?

RP: Na cidade baixa, no Jardim Cruzeiro.

C: Depois que a senhora cresceu, a relação da senhora com a rua mudou?

RP: Olha, eu morei até 16 anos nessa outra rua que eu te falei, né? Que era, assim, mais família, a gente brincava muito, aí com 16 anos é que eu fui para cidade baixa. E aí foi também quando eu entrei na escola técnica. Aí quando eu entrei na escola técnica eu fica mais focada mesmo era em estudar, entendeu? Então eu não saía muito, não. Eu ficava mais era estudando, eu ficava mais eranos papéis ou então na biblioteca. Na biblioteca da escola técnica, na biblioteca central, eu ficava mais nisso aí. Na rua, eu não andava muito, não. Assim, andava só para poder me deslocar e fazer as minhas coisas, mas na minha rua, mesmo, eu não andava. Eu andava sim, mas não ficava de bobeira lá, não.

C: E quando foi que a senhora voltou para rua, né? Porque a senhora me conta que passou uma infância na rua, e aí na adolescência isso para um pouco por causa dos estudos, mas depois a senhora reencontra na rua essa arte, essa poesia, esses deslocamentos todos que a senhora conta, né? Como foi esse retorno para rua?

RP: Foi com o nascimento dos meninos, né? Eu queria que os meninos tivessem essa mesma experiência que eu tive, né? Então eles, às vezes a gente brincava na rua, tinha dia que era dentro de casa, mas acabava tendo a [trecho inaudível] rua também, e a questão dos passeios. Porque meu pai e minha mãe, eles faziam questão de levar a gente muito para passear. Então, a gente ia para... Domingo era dia de passeio em família, e aí eu levei isso também para os meus meninos. Aí a gente ia

para igreja do Bonfim, ia para circo, ia para parque, ia para praia, ia para Itapuã, ia para o Parque de Exposição [que já existia], ia para vaquejada [que na época tinha uma vaquejada, a gente ia], sabe? Ia para alguns pontos turísticos de Salvador, a gente ia. Meu pai sempre fazia isso, levava a gente para passear, ia para cinema, então para mim Domingo é passeio. Aí a gente sempre fazia isso, ia tomar um sorvete. Aí quando eu fiquei adolescente, eu saía também, né? Mas não tanto, porque eu me focava mais em estudar, mesmo.

C: Como é que essas memórias da senhora, com as ruas e com a cidade, o que é que essas memórias trazem à tona quando a gente pensa em Salvador hoje, nas ruas hoje, né? Como é que a senhora se sente quando a senhora pensa nessas coisas? O que é que a senhora acha disso?

RP: Eu vejo um contraste muito grande, porque eu acredito que quando eu era menor, as ruas eram mais limpas, o barulho não era tão grande também, sabe? As músicas que os vizinhos escutavam eram diferentes, a gente ouvia muito Caetano, Gal, sabe? MPB, Roberto Carlos e tal. E hoje, as pessoas escutam muito, assim, pagode, funk e é muito alto. É uma coisa assim muito alta, muito insuportável mesmo. Aqui, graças a Deus, eu não sofro isso, não tem essa barulhada, não. Mas às vezes não tá perto de mim, tá longe, mas eu vejo que tá tendo um barulho bem alto, bem forte. Às vezes você tá andando assim, né, por algum lugar, você vê “Meu Deus como é que as pessoas conseguem estar dentro de casa com aquele barulho todo?”. Invade o outro, invade o outro! Eu tenho uma amiga, que ela diz que ela não consegue estudar, que ela não consegue assistir televisão, porque o vizinho dela só ouve música [trecho inaudível]. Então você vê que tem a poluição visual, tem a poluição sonora, tem a poluição que você vê lixo pela rua. Então isso tudo é muito chato, né? Eu...

C: O que é que... não, pode continuar.

RP: Eu acredito que parece que normalizou esse tipo de comportamento, o comportamento de não se preocupar com a limpeza da rua, não se preocupar com o seu vizinho que não quer escutar essa barulhada, né? Tudo isso.

C: O que é que a senhora acha que mudou, olhando daqui para trás? O que foi que mudou na rua, em como as pessoas ocupavam as ruas e a cidade?

RP: Uma coisa também que eu percebo, é que antes as casas eram térreas, né? E as casas, elas tinham quintal. Hoje em dia, todo o terreno tá sendo ocupado com imóvel. Eu percebo que tem aquela casa térrea, que é a casa original, né? E aí o filho

casa e vai morar em cima, e aí o outro casa e vai... então, você vê que Salvador, ó, ela se verticalizou, né? Até [trecho inaudível] bairros, você vê que não são apartamentos, né, mas são casas com vários andares. E também a questão dos apartamentos. Você vê a Paralela antes, você deitava na Paralela até passar um carro e não passava, né? E a Paralela tinha o que? Tinha o Centro Administrativo, tinha o Parque de Exposição. Hoje, a Paralela, você pega engarrafamentos terríveis, porque a Paralela tá cheia de condomínios [trecho inaudível] pessoas que têm o que? Têm carro! Então fica aquele caos, isso muito. E você vê que a mata, a mata original tá sendo devastada. E aí as pessoas “Ah, porque entrou uma cobra na minha casa”, “Porque tinha um barbeiro”, mas na verdade as pessoas ocuparam esses [trecho inaudível]. Então o que aconteceu foi que, antigamente era proibido construir prédios na orla, hoje você vê que eles estão construindo. Tem um prédio ali também, pertinho do Parque de Exposição... do Parque de Exposição não, do Parque de Pituacu, né, aqueles prédios enormes ali, horrorosos, que deixa a cidade feia, que também faz o que com a ventilação, né? Salvador ficou um forno, né? Ficou uma cidade quente, porque um monte de prédio, e aí o ar não circula. Aquele arzinho gostoso que vem do mar, que vem das dunas, né, ó...

C: Parede.

RP: Encontra isso aqui.

C: Como é que a senhora vê a relação das crianças com a rua hoje?

RP: Então. Eu não tenho mais criança, né? Mas eu convivo muito com as crianças e você vê no falar delas, às vezes eu to contando história, aí eu falo sobre alguma brincadeira e elas não conhecem. E aí eu pergunto para elas assim “Olha, do que é que vocês gostam de brincar? Vocês gostam de brincar de que?”, elas dizem logo “De celular. Do celular, de jogo no celular, de jogo no computador”. Tem um menino, né, que eu fui dar um presente para ele, até quando ele tinha sete anos, oito anos, era super fácil. Eu comprava um brinquedo, criança gosta de que? Brinquedo. Aí eu fui falar “Ah, eu vou comprar um presente para seu neto”. Aí ela fez assim “Ah, não sei o que é que a senhora vai dar, porque ele não quer mais brincar, ele tem nove, ele só fica o tempo inteiro no celular”. Eu digo “Ah, então vou dar uma roupa”, né? Ah, mas tem que ser a roupa... Ele gosta de que personagem de desenho animado?”. “Não, não gosta mais, de desenho animado não”. “Super-herói?”. “Não, é um jogo, sabe? É um jogo cheio de arma, o jogo”. Então ele queria uma camisa que tivesse esse jogo. Então você percebe que as crianças, elas não brincam. Se elas não brincam,

elas não socializam mais, como elas socializavam antes. Porque, na verdade, o brincar é o aprender. No brincar você vai aprendendo a convivência social, você vai aprendendo a expressar suas emoções, você vai aprendendo a interagir com outro, né? Você dentro de um todo, você dentro de uma sociedade, e a criança solitária, só ela e o celular, é diferente. Por isso eu acho importante a contação de história. A contação de história faz com que a criança consiga sair, né, dessa solidão, dessa falta de criatividade, porque às vezes o jogo tá lá, pronto. Eu não sou contra a Internet, eu acho que a Internet tem uma importância enorme. Hoje a gente vê, na pandemia, são as lives, são os vídeos, são aquelas facilidades de você querer se comunicar com alguém e você consegue, quem tá longe. Mas a questão é o saber usar. Eu acho que às vezes é como se aquele mundo virtual [trecho inaudível]. É como se você vivesse naquele mundo virtual. Então a rua já não tem tanta importância. As pessoas não têm, é tudo um avatar, sabe? É toda uma paisagem virtual. Eu acho isso, que as crianças estão muito assim. Aí eu tenho uma mala, que é uma mala que tem brinquedos antigos, brinquedos do tempo da vovó. Aí eu mostro esses brinquedos “Como é que brinca com isso?”, né? E aí eu vou mostrando para eles e você vê que eles se interessam em saber, em conhecer, eles ficam loucos, eles querem pegar, sabe? E às vezes falam “Ó, mas criança não gosta de livro”. Não gosta de livro por quê? Porque não vê o exemplo, se o pai não lê, se a mãe não lê, se a mãe tá ali o tempo todo, e o pai, no celular, como é que a criança vai gostar de ler? Não vai, não tem como! E também a questão de música, a música, né? O que é oferecido para criança? O que é oferecido, o que é que ela escuta? [trecho inaudível] É muito difícil, né? Você vê que a infância é uma época maravilhosa, né? É uma época de você conhecer, de você aprender.

C: Diante disso que a senhora falou, diante desse mundo virtual que as crianças estão envolvidas, desse mundo de avatar, que a rua já não se torna mais tão importante, né? Como é que a senhora imagina o futuro da rua e da cidade?

RP: É como se a rua e a cidade sumissem para poder você transitar, certo? Se você tá aqui, e aí você tá em casa, você quer ir para escola, né? Então você nem tá olhando aquele caminho, aquele caminho nem existe, é só você chegar ali. Tem criança que nem... uma vez eu fui num prédio, e eu perguntei por uma pessoa e ninguém sabia, as pessoas não se conhecem, sabe? Elas tão morando ali, pertinho, mas não sabem, uma, quem é a outra. Então eu acho que as ruas vão ficar só isso, mesmo. Aquela coisa de você... você vai na rua, tem que ter um objetivo para você estar lá, se não,

não vale, não vale a pena. Você vai comprar, você vai, sabe? Mas você não vai aproveitar o que é a rua, você não vai conviver, você não vai conhecer gente, essas coisas todas. E a rua, eu acho que ela já é hoje em dia olhada como um lugar hostil. Um lugar que é perigoso. **C:** Por causa da violência?

RP: Por causa da violência.

C: Pensando nisso - faltam só três perguntas, eu sei que a gente se alongou um bocadinho, mas é porque é muito bom ouvir a senhora falando, tem muito panopara manga, para puxar. Uma eu queria saber qual seria a rua e a cidade dos sonhos da senhora, né? Nos seus sonhos, como seria a rua e a cidade perfeita?

RP: Ah, ói, ia ser uma cidade, ou ia ser uma rua, uma cidade, né, onde as pessoas pudessem ser respeitadas, a forma dela ser, sabe? Dela querer se vestir. Que uma pessoa que é do candomblé, que ela pudesse caminhar com suas roupas, com seus torsos, sabe? E as pessoas que são homossexuais, que gostam de usar roupas coloridas. Se o homem quiser usar saia, que use, aquela coisa de você respeitar o outro, ou você poder caminhar sem se preocupar com a forma de estar vestido, você pode ser violentado, você pode ser agredido pela forma que você tá se vestindo. E eu senti isso na pele, sabe? Eu lembro que nas eleições para presidente, eu me senti segura por estar com uma camisa vermelha, imagine. Estar com um boton "Lula Livre", entendeu? Eu me senti segura, em Cachoeira. Eu me senti segura, mais que em Salvador. Então você às vezes quer se vestir de uma forma que as pessoas estão lá julgando você e não só julgando. Elas estão lá e podem agredir você por causa disso. Ainda tem as questões também dos assaltos, né? De limpeza, da cidade, de não se importar com a conservação da cidade, sabe? Aqueles prédios horrorosos, que estão enfeando a cidade, né? Que não tenha tanto desses prédios, que tenha uma lei que realmente seja respeitada. Para não construir prédio na orla, para não construir prédio que vá manchar uma paisagem bonita, como essa estação elevatória vai manchar a imagem do Abaeté, sabe? Que se respeite a natureza, porque eu acredito até que essa pandemia, né, é uma resposta também da natureza para tudo que tá acontecendo. Porque não existe respeito, as matas estão sendo destruídas, né? Você vê, tem lugar aí que não era para ser construído casa, não era para ser construído prédio, porque tá acabando com a mata. E a mata é que traz um clima bacana para gente. Eu sinto muita falta das árvores nas ruas. As árvores estão sendo cortadas. Então, é tão importante uma árvore numa rua. Eu preferia até que tivesse ruas arborizadas, cheias de árvores, porque a árvore dá sombra, né, tão

bacana. Às vezes você tá no sol, tem aquela árvore, então diminui ali a temperatura. Então, poxa, só asfalto, só concreto, e as árvores? E o verde da cidade, né? Então eu queria que tivesse tudo isso, que as crianças pudessem brincar novamente nas ruas, que a gente pudesse sair, pudesse sentar para poder conversar na rua, esse tipo de coisa.

C: E a tecnologia? Como é que a tecnologia entra aí? Ou não entra?

RP: Eu acho que a tecnologia, se ela for bem utilizada, eu acho que dá para poder equilibrar. O que falta, muitas vezes, é equilíbrio, sabe? Eu uso celular, eu acho importante, to aqui falando com você. Se não fosse o celular, a gente não estaria fazendo essa entrevista. Imagine a pandemia sem internet, sabe? Você tá vendo a importância da Netflix para você assistir filme do computador? As pessoas trabalhando em home office, né? Então, é importante? É, hoje em dia. Eu ficava sempre com um dicionário na mão, que eu estava lendo, não conhecia uma palavra, ia lá no dicionário. Você pega o celular, coloca lá, você já sabe direitinho o que é. É importante? É. Só que o celular não pode ser um apêndice da pessoa. Tem gente que se não tivesse celular, se a pessoa ficar sem celular, a pessoa se desespera. Era como se estivesse faltando um órgão, um órgão essencial. Isso aí não é desse jeito, né? Eu passei, no ano passado, alguns dias em Igrapiúna, na zona rural de Igrapiúna, que eu fui fazer um curso, né, com os professores da zona rural, sobre a arte de contar histórias. E lá não tinha sinal de celular, e eu sobrevivi. A gente acordava com o canto dos pássaros, entendeu? À noite, sabe, nem tinha televisão onde eu estava, e aí eu li, conversei, dormi, foi maravilhoso. Agora, eu vou dizer que não é importante? É importante, sim! E é uma ferramenta que a gente pode utilizar para educação, para saúde, hoje mesmo minha mãe tá tendo tele consulta médica, ela é idosa do grupo de risco. Então tem essa facilidade. Eu recebi meus exames de laboratório pela internet. Vai dizer que isso é ruim? Não é! Eu acho que a gente às vezes tem uma visão muito maniqueísta do mundo, e também das coisas. É como se tivesse só o bem e o mal. Ou é bom, ou é ruim. E isso daí não é verdade. A gente tem que analisar, tem que equilibrar, sabe? Porque dá para poder harmonizar as coisas, eu acredito nisso.

C: E qual seria a cidade dos pesadelos, né? E a rua do pesadelo, no maior pesadelo da senhora, o que é que aconteceria agora com nosso futuro, aí?

RP: Então, seria uma rua violenta, né? Com violência urbana, com muito barulho, muito som alto. Eu gosto de dançar pagode, sabe? Quer dizer, nem sou eu, é minha

palhaça [nome não identificado], ela gosta de pagode, ela gosta de funk e a gente dança tudo isso, mas não dança com o volume lá nos mundos, e também com letras depreciativas que depreciam a mulher, sabe? Com uma coisa, assim, vulgar. Não! Não precisa isso, né? Porque a cultura não é só o que eu gosto, a cultura pode ser o que o outro também gosta. Só que esse outro tem que respeitar, né? Respeitar os meus ouvidos, respeitar a minha condição de mulher, sabe? Então seria essa rua, cheia de prédios horrorosos. Eu to lendo um livro, olha eu vou dizer. Eu to lendo o livro “1984”, aquelas ruas, o livro de “1984”, aquelas ruas de Londres, da fictícia, da [trecho inaudível], ali para mim seria um pesadelo. Porque tudo é um ambiente sórdido, é um ambiente nocivo, que você vê as pessoas, elas são como se fossem lixo nas ruas, né? Ninguém olha, ninguém enxerga, sabe? Como se aquelas pessoas fossem invisíveis. Então são pessoas que precisam morar na rua. São os prédios que não dizem nada, que não conta história nenhuma. É aquele patrimônio cultural, aquele patrimônio bonito todo sendo destruído para dar lugar a esses prédios. Então, para mim, seria tudo isso. Seria aquele barulho, insuportável, essas coisas. Engarrafamentos.

C: Existe alguma diferença quando a senhora está na rua sozinha e acompanhada?

RP: Existe.

C: Como é isso?

RP: Então. Quando eu to sozinha, né, assim, quando eu to de boa, é ótimo que eu to observando as coisas, se eu quiser parar eu paro. Se eu tiver com outra pessoa eu vou ter que, né, ir no ritmo da pessoa. Mas em determinadas situações, a gente tendo outra pessoa de companhia, a gente se sente até mais seguro, né, de ter uma pessoa conhecida ali. Mas na questão, assim, de parar, de observar, de olhar, de sentar. Você tá assim “Ah, vou sentar aqui”, sabe? “Vou sentar aqui um bocadinho nessa praça”, e aí é bom isso, a liberdade também, às vezes.

C: Para finalizar, nossa entrevista, tem alguma coisa que eu não perguntei, que a senhora queria deixar registrada?

RP: Não, assim. Eu queria deixar registrado era isso, né? Era, assim, as pessoas pensarem mais na natureza, né? Nós temos que conservar os parques. Salvador é uma cidade que tem poucos parques, e os poucos parques que tem não estão sendo conservados, né? Salvador é uma cidade lindíssima, e aí o que é que ele faz? Ele pega um rio e, em vez de pegar aquele rio e revitalizar, porque o rio é vida, ele pega aquele rio e, ó, passa cimento em cima do rio. E aí quando tem enchente “Ah,

porque a culpa é do rio, é da natureza, que não sei o que”, né? Porque [trecho inaudível] e as pessoas jogam lixo no rio e aí aquela coisa toda, né? A falta de vento, faz muita falta. Árvores na rua, a gente tá precisando disso. E eu acho que a arte, também, de rua, ser mais valorizada, ser mais considerada, sabe? Aquela coisa que é [trecho inaudível] ter mais incentivo também, eu acho importante. Para poder a gente ter uma cidade que a gente goste, que a gente tenha orgulho de morar e se sinta bem. As nossas praias que são lindíssimas, mas eu ia caminhar na orla, dia de segunda-feira, eu nunca ia pela areia. É tanto lixo que jogam, que não tinha como você passar.

C: [Suspiro] Complicado, mesmo. Rosana, muito obrigada. Eu vou encerrar a gravação da entrevista, mas a gente pode ir conversando um pouquinho. É só para dizer que eu vou interromper a gravação.

Entrevista 3: O que é isso a rua para uma aposentada?

Caroline Vaz[C]

Entrevistada 3 [E3]

E3: Meu nome é Entrevistada. Minha idade: eu tenho 62 anos. E o gênero é feminino.

C: Até que série a senhora estudou ou a senhora ainda estuda?

E3: Segundo grau. Estudei até o segundo grau.

C: A senhora hoje trabalha?

E3: Sou aposentada.

C: Antes de se aposentar, a senhora fazia o quê?

E3: Eu trabalhei por 35 anos como auxiliar de enfermagem.

C: E como foi essa experiência profissional? A senhora gostava do que fazia? Como era?

E3: Muito, muito. E eu costumo dizer.. [conexão travada]. Se eu tivesse que fazer, eu faria tudo de novo.

C: A senhora mora onde?

E3: Eu moro em Mussurunga. Aqui em Salvador, no bairro de Mussurunga.

C: A senhora mora em casa ou apartamento?

E3: É casa de andar e eu moro no primeiro andar. É casa, casarão.

C: E é imóvel próprio ou é alugado?

E3: Próprio.

C: A senhora mora com quantas pessoas?

E3: Dentro de casa são 3 pessoas. Eu moro com Wellington e meu neto que fica aqui comigo direto.

C: Quando a senhora se desloca na cidade os seus deslocamentos são para perto ou para longe de casa?

E3: Atualmente tem sido para perto. Tudo o que eu tenho que resolver, eu procuro fazer tudo próximo à minha casa.

C: Por quê?

E3: Porque a dificuldade hoje é muito grande. Por motivos, inclusive, de transporte. Atualmente, né? Por causa dessa pandemia a gente se guardou muito mais. Eu tenho me guardado.. [problemas com a conexão].

*Interrupção por problemas na conexão dos 6min até 7min20s

C: Eu ouvi a senhora dizer que estava difícil, que estava com dificuldade.

E3: Exatamente, foi. Mas a dificuldade surgiu depois da pandemia. Porque, por causa da pandemia, a gente teve que se resguardar mais. Eu, em parte, me resguardei mais. Porque a gente se desacostuma de estar na rua. Eu antigamente andava mais, subia, descia, resolvia minhas coisas. Entendeu? Mas hoje eu estou procurando os lugares mais próximos exatamente para não sair. Eu tenho evitado sair por causa de tudo o que tem acontecido atualmente.

C: E antes da pandemia os deslocamentos da senhora eram mais para longe?

E3: Como? Repita aí, por favor.

C: Antes da pandemia a senhora se deslocava mais para longe de casa?

E3: Me deslocava. Se eu tive que ir numa consulta, por exemplo, na Lapa, eu ia para o shopping [...]

C: Por quê?

E3: Porque eu saía?

C: Sim.

E3: Porque tinha mais possibilidade, eu tinha mais chance.

C: Como assim?

E3: Eu ia para o shopping lá na Avenida Sete, eu ia comprar alguma coisa. A nível de distração, de tudo, eu saía. Se tivesse de dar uma volta no Centro da cidade eu ia. Apesar de todo o perigo, porque eu acho muito perigoso. Você está me entendendo?

C: Sim.

E3: Mas eu ia. Eu só nunca fui de sair à noite, mas durante o dia eu sempre fui muito movimentada. Sempre gostei dessa comunicação, desse movimento de sair.

C: Quais são os principais motivos de a senhora se deslocar na cidade?

E3: Médico, principalmente médico. Entretenimento, eu gosto de passear no shopping, fazer compras no shopping, descobrir uma promoção, uma liquidação, para estar na rua.

C: O que é estar na rua para a senhora?

E3: Oi?

C: O que é estar na rua para a senhora?

E3: É dar uma saidinha [risos] para passear, para relaxar. Porque a gente em casa fica muito com a cabeça fica fixada só para dentro de casa. E quando a gente está na rua vê pessoas, fala com pessoas, a gente relaxa um pouco [trecho inaudível]. É diferente, é bem diferente.

C: Como é que a senhora se desloca na cidade antes da pandemia e agora na pandemia?

E3: Agora na pandemia eu não vou. Agora na pandemia sem chance. Tudo o que eu tenho que fazer eu faço aqui por perto. Porque na realidade eu posso fazer por perto. Você está entendendo?

C: Sim.

E3: Hoje em dia é aqui por perto mesmo.

C: E aí por perto a senhora se desloca como? A senhora vai andando, vai de carro, vai de ônibus, como é que a senhora faz?

E3: Andando e de carro. Por exemplo, aqui no bairro é andando. Aqui no bairro eu me desloco andando para tudo o quanto é canto. Para mim faz bem, é ótimo. E para médico – eu vou falar de médico, porque eu sempre estou andando em médico – eu vou no mais próximo que ou é em Itapuã ou é no bairro de Cajazeiras. Eu vou de transporte, eu vou de carro. Geralmente eu vou de carro. Tem muito tempo que eu não pego ônibus.

C: Antes da pandemia a senhora pegava ônibus?

E3: A época que eu mais peguei ônibus foi quando eu trabalhava, mas eu tenho 6 anos que estou aposentada. Geralmente quando eu saio, eu saio de carro, Antes da pandemia eu já saía de carro com os meninos, meus filhos. Antes da pandemia mesmo.

C: Como são essas caminhadas a pé, aí por perto, para a senhora? Antes da pandemia e agora, mudou alguma coisa? Como é isso?

E3: Para sair aqui no bairro não mudou nada não. [inaudível por problemas na conexão]. Eu faço minhas caminhadas. Agora, eu faço dentro de uma limitação, porque surgiu restrições e para a minha proteção eu não saio em ambientes, assim, muito cheios. Eu me guardo em cima disso. Por exemplo, vou lhe dar um exemplo da minha rotina. Pela manhã: pela manhã eu tenho o hábito de jogar lixo fora. Por que eu faço isso? Porque no momento em que eu acordo, pego meu lixo que eu vou jogar fora, eu caminho. O meu objetivo é esse, caminhar. É um momento que não tem muita gente na rua. Eu posso andar mais despreocupada. Vou na padaria,

aproveito que já estou com o dinheiro do pão na mão, já atravesso a rua, vou na padaria e compro o pão. Se eu tiver de comprar alguma coisa nos mercadinhos aqui de perto, eu já faço tudo isso pela manhã. Pronto, eu volto para casa para fazer as minhas coisas, mas eu já volto bem. É aquele voltar com aquela sensação de dever cumprido de estar bem. E é assim minha rotina. Pela manhã eu faço isso praticamente todos os dias de manhã e continuo fazendo. Você está entendendo?

C: Qual é a importância dessas caminhadas para a senhora? De sair na rua?

E3: A importância?

C: Sim.

E3: Para mim psicologicamente. Eu vejo pessoas, os vizinhos. Se tiver que falar eu falo com um, falo com outro. Para mim é importante para a minha mente, para a minha cabeça. Eu fico super bem. Eu só não fico bem se eu ficar isolada sem me comunicar com ninguém, aí me bate uma angústia. Conversar com uma pessoa, falar um “tudo bem? Como é que vai?” é bom. Ver pessoas, falar com pessoas faz muito bem para mim.

C: É só nessas caminhadas no bairro que a senhora anda a pé?

E3: É.

C: Quanto tempo mais ou menos a senhora leva nessas caminhadas de manhã?

E3: ... [problemas na conexão]

C: Quanto tempo a senhora leva nessas caminhadas?

E3: ...

C: Dona Entrevistada?

E3: De meia hora a quarenta [...]. Da minha saída até voltar para [...]. Oi.

C: É porque travou para mim e eu não ouvi a senhora.

E3: Eu acho que uns trinta a quarenta minutos.

C: Todo dia?

E3: Eu acredito [...]

C: Estou ouvindo, estou ouvindo.

E3: Nessa caminhada são uns trinta a quarenta minutos na rua.

C: E o que é que a senhora repara na cidade nesses momentos de deslocamento?

O que é que a senhora repara? O que é que chama a atenção da senhora?

E3: Não entendi. Não entendi.

C: O que chama a atenção da senhora nesses deslocamentos na cidade?

E3: No bairro? No meu bairro?

C: Sim. Quando a senhora sai para fazer as caminhadas o que é que chama a atenção?

E3: No meu bairro?

C: No bairro. Sim, no bairro.

E3: No meu bairro eu sinto, assim, quando eu saio no meu bairro, eu vejo as pessoas falarem “no meu bairro eu me sinto mais tranquila”. Porque mais tranquila? Porque praticamente eu conheço todo mundo. Tá ruim [a conexão].

C: Estou te ouvindo.

E3: Eu conheço todo mundo no meu bairro. No meu bairro eu praticamente tenho a sensação de tranquilidade. Não é que o bairro seja tranquilo, mas eu acho que está tudo bem. Porque eu conheço as pessoas. Todo lugar que eu vou, eu vejo pessoas conhecidas. Apesar de que eu sei que o perigo ronda em todo lugar. Mas eu tenho mais a sensação de tranquilidade no meu bairro.

C: E quando a senhora está andando pelo bairro o que é que a senhora repara nessas caminhadas? O que é que chama a atenção da senhora?

E3: As pessoas indo e vindo. Hoje em dia que as pessoas não estão mais tão guardadas, eu vejo as pessoas saindo para trabalhar. Aquele mesmo movimento de “sobe e desce” para trabalhar. Eu vejo, por exemplo, o povo primeiro se deslocando para trabalhar, a gente encontra os pontos de ônibus cheios das pessoas indo e vindo para trabalhar. É uma das coisas que eu percebo muito, o movimento do pessoal para o trabalho.

C: E fora isso?

E3: Fora isso são pessoas da minha idade mesmo. Alguns caminhando por questão de fazer exercício. Vejo o povo indo, muita gente, para as academias. É o que rola muito pela manhã. De manhã cedo é o pessoal indo e vindo para a academia também. Pessoas entrando no mercado, saindo do mercado, padaria, essas coisas.

C: E quando a senhora em outros momentos, a senhora costuma reparar na rua, a ficar olhando a rua?

E3: Costumo. Aí já é aqui da minha casa.

C: Como é que a senhora faz isso?

E3: É assim muito raramente. Geralmente no entardecer. Porque durante a tarde no sol muito quente eu não faço isso, porque eu costumo descansar de tarde. Tipo assim, de tardinha. Eu vejo novamente, eu fico do muro e vejo o pessoal subindo e

descendo, chegando do trabalho, a mesma rotina da manhã. Voltando das academias, descendo para as academias. Eu vejo crianças na rua. É isso que eu observo assim.

C: E como é que são essas crianças na rua? Elas estão brincando?

E3: Brincando.

C: Elas brincam muito aí na rua?

E3: Brincam.

C: A senhora vê alguma diferença, assim, se hoje brinca mais ou se hoje brinca menos de quando a senhora chegou no bairro?

E3: Com certeza. [problema na conexão] Hoje é muito pouco. [inaudível por problemas na conexão]. Deixa sua criança brincando, vai na cadeira, para lá e para cá como antigamente. Geralmente o pai, a mãe ou o tio está sempre de olho ali. Mas são poucas crianças em relação ao passado. No passado os meninos brincavam muito na rua. Hoje em dia é impossível, não existe essa possibilidade mais. Eu acredito que até independentemente da pandemia não existe essa possibilidade mais. [resposta incompreensível por problemas da conexão]

C: Por quê?

E3: Por causa da violência. A violência tá muito [problemas na conexão] e a insegurança predomina.

C: E as crianças quando brincam, brincam de quê?

E3: [silêncio]

C: Quando as crianças estão brincando, elas brincando de quê?

E3: Geralmente correndo para lá e para cá. [problema na conexão] Brincando de bicicleta. Eu vejo muito de bicicleta. De que elas brincam, não é isso?

C: Isso.

E3: Geralmente é de bicicleta. Brincam na rua de bicicleta.

C: E o que é a insegurança que a senhora está falando?

E3: É a marginalização. A marginalização está tomando conta dos bairros e aqui não é diferente. Aqui em Mussurunga não é diferente. Então não existe a possibilidade de as pessoas estarem mais como antigamente, à vontade batendo papo. Nem um vizinho com o outro, não existe mais essa possibilidade. Eu digo a você que eu vejo, porque eu moro no primeiro andar. Então eu estou do muro, eu vejo o que se passa. E se eu morasse no térreo talvez eu não tivesse essa chance de ficar de fora – você está entendendo? – observando. Observe que eu moro num lugar [inaudível por problemas na conexão].

C: Como é que era essa vida na rua antes de ficar na porta? Quando é isso? Quanto tempo tem?

E3: Antigamente?

C: Sim.

E3: Antigamente a gente podia chegar na porta, conversar com o vizinho, dar papo. Nossas crianças poderiam correr de lá para cá. Antigamente brincavam muito de picula e de se esconder. Hoje em dia nem pode brincar de se esconder porque a gente tem medo de sumir. Sumir. Por quê? Por causa da violência, o perigo ronda todo o tempo. E antigamente não era assim. Antigamente era.. [problema na conexão] as coisas eram muito mais difíceis de acontecer. Antigamente, eu vou dizer a você uma coisa. Eu tenho 30 anos morando em Mussurunga. E há 32 anos atrás quando moro aqui, meu marido saía comigo a gente uma da manhã, uma e meia, a gente estava na rua conversando, passeando, geralmente, vindo de algum lugar, de algum bar, e ninguém falava nada, ninguém dizia nada e nem se aproximava. Hoje em dia não podemos fazer mais isso, não existe essa possibilidade. A gente está guardado dentro de casa mesmo. Tem que cedo estar em casa, cedo tem que estar se guardando. Isso é independente da pandemia. Tem que estar se protegendo, saindo de noite muito pouco, só quando há necessidade. É assim que a gente vive hoje em dia.

C: As crianças da senhora brincavam na rua?

E3: [pausa longa] Brincavam, brincavam.

C: Brincavam de quê?

E3: [silêncio]

C: Brincavam de quê? Suas crianças brincavam de quê?

E3: Brincavam de picula, de esconde-esconde, ficavam agrupados batendo papo, conversando uns com os outros, com os amiguinhos, os colegas da rua [problemas na conexão], da mesma rua, ficavam aqui.

C: E hoje não ficam mais?

E3: Hoje não existe essa possibilidade.

C: Por causa da violência?

E3: Por causa da violência, é.

C: A senhora sente falta desse tempo?

E3: [Problema na conexão]

C: Não ouvi. A senhora sente falta desse tempo?

E3: Com certeza. Com certeza.

C: Por quê?

E3: Porque [problema na conexão]. Sabemos que acontece.

C: Travou, eu não ouvi o que a senhora falou.

E3: Eu estou dizendo, por causa da violência, a marginalização tomou conta dos bairros de Salvador. O bairro de Mussurunga [problema na conexão]. Mas que nós nos sentimos inseguros. A insegurança tomou conta, então ninguém se sente à vontade para muita coisa.

C: E a senhora quando era criança brincava na rua?

E3: Muito. Muito mais do que meus filhos. Quanto mais o tempo passa mais piora, essa é a realidade.

C: E como é que a senhora acha que vai ser a rua no futuro, a relação das pessoas com a rua?

E3: [silencio]

C: Como é que a senhora acha que vai ser essa relação das pessoas com a ruano futuro?

E3: Minha querida, se não houver uma [...]. Como será no futuro? [pensativa]. Eu não tenho perspectiva nenhuma, porque eu acho que a tendência das coisas é piorar se, como eu posso dizer, a área administrativa do nosso país, da nossa cidade, as nossas autoridades não fizerem nada, porque a gente não vê acontecer nada a nível de progresso até educacional. Se tenta, não vou dizer avocê que não se tenta. Mas a nível, assim, governamental, para tomar a frente, para ajudar à população, eu não consigo ver. Pode ser até ignorância minha, mas eu não consigo ver as coisas sendo feitas a nível, inclusive, de educação para as pessoas melhorarem.

C: E a senhora acha que vai ser como? A senhora acha que no futuro ainda vai ter criança brincando na rua? Que as pessoas vão andar na rua? Como é que a senhora acha que vai ser isso?

E3: Não acredito nisso. Eu não acredito que vai ter criança brincando na rua. Hoje em dia nós já criamos nossas crianças dentro de casa. Porque a gente já cria nossos filhos, eu por exemplo, com meus netos [problemas na conexão]. No futuro não vai ter essa chance de brincar na rua, de correr para lá para cá. Essa liberdade eu não sei como vai ficar, mas eu não acredito que as pessoas vão ter essa liberdade, porque, na realidade, eu não acredito muito nas mudanças, porque eu não vejo. Entendeu? Eu não vejo.

C: Estou entendendo. Então quando a senhora fala que rua é liberdade, rua é liberdade por quê?

E3: Como assim?

C: Porque uma das palavras que a senhora escolheu para falar de rua foi “liberdade”. Então o que que é essa liberdade que a senhora fala quando pensa em rua?

E3: [silêncio]

C: É para repetir?

E3: Sim.

C: Quando a senhora fala que rua é “liberdade”, a senhora está pensando em quê? Porque foi uma das palavras que a senhora escolheu.

E3: Liberdade de [...]. Foi, liberdade de ir e vir. Rua para mim é a liberdade de agente ir e vir.

C: E além da liberdade de ir e vir é liberdade de mais alguma coisa?

E3: De se comunicar com as pessoas, com certeza. Resolver problemas e situações. A maioria das nossas causas, das nossas situações, a gente não resolve dentro de casa. A gente sai para resolver problemas domésticos, a gente sai. Quando a gente vai numa lotérica efetuar pagamento, a gente está indo para a rua, pelo direito de ir e vir, mas a gente precisa resolver situações. Situações domésticas, porque quando efetua um pagamento de água, luz, telefone, internet são situações domésticas que eu preciso [inaudível por problemas na conexão] de ir e vir sem – como é que eu posso dizer - sem violência e a gente fica inseguro e aí bate a insegurança. [inaudível por problemas na conexão] vindo para resolver nossas coisas sem problema. É com muito medo que se está numa lotérica, é com muito medo que se está num banco, é com muito medo. A gente não pode estar numa praça, em lugar nenhum. Mas que a rua é liberdade, nesse sentido é.

C: O que é que a senhora acha de eventos na rua - passeata, corrida, festa, baba, churrasco - que o pessoal faz?

E3: Eu não concordo, não. Eu sou extremamente contra. Por quê? Porque quando as pessoas têm essa liberdade, entra a libertinagem. É o excesso de liberdade, é quando você já não respeita limites, não respeita pessoas. E você perde a cabeça num momento, acha que deve fazer sem se preocupar com os outros. Então, eu não sou a favor. Eu não sou a favor dessas festas de rua, eu não sou a favor, não. Eu acho que tudo tem que ter limites. Porque o povo está desacostumado de ter limites.

C: E acontece muito esses eventos aí na rua da senhora?

E3: Como eu vejo falar não. Aqui tem bares. Na minha rua não. Mas esses eventos que eu vejo aí não acontecem aqui não. É o bar, o vizinho tem aqui limitado horário de abrir e de fechar. Não temos esse tipo de problema aqui na rua. Mas no meu bairro tem. Problema do povo até amanhecer o dia, é som alto, é algazarra, é confusão. Existe sim, no bairro.

C: Quando a senhora está fazendo as caminhadas pela rua, a senhora falou que presta a atenção nas pessoas, o que é que chama a atenção nessas pessoas? **E3:** O que me chama a atenção?

C: Sim.

E3: É o que me chama a atenção nas pessoas caminharem?

C: Sim.

E3: É [inaudível por problemas na conexão] as pessoas. Eu gosto de dar bom dia, “como é que você está?” eu gosto.

C: Quando a senhora anda de carro ou quando a senhora está andando mesma na cidade, pelo bairro, a senhora vê alguma diferença? A cidade parece diferente para a senhora de carro ou andando?

E3: Com certeza.

C: Por quê?

E3: De carro a gente tem, a princípio, uma sensação de segurança porque a gente está no nosso carro. A gente tem a sensação de segurança porque está ali guardado que vai resolver e vai voltar para casa. Mas na realidade a gente sabe, eu sei, nada transmite segurança. A gente tem que estar, primeiramente, confiando em Deus. Porque nada é seguro, nada é [violento? Inaudível por problemas na conexão]. Eu não posso dizer assim “ah, estou num carro estou segura”, de jeito nenhum. Eu acho que nada é segurança. Na realidade, a gente tem que confiar em Deus e seguir em frente confiando em Deus. Somente!

C: Alguma coisa quando a senhora está de carro chama a atenção da senhora na rua nos deslocamentos?

E3: As pessoas indo e vindo. Quase que as mesmas coisas, mas é aquela sensação de ver pessoas caminhando, cada uma fazendo o que tem que fazer e seguindo. É aquele monte de gente, de pessoas, na rua. Eu vejo assim. Muito mais do que no meu bairro. Eu vejo mais pessoas, entendeu? Se tiver que ver uma situação, de repente, a gente vê mesmo. Entendeu? Mas fora isso é a mesma coisa

praticamente. A diferença é que eu conheço as pessoas, a maioria das pessoas eu conheço. Eu me desloco mesmo de carro para um lugar mais longe eu não conheço ninguém, são pessoas desconhecidas, essa é a diferença. **C:** Quando a senhora se desloca na rua de carro, a senhora fica olhando pela janela?

E3: Olho, às vezes eu olho. Olho sim.

C: E, além das pessoas, a senhora vê alguma coisa nessas andanças de carro? O que é que chama a atenção da senhora além das pessoas?

E3: O que me desperta à atenção é que se eu tiver passando por um lugar de praia, como eu gosto muito dessa área, eu presto mais a atenção. Eu olho o clima, a sintonia, a diferença social das pessoas, porque existe de um bairro para o outro as diferenças sociais. Essas coisas eu observo, sim. A diferença social, mesmo, de um bairro para outro é muito grande.

C: Como é que a senhora vê isso?

E3: Nitidamente.

C: Como é que a senhora percebe isso? **E3:** Por exemplo. Você quer um exemplo?

C: Humm.

E3: Eu percebo pela maneira das pessoas. É – como é que eu digo, como é que eu posso dizer – na maneira de se vestir, na maneira de andar, na maneira de falar. É diferente, é diferente. A depender do bairro é diferente.

C: Como é que a senhora acha que é a relação da senhora com sua rua hoje?

E3: [silêncio]

C: Travou um pouquinho e eu não ouvi.

E3: Eu acredito que a minha relação com a vizinhança é boa.

C: E com a rua da senhora? A senhora gosta da rua da senhora?

E3: Gosto.

C: Por quê?

E3: [silêncio]

C: Dona Entrevistada? Por que a senhora gosta da rua da senhora?

E3: Porque é uma rua calma. Eu conheço meus vizinhos, um sabe a história do outro, o início de tudo. É um bairro que tem muito idoso, tem muitas pessoas. É como eu estou te dizendo, eu vim para aqui tem 32 anos, então, tem uma raiz de amizade. Todo mundo se conhece, todo mundo numa necessidade se acode, um tenta ajudar o outro no que for possível. Minha rua é uma rua muito tranquila, o pessoal é gente boa mesmo.

C: E como é a infraestrutura da rua da senhora?

E3: [silêncio]

C: Dona Entrevistada? Dona Entrevistada?

E3: Oi.

C: Eu só ouvi até a senhora dizer que gostava que a senhora conhecia a vizinhança que todo mundo se ajuda.

E3: É. Os vizinhos aqui um ajudam o outro, a gente se conhece muito desde o início. Tem raízes aqui. [inaudível por problemas na conexão]. Você tá entendendo? Mas no local que eu moro é muito tranquilo e isso é bom. Isso é maravilhoso.

C: Como é a infraestrutura da rua da senhora?

E3: Se é asfaltada, é assim? Se tem rede de esgoto, essas coisas?

C: É, o que é que tem na rua.

E3: É. É uma rua asfaltada, tem rede de esgoto, tem luz nos postes. Uma rua, assim, que os carros entram e saem sem problema.

C: O que significa para a senhora sair para a rua?

E3: Liberdade, eu já falei. Liberdade.

C: E na quarentena?

E3: Na quarentena é liberdade limitada, porque foi isso que foi determinado pelas nossas autoridades, né? O pessoal da área de saúde, principalmente. Porque a gente – por exemplo eu que sou idosa – eu tenho meu limite de estar na rua. E o preferencial é pela manhã, geralmente cedo para evitar aglomeração. Isso eu tenho feito

C: E a vizinhança da senhora como é que tem reagido a isso?

E3: Muito bem, muito bem mesmo. A maioria de meus vizinhos são velhos, são idosos, a maioria não tem pessoas novinhas a nível, assim, de vizinhança antiga. Tem os filhos, os netos, os sobrinhos, a parentela. Mas a raiz da vizinhança é todo mundo antigo.

C: E o que é que vem à mente da senhora com essa limitação de estar na rua? Quais são as memórias que aparecem aí dessa limitação de estar na rua?

E3: As limitações a gente precisa fazer, é preciso que aconteça, é preciso que haja obediência diante ao que estamos passando. O que nós estamos vivendo a gente só tem que obedecer e fazer exatamente o que é mandado. Porque a ordem que a gente tem é para ficar em casa, eu acho que tem que ficar em casa. O momento de ir na rua porque se faz necessário – eu sou dona de casa, eu tenho que sair para

resolver as coisas, porque meus filhos são mais jovens, não é como eu fazendo – e eu faço tudo dentro de um padrão de limites para proteger a minha saúde, principalmente a minha saúde que sou a mais velha da casa. Na minha casa a mais velha sou eu, então eu tenho que obedecer os padrões para evitar vir a adoecer e venha a surgir um problema mais sério para toda a minha família. Então eu tenho a consciência de que eu preciso agir dentro de um limite. Eu sou super consciente e aceito aquilo que está acontecendo. Aceito a minha liberdade limitada.

C: A senhora sente falta de não ter essa limitação?

E3: [silêncio]

C: A senhora sente falta de não ter essa limitação?

E3: Não. Eu não sinto falta não. Na realidade eu não sinto falta porque faço tudo dentro do meu limite [inaudível por problemas na conexão]. O que está acontecendo no país. Eu sou aposentada, profissional de saúde, e sei como a vida é importante, eu valorizo a vida. Então a gente tem que respeitar e obedecer. Então eu não fico triste com o que está acontecendo, eu quero é solução. O que nós esperamos é solução. Mas achar que está errado essa falta de liberdade jamais eu vou achar que está. As autoridades estão tentando.

C: A senhora quando pensa nessas limitações, na pandemia, no que as autoridades têm feito, isso faz a senhora pensar em como a senhora queria que fosse a rua e a cidade?

E3: Olha, eu tenho uma visão diferenciada das coisas porque eu sou espiritualista. Eu sou uma pessoa que a minha visão é muito voltada para o lado espiritual das coisas. Eu vejo, assim, a vontade de voltar como era antes de forma saudável. Porque eu vejo o mundo caminhando para uma grande degradação humana. As pessoas não se respeitam, as pessoas não se consideram, as pessoas estão agressivas, violentas, por falta de tudo, de toda uma estrutura de sobrevivência. Está muito feio. Então como é que eu vejo essa toda liberdade? Eu gostaria que fosse diferente. Não como já foi, diferente. A falta de respeito humano muito grande, a gente estava vivendo uma falta de respeito muito grande. E se as pessoas viessem refletir sobre tudo isso para gente ter uma vida abençoada de agora em diante. Quando tudo voltar ao normal que existisse um diferencial muito grande que eu acredito que só acontecerá esse diferencial das pessoas com a educação. Nós precisamos nos reeducar. Assim como fomos obrigados a ficar dentro de casa, ao sair na rua no futuro a gente precisa de reeducação. Principalmente o respeito

humano. As pessoas não respeitam, não consideram. Um idoso em pé sofre muito pela falta de respeito humano. Eu vejo isso já há algum tempo, eu observo isso. Você tá me entendendo? Não existe respeito, não existe consideração, não existe. Então que fosse do retorno viesse bem melhor, mas para vir melhor tem que ter educação. Eu acredito que o problema esteja na educação do povo.

C: Como é que a senhora acha que poderia se fazer para ter uma cidade, uma convivência na rua, melhor?

E3: Eu acredito que [...]. É porque, assim, eu não sei explicar o que eu acho. Eu entendo mas eu não sei explicar. Tem a ver com educação. É tipo assim: palestras educativas. Palestras educativas era o que precisava ter mesmo. Entendeu? A nível de respeito humano, valorização das pessoas. O valor que cada pessoa tem, o respeito. Eu acredito que palestras seria muito bom. Por exemplo, as pessoas estarem reunidas numa praça, é um exemplo. Alguém quetivesse condições e vamos reunir aqui para falar sobre valorização da vida, o que é bom. E as pessoas tivessem, a palestra surgisse, e elas tivessem a oportunidade de dar a sua opinião, o que é que a gente pode fazer para melhorar. Mas você sabe o que é que acontece? Eu estou falando muito de educação, eu estou falando muito de [inaudível por problemas na conexão] e o que eu estou falando vem de família. As famílias estão muito desestruturadas, as famílias estão sem formação a nível de educação nenhuma. Então até para que as pessoas voltem à rua elas precisam de educação. Mas a educação começa na família, começa dentro de casa. A começar de não jogar o papel, não jogar o resto da merenda [inaudível por problemas na conexão], já começa por aí. Cedero lugar aos mais velhos no transporte, mas começa tudo isso de dentro de casa. O problema todo para mim é voltado à educação.

C: A senhora falou, como idosa, que a senhora acha que tem muito desrespeito ao idoso. A senhora poderia falar um pouco mais sobre isso?

E3: Falo, falo. Porque hoje eu tenho 72 anos, mas eu não me sinto envelhecida ainda a ponto de passar por determinadas coisas. Mas eu já tive a oportunidade de observar em ponto de ônibus o idoso acenar para o motorista, o motorista fazer que vai parar, dar aquele retorno, e sair com a cara para cima. E a pessoa ficar olhando como se dissesse assim: “fique aqui comigo, dê-lhe a mão, assinale aí como se você fosse entrar para eu poder ter a oportunidade de entrar”. Eu já vivi isso. Não comigo, alguém mais velho do que eu me pediu isso. Eu achei um absurdo e vi quando o motorista não deu atenção e foi direto. Eu já vi um idoso pedir ponto, dentro do

ônibus eu sentada para ir trabalhar, o motorista fez que ia parar, quando ele parou, pela demora do idoso, a limitação toda dos movimentos, ele simplesmente fechou a porta e imprensou o idoso. E todo mundo gritando no ônibus, naquela agonia. Então eu acho que tudo isso é falta de respeito com o idoso e vem de muito antes da pandemia. Existe falta de respeito ao idoso muitogrande, muito grande. E não só ao idoso, o deficiente físico na rua também sofre muito. O deficiente físico sofre muito na rua. Eu vejo essas coisas. Acho que tudo é a partir da educação. As pessoas não estão [inaudível por problemas na conexão] ou é falta de amor mesmo, mas acontece. Não sei se é por isso que eu vejo aqui na minha casa, meus filhos são jovens, [nome suprimido] é jovem, [inaudível por problemas na conexão], eu tenho a minha filha mais velha que é jovem, mas eles têm um cuidado comigo com relação a sair, independente da pandemia, sempre querem estar comigo: “não, mãe, eu vou com você. Onde vaiser? Quer que eu te leve?”. Isso acontece muito aqui em casa. Eu não sei se é porque eles já observam isso, essa dificuldade que o idoso tem na rua. Eu acredito que seja porque vê, porque eu mesma há muito tempo já vejo isso. É falta de educação, falta de cuidado e zelo.

C: A senhora acha que começou a mudar quando? Antes era diferente? A senhora pode falar um pouco de quando começou a mudar?

E3: Eu posso dizer a você que, digamos assim, de uns 10 anos para cá mudou foi tudo. Porque o idoso era respeitado, considerado pelos mais novos. Eu tenho certeza disso. Porque eu tenho 72 anos, mas eu tenho a minha mãe com 84 anos e ela sabe o quanto que era diferente daquela época. As pessoas respeitavam, consideravam, e hoje em dia é como se estivesse, assim, num canto e sem direito a opinar muita coisa, sem direito a falar muito. O que o idoso fala não tem [...] é como se a pessoa idosa não tivesse senso, não tivesse sensibilidade, não percebesse as coisas e não tivesse uma caminhada bem longa a frente dos mais novos. Porque o idoso tem experiência, ele pode não ter cultura, como a juventude hoje tem ampla liberdade à educação, a nível de aprendizado, tem chance, muito mais chance do que no passado. Mas já o idoso tem a experiência, ele tem uma caminhada longa, uma história de vida bem longa para alentar as pessoas. Eu vejo isso. É por isso que palestras em lugar público seria uma ideia boa, porque no lugar público tem idoso, tem jovem, tem todo mundo para expressar sua opinião e o que entende sobre esse assunto. Você está entendendo? E o que pode ser feito para melhorar.

C: A senhora acha que antes – nesses 10 anos para trás, ali antes de 2010 – tinha mais idoso na rua? Ou tem mais idoso agora?

E3: Como?

C: A senhora acha que antes de 2010 tinha mais idoso na rua ou tem mais idoso agora?

E3: Tem mais idoso agora. Agora. Hoje em dia tem mais idoso na rua, eu acho, de que antigamente. Porque o idoso de antigamente ficava restrito à casa, hoje em dia com a evolução o idoso já sai para fazer exercício, para se movimentar, o idoso tem mais chance de estar na rua. Eu acho que o idoso sai mais hoje, com certeza. Antigamente era restrito a dentro de casa.

C: E como foi que a senhora acha que mudou isso do idoso estar dentro de casa e passar a ir mais para a rua?

E3: Tem a ver com a área médica. Qual era a proposta do idoso no passado? O idoso geralmente ele tinha uma doença, das doenças circulatórias, ele estava propenso a ter um AVC, a ficar ali paralisado, sem movimento, sem nada e a probabilidade ali era definir mesmo no seio da família. Hoje em dia a medicina evoluiu muito e está dando essa chance ao idoso de.. [inaudível por problemas na conexão] com a fisioterapia então que é liberada, graças a Deus, para o idoso, hoje em dia você não vê, por exemplo, um idoso paralisado, é muito difícil isso acontecer. É muito difícil porque a indicação é fazer exercício. Se ele está obeso a indicação é fazer exercício. Se os movimentos estão lentos a indicação é fazer exercício. Então foi uma [inaudível por problemas na conexão] que foi feito, que aconteceu que o idoso despertou para essa chance de vida. Porque “aah, vai morrer, vai morrer, não tem mais nada a fazer!” se um remédio era isso, mudou, ficou assim: enquanto há vida, há esperança. O idoso se alegrou, eu acredito assim. Esse estado depressivo de velhice e de tristeza mudou. Ainda há chance de viver longos anos. Então é para fazer exercício eu vou fazer, então é para fazer caminhada eu vou fazer. É por isso que a gente vê a demanda do povo idoso na rua. Outra coisa, é para a rua para espalhar, para conversar, para bater papo que a gente vê muitas pessoas na rua. Os idosos, estou me referindo aos idosos na rua, batendo papo, conversando, isso é maravilhoso. Porque às vezes dentro de casa ele não tem nem liberdade de conversar, a depender da família. E quando ele sai, ele vai num restaurante, ele senta ali – eu falo assim um idoso aposentado que tem o seu dinheirinho - ele vai ali, senta ali num restaurante, ele come o que ele quer, isso é maravilhoso, isso é inovação de vida. É

se sentir gente capaz. Então para mim houve uma evolução muito grande porque a medicina mudou também a forma de tratar o idoso. A forma de tratamento mudou completamente. A gente vê a possibilidade total de fisioterapia, de academia, de caminhada, de tudo. Eu acho que mudou mesmo, evoluiu, essa parte aí melhorou muito e eu acredito que a tendência é melhorar mais.

C: A senhora acha que mudou muito a relação das pessoas com a rua antigamente quando a senhora era criança para agora?

E3: Mudou, mudou.

C: O que foi que mudou?

E3: Mudou e eu volto a falar da violência. Hoje em dia as pessoas têm medo. Por exemplo, antigamente, no meu tempo, sentar na porta de tarde para aproveitar com o vizinho. Tipo assim, depois dos afazeres, o vizinho senta do lado, sento do outro e tome a bater papo e dar risada. Não é possível fazer isso, porque a qualquer momento a pessoa vai estar ... pessoa desconhecida por um indivíduo que vai atingido como a gente vê na televisão. Então a gente percebe que ninguém está mais na porta de casa para conversar com o vizinho. A gente conversa mais com o vizinho por celular do que visivelmente. Você está entendendo, hein?

C: E os idosos, quando a senhora fala que tem mais idosos na rua batendo papo, eles estão batendo papo onde?

E3: Não. Batendo papo antes da pandemia. Nas praças, nos lugares que fazem exercício. Porque se tem lugar maravilhoso de encontro de idosos é nas academias. Entendeu? Nas academias têm muitos alunos e [...] academias, lugares em que faz natação, tem muita gente idosa. Como é que eu chamo, meu Deus? É, tem a ver com a fisioterapia. Entendeu? Tem que fazer uma reunião de pessoas. É bom você: “ah, vou fazer um exercício” e eu vou ali encontra com uma amiga, eu já faço uma amiga ali naquele lugar. Isso é bom. Porque todo mundo se encontra e se reúne. Está todo mundo ali fazendo exercício, está todo mundo a se conhecer e a bater papo. É como o consultório médico. O consultório médico, não é assim? Às vezes a gente está aguardando o médico e começa a conversar com um na sala. Conversa vai, conversa vem e é um entretenimento naquele momento. É o momento em que a gente conversa alguma coisa e uma discussão da outra, faz assim assado. Então isso é entretenimento, vale a pena. Vale a pena. Na realidade o que tirou as pessoas da rua foi o medo da pandemia. Porque as pessoas iam e vinham mesmo. [silêncio]

C: Travou dona Entrevistada. Eu só ouvi até a senhora dizer: “Na realidade o que tirou as pessoas da rua foi o medo”.

E3: Foi o medo. É isso mesmo. O que tirou as pessoas da rua foi o medo. O que tirou as pessoas da rua aconteceu agora em 2020.

C: E é medo só da pandemia?

E3: Da doença. Não é medo da violência. É, atualmente, eu vejo como medo da pandemia. Porque antes – vou analisar aqui o ano passado – com toda violência, as pessoas iam e vinham e faziam as suas coisas. Faziam, sim. Faziam seus exercícios matinal, os idosos batiam papo e depois de 2020 a coisa ficou feia, a pessoa já não pode estar na rua. Houve uma grande mudança.

C: A senhora sente falta desse tempo de que podia sentar na rua para ficar vendo o movimento e batendo papo?

E3: Sinto. Sinto. Sinto, com certeza.

C: Por que a senhora sente falta?

E3: Porque liberdade é bom. Liberdade é bom. É muito bom você ter liberdade. Porque nós estamos vivendo um momento de opressão. Sabia? É opressão. Nós estamos oprimidos. Ninguém está fazendo exatamente o que quer. Estamos sendo obrigados a cumprir uma determinação para o nosso bem. Entendo que a determinação é para o nosso bem, concordo plenamente. Não tenho nada contra, acho que tem que ser assim, mas é a forma que o Estado vem tentando para que dê tudo certo e a gente saia de boa em maio que está aí, matar esse vírus. Mas concordo com tudo, agora, não vou dizer a você que a liberdade é outra coisa. Liberdade de ir e vir entrar e sair. Ir no salão, arrumar o cabelo, sentar ali todo mundo fazendo suas coisas, é maravilhoso isso. E hoje está tudo limitado por causa desse mal que está aí, dessa pandemia. Está arriscado e as pessoas estão voltando devagarzinho com muito medo. Sim, fale.

C: Antes da pandemia a senhora já falou que não sentava mais na porta de casa com os vizinhos, não é? Que não podia mais por causa da violência.

E3: Não. Esse sentar na porta é coisa do passado. Esse sentar na porta é coisa do passado. E é muito bom a gente ter liberdade.

C: E a senhora sente falta disso?

E3: Não sinto falta porque praticamente isso eu não vivi mais tanto. Porque eu sou uma pessoa que desde que eu me tornei adulta eu fui trabalhar. E a pessoa que trabalha ela não tem essa chance, ela não tem esse tempo. Então eu não estou

falando só de mim, das pessoas de um modo geral. Faz falta? Faz, sim. Eu tenho certeza que faz. Mas o que é que acontece? Nós nos condicionamos hoje a um celular, porque eu estou aposentada e eu converso com minhas colegas de trabalho praticamente todo o dia, o que me faz muito bem. Através de um [inaudível por problemas na conexão] substitui a outra. Até um vizinho, quando você falar com um vizinho você usa o celular, faz uma pergunta, a gente tem o aparelho para se comunicar. E antigamente a gente não tinha esse veículo de comunicação, a conversa era verbal, era ali olho no olho e blábláblá, a gente conversava. Entendeu? Porque se transformou nisso, hoje em dia nós não podemos, e a gente tem que se adaptar ao momento. A gente vive para se adaptar às situações. É muito importante que a gente venha se adaptando ao que possa acontecer, a gente precisa disso. Porque que a gente precisa disso? Para não entrar numa depressão. Porque quando a gente começa a entender os fatos, o que eu sei, a gente procura se equilibrar dentro daquilo que nós estamos vivendo.

C: De quando a senhora foi criança para quando a senhora virou adulta, a senhora acha que a relação da senhora com a rua mudou?

E3: [silêncio]

C: Dona Entrevistada? Me ouve?

E3: De quando eu era criança até a minha vida adulta?

C: Isso. Da infância para a fase adulta, a relação da senhora com a rua mudou?

E3: Da infância até hoje?

C: Sim.

E3: Mudou, com certeza. Mudou sim. Mudou. E muito.

C: E o que foi que mudou?

E3: Vou falar o passo a passo. Na infância a criança podia jogar na rua, de pular corda, macaquinho, de esconde esconde, tranquilo. Sem problemas e todo mundo entrava em suas casas sãs e salvos. Na minha fase adulta já que trabalhei muito e não tinha tempo de estar. A minha rua na minha fase adulta era trabalho e vir do trabalho. Era sair de manhã e pegar de noite, muitas vezes sair de noite e chegar de manhã, porque sou profissional da área da saúde. E então chegou a fase de eu me ... porque o tempo que eu tinha para estar em casa era para dar assistência aos meus filhos e à minha família. Aposentei e as chances de ir na rua começaram a ficar poucas, a diminuir. Por quê? Por causa da violência. E os assaltos? Os assaltos à ônibus são aterrorizantes, já não tem nem mais graça se pegar um transporte, para

sair de um ônibus, por exemplo, para ir num determinado lugar. E se você vai de carro, você vai com medo de ser assaltada do mesmo jeito. Porque a insegurança é grande. O que fez as pessoas recuarem de estar na rua foi a insegurança. A insegurança total, o medode tudo.

C: Diante disso, a senhora já me falou, não é? Que acha que vai ter uma degradação da humanidade que as coisas vão piorar. E a senhora acha que vai acontecer o que com essa vida na cidade?

E3: Eu acredito que vai ser muito restrita a liberdade. Eu falo da liberdade, vai ser bem restrita. Não vai ser como hoje, não sei. Mas eu acho que vai ser bem restrito, porque as pessoas vão ter [...]. Acho as pessoas numa esperança muito grande, não é? A luta está aí pela vacina e as pessoas estão nessa esperança para ter liberdade de ir e vir somente. Só que eu acho que não vai acontecer assim tão fácil. Pode até ser que aconteça, está entendendo? Mas a minha visão, quando eu olho assim, futuramente, eu não acredito mais que vai ser como antes, não. Não consigo achar.

C: E o que é que a senhora acha, assim, para as ruas. A senhora acha que o governo podia fazer alguma coisa, além das palestras, se botar praça, parque, que fariam as pessoas estar mais na rua? A senhora acha que resolveria algumacoisa?

E3: As pessoas tinham que ter trabalho, trabalhar é muito importante. Ocupação sem trabalho é muito sério, as pessoas estão sem trabalhar. O governo deveria abrir as portas do emprego, oportunidade, uma chance para as pessoas poderem trabalhar. [inaudível por problemas na conexão] e diminuir a violência, o índice de violência diminuía. Porque para se estar na rua, para se estar nas praças, tem que estar com a vida organizada. Tem que ter organização de vida para poder depois eu sentar na praça para me distrair, para brincar e me alegrar. E não para fazer coisas arbitrárias [inaudível por problemas na conexão] vítima e, como é que eu posso dizer, atoa, mal instruída para fazer qualquer coisa. Então eu acho que teria que ter uma instrução melhor para todo mundo que tinha que ser porta de emprego, facilidade de emprego para o povo. Eu acho que a facilidade de emprego ajudaria muito. Acho que os governos deveriam investir mais em emprego para o povo. Porque precisam trabalhar para ter dinheiro para comprar comida. A falta de alimentação influencia muito e muito nessa situação que nós estamos vivendo.

C: Por que, a senhora me disse, não é? Assim, para finalizar: tem alguma coisa que eu não perguntei que a senhora queira falar sobre essa relação da senhora com a rua?

E3: Não. Eu acho que a minha relação com a rua, como eu falei de liberdade é tudo aquilo que eu te disse, dentro de um padrão, de uma organização. Eu vivi muito na rua, eu estou dentro de casa hoje. Mas o que é hoje rua? Meu trabalho... que eu tive que sair de casa. Eu trabalhei 35 anos fora, então eu ia e vinha de rua. Não vou dizer que eu sinto saudades disso. Não, não disso. Passou, estou super bem. Você está me entendendo? Hoje em dia estou super bem. A liberdade é por causa da violência. Em todo lugar que você está você tem medo, o medo tomou conta das pessoas. Hoje em dia está todo mundo focado no coronavírus, mas é engano, a violência há muito tempo tem tomado conta das pessoas. Mas por que tanta violência? Por causa da fome, por causa da miséria, por falta de estrutura, por causa de tudo isso. Está entendendo? Uma desorganização familiar, a falta do de comer, do ter o que comer então tem influência muito grande para a pessoa que está na rua. Eu não sei nem te explicar em detalhes o que eu acho. Então é preciso fazer uma mudança. Eu não sinto falta de, tipo assim, estar na rua sem ter o que fazer, não. Todo o meu período que eu estive na rua foi tendo o que fazer, foi trabalhando. Eu falei de praça, mas eu nem a praça, nunca nem andei, porque nunca tive tempo. Mas eu admiro ver uma pessoa ali na praça se exercitando. Quando eu vejo se exercitando ali, que coisa boa. A pessoa está ali se exercitando, daqui a pouco encosta outra pessoa que se exercita também e bate um papo. Ali é bom, é bom para a mente. Eu vejo isso.

C: Está certo, dona Entrevistada. É, para finalizar, a senhora vê diferença em estar na rua sozinha e acompanhada?

E3: Com certeza [risos]. Eu hoje vejo.

C: Como é essa diferença?

E3: É aquela coisa assim, a gente envelhece, todo mundo envelhece. Eu não me vejo como uma velha, mas tem coisas em mim que eu tenho dificuldade. Hoje eu já tenho dificuldade óssea. Por causa do meu problema nos ossos eu tenho dificuldade de locomoção, eu tenho insegurança no pisar em andar, você está entendendo? Um processo de esquecimento muito grande que tem me acontecido, devagarzinho tem me acontecido. É por isso que eu ando muito assim, eu esqueço fácil das coisas. Então as pessoas que eu mais confio são meus filhos, não saio assim com qualquer outra pessoa de jeito nenhum. Então se eu sair com meus filhos eu me sinto mais segura. É o tipo da coisa, quando está criança é você que cuida, isso dá proteção e cuidado. Hoje em dia eu me sinto mais segura, por exemplo, eu vou no supermercado um de meus filhos tem que ir comigo. Para ir no mercado sozinha

fazer compra, eu já não gosto de fazer. Esquecer, não tenho força para empurrar o carro, já é contrário com a minha vida com 62 anos. Está entendendo? Então eu preciso estar acompanhada de meus filhos.

C: Tá certo, dona Entrevistada. Muito obrigada pela entrevista da senhora. Eu vou encerrar a gravação, mas a gente pode continuar conversando um pouquinho. Tá certo? Só para parar a gravação aqui. Vou finalizar.

E3: Tá bom.

Entrevista 4: O que é isso a rua para uma pessoa que viveu em situação de rua?

Caroline Vaz [C]

Entrevistada 4 [E4]

C: Assim, eu tenho pedido para as pessoas, eu, primeiro, queria pedir autorização para gravar a reunião. Eu comecei a gravar, já tá gravando.

E4: Estou vendo ali, gravando.

C: Eu geralmente falo para não dizer o nome, não é porque a pessoa tem ou não tem problema, mas para preservar mesmo, para você se sentir à vontade porque, às vezes, mesmo que a gente não se importe, a gente não quer contar coisas ou que as coisas sejam reveladas para um público mais amplo, entendeu? Então, é uma forma de preservar você, né? Algumas pessoas pedem para ter o nome revelado e aí, se a pessoa quiser que eu revele o nome, eu não vou dizer que não vou revelar, entendeu? Eu sei que é a sua história e outra coisa que minha avó sempre me ensinou é que a gente não pode se esquecer de onde a gente veio, porque se a gente se esquece de onde a gente veio, a gente não sabe para onde a gente vai. Então, eu entendo o que você tá falando, mas eu quero que você fique à vontade, entendeu? É no sentido de deixar você à vontade, de você se sentir preservada, não invadida, nesse sentido.

E4: Certo, tá clarinho aí? Dá para ver meu rosto?

C: Dá para ver tudo, você é linda. Estou vendo tudo direitinho. Amei a estampa, a estampa é maravilhosa, a estampa é linda, os bichinhos, os flamingos.

E4: Estou sem dente porque não tenho dente, né? Porque você já sabe, né? Mais breve eu tarei com meus dentes, viu?

C: Eu entendo tudo isso. Então, primeiro, queria te pedir a autorização, né? De usar essa entrevista na minha pesquisa, sem que ela tenha qualquer prejuízo para mim, com relação às minhas finanças, a propriedade desse depoimento e os direitos desse depoimento que você vai me dar, de caráter histórico e documental, prestada à pesquisadora Caroline Bulhões, aqui, em Salvador, no dia 8 de janeiro de 2021, como base para construção da sua tese de doutorado, no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos e culturais o depoimento, no todo ou em parte, editada ou

não, bem como permitir ao grupo de pesquisa em que faz parte, o grupo EspaçoLivre de Pesquisa-Ação e o grupo Geopraxis o acesso ao depoimento para finsidênticos com a única ressalva da garantia de integridade do conteúdo e de preservação da identidade de fonte do autor. Você concorda com os termos de utilização?

E4: Eu concordo plenamente.

C: Então, Entrevistada, primeiro eu queria, assim, que você me contasse um pouco a sua história, né? De onde você vem, se você é de Salvador, se você não é, como você chegou aqui?

E4: Certo, bom... meu nome é Entrevistada, eu tenho 45 anos. Daqui de Salvador mesmo, soteropolitana. Como foi que eu fui parar na rua, vou começarpor aí. Minha mãe me botou para fora muito jovem, né? Ela achava que eu dava alguns probleminhas, né? Que na cabeça dela eu dava alguns problemas para ela e aí, jovem, jovem, ela me botava para fora por causa de negócio de namoro. Então, fui parar na rua. Arranjei um homem, em seguida, e fui morar com ele, mas assim que eu fui morar com ele, a gente foi morar na casa dos pais dele, não era dele a casa. Fiquei morando um tempo com ele, em seguida, eu engravidei, estava com 23 anos, tive a primeira filha minha com 23 anos e aí, eu fui morar com ele. Só que aí, ele era alimentado, sustentado pelos pais e pelos avós e eu, como não tinha ninguém, era sustentada por ele. Só que aí, veio uma filha, depois a avó dele faleceu e a gente ficou nessa casinha que era da avó. Só que aí, veio o pai dele, que tem problema sério com a família, briga dentro de casa e aí pediu para ele sair, que ali não era dele, que ele já estava com mulhere filho e que era para procurar a mãe dele. Só que aí eu não sabia trabalhar ainda porque eu fui criada num orfanato, então não sabia me virar de jeito nenhum. Ele era uma pessoa que era, também, tratado com a avó, então ele fazia um monte de biscatezinho, mas nada sério. Só que aí, quando o pai dele pediu para gente sair da casa, aí ele tinha umas economias que a gente foi morar de aluguel, aí ficamos morando de aluguel por um bom tempo. Depois, acabou que ele não sabia fazer nada e piorou eu e a gente foi, a primeira noite, o rapaz pediu a casa, depois de passar alguns meses sem pagar o aluguel, ele mandou a gente sair. E como a gente não tinha para onde ir, eu fui parar, a primeira noite na rua, na Piedade, a gente ficou perambulando para lá e para cá, sem saber o que fazer e acabou dormindo na rua. Desde essa primeira noite, não teve mais

solução para gente, a gente olhou de um lado, olhou de outro e não tinha, foi parar na rua com uma filhinha pequena. Aí, fiquei perambulando pela rua e nisso, ele se envolveu com drogas, o pai, muita droga e resolveu me abandonar, né? E não foi um marido, não foi um pai, não foi nada para mim, foi uma pessoa que, vez em quando, me encontrava e a gente ficava junto e aí eu passei a morar na rua, me dediquei a viver na rua. Com o passar do tempo encontrava, na Piedade, encontrava algumas pessoas, pessoas que viram: “menina, por que você não vai para o centro, casa de passagem?”, eu digo: “não sei onde é que fica isso não”, “casa de passagem lá na Cajazeiras, menina. Você vai lá e fica lá para você sair da rua com essa menina”. Aí eu fui, antes de eu ir, encontrei com o pai, aí eu falei para ele: “por que, também, você não vai comigo, para gente ficar junto? Porque tem seu neném. Aí, ele disse: “onde é?”, eu disse: “Em Cajazeiras, para gente sair da rua, estou cansada de ficar na rua, eu não estou aguentando, muito perigo”. Aí, resultado, fomos para lá, para casa de passagem, e nisso, eu estava grávida de outro bebê e nisso, veio mais uma menina, lá na casa de passagem, que fica em Cajazeiras. Só que de lá, eles disseram que não podia ficar muito tempo, né? Que lá tinha um lugarzinho que poderia ficar com a família, era lá em Simões Filho e aí eu fui. Eu digo: “não, eu quero”, “não, que lá tem uma casinha que vocês ficam juntos e procuram trabalhar e manter a vida de vocês”. Eu digo: “ah, eu quero, eu quero, eu quero”, aí fiquei feliz, achando que eu ia sair daquele lugar que tinha meio mundo de gente, muita gente, todas perto. Aí fomos para lá, eu com duas bebês, só que nesse meio termo, o marido já estava bem envolvido com droga, muitas drogas e eu ficava à toa. Chegando lá no local, o rapaz também falou: “olha, aqui é um período curto que vocês passam, para você se refazer e viver a vida de vocês depois, na casa de vocês, aqui só é um tempo”, certo. Só que não teve esse tempo para nós, nem para mim, porque o marido saía, eu ficava sozinha em casa com duas bebês, depois o dono mandou gente embora. Fui embora e fui e voltei de novo para Piedade, com isso, eu fiquei perdida na rua e voltei de novo para o marido. Sempre, voltava com ele, ele sumia, quando ele aparecia aí ficava junto e nisso, eu vivi com vários malandros, com prostitutas, vivi, também, com muita gente que não presta. Não dei para o que não presta, por... não sei, por misericórdia de Deus porque eu dormia lá na Piedade, dormia no Comércio, dormia no Campo Grande, né? Depois achava outro albergue, que me indicavam, ia correndo para dormir, mas

só à noite, de dia tinha que ir para rua de novo e eu nunca consegui um trabalho, por causa dessas crianças, sabendo que tinha medo de perdê-la, né? Aí, eu não ficava muito no meio de pessoas assim, eu ficava perambulando pela rua, tentando me isolar desse pessoal. E aí foi a minha vida na rua, né? Depois conheci esse pessoal que arranjou um trabalho para mim de caseiro, fui morar...fui com o pai. Só que o pai, ele como era viciado nessas drogas, ele não ficou no trabalho, roubou a casa, tive que sair, também, de novo, dessa casa. A moça queria ficar comigo, mas eu não tinha condição de ficar porque era caseiro, trabalho de caseiro é pesado, eu não sabia, não era para mim. Se fosse na cozinha, tudo bem, mas ela só precisava de caseiro para tomar conta de uma fazenda e não era meu caso, aí eu tive que voltar para rua, sempre a rua. Eu ficava achando que não tinha mais solução para mim, que minha solução mesmo era morrer na rua, com meus filhos, minhas filhas. [trecho inaudível]. Tinha dias que... viu Carol? Eu fui engravidando porque não tinha mãe, não tinha pai, não tinha amigo, não tinha ninguém para me dar outra opção e nisso engravidando, acabei tendo 4 filhos desse homem, 4 filhos: duas meninas e dois meninos. E nisso morando na rua, tendo filho, morando em albergue, saindo... [6 segundos de silêncio].

C: Ô Entrevistada, me conta um pouco, você cresceu num orfanato, foi? Como é essa história sua com sua mãe? Que você falou.

E4: Minha mãe, ela tinha um marido, que é meu pai, né? Mas só que nunca moraram juntos. Aí, então, ela teve 4 filhos com ele e eu sou gêmea. Só que aí, ela não tinha condição de criar esses filhos, fiquei morando com minha avó, eu e meus dois irmãos, né? Aí ficamos na Vasco da Gama, morando com a avó. Isso, pequeninha, mas minha avó morreu e aí, como minha mãe não tinha condição de ficar com a gente, meu pai, também era, na época lá, era banda voou e aí o que foi que aconteceu? Fui parar no orfanato, porque minha avó morreu, minha mãe não tinha condição de criar a gente, então a gente foi parar no orfanato, lá na Lapinha, Dalva Mattos, na OAF [Organização de Auxílio Fraternal] e lá fiquei morando até uns 14 a 15 anos e já estava acostumada, eu ia, trabalhava, eu estava estudando, aprendi a ler, a escrever e daí arranjei um trabalho para mim lá. Só que, nesse meio termo, minha mãe foi lá e me tirou, para ir trabalhar na casa de família com ela, aí me tirou da escola, né? E eu não sabia fazer, lavar um prato, sabia nada e me botou para ficar lá trabalhando com

ela, tanto que é que eu quebrei muito prato, muito copo lá, nessa casa, e as patroas começou a falar com ela que: “ô, dona [nome suprimido], ela não tem ainda coordenação motora para fazer as coisas”, minha mãe falou: “não...”, que eu só fazia estudar lá, né? Então, ela me tirou e de lá da casa dela, desse trabalho dela, ela tinha comprado uma casinha e fez aí botou eu para morar com ela e nisso fui morando com ela, e ela foi descobrindo que eu era assim, que eu era assada, né? Que eu era ovelha negra da família, nisso eu fazia tudo em casa, mas ela não reconhecia esse lado, fui crescendo e, em pouco tempo, ela foi me botando para fora porque ela achou que eu estava namorando, que eu podia engravidar, que eu podia dar problema para ela e começou a me por para fora, né? E aí começou a minha declinação de vida.

C: E seus irmãos ficaram no orfanato?

E4: Ficaram no orfanato até um certo tempo, depois ela foi lá e pegou, que era minha irmã, que ela tem agora 42 anos, [nome suprimido], que é a do meio, a caçula das irmãs, ela tem uma filha mais velha, que mora até hoje com ela, mas ela é dependente química, minha irmã mais velha, que ela cuida. E eu tenho um irmão que é gêmeo, que eu sou gêmea, meu nome é Entrevistada, o nome do meu irmão é [nome suprimido]. Ele ficou morando com ela e até ele, também, resolver a vida dele de morar só, aí ele mora só. Minha irmã mais velha mora com ela e minha irmã caçula mora com ela também e tem dois filhos que moram lá também. A única que não prestou nessa história toda fui eu.

C: Você acha que se você tivesse continuado no orfanato sua vida ia ter sido diferente? Se você não tivesse ido ficar com sua mãe um tempo?

E4: Eu acho que hoje eu seria uma doutora, alguma coisa, assim, boa porque eu já ia trabalhar, eu já sabia ler direitinho, escrever direitinho, eu já ia fazer curso de computação na época, já estava já para eu ir. Só que, nesse meio termo, minha mãe me tirou e aí eu perdi a oportunidade de tudo. Eu me lembro como hoje que tia Dalva, que a gente chamava era de tia Dalva, né? Que era a dona do orfanato, agora ela morreu, ela falava assim, falou com minha mãe: “ô dona [nome suprimido], ela já vai fazer um curso, em breve ela vai tá trabalhando, que ela já tá na idade já, assim, de fazer um curso”, que lá, sempre que surgiu uma oportunidade de tá fazendo curso. Só que ela preferiu tirar e eu ouvi isso, mas como eu não sabia opinar nada sobre mim, né? Aí eu fui, chorei muito porque já estava acostumada,

tanto é que eu não chamo a minha mãe de mãe, chamo ela de [apelido suprimido], que o nome dela é [nome suprimido], eu nunca tive afinidade com ela, não chamo ela de mãe, nem ela de filha, chamo sempre de [apelido suprimido], nunca tive amor de mãe, para chamar ela de mãe, até hoje, né? Chamo ela de [apelido suprimido]. E se eu tivesse lá, ave Maria, acho que hoje, estaria em um nível bem alto.

C: E com suas filhas? Sua mãe, a [apelido suprimido], tem boa relação com seus filhos?

E4: Não... sim, vamos dizer que nunca tiveram, o mesmo interesse que ela tem por mim, ela teve zero com os meus filhos, pelo fato de que ela já sabia que eu era de rua e pelo fato de ter o marido, também, não era nada dos melhores, o pai do filho. Então ela, eu acho, que na cabeça dela, meus filhos seriam marginais, ela nunca quis ter a proximidade. Nessa minha vida, regresso, por aí, eu ia lá de vez em quando, que era quando apertava muito, eu não tinha onde correr, olhava um lado, olhava o outro e eu sempre estava grávida, mas eu me lembrava dela, eu ia lá em casa para pedir um pouquinho de comida, para pedir um pão e ela dizia: “entre, coma”, mas depois que eu comia, ela me dizia meio monte de coisa, dizia assim: “coma, mate sua fome, que você arranhou um homem que não lhe dá comida, tá morrendo de fome, chega tá seca, esturricada. Coma e vá embora”. Eu comia porque eu estava faminta, morrendo de fome e ia embora, né? Aí eu chegava lá fora de casa, comecei a chorar e eu ia andando com minhas duas filhas, no bairro que ela morava, que ela mora até hoje, no centro da cidade que nem transporte tinha e como ela me negou a comida, falando desse jeito, eu não tive nem coragem nem de pedir um transporte a ela e aí, é isso aí.

C: Você estudou até que série no orfanato? Você lembra?

E4: Eu estudei até o quarto ano, que é a quarta série, né? [7 segundos de silêncio].

C: E quando você fala que você passou esse tempo todo na rua, quanto tempo você passou na rua no total?

E4: Desliguei, parece que não conseguia desligar.

C: Não tem problema não. A gente, vai se ajeitando aqui. Quanto tempo você passou na rua, Entrevistada?

E4: Olha, eu entrei com 23 anos na rua, comecei porque foi a minha filha nasceu, eu tinha 23 anos, minha primeira filha e aí eu fiquei até 32 anos. 9 anos, né? Praticamente 9 anos na rua.

C: E você ainda convive com seu marido?

E4: Não, eu não convivo com ele. Graças a Deus! Depois de muito apanhar dele, depois de quase indo presa por ele, porque ele era uma pessoa que era muito dependente químico, ele usava todas as drogas que você possa imaginar e eu não conseguia ficar com nada, nem eu, nem meus filhos, não ficávamos com nada. Sabe aquela pessoa bem braba de droga? Que uma meia, ele tira. Então, ele era desse jeito, então, não tinha como ficar com ele, mas demorei um bom tempo. Estamos em 2021, tem 9 anos que eu me separei dele, mas eu aguenteitranços e barrancos com ele.

C: Então, mesmo depois que você saiu da rua, você continuou um tempo com ele ainda?

E4: [Vibração de celular]. Minha filha ligando para dizer que já chegou no trabalho.

C: Graças a Deus! É importante. Salvador é uma cidade muito...

E4: Eu podia só falar com ela, para poder ela não ficar ligando, que eu estou na reunião?

C: Pode falar com ela sim, fique à vontade.

E4: Como é que eu faço? Eu tenho que desligar?

C: Você pode desligar e depois você clica naquele mesmo link e volta, e eu te aguardo aqui.

E4: Certo, só para poder ela não ficar ligando, que ela vai ficar preocupada, que eu não estou atendendo.

C: Pronto, não se preocupe, fique em paz. Atenda sua filha que isso é importante, viu? Que eu estou aguardando.

E4: Perai, eu vou falar aqui mesmo com ela, escrever só. [20 segundos de silêncio]. Carol?

C: Oi, estou aqui.

E4: Pronto, é que eu só fiz escrever para dizer a ela que estou na reunião.

C: Então, me conta aí um pouco sobre esse seu relacionamento com ele. Como é que foi se separar do seu marido?

E4: Foi exaustivo, foi sofrimento, demorou. Eu pensei que meu fim seria morrer com ele, de nunca acabar, muito sofrimento. Ele era muito drogado, ele me batiam muito, o nome dele era [nome suprimido], eu tenho 4 filhos com ele, eu sofri muito. Ele nunca me impôs a usar droga com ele, nunca me ofereceu, mas tudo o que a gente tinha, que eu conseguia nessa vida, né? Que eu sou faxineira, eu fazia faxina, aprendi na tora a fazer faxina. Teve uma senhora mesmo que abriu, eu falando com ela na

Piedade, não sei, ela teve pena, ela me botou dentro da casa dela para eu fazer faxina. Aí eu fiz a faxina, mas ela ficou com muita desconfiança porque mulher de rua, né? Aí, só que, ela abriu o quarto, abriu a porta e eu fiz a faxina, aí eu falei para ela: “olha, eu não sei fazer muito não, mas eu estou precisando de dinheiro, se a senhora poder me ajudar eu vou ficar muito feliz”. Aí ela pegou e me ajudou, deixou eu ficar lá, fiz a faxina, me deu dinheiro. E nisso, as pessoas que me ajudava, falava assim: “você é casada? Você tem marido?”, eu digo: “tenho marido e eu tenho esses filhos, é dele”. “Vocês moramaonde?”, eu digo: “não tenho uma casa fixa, moro aqui, moro acolá”. Mas esse pouquinho que eu ganhava, eu comprava roupinha para os meus filhos, comprava um sapatinho, eu comprava alimento para dar para eles, né? Muitas vezes, tinham pessoas que eu fazia faxina e eu pedia para me dar três faxinas acumulada para poder conseguir alugar uma casinha e aí... minha filha respondeu, disse que tá tudo bem.

C: Graças a Deus!

E4: Eu pedia a essas pessoas que me adiantasse umas três faxinas para eu alugar uma casinha e eu alugava a casinha, conseguia alugar. Aí eu comprava e algumas pessoas me davam roupa, me davam cama, me davam item, para eu me manter. Só que aí quando eu ia fazer minhas faxinas, que eu voltava, eu não encontrava mais nada em casa, nem comida, nem o fogão que eu ganhei, com tanto sacrifício, nada. E nisso foi a vida toda, Carol. Eu conseguindo as coisas eo marido tirando, então eu cansei, não tem jeito, tive que ir para rua mesmo. E as pessoas passaram a não confiar mais em mim: “cadê sua casinha?”, aí eu mentia. “Cadê o que eu te dei?”, com vergonha de dizer que ele roubou, que meu marido roubou, que levou tudo. Eu ficava com vergonha, então as pessoas passavam a não acreditar mais em mim e nisso, eu me entreguei de corpo e alma para rua e foi essa vida que eu vivi com ele, muito sofrimento. Ele me induzia a roubar na rua, ele me induzia e eu disse: “não”, ele só nunca me induziu a usar droga, mas roubar, buscar alguma coisa de alguém na esquina. Nós chegamos até um ponto de ele me forçar tanto que a gente foi para no Bompreço de Nazaré e eu pedi a ele que não, mas ele me bateu e aí eu fui. E chegando lá, ele foi preso e o segurança lá, que disse que ele era já visto como isso mesmo e que eu não ia sofrer nenhum tipo de penalidade não por causa dele e me liberou, mas ele foi preso e apanhou muito, depois foi liberado. E eu fiquei perdida na rua sem ele. Eu, Carol, ficava segura quando estava com ele porque eu estava sozinha na rua com filho. Então, se chegava um homem, o pai dos meus filhos, que

eu já conhecia, para mim, eu me sentia segura, então, quando as pessoas mandavam eu largar e eu dizia: “vou largar, vou largar”, mas ninguém me dava... “venha morar aqui comigo, eu te dou um abrigo, eu te dou”. Ninguém nunca chegou para mim para dizer. Então eu tinha que ficar assim: ruim com ele, pior sem ele. E a minha vida foi isso, até o dia que chegou ao fim.

C: Deixa eu te perguntar, você falou que o que restou foi se entregar de corpo e alma para rua. Quando você fala que o que restou foi se entregar de corpo e alma para rua, o que que você quer dizer com isso?

E4: Quero dizer que eu não tive apoio de ninguém, nem mãe, nem pai, nem amigo, nem pessoas que me davam faxina, um dia de faxina, ninguém que me dava um apoio. Os abrigos que eu ia, era o que? Era uma noite para dormir e ter que voltar, no outro dia, para rua, então eu não tinha como me firmar em nada. Então, me entreguei de corpo e alma, acabou, zerou para mim. Eu não tinha mais esperança em ter uma vida boa, para mim, eu nunca ia ter uma vida digna. Para mim, minha vida seria morrer mesmo, na rua.

C: E como foi esse período? Você pode me contar como é que era o seu dia a dia, na rua? Como é que era?

E4: Posso. Na verdade, as minhas filhas, eu nunca deixei de elas estudarem, né? Quando elas começaram a estudar, quando eu ainda estava, assim, me segurando nos aluguéis, sempre botei minhas filhas na escola. Então, quando eu fui parar na rua, a tendência era não deixar ninguém estudar, deixar de estudar, aí eu botava minhas filhas na escola, logo de manhã, aí eu saía para correr atrás, eu ando de manhã. Muitas vezes, Carol, eu dormia no hotel, que eu pagava o hotel, enquanto eu pedia dinheiro para pagar, conseguia com as minhas faxinas ou pedindo, ou seja, da forma de rua, eu conseguia meu dinheiro. E aí, eu alugava um hotel que era um hotel de prostituta, um hotel só para isso, só abria à noite mesmo, para esse caso. Como eu era mulher de rua, eu não podia ir para um hotel que eu andava maltrapilha. Então, qualquer hotel bonzinho não ia me receber e eu morria de vergonha também e medo, também, de querer tomar, de ligar para algum órgão e querer tomar minhas filhas, meus filhos, que estavam três comigo, que me acompanhou na rua foram três filhos meus. Então, eu alugava um quarto de hotel, aí ficava lá. Chegava de manhã cedo, ele batia na porta e dizia: “tá na hora de ir, senhora. Tá na hora de ir”, aí eu ia embora. Aí, chegava de manhã, dava um banho nas meninas, botava na escola, elas tomavam café lá na escola porque eu falei na assistente social que eu sempre ouvi a

queixa que meus filhos estavam chorando. “Os meninos tomaram café?”, aí eu, muitas vezes mentia dizendo que tomou, mas eu disse: “não, não... não tomou não. Não tá tomando por conta... [trecho inaudível]”. Sem saber que morava na rua e eu levava para escola, aí eu ia, corria atrás, ia tomar um banho, ia correr atrás para de noite eu ter dinheiro para dá um café a eles, né? Quando eu conseguia o dinheiro, aí pronto, quando dava meio-dia eu ia pegar meus filhos na escola. Aí ficava na rua o tempo todo, ia para o Campo Grande, deixava meus filhos brincar, eles brincavam lá no Campo Grande, eu deitava na praça para dormir porque eu já estava exausta, né? Muito cansada, aí pedi a eles: “se chegar alguém aí, vem para perto de mamãe, viu? Não vai com ninguém não, que mamãe tá cansada, precisa dormir um pouco, para pode mais tarde mamãe correr atrás do cafezinho de vocês, viu?”. Aí vinham as meninas: “sim, mamãe” e ficava tudo brincando no Campo Grande e quando dava de noitinha, eu ia, comprava o lanchinho deles, um café, dava a eles e ia para porta do hotel para esperar, quando eu tinha dinheiro. Se caso, não tinha dinheiro eu tinha que ficar perambulando pela rua, até... conseguia meu papelão, botava meu papelão debaixo do braço e ficava andando para lá e para cá com o papelão, até dar meia noite, 1 hora, que já não tinha mais ninguém para procurar um lugarzinho para gente dormir. Então, nisso foi levando, de vez em quando, nessa pegada aí.

C: Vocês andavam muito no dia a dia?

E4: Andava muito, eu chegava a cansar. Várias vezes eu passava pela Baixa do Sapateiros, acho que eu passava pela Baixa dos Sapateiros umas 10 vezes por dia. Eu ficava muito cansada. Teve uma vez, Carol, que os pés das minhas filhinhas ficaram muito cheio de ferida, eu cheguei chorar nesse dia porque eu sentei na Piedade aí chegou uma equipe de alimento, que eu espero que, para eu pedir a Deus por eles todos, né? Que eles viram eu sentir muita dor no pé, vendo minhas filhas... passaram pomada, botaram atadura no pezinho deles, né? E que a gente andava muito, eu ficava perambulando para lá e para cá, quando chegava à noite eu não era mais ninguém.

C: Por que você perambulava muito?

E4: Porque eu tinha que correr atrás, né? Eu não podia, também, ficar parada num lugar só porque eu tinha muito medo de perder meus filhos, ficar num lugar só e eu tinha que correr atrás porque não tinha dinheiro. Eu ia num local, não conseguia o dinheiro para me manter, para manter meus filhos, eu tinha que ir em outro, tinha que ir em outro. Tinha que lavar roupa, ia para ponte lavar roupa, lá no Comércio.

Descia para o Comércio, sol quente, lavar a roupinha dos meus filhos lá, botava para secar lá. Nisso eu ficava lá no Comércio esperando a roupa secar, quando a roupa secava, eu botava na mochila e botava nas costas e ia sempre para... resolvi andar. Eu não podia parar, que a gente de rua não fica parado num lugar, a não ser que é pessoas doentes, mas eu nasci com saúde graças a Deus. Eu ficava perambulando com meus filhos para lá e para cá. Quando sentava e, à noite, muitas vezes eu tinha medo de dormir, com as pessoas que eu tinha medo de estuprarem minhas filhas, de me estuprar porque era mulher, né? Se tem um homem do lado... Então, eu tinha muito medo, mas não tinha outra opção mesmo, tinha que dormir, aí eu sentava no beco, pessoa ficava deitada dormindo e eu ficava sentada esperando minhas filhas dormir, eu não dormia, até amanhecer. Depois amanhecia, que o pessoal levantando para ir resolver suas vidas, aí eu pegava minhas filhas, acordava uma, acordava outra, acordava o menino. Aí ia para Piedade de novo, ia para o Campo Grande de novo, até quando tinha vez que ia para escola, tinha vez que não tinha aula. No sábado e no domingo que era pior, que não tinha ninguém, não tinha loja, nem tinha ninguém para poder correr atrás era a pior tristeza minha, era sábado e domingo.

C: Quando você fala que a rua para você é medo, você tá falando desse medo da violência e de mais o quê? Do quê que você tinha medo? Por que que a rua era medo?

E4: Medo, para mim, porque eu tinha medo de ser violentada, eu tinha medo de eu perder meus filhos, medo de não conseguir me entregar as drogas, me entregar a tudo porque era o que mais me chamava. O que mais tinha na rua era amigos que, até para você conseguir dormir, você tem que usar droga, para você conseguir manter essa rotina, você tem que usar droga. Então, eu tinha medo da solidão, medo dos loucos, medo da violência, porque presenciava isso muito, né? As filhas que apanham na minha frente, as crianças, os pais batendo e eu tinha medo de ser igual, de acontecer o mesmo comigo.

C: E tristeza?

E4: Tristeza porque eu não tinha nada, eu não queria tá naquela situação, né? Passava natal, passava ano novo, era mesmice, que eu não tinha como dar presente, como receber presente. Eu não tinha roupa, eu não tinha sapato, isolada no meio do nada, com 3 crianças. Então, era uma coisa bem vazia que é muito triste morar na rua, não tem ninguém.

C: E a solidão?

E4: Sozinha o tempo todo, eu dizia que eu era impotente, que eu não tinha mais força para nada. Então, eu dizia que eu era uma pessoa solitária.

C: Era só você e seus filhos, você como responsável, os meninos para você dar conta. Então, era você cuidando deles, de um jeito que você não tinha sido cuidada por sua mãe e você ali lutando para aqueles meninos serem amados e cuidados, na medida do que você podia fazer e na luta de correr para poder conseguir superar essa situação sozinha, o tempo todo sozinha.

E4: É, mas... é isso. Virava e mexia eu estava com o pai dos meus filhos porque ele aparecia. Virava e mexia, ele aparecia e eu tinha que ficar porque quando ele aparecia, Carol, parecia que: “ai, eu vou conseguir dormir hoje”, “ai, eu vou deitar, vou descansar porque ele tá perto, não vai acontecer nada com a gente”. Então, virava e mexia eu andava com ele. Ele e sem ele, assim. Você entende, né? Ficava com ele quando ele aparecia, aí passava semanas tudo bem, mas depois ele dizia: “senta aí que eu já volto”. A gente com fome e depois, eu passeia receber o Bolsa Família e foi que me salvava bastante, mas também tinha ele que roubava o cartão, roubava o dinheiro e eu ficando sem comer e ele falava assim: “senta aí, aguarde que eu só vou ali e já volto” e eu ficava feito uma abestalhada esperando, sempre acreditando nele e sentava com os meninos e sentava para esperar. Dava de noite esse homem não chegava e a gente com fome, aí eu começava a chorar, dizendo: “por que ele fez isso?”. Aí depois, quando aparecia, depois de uma semana: “ai, fui roubado, eu estava preso” e eu não tinha em quem acreditar, tinha que acreditar no que ele falava. Nisso eu fui enganada várias vezes, passou muito tempo.

C: Aí ele sumia, sumia por uma semana, sumia por um mês e depois voltava. Aparecia e passava uns dias com vocês, aí sumia de novo.

E4: Isso.

C: E achava vocês ali pela praça da Piedade, por ali por perto, achava vocês e depois sumia. Achava e sumia.

E4: Isso. Ficava, mas quando ele aparecia, Carol, eu não vou te mentir não, era uma alegria enorme porque eu sentia que eu estava protegida, mas foi pura ilusão, né? Mas, se não tem ninguém na rua, só tem eu e as crianças, viu? Eu e as crianças, então eu me sentia protegida quando ele aparecia.

C: Nessa época, a rua era o que para você? Se você fosse dizer, assim, para uma pessoa que não conhece Salvador, que não conhece essa realidade, que nunca viu isso. O que que você diria que é a rua para essa pessoa? Para você, o que é a rua?

E4: Poxa, a rua... eu não desejo isso para ninguém, nem se eu tivesse um pior inimigo, que eu não tenho, graças a Deus, eu não desejaria isso para ninguém. Porque a rua é o fim do poço, você é uma pessoa que não tem os braços e as pernas, é isso aí. Pessoa que não tem braço, nem perna é uma pessoa aleijada, que mora na rua. Eu não desejo isso para ninguém.

C: E você tinha dias felizes na rua?

E4: Tinha dias felizes, como? É porque, quando eu me juntava com o pessoal, os moradores de rua mesmo. Mesmo eles drogados, mesmo eles embriagados, eles eram muito engraçados e alguns deles, algumas vezes, apresentavam muito solidárias e quantas vezes eu estava morrendo de frio, com meus filhos, tremendo, eles mesmo me davam lençóis, cobertores, me cobriam. E quando não conseguia, não tinha condição, tinha vezes, eu achava até que já estava doente, na rua, que o frio que eu sentia era um frio, vamos se dizer, Carol, insuportável. Eu me sentia muito fraca.

C: Chegava no osso, aquele frio de chegar no osso.

E4: Isso, o frio que chegava no osso e que o sol tá tinindo e eu estava com aqueles blusão, calça, uma completa mendiga mesmo, mas com frio por dentro, com sol quente, com tanta roupa e o frio corroendo. Eu não tinha força nem para pegar, quando aparecia aquelas equipes no Campo Grande, na Piedade, eu não tinha força mais para pegar alimento, Carol, não tinha como mais pegar alimento. Aí aparecia os próprios amigos de rua, os moradores de rua que pegavam e chegava lá: "tome". Pegava para mim, pegava para meus filhinhos e aí eu agradecia. Então quer dizer, aí quando a gente estava ali, sentado, reunido era aquela alegria, gastação, cada um falando de sua vida, falando como era. Como eu não tinha o que falar, eu só ficava sorrindo, né? Não tinha muita coisa para contar e aí eu ficava sorrindo. Então são esses momentos bons, que eu via a alegria do povo e gostava dessa alegria.

C: E os dias ruins? Eram esses dias em que você ficava sozinha, né?

E4: É. Era mais dias ruins do que dias alegres, né? Era mais tristeza porquê... e que eu ouvia na rua? Os homens querendo estuprar e as pessoas de bem que aparecia porque eu era novinha, bonitinha, os dentes tudo perfeito, né? Um corpinho bonitinho. Aparecia uns homens, na Piedade, querendo levar meus filhos, me prometendo que ia me botar dentro de casa e muitos marcavam encontro comigo para eu ir, quando eu ficava lá no lugar e ninguém aparecia e aí, era triste, né? Porque eu dizia assim: "agora sim, agora minha vida vai mudar", mas não ia, era

pura enganação. Muitos homens queriam mesmo era me levar para o hotel para ficar comigo e eu também tinha medo de nem querer eu, querer minhas filinhas pequenininhas. Então, eu morria de medo dessas coisas.

C: E como é que você fazia para proteger suas filhas da violência?

E4: É isso, eu não conseguia dormir. É isso, eu não dormia, eu não me juntava. Eu procurava o mais longe possível de dormir junto com o povo, com a população, né? Quando eu via pessoas que eu conhecia da rua, que já conhecia já há um bom tempo, da Lapa mesmo, que eu fui morar com o pai dos meus filhos, na casa da avó. Então eu criei alguns tipos de pessoas conhecidas. Aí quando eu já estava na rua, que eu via, aí eu sabia que era casado, que tinha mulher, que tinha filho, aí eu corria para conversar com ele ou com elas, pedindo pelo menos 2 noites, para dormir. Aí eu mentia, aí rolava mentira: “não, mas porque eu vou ter que ir no médico amanhã cedo e eu estou morando longe, né? Aí eu queria ver se você podia me dar duas dormidas para poder eu ir no médico”, “ah, não tem problema não”. Aí, outra pessoa, alguns homens: “vá, tem sim para você dormir lá. Agora, você vai ter que ver os seus filhos”. Eu digo: “não, mas é com os meninos que eu tenho que tá dormindo”, aí eu já sabia que era interesse, não queria eu ou não queria meus filhos, queria eu, queria me dar força em outro sentido, né? Aí era muita tristeza. E a falta de confiança também, né? Eu não tinha confiança em ninguém, até hoje, é um pouquinho difícil, Carol, eu acreditar porque fui enganada vários anos pelo pai dos meus filhos e pelas pessoas, né? Que eu convivi na rua e as pessoas que eu conheci e que diziam ser amigos, que ia me ajudar e na hora todo mundo sumia.

C: Quando você estava na situação de rua, você costumava a observar o movimento das pessoas? Como era isso? Você olhava o movimento? O quê que chamava sua atenção?

E4: Queria tá no lugar daquelas pessoas, eu digo: “por que eu?”. Não tinha como eu não reparar, porque eu sentava na Piedade, eu via todo mundo arrumado, todo mundo lanchando, todo mundo conversando com um sorriso na cara e eu ali. Aí eu olhava para mim e ficava: “por que eu?”. Eu olhava as pessoas de manhã até de noite, né? Eu olhava o comportamento de cada um, olhava gente boa, olhava gente ruim e ficava feliz com as pessoas boas, que passavam ali felizes da vida, enfim. Por que eu não posso tá assim? Mas eu olhava Carol, não tinha oportunidade para mim em canto nenhum. Se é no tempo de hoje, eu sei que minha cabeça tá boa, mas eu não tive ninguém para me dar uma força no passado para poder eu dizer assim: “eu

vou ser alguém, eu vou sair dessa vida”, não tinha ninguém não. A gente contando as pessoas não acreditam, entendeu? Mas não tinha, olhava para o canto, olhava para outro, quando eu pensava que eu ia ser ajudada, aí as pessoas queriam se aproveitar. Tanto mulher como homem, então, eu não tive apoio de ninguém.

C: As pessoas queriam se aproveitar de você como? Eu acredito em você [trecho suprimido.] Eu sei que o que você tá falando é de muito sofrimento, de muita dor da falta dessa mão, né? De ter uma pessoa ali para dizer: “ó, vai dar certo, segue em frente, você vai conseguir”.

E4: Nunca ouvi isso. Nunca, nunca. A única coisa que eu ouvia era assim: “menina, larga esse homem” e eu passava tempo sem ele, eu largava ele, ele sumia então era praticamente largado, né? Eu estou sozinha, mas cadê a oportunidade ali, naquele momento? As pessoas pediam para eu largar, eu largava. Quantas vezes ele foi preso mesmo para detenção? Eu fiquei na rua perdida mesmo, jogada, sem ter para onde ir [trecho inaudível]. Ele foi preso, não vou poder ir visitar, não vou poder fazer nada, que eu não tenho nem onde cair morta, piorou para ir visitar. De repente ele saía... [trecho inaudível]. Eu digo: “não, não fui preso porque não matei ninguém”. [trecho inaudível]. Quando surgiu com ele, que passava, aí chamava: “você é mentirosa, né? Você não disse que largou o homem?”, eu digo: “ele foi preso... [trecho inaudível]. Eu falei: “ele foi preso, para mim... [trecho inaudível]. E aí ele voltava para mim e ninguém nunca estendeu a mão, ninguém nunca estendeu a mão para mim. A confiança, para mim, hoje, eu confio, assim, nos meus filhos, sabe, Carol? Porque eu sei que são as pessoas que eu vivo, que eu convivo é meus filhos, mas é muito difícil, assim, eu tá acreditando em tanta gente. Acredito porque eu vejo a sinceridade, mas é um pouco difícil eu tá acreditando nas pessoas.

C: Eu entendo. E hoje? Hoje, você trabalha com o quê? O quê que você faz? Ou você tá sem trabalhar hoje?

E4: Hoje eu não trabalho. Hoje eu tenho uma casa, graças a Deus! Eu tenho 6 filhos, 3 meninos e 3 meninas. Depois que eu me separei, vi que o pai dos meus filhos ele... fui parar também em várias delegacias, né? Por causa dele, eu fui dar queixa dele, depois ele dizia que se eu desse queixa, se ele fosse preso, quando ele saísse que ele ia me matar, que era para eu preparar meu caixão porque ele não ia aceitar que eu dei queixa, ele foi preso, sofreu lá por causa de mim. Mas eu dava queixa, depois eu ia lá, na época podia retirar queixa. Depois que mudou esse negócio que não pode mais, né? Mas eu ia, dava queixa dele, depois eu ia lá e: “não, ele não me

bateu não, ele não fez isso não, viu?” e aí as pessoas: “ele tá te ameaçando?”, eu digo: “não, eu menti”. Então, ele me machucou muito, depois aí, voltando ao assunto, ele saiu da minha vida, aí eu arranjei outro rapaz e eu estou com ele até hoje e eu ganhei uma casinha pequeninha, minúscula mesmo, com um quarto e sala, lá na Garibaldi. Aí eu tive ajuda da igreja Batista, me deu o quartinho e eu fui morar lá e de lá, eu fui ajudada por um pessoal que, você conhece, né? E hoje estou bem, ganhei um apartamento, que é esse aqui, viu? E eu estou morando bem agora, saí da rua, graças a Deus! Estou morando com meus filhos e nisso meus filhos já cresceram, né? A mais velha tem 22 anos, a outra tem 21, o outro tem 18, um, 15 anos, fez agora, em setembro. Com esse rapaz eu tenho 2 filhos com ele, que é [nome suprimido], tem 8 anos e [nome suprimido], 5 anos e eu moro com meus filhos todos. Eu não moro com esse rapaz, mas ele fica com o primo... [trecho inaudível]. Ele me respeita muito e eu estou bem agora. Agora eu posso dizer que eu tenho felicidade, que eu não tenho mais solidão e eu não tenho medo.

C: Graças a Deus! E quando você pensa na rua hoje, o que a rua, hoje, para você, né? Superada a situação de rua, essas dificuldades todas.

E4: Eu fico pensando assim: “foi um passado ruim, né? A rua, para mim, é virar da página, né? Eu acho que acabou, descansa em paz. Como se tivesse morrido, né? A pessoa, Entrevistada, morreu e renasceu.

C: E quando você passeia na rua, hoje? Quando você anda na rua você observa as pessoas, hoje? Você ainda vê? Você senta? Como é isso?

E4: Eu sento, eu falo com meus amigos de rua, por sinal, tem uma mesmo que eu estou triste, que eu não sei se morreu. Eu vi ela, na minha época ela era muito bonita e depois, tem pouco tempo que eu vi, ela estava muito magra que eu nem reconheci e aí eu perguntei a amiga do lado, disse que ela estava com tuberculose, né? E eu nem sei mais dela, se ela tá bem, se ela não tá, mas eu sempre vou na rua e vejo meus amigos. Eu sinto a tristeza dos que não conseguiram sair da rua, eu sinto muito, né? Muitos já se foram e quando eu sento na Piedade, quando eu sento lá na Barroquinha, que eu ficava o dia todo, também, sentava lá, que eu passava, aí me dá uma tristeza enorme, Carol. Me dá uma dor assim, eu fico: “ai meu Deus, eu não quero mais passar por isso de novo não, quero mais não. Não deixa não”, porque eu me lembro de tudo Carol. Eu quero limpar isso da minha vida, momento de rua, aquele momento ali não foi bom não e não foram poucos anos, foi muito.

C: E você se desloca muito na rua hoje? Você anda muito ou você fica mais em

casa?

E4: Eu só estou parada agora, aqui em casa, por causa da pandemia, que eu tenho dois pequenos, mas antes disso eu ficava muito na rua, andava.

C: E como era andar na rua e fazer coisas na rua tendo sua casa? Qual é a diferença?

E4: Ave Maria, é uma maravilha, é uma maravilha! Você sabe assim ó, dá de noite e você tem para onde ir. Você tem uma chave de uma casa que você vai abrir e vai entrar, entendeu? Vai descansar e vai entrar sem medo, vai dormir sem medo, né? Você vai respirar [respiração profunda]. “Meu Deus!”. Não sentefrio, não sente medo, solidão, entendeu? Isso é muito gratificante. A pessoa quetem uma moradia.

C: O quê que você estava fazendo na rua? Você estava indo para a rua trabalhar, agora, antes da pandemia?

E4: Eu fazia meus biscates, eu fui procurando as pessoas que eu fazia faxina, né? Algumas me deram oportunidade e outras não, que aí já arranjou uma pessoa fixa, né? Para ficar. Mas algumas, sim, de vez em quando me davam. Eu já chego: “por favor, deixa eu ficar junto com a pessoa fixa lá trabalhando, a empregada fixa e eu entrar para ajudar a pessoa”. E as pessoas voltaram a confiar em mim, que eu passei a dizer que eu já tinha uma casa fixa, que já não estou mais com o [nome suprimido], que meus filhos tão crescidos, que graças a Deus nenhum deu para ladrão, nenhum deu para prostituta. Meus filhos são muito gratos a mim, se você conhecer, Carol, são muito lindos, nem parece que são meninos [de rua]. Porque, também, na rua, eu não deixava que abalassem eles, eu não deixava que eles percebessem que eles estavam morando na rua. Eu levava para escola, eu dava um banho e sim, ainda tem essa parte que o almoço de 1 real, sabe?

C: Sim.

E4: Ali almoçava com 1 real, era muito bom porque eu conseguia esse dinheiro e quebrava um galho enorme porque eu tinha dinheiro para pagar o hotel à noite. Que eu não pagava tanto de alimento e merenda porque eu almoçava, mas isso era de segunda à sexta, quando dava sábado e domingo que era ruim e que as vezes não dava tempo de entrar, para almoçar lá porque era muita gente. As pessoas empurravam, não deixava, né? Mesmo sendo pago, mas era muita gente, a fila dobrava e o lugar que estava não dava para eu chegar a tempo.

C: E hoje como é a sua relação com a rua? Quando você vai para rua, você vai fazer o quê? Você vai resolver as coisas? Como é?

E4: Agora eu estou resolvendo coisa de meus filhos, né? Tentando tirar documento de meu filho porque já tem 15 anos. Minha filha tá trabalhando no Rede Mix, graças a Deus! Aí eu sempre vou na rua quando ela pede para mim: “ó mãe, vou precisar de um documento, a senhora pode lá tirar para mim?”, “ó mãe, preciso que a senhora vá depositar um dinheiro”, aí eu vou fazer alguma coisa, vou na rua. E aí eu ando e, Carol, as minhas amigas da rua, quando me vê e fala: “menina, essa é aquela menina?”, quando eu vejo que eu estou com meus filhos. “Essa é [nome suprimido]?”, eu digo: “é”. “Tá uma moça bonita”. “Aquele menino? Pequeno?”, [nome suprimido], que tá com 18 hoje, falei assim: “é, é ele”. Aí de vez em quando, Carol, eu ajudo eles... [trecho inaudível]. Eu passo para eles porque eu vivi aquela vida, eu passo com alimento na mão e divido com eles porque se eu vivi aquilo ali, eles não deixaram de ser meus amigos, né? E quando eu vou, agora, fico muito triste, né? Quando eu vejo eles a tristeza bate, eu queria que eles, também, conseguissem.

C: Hoje você mora aonde?

E4: Em Periperi, um apartamento lindo. Muito lindo, viu? Eu tenho quarto, meus filhos tem quarto, né? Não é mobiliada porque foi agora, só tem 1 ano, né? Que eu estou morando aqui, que eu ganhei o apartamento, 1 ano, mas eu estou bem, moro bem. Agora sim, agora sim!

C: Graças a Deus! E você mora com quantas pessoas hoje?

E4: Eu moro com meus filhos todos.

C: Então é você e mais 6?

E4: É, eu e mais 6. Meus filhos todos. O pai dos dois filhos vem, de vez em quando, aqui para visitar eles, mas não mora comigo. Eu opinei porque eu fiquei com muito trauma de morar com homem, pelo fato de eu ter sofrido muito com o pai dos meus filhos. E até muitas vezes, ele fala que não é para eu julgar as pessoas porque eu sofri e eu tenho esse mal na minha vida, que eu fico julgando as pessoas pelo o que eu vivi. Eu digo: “mas você não viveu o que eu vivi, você não pode falar, entendeu? Porque não viveu”. Então, eu tenho isso. Eu tenho que tratar, mas ainda não consegui, eu tenho essa desconfiança de homem, de relacionar mesmo, porque foi muito sofrimento com o pai dos meus filhos. Então, aí ele vai embora. Ele vem, visita os meninos e vai embora, mas eu vivo aqui com meus filhos muito bem e meus filhos, no final, me amam muito, merespeitam muito...

C: Graças a Deus!

E4: E eles reconhecem o que eu fiz por eles. E minha mãe, na época, o que foi que ela falou? Quando apareci lá, cheia de filho, na casa dela e eu fazia de tudo, Carol, para parecer que não estava na rua. Eu tomava banho, eu me arrumava, eu arrumava meus filhos, ficava cheirosinha e ia lá em casa para não dar aquela mal impressão, para poder comer do quê que minha mãe fez. Aí minha mãe pegou e disse essa palavra para mim, que nunca mais saiu da minha mente: “porque você não pega esses filhos tudo e joga no orfanato? Se reconhecesse o que você faz, se reconhecesse. Larga esses meninos, rapaz, e viaja, vai embora”. Eu fiz: “não, como é que eu vou fazer assim com meus pequenininhos? Eles não pediram para nascer, como é que eu vou fazer isso com eles?”. Meu Deus! Me dói quando eu ouvi isso de minha mãe, dizia que era para eu largar meus filhos e se “reconhecesse quando crescesse, mas não reconhece” e eu não tenho isso e ela já viu, hoje, que os meninos reconheceram sim. Reconheceu porque ninguém me abandonou, são uns meninos exemplares, pode perguntar a seu amigo [nome suprimido] como são meus filhos, são exemplares. Eles não têm porte de rua, Carol, assim, meus filhos não são nenhum tipo de mau caráter, não são. Você vê assim, pode confiar.

C: Eu imagino porque, pelo o que você me conta, sua história, é uma história de muita superação, né? Você se esforçou muito e você me conta com muito carinho o cuidado que seus filhos tem com você. Então, é o que eu te disse, eu acredito em tudo o que você tá me falando. Eu sei que você superou muitas dificuldades e que para você é uma alegria muito grande tá com seus filhos hoje, viver bem com eles, ter seu cantinho, em paz, né? Porque é isso, hoje você tem paz, né? A casa é cheia, é movimentada, você não tá sozinha e você descansa, você tem paz. E o que eu sinto da sua conversa, de quando você fala comigo, sabe? Que você é uma pessoa que vive em paz, que você deu o melhor que você tinha pelos seus filhos e por você, que você fez o que você podia para poder superar suas dificuldades e Deus é bom e tem de dado filhos que reconhecem isso, né? Que reconhecem seu cuidado.

E4: Reconhecem. Toda hora eu ouço: “eu te amo minha mãe”, aí tem hora mesmo que eu digo: “chega de tanto beijo, chega de tanto abraço”, toda hora. Eu digo: “mamãe é feia, mamãe tá toda acabada”. [trecho inaudível]. “A senhora não tá nada acabada”, eu digo: “estou, mamãe tá sem dente, mamãe não tem tempo... [trecho inaudível].” Porque eu me dediquei de corpo e alma pros meus filhos, mas hoje, eles reconhecem, eles são uns amores. Eu amo muito eles, e não sei viver sem eles.

C: Eu imagino. Ter esse amor todo ajuda a gente a viver, né? A enfrentar os dias.

Me diga como é que é a sua rua hoje? A rua que você mora. O quê que tem na sua rua? Como é a infraestrutura da sua rua? Tem energia? Tem esgoto?

E4: Tem, é tudo ótimo aqui, tá tudo ok porque um apartamento que eu recebi da prefeitura, né? Então, é lindo o apartamento, tem esgoto, tem asfalto, tem tudo, tem energia, tem água.

C: E com a sua rua, como é a sua relação? Sua rua é muito movimentada? Sua rua é uma rua mais parada? Como é sua rua?

E4: É um condomínio, tem movimento porque tem bastante criança. São pessoas bem fracas, bem humildes que moram aqui.

C: E deixa eu te perguntar, tem muita festa de rua por aí? Muito barulho na rua?

E4: Poxa, no início tinha, mas agora melhorou bastante, não tem não.

C: E o que foi que mudou?

E4: Eu acho que as pessoas, com incentivo de cada um, né? Porque aqui tem reuniões.

C: E quando você se desloca hoje, em Salvador, você se desloca para perto ou para longe de casa?

E4: Eu vou... porque eu moro na periferia, né? Que é Periperi. Eu vou sempre para o centro da cidade aonde eu perambulei minha vida toda.

C: Aí você vai para lá resolver as coisas, rever os amigos...?

E4: É, ao mesmo tempo que eu estou resolvendo as coisas, sempre tem, no local, meus amigos, né? Sentado ali, sentado acolá e eu paro, bato papo, né? E dou conselho também, porque aparecia algumas pessoas de bem para me aconselhar também e aí eu ouvia, porque na rua a gente aprende muito também, entendeu? A gente aprende, a gente não só se discute não, a gente aprende. Então, eu aprendi muito a respeitar o próximo, né? A respeitar, a confiar pouco, mas respeitar muito, respeitar o próximo é o principal. Então, eu quando vou na rua, resolver alguns problema, eu paro, fico conversando com meus amigos, depois retorno para casa.

C: Quando você se desloca hoje, você se desloca como? A pé ou de ônibus? **E4:**

Olha, hoje, eu vou de ônibus porque eu não trabalho, né? Não tenho trabalho fixo, mas minha filha quando recebe algum dinheiro ela me dá o dinheiro e eu já gasto para ir, quando eu preciso sair porque aqui é longe, né? Para onde eu vou, tem que ter dinheiro.

C: E quando você anda de ônibus, você fica olhando a rua? Quando você tá saindo aí, de Periperi para o centro. O quê que você vê?

E4: Eu vejo muita coisa, é bom. Eu fico, assim, feliz porque eu estou indo para rua, depois eu vou voltar para minha casa [risos]. Eu vou resolver um bocado de coisa, depois eu vou voltar para pegar o ônibus e voltar para casa. Eu fico feliz, muito feliz que eu vou voltar para minha casa. De vez em quando, me passa a sensação de que eu vou acordar na rua, que tem hora que eu não acredito que eu tenho uma casa [trecho inaudível]. Porque só tem um ano que eu ganhei essa casa, entendeu? Então, tem hora que me passa assim, é coisa minha mesmo. Eu tenho certeza que vou acordar e vou amanhecer na rua, abri o olho e já estou na rua, eu digo: “não, vai levando [risos]”, muito medo. Eu fiquei com um pouco de trauma, eu tenho ainda, Carol, que superar ainda, porque eu ainda sou humana, né? O que eu sofri foi muito, não foi pouco não, então, ainda tem, lá dentro, um bocado de coisa que, aqui, precisa ser resolvido, entendeu?

C: É, mas quando você tá andando de ônibus, no quê que você presta atenção? Alguma coisa chama sua atenção quando você tá andando de ônibus?

E4: Muita gente bonita, a rua, a casa das pessoas, eu fico reparando as casas que eu não tive. “Que casa linda, ó que lindo” e eu reparo tudo, né? A coisa que eu não reparava, que eu ficava só andando para lá e para cá, não tinha olhar, eu era cega, mas agora eu tenho visão. [trecho inaudível].

C: Como assim você era cega? Me conta um pouco aí do não ver.

E4: Eu era cega porque, Carol, eu não via nada, nada enchia meus olhos, Carol. Se eu só tinha tristeza. O momento de alegria só era quando eu estava ali conversando com os amigos, mesmo bebado, mesmo drogado, esse era um momento que eu tive alegria, que era o momento que eu dava risada, mas depois disso, que dava de noite, que todo mundo ia dormir, voltava tudo a mesma coisa. Eu não enxergava a beleza nas pessoas, eu não enxergava casa, não enxergava nada. Minha visão era turva, eu não enxergava nada, não tinha amor ao próximo. Ano novo para mim? Misericórdia! Eu nunca vi tanto choro na minha vida porque as pessoas estavam tão alegres, era o momento que eu estava mais triste da minha vida [trecho inaudível]. Queria um brinquedo daquele, que estava no Campo Grande, as criancinhas brincando. [trecho inaudível]. “Amanhã mamãe vai lá”, chegava amanhã, os meninos vinha e me cobrava e eu dizendo: “meu Deus, não esqueceu, não foi?”. Não tinha, então era tristeza, muita tristeza. Então, eu ia para Barra andando, eu ia para o Rio Vermelho andando, eu ia para Boca do Rio andando com essas crianças para ver se eu conseguia, que tinham me falado onde fica os brinquedos. “Vá não sei aonde”. Saía

andando, não tinha dinheiro para pagar transporte, ia andando para ir pegar brinquedo para meus filhos, chegava lá não conseguia nada, ia voltando de novo, andando, mas só que aí tinha uma coisa boa, que eu ia pela orla e eu toda hora mandava os meninos na água, tomava banho de praia e subia e ia andando. Daqui a pouco, a gente descia de novo, praia e até chegar no centro, quando chegava na Barra, que aí a gente dava para ir subir ali, para ir para o Campo Grande, né?

C: Subir a ladeira.

E4: É, subir aquela ladeira para ir para o Campo Grande, mas eu ia, de lá da boca do Rio, que estava dando presente. Aí eu ia assim: praia, tomava o banho, brincava um pouquinho com os meninos, saía. Aí andava um pouquinho, aí cantava parabéns, cantava um bocado de música para eles, os meninos cantavam, depois descia: “bora para água de novo?”, “bora”, descia, tomava banho até cansar. Aí, quando chegava no local, tinha lá aquela galera, aquela confusão de gente e os brinquedos acabaram. Um bocado de criança com seus brinquedinhos na mão e ficou me escaldando, falando: “acabou, acabou...”. [trecho inaudível]. “Não, aqui é para meu sobrinho, aqui é para não sei quem, aqui é para não sei quem” aí não ganhava. Então, era uns momentos de tristeza. Natal, eu nunca gostei de Natal e Ano Novo, era um momento que todo mundo estava feliz, era um momento muito triste da minha vida, nunca gostei. Agora posso dizer que eu estou gostando, que eu tenho comunhão, hoje eu tenho comunhão com meus filhos, que eu tenho assim: “bora fazer almoço?” e também por aqueles que tão trabalhando, né? Minha filha tá trabalhando e o de 18 anos, tem dois que tá trabalhando, aí a gente inventa de fazer, esse Natal mesmo a gente fez uma brincadeira, mas os outros anos? Nunca tive, não tive nem roupa.

C: E quando tinha festa na rua, quando era período de Carnaval, por exemplo, ou tinha uma manifestação no Campo Grande ou na Piedade, como é que era quando você estava em situação de rua? Mudava alguma coisa para você?

E4: Eu ia para correr atrás, eu ia nesse intuito de pegar latinha, era um momento que eu ganhava um dinheirinho bom, que eu pegava e ia catando latinha, pegava meus filhos: “sai para pegar latinha com mamãe” e eu ganhava um dinheirinho ali, contadinho.

C: E deixa eu te perguntar, e hoje você gosta de festa na rua? Você vai para o carnaval? Você vai para essas coisas?

E4: Não, eu não vou não, eu não curto muito isso não, não gosto muito não. Eu acho

que eu não gosto, vai ver que é porque eu passei a juventude toda sem gostar. Aí agora estou velha, né? Acho que não tenho mais aquela vontade, ainda mais que eu tenho filho e eu tenho muito medo, né? Eu vejo no noticiário morte, tiro, então eu prefiro evitar. Se eu for, vai ser num lugar assim, tipo Pelourinho, que é aquele negocinho para criança, aí eu vou e fico ali.

C: Também não gosto não. A pandemia mudou alguma coisa na sua vida?

E4: Sim, mudou. Mudou e muito.

C: Mudou o quê?

E4: Poxa, eu pude perceber que eu fiquei mais solidária, eu fiquei mais emotiva. Assim, vamos dizer, eu não sei como explicar isso, Carol, o medo de perder, entendeu? Então, ficar mais unida, ficar presente na vida dos meus filhos, a chegar mais, entendeu? Chamar ele mais para mim porque tenho medo de perder. Vou aproveitar cada momento, cada momentinho ali, né? Aproveitar.

C: Você sente falta, assim, com relação as restrições né? Que teve um tempo que não podia sair na rua. O quê que você sentiu por não poder sair na rua, nesse período da pandemia?

E4: Olhe, para mim foi ótimo porque eu pude curtir minha casa. Para mim foi ótimo, que eu já conheço a rua, que eu já vivi na rua, então eu já sei o que é rua, entendeu? Um momento desse foi bom para mim porque eu pude curtir mais, foi um momento até propício, foi um momento que uniu o útil ao agradável. Eu ganhei a casa, veio a pandemia e me botou para ficar dentro de casa. Então, eu gostei muito, não tive problema nenhum com esse negócio de me prendendo dentro de casa para não sair. Foi bom para mim.

C: E mudou alguma coisa na forma como você vê a rua? Por exemplo, agora as pessoas tão proibidas de sair na rua, a rua mudou para você nesse processo ou continua a mesma coisa?

E4: Olha, para mim continua a mesma coisa porque os moradores de rua continuam lá, não saíram, não vi dizendo que tão pegando. Eu vi um só, uma reportagem só falando que arranjou um lugar para botar os moradores de rua, mas perante esse momento, que eu fui na rua, que eu não fiquei o tempo todo dentro de casa, que eu pude sair, eu vi os moradores na rua e eu ficava preocupada. Na Piedade, no Campo Grande, nos Mares, no Comércio, alguns pessoal tudo na rua, então, eu não vi muita coisa não, não mudou muita coisa não. Vi só as pessoas que tem sua residência mesmo, se isolando, mas o pessoal que estava mais vulnerável, ficou da

mesma forma.

C: Qual é o seu principal lazer hoje? Porque quando você estava na rua, seu lazer era participar das rodas de conversa, né? E hoje, qual é o seu principal lazer?

E4: Olha, o tempo que eu tenho para eu curtir, se eu tirar um tempo, eu curto com meus filhos na praia. Pego meus filhos e vamos para praia. Pronto, aí, quando tiver shopping, a gente vai no shopping, passear no shopping. Quando tem um tempo, dá um giro no shopping todo para ver coisas bonitas, gente bonita, alegria, música. Então, vou para esses lugares que levante a autoestimada gente

C: Como é que a sua vizinhança, né? As pessoas que moram aí perto de você, estão lidando com a pandemia? O povo tá fazendo isolamento ou tá indo para rua?

E4: Não, no início estavam. Estava todo mundo isolado, mas agora relaxou. Eu vejo todo mundo saindo para ir trabalhar. Tá indo para trabalhar dizendo que não tem condição de ficar em casa porque ficar em casa ninguém vai dar o sustento e a gente tem que, realmente, sair para resolver a vida dele. Cada um aqui, meus vizinhos que eu paro para conversar falam isso.

C: E você acha o quê disso tudo?

E4: Poxa, no momento agora que tá se agravando, a segunda onda, eu acho que cada um deveria ter mais cautela, entendeu Carol? Mais cuidado, preservar mais a vida dos vizinhos, dos familiares, porque é segunda onda, né? Tá vindo com muita força, então eles têm que ter essa consciência, mas infelizmente, né? A cabeça de um não é a cabeça de todos, né?

C: Eu queria falar um pouco, agora, sobre como é que você imagina que podia ser a cidade, né? Pensando na sua história, como pessoa que morou na rua, que superou essas dificuldades, que hoje tem uma casa, né? Quais são os sentimentos que vem quando você pensa nessas memórias que você tem da rua?

E4: Eu penso que seria diferente, né? Por exemplo, eu não tinha uma casa, mas se me desse uma oportunidade e ia atrás, se alguém me desse uma oportunidade, se o mundo me desse oportunidade de ir atrás, eu não ia viver isso que vivi porque eu acho, Carol, que ruim eu não sou. Eu acho que eu não sou uma pessoa ruim, se eu tivesse oportunidade eu não teria esses filhos todo, apesar de que eu não sou arrependida de ter nenhum deles, eu não teria

arrependimento. Eu não sou arrependida de ter eles, mas se eu tivesse oportunidade, se eu tivesse ajuda, eu não teria essa quantidade de filho. Eu, hoje, me vejo uma pessoa realizada, mas queria que tivesse mudado algumas coisas.

C: Deixa eu te perguntar, pensando nisso tudo, como é que você acha que vai ser o futuro da cidade? O quê que você acha que vai acontecer? Pensando na sua trajetória, nas pessoas que você conhece, nas coisas que estão acontecendo na pandemia, não sei o quê. O quê que você acha que vai acontecer com a cidade, com Salvador?

E4: Eu fico pensando tanta coisa ruim, que eu fico pensando que uma hora dessa vai ter guerra. Eu fico pensando que as pessoas vão se matar, eu fico com tanto medo, assim, de olhando as pessoas porque o que a gente vê na televisão só é tragédia, pouquíssima alegria, pouquíssima coisas boas, metade tudo é ruim, então, eu fico com medo. Eu fico com medo de político que é corrupto, eu fico pensando que se for político é corrupto, imagine quem não é, quem não tem dinheiro, vai ser mais corrupto ainda, né? Porque vai achar oportunidade de surrupiar de alguém, ele vai ter, então aquela pessoa não vai aceitar e aí vem guerra, vem morte. Então, eu não tenho muitas esperanças. Você quer dizer no Brasil? Eu não tenho muita esperança não. Eu fico com medo das crianças que vão vindo, eu fico pensando nos jovens de hoje e eu tenho filho jovem, eu fico pensando. Eles mesmo, quando vão trabalhar, eu não durmo enquanto eles não chegam. Chegou em casa, aí eu respiro, aí fico pedindo à Deus para que outros filhos cheguem em casa, que a mãe possa respirar como eu estou respirando, aliviada, né?

C: E como seria a cidade dos seus sonhos, né? Como é que ia ser para você, assim, se a gente pudesse pensar no o que é que seria, assim, para gente ter uma vida boa? O quê que precisava, para gente ter, todo mundo, uma vida boa?
E4: Poxa, todo mundo tinha que ter um trabalho, tinha que ter uma moradia, principalmente a moradia, o trabalho em segundo lugar, né? Saúde, um hospital pronto para atender todo mundo, quem precisa, sem tá precisando pagar, sem precisar tá madrugando dentro das filas, né? E alimento para todos, né? Quem não tem condições, que sejam doados, quem tem condições vai lá e compre, quem tem seu dinheiro para comprar, entendeu? E harmonia para todo mundo, união, principalmente união, para todos.

C: Quando você morava no orfanato, você brincava na rua?

E4: Não, porque lá é um portão grandão, eu nunca vi a rua, nunca. Eu olhava a rua pelos buraquinhos.

C: É mesmo?

E4: É, eu nunca vi a rua, nunca vi praia, eu só via quando a gente assistia televisão, que a gente ficava: “olha!”. Pense numa pessoa tabaroa, era eu e meus colega.

C: Porque não podia ver a rua, não podia ir para praia, não saia?

E4: Não, tinha algumas vezes que tinha esses passeios, mas infelizmente, dizem que eu, lá no colégio, era um pouquinho traquina, aí sempre ficava de castigo, aí eu não ia, né? Pros passeios. Mas até então, eu nunca fui para praia, eu nunca fui para o cinema, tanto é que eu fui para o cinema pela primeira vez, eu fiquei parecendo uma tabaroa assim, porque nunca vi um lugar tão escuro e eu não achei a cadeira para sentar, foi muito hilário nesse dia. Então, não via a rua de jeito nenhum. Eu via pelos buraquinhos, na parede, como um que tinha no quarto, aí a gente subia na cama, um lugar bem alto e ficava olhando a rua.

C: Aí via as pessoas passando?

E4: Isso, eu via umas pessoas passando achando que: “olha, será que vem paracá? Será que vai para onde?” e aí muitas vezes quando o portão abria, assim, a gente saia correndo para pode sentir a rua. Meu Deus, será que não foi muita vontade de ir para rua que eu fui parar na rua? Será?

C: Quem sabe..., mas me conta um pouquinho mais sobre essa agonia de ver a rua, da sua infância, que eu achei tão interessante

E4: Era assim, a gente subia, não podia chegar no portão, era lá dentro, lá é grandão. Então, só tinha as tias, os tios, as professoras e a gente só via isso e tudo era fila. Para fazer xixi era fila, para rezar era fila, para comer é fila, tudo fila, maior para o menor. Se fizesse alguma coisa errada a gente apanhava, tia Dalva batia muito na gente, né? Tia Dalva, quando a gente fazia, ela batia, ela tinha uma palmatória, ficava na mão, até para apanhar tinha que fazer a fila [risos]. Até para apanhar tinha que fazer fila porque: “bora, você agora”, aí deitava no colo dela e ela batia na nossa bunda e sai. Aí tinha um saco de queimado, aí ela dava queimado para gente, batia e ganhava um queimado. Aí não tinha rua, não tinha. Aí dizem que eu era muito traquina, quando tinha,

assim, que chegava um ônibus dizendo que ia ter... você já ouvir falar de Menudos?

C: Já, a banda.

E4: Isso, aí dizia assim: “ó Menudo, vai ter uma...”. Eu era pequeninha, gostava muito, apaixonada. “Vish, vai ter, disse que vai pegar algumas crianças daqui para ir ver o show de Menudo”. Aí escolheu de dedo, eu não fui escolhida, aí a tia falou assim, meteu o dedo na minha cara e fez: “você não vai porque é teimosa, traquina”, aí chorava e chorava. Aí eu subia, aí o ônibus saia, eu subia lá de novo no quarto das meninas, subia numa cama e olhava a rua pelo buraquinho, aí eu vi o ônibus saindo, aí ficava gritando: “tchau”, mas o buraquinho pequenininho quem é que vai ver? Um lugar altão e eu nunca vi rua, nunca via. Aí quando o portão se abria, aí a gente saia correndo do quarto, descia uma escada grandona, aí chegava lá no portão, aí quando eu chegava o porteiro fechava... [trecho inaudível]. Aí a gente dava para ver as pessoas, a gente botava a mão, assim, pelo portão: “ei, você aí, me dá um dinheiro aí”, aí as pessoas, olhava assim: “vai trabalhar menina”. E a gente, então, eu metia a mão, aí tinha algumas pessoas que dava tapa, assim, na nossa mão, aí digo: “pegue numa pessoa da rua, ela tocou na minha mão” porque essa pessoa da rua era especial, né? Porque a gente só via, estava trancado, não via a rua e as pessoas que passavam pelo portão, a gente botava a mão para tocar na gente, então eu nunca via a rua. Quando eu fui embora de lá, eu chorei muito porque já estava acostumada, de pequeninha até crescer lá, não vi rua. Tanto é que eu ficava muito enjoada, nunca entrei no ônibus, aí quando entrei no ônibus fiquei com ânsia de vômito, primeira vez no ônibus e aí foi muito ruim essa parte porque eu fui do orfanato para um apartamento para trabalhar, eu era acostumada a só brincar e estudar. Eu brincava muito... vai desligar aqui, perai.

C: Estou esperando.

E4: Espera que desligou, eu pensei que estava carregando, não tá não. Vou ajeitar aqui, viu?

C: Viu, fique em paz. Estou aguardando.

E4: [12min09s de silêncio].

C: Oi Entrevistada. Entrevistada?

E4: [4min06s de silêncio].

C: Então, agora eu estou continuando a gravação, com a autorização da entrevistada porque a primeira chamada foi interrompida. Então a gente tá continuando a conversa agora. Certo, você me autoriza a gravar a entrevista?

E4: Corretamente.

C: Pronto, sim. Vocês estava me contando de ver o povo do burquinho da janela.

E4: É, de lá da OAF, Organização Auxílio Fraternal.

C: Sim, e aí quando você pensa na sua infância, de você ter ficado, assim, de não poder brincar na rua, você via outras crianças brincando na rua, naquela época? Ou não tinha?

E4: Tinha, a gente via brincando, correndo, pula-pula. A gente via porque era no alto, né? Que a gente ficava, dava para gente subir no alto e ficar olhando, mas também a gente não tinha falta de brinquedo não porque lá tinha muito brinquedo, muita brincadeira, era uma criança feliz.

C: E hoje quando você vê as crianças, você vê muita criança brincando na rua? Como é que você acha dessa infância das crianças hoje?

E4: Eu me lembro da minha infância, né? Lá na OAF porque eu brinquei muito. Particularmente, eu gosto muito de brincar, até hoje. Eu acho maravilhoso quando eu vejo as crianças brincando, só que tem vezes que extrapolam na brincadeira, que o mundo de hoje tá mudado, né?

C: Como assim o mundo de hoje tá mudado? O que foi que mudou?

E4: Poxa, eu acho que não foi o mundo, foi as pessoas, né? Tem muita maldade no mundo, muita maldade. As brincadeiras não são mais inocentes como antigamente. Até a infância das crianças parece que teve uma mudança genética aí que mudaram a inocência das crianças, ficou mais um pouquinho maliciosa, as crianças, que a gente vê que mudou.

C: e seus filhos hoje, os pequenos, brincam como? Brincam em casa ou brincam na rua?

E4: Não, não tem costume de brincar na rua não. Brinca em casa. Eles dois, pequenininho, brincam em casa. Por sinal, tá até lá brincando, estou pedindo a eles para ficar lá caladinhos para poder eu continuar, aqui, a reunião. Já vieram, já pediram pão, já pediram isso, pediram aquilo. Por isso que eu demorei um pouquinho para poder dar a ele alguma coisa. Eles não brincam na rua não. Ficam em casa.

C: Por que eles não brincam na rua?

E4: Eu tenho medo, eu tenho medo da maldade. Eu não sei. Como eu já te disse que sou insegura, nesse lado, com as pessoas, né? Porque eu tive a revolta enorme com o pai dos meus filhos e depois com as pessoas ao meu redor, né? Então, a confiança é um pouquinho, aí eu não confio, eu tenho medo. Eu tenho medo até de outro coleguinha mesmo, eu sei que eu estou fazendo mal para o meus s, desse jeito, eu tendo muito cuidado e que o mundo, hoje, não é para ter cuidado assim, é para abrir a mente deles, né? Mas eu acho que eu fazendo isso eu estou fazendo certo, cuidando dele eu não deixo ele ficar na rua, deixo ele brincar aqui em casa à minha supervisão.

C: E os mais velhos, quando brincavam, brincavam no parque aqui no Campo Grande, né?

E4: É, brincavam no Campo Grande porque não tinham uma casa, tinha que brincar ali mesmo, mas eu deixava eles brincar. Quando eu estava, vamos dizer, normal, no meu normal, um pouquinho descansada, eu olhava eles, brincava com eles, empurrava. O pequenininho, [nome suprimido], que hoje tá com 18, eu botava ele na gangorra, ficava segurando, mas tinha época, da minha vida, que eu não tinha condições de brincar com eles, tinha que dormir. Aí ficava lá, parecido um molambo que eu era, deitava lá e os meninos ficava brincando, mas brincavam muito, eles brincavam. Eu não deixava, Carol, eles sentirem que eles estavam sofrendo, não deixei não.

C: Você já falou que não tem muita esperança no futuro, né? Que esse futuro, é um futuro sem muita esperança, mas quando você pensa na vida dos seus filhos, dos amiguinhos dele na possibilidade de ir para escola, o quê que vem a sua mente, né? Pensando no futuro. O quê que você gostaria que fosse?

E4: Eu gostaria que mudasse, gostaria que a gente pudesse dizer que criança é bom para escola e que não vai acontecer nada de ruim, né? A gente quer levar nossos filhos para escola, não quer saber que tem um professor pedófilo, né? Professora, que existe também, pedófila ou malvada que vai machucar nossos filhos, né? Coleguinha que, pela convivência dos familiares tão crianças violentas, né? Que gostam de bater e várias outras coisas, né? Que aí eu fico pensando assim: “queria que botasse o menino na escola, vai estudar e acabou. Vai vir rápido para casa, aprendendo alguma coisa”. Mas ainda tem o aprendizado das coisas ruim, né? Que

eles vão aprender, de qualquer forma, eles vão aprender. Se vão levar em prática eu não sei, mas que o mundo de hoje eles vão aprender as coisas ruins e alguns alunos também, algumas pessoas. Alguns pais falam pros filhos, né? Porque tem algumas mães que falam bem assim: “se te bater, bata de volta, enfie um lápis” e eu tenho muito medo disso, eu não ensino isso a eles. Aí eu digo: “quando você ver que o coleguinha é mau, você sai de perto”, viu? Eu ensino isso para eles. Para ela que tá com 8 anos, quando ela começou a estudar, aí falei isso: “quando você ver o coleguinha que é mau, que gosta de bater, de empurrar, você sai de perto, não empurre ele de volta não, viu? Porque você pode empurrar, ele bate a cabeça e ele morre e aí? E aí, olhe você com a culpa, você quer isso?”, ela fez: “não”. Eu digo: “então, você não empurra de volta, você sai, sai e vai brincar em outro lugar. Procure uma coleguinha que seja calma, que nem você, para brincar” e aí nisso eu venho ensinando isso a ela e ao outro porque violência gera violência, né? Então, hoje, eles tão propício a tudo isso, à violência, aprender coisas erradas.

C: A gente já estava se caminhando para o final quando seu celular descarregou. Aí eu queria te perguntar, assim, em resumo, né? Pensando em tudo isso, o quê que é a rua para você?

E4: Vou repetir de novo. A rua é medo, é solidão e tristeza.

C: Mesmo com você, hoje, tendo sua casa. Mesmo com você, hoje, vivendo uma vida mais tranquila. A rua continua sendo isso?

E4: Não, é porque eu digo que sempre tenho um medo de voltar essa vida, eu tenho muito medo, né? Mas acredito que não vai ser possível isso mais não, mas ainda ficou, não estou curada ainda, que isso foi um trauma muito perverso para mim, mas por outro lado, eu posso dizer o quê, meu Deus da rua? Que foi um aprendizado, né? Que a rua é um aprendizado, que quem souber lidar com a rua, vai saber tirar bons proveito dela.

C: Aí você fala de rua como aprendizado, o que seria essa rua como aprendizado? O quê que a rua ensina?

E4: A rua ensina que, como me ensinou que a gente não deve confiar em tanta gente, em todo mundo, que eu fui enganada. A rua me ensinou que a gente tem que respeitar o próximo, independente das condições dela, seja pobre, seja rica, a gente tem que respeitar o próximo, né? Amar, respeitar o próximo e é isso aí. Me ensinou isso, a amar, a respeitar o próximo e não confiar em todo mundo.

C: Eu queria te dizer que foi um prazer ter essa conversa com você, eu aprendi muito. Sua história é uma história de muita superação, você é uma pessoa incrível. Parabéns pela força que você teve, pelas suas batalhas. Muita força que Deus te deu para superar, né? Todas essas adversidades que você lutou e eu só tenho a te agradecer, eu vou transcrever tudo, aí quando eu terminar de transcrever eu te mando. Eu devo colocar como entrevistado, aí eu vou botar um número, eu não vou botar seu nome, mas depois, mais para frente, se você quiser, que eu coloque seu nome aí a gente conversa, tá bom?

E4: Tá bom, mas desde já, não tem problema nenhum, meu nome vai mudar o quê? Minha personalidade? Não vai. Não vai botar meu nome todo, né? Não tem problema nenhum.

C: Tá certo.

E4: E foi um prazer, também, te conhecer. Ai meu Deus, o telefone vai descarregar de novo.

C: Mas agora você vai poder botar ele para carregar. Foi um prazer e que a gente possa ter outras oportunidades de se conhecer ao vivo e continuar essa conversa.

E4: Certo, um beijo.

C: Um beijo, vou desligar aqui. Um abraço, tchau.

Entrevista 5: O que é isso a rua para uma policial?

Caroline Vaz [C]

Entrevistada 5 [E5]

C: Antes da gente começar de fato, eu queria ler para você, eu deixaria esse termo contigo, em períodos normais, mas nesse caso, como a gente não tem contato pessoal, eu vou ler para você o termo de autorização de participação na pesquisa para ver se você concorda para gente dar prosseguimento, tá bom? [5 segundos de silêncio]. Então...participando dessa entrevista, você declara ceder à pesquisadora, aqui presente, Caroline Bulhões Nunes Vaz, sem qualquer restrição ao seu patrimônio e finanças, a propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, prestada à pesquisadora aqui referida na cidade de Salvador [Bahia], em 11 de janeiro de 2021, como subsídio a construção de sua tese de doutorado, a ser submetida ao programa de pós- graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. A pesquisadora, acima citada, fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais o referido depoimento, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir aos grupos de pesquisa em que faz parte: Espaço Livre de Pesquisa-Ação e Geopraxis o acesso ao depoimento para fins idênticos com a única ressalva de garantia da integridade do seu conteúdo e identificação de fonte e sem identificação, ou seja, com a preservação da identidade de fonte e autor. [3 segundos de silêncio]. Podemos prosseguir?

E5: Sim, senhora! [3 segundos de silêncio].

C: É... primeiro eu queria ouvir um pouco sobre sua história, Entrevistada, como foi que você entrou para corporação...?

E5: [4 segundos de silêncio]. É... a pergunta... a pesquisa é voltada para policiais?

C: Não, na verdade, a pesquisa é voltada para compreender o que é a rua a partir de diferentes perspectivas. Então a pergunta que eu faço na minha tese é: “o que é isso, a rua, para pessoas em situação de rua?”; “o que é isso, a rua, para desempregados?”; “o que é isso, a rua, para ambulantes?”; “o que é isso, a rua, para policiais?”; “o que é isso, a rua, para porteiros?”. Entendeu? Para

uma série de pessoas que, de alguma forma, se relacionam com a rua: “o que é isso, a rua, para motoristas?”

E5: [4 segundos de silêncio]. Entendi, é... então, seria para mim, quanto policial. **C:** No geral, assim, eu queria primeiro conhecer um pouco da sua trajetória e depois eu vou fazer as perguntas e aí você pode falar para você, como policial, e para você no cotidiano.

E5: Ah, perfeito, perfeito... entendi. Bom, meu nome é Entrevistada, eu sou nascida na cidade de Salvador. [3 segundos de silêncio]. Sou solteira, moro com meus familiares. Tem um grito aqui, deixa eu só fechar a janela. Além disso, eutenho uma dificuldade gigantesca de concentração quando as pessoas gritam perto de mim. [risos]. Por isso que eu toda hora tenho que levantar para... é, sou, estou policial militar, sou soldado de polícia. Sou formada em Direito pela Universidade Federal da Bahia, anteriormente, eu cursei Direito na Universidade Estadual da Bahia, e... na Universidade Estadual da Bahia, na UNEB e... fui pesquisadora, ainda sou pesquisadora. Ah... acho que é basicamente, sou religiosa de matriz africana, basicamente isso assim, meio que resume. De vez em quando eu escrevo, é... coisas sobre Direito e questões de poesia e sou poeta também, enfim... acho que, mais ou menos minha vida é essa. Meu ingresso na Polícia Militar se deu no ano de [período suprimido]. Ah... [2 segundos de silêncio]. Entrei na polícia por uma questão básica de sobrevivência porque as bolsas de pesquisa acadêmica elas não supriam as minhas necessidades, basicamente isso.

C: Quantos anos você tem?

E5: [3 segundos de silêncio]. 31 anos

C: [4 segundos de silêncio]. Você falou é... que você ainda estuda né? você faz pesquisa, você tá fazendo pesquisa com o que hoje?

E5: [3 segundos de silêncio]. É...eu ainda estudo e vou estudar a vida toda porque a gente não pode se desvincular do conhecimento. Eu pesquiso justiça restaurativa, é... inclusive eu estou estudando para o ingresso para o mestrado da Universidade Federal da Bahia e pesquiso há algum tempo, desde a graduação mesmo sobre justiça restaurativa, basicamente minhas pesquisas são voltadas pras questões de gênero, é... direito penal e justiça restaurativa.

C: [5 segundos de silêncio]. É, com relação ao seu dia a dia, né? Como policial, você trabalha no quartel ou trabalha na rua?

E5: Bom, hoje eu estou trabalhando em regime burocrático, mas trabalhei na rua durante quase toda a minha vida, é... enquanto profissional de Polícia Militar, enquanto profissional de segurança pública, tem alguns meses que eu estou no administrativo, aliás, no burocrático. [2 segundos de silêncio]. É, mas, hoje, no burocrático.

C: Como é o seu dia a dia né? Assim... pensando nas suas outras demandas como pesquisadora, como artista porque você disse que escreve poesia, como religiosa, como uma pessoa que convive com sua família e pensando é, na sua vida como policial né? Como é que sua rotina cotidiana? Como é que é seu dia a dia?

E5: [3 segundos de silêncio]. Bom, o resto de tempo né? É voltado para além das questões de trabalho né? Eu volto pros estudos, volto para escrita, para o preparo para concurso público, OAB, estudar inglês. Me dedico a escrever e eu tenho me dedicado um pouco mais a estar em ambientes que eu tenha contato com a natureza, que eu consiga plantar, que eu consiga meditar, contemplar. Eu divido o que sobra do meu tempo, com as questões de educação e de saúde mental, de saúde física, basicamente isso.

C: No seu dia a dia, como policial quando você trabalhou na rua, como é que funcionava o seu dia a dia? Você pode falar um pouco sobre isso?

E5: [4 segundos de silêncio]. Bom, como a Polícia Militar é uma polícia administrativa ostensiva, a gente trabalhava na área, ora como PO, que é policiamento ostensivo a pé, onde era composto por dois policiais. Nesse caso era um homem e uma mulher, que sou eu, posteriormente, eu fui trabalhar na viatura né? Rodando, e aí a dinâmica de serviço é diferente. Uma você tem um contato muito maior com as pessoas, você anda de fato né? Percorre um determinado espaço, a pé. A outra com a dinâmica um pouco diferente, eu conseguia percorrer maiores extensões, mas aí na viatura, com menos contato com as pessoas, mais contato direto com problemas específicos, para restabelecimento em tese, restabelecimento de ordem e questões de prisões em flagrante. Posteriormente, eu fui para um outro serviço, que também era motorizado, mas era estático que é o serviço na base móvel, que é um, basicamente um ponto de observação policial militar, aqueles pequenos... aquelas pequenas vans onde ficam em um determinado ponto e você consegue

fazer o policiamento, ali sendo vista, o bem sendo visto e evitando que determinadas infrações aconteçam. [2 segundos de silêncio]. Eu respondi?

C: Respondeu. Quando você faz policiamento na rua, como é que você se sente fazendo policiamento na rua? Seja andando, ou seja, motorizado.

E5: Bom, depende do espaço, por exemplo, eu trabalhei no pelourinho, que era a área do 18º Batalhão e existia um misto de fazer um policiamento extensivo a pé, prezar pelo patrimônio público privado, garantia da segurança né? Física, patrimonial das pessoas, mas também eu tinha contato com gente de todo tipo, né? Dos mais variados tipos de pessoas, de gente mais extrovertida, menos extrovertida, gente grande, pequena, gorda, magra, branco, preto, extrovertido, introvertido... enfim, eu tinha contato com uma gama de pessoas que fazia, que contribuía, inclusive, para o meu crescimento, enquanto ser humano. Existia uma diversidade de comportamentos, uma diversidade cultural que eu, particularmente, não associava apenas a segurança pública, mas é uma oportunidade de conhecer gente, de crescer, de aprender. Já com a viatura a gente fica mais restrita, um grupo específico de pessoas, que fica conosco durante 24 horas ou durante 12 horas, que são os nossos colegas e a gente já vai para uma questão de problema mais localizado. Então, nós somos chamados para atender uma determinada questão, uma determinada desinteligência, sanada a desinteligência, levamos à delegacia ou não e isso, para mim, é muito menos dinâmico né? E muito institucionalmente produtivo, embora eu discorde, eu acredito mesmo na prevenção, na educação, muito mais do que na segurança, .no restabelecimento de uma ordem que é... [risos]. Não é uma ordem, de fato, é algo criado, é uma sensação de segurança pública. A base móvel era um pouquinho diferente, as pessoas nos buscavam, às vezes, só para falar mal do marido ou falar mal da esposa ou trocar ideias, as vezes para pedir um conselho, é fácil de ouvi-lo, etc. e tal. E por vezes, também, para resolver problemas relacionados a determinadas desinteligências penais. Respondi?

C: Respondeu. Não precisa se preocupar em responder não. Assim, eu quero que você fique à vontade, compartilhando o que você achar pertinente compartilhar, entendeu? Não tem resposta certa, nem errada. No geral, quando você tá no policiamento de rua, você observava a cidade, a rua, as pessoas, como é que acontecia essa observação? O que é que chamava sua atenção? Porque você disse que não era uma preocupação só de segurança, né? Então,

a pergunta mais ampla, assim, para entender né? Como é que funcionava essa forma de você ver a rua ali naquele momento.

E5: É isso... aí não é uma questão de visão profissional, é... a minha visão pessoal né? As minhas lembranças e a forma com que eu encarava a rua, que eu encaro a rua acabava se aproximando da perspectiva profissional. Eu via e vejo a rua como forma de aprender, de entender a dinâmica das pessoas, inclusive, arquitetonicamente falando e geograficamente falando, a rua ela me permite fazer determinadas comparações que contribuem para os meus poemas, para os meus contos. E eu não olho o caminho, eu não olho o prédio, especificamente falando, eu consigo é... sabe quando você anda no Pelourinho e você aquelas pedras? Eu consigo identificar cada forma de pedra, quantas pessoas né? Não é quantificar, mas entender quantas vezes dezenas, de centenas, de milhares de pessoas que passaram por aquele lugar e desenharam aquelas pedras do jeito que ela é, o posicionamento daquela pedra, aquele calçamento; aquele portão que uma vez forçado, em um determinado momento da história foi quebrado, aqueles casarões que não condizem com a arquitetura do local, por exemplo, você vê um casarão neocolonial num espaço barroco e você se pergunta: por que? O quê que aconteceu aqui? De repente, lá na história você vai ver que depois tocaram fogo naquele casarão e uma outra época foi construído um outro prédio. Então, é como se a rua falasse, é como se a calçadas, é como se os prédios, as portas, as pedras falassem e falam na verdade né? A forma como foram dispostas, fala. Então, sabe? Tem um livro interessante chamado Largo da Palma, que literalmente é largo da palma porque é isso aqui ó... largo da palma parece a palma da mão, por isso que é largo da palma. E era um livro que eu li quando criança né? Quando adolescente, eu era apaixonada por aquele lugar e ainda hoje sou. Para você ter uma ideia de como é interessante para mim esse espaço público, que é uma rua, tem uma história no livro chamada "A Menina dos Pães de Queijo" e eu chego no Largo da Palma e consigo sentir cheiro de pão de queijo, eu sinto a energia do lugar né? Para mim é uma coisa que ultrapassa barreira físicas, né? E vai para além do que é visto, do que é notado fisicamente. E eu, quando eu ando no Pelourinho eu vou lembrar da "Casa dos Setes Mistérios", eu vou lembrar daquela rua que você desce a... que a gente chamava de... [2 segundos de silêncio]. Um pouco antes da escadaria de Gerônimo que dá acesso as portas do Carmo, eu vou passar

pela rua e vou lembrar da casa da mulher que foi escravizada e que matou a família inteira cozinhando uma comida tóxica. [2 segundos de silêncio]. E aí, a rua ela nos traz lembranças e ela nos oferece história de mão cheia, só não percebe quem não quer, só não percebe quem não tem interesse e não entende que é uma freguesia, como foi construída o bairro da Graça, Barra, da Liberdade. Você anda pela rua da Liberdade e você entende porque é que é Liberdade. Era a Estrada das Boiadas e passou a ser Liberdade, e quando eu ando nesse espaço, eu consigo, de alguma forma, acessar lembranças que não são minhas, né? Por exemplo, dizer que a Estrada da Liberdade, antes era Estrada das Boiadas e com a independência da Bahia, em 1823, aquilo ali deixou de ser Estradas das Boiadas e passou a ser Estrada da Liberdade ou que as ruas do Calafate sustentaram a história da cidade de Salvador. Você anda na favela do Calafate e você acha que é só violência, quando aquele lugar sustentou a cidade de Salvador durante muitos longos anos e aquelas pessoas viveram a partir do lixo que os mercados jogavam para ser queimado naquelas torres que tem ali nas proximidades da Avenida San Martin. A rua é isso, a rua lhe dá dados históricos, a rua te permite sensações, lembranças. Lembranças até que você nem sabe que tem. Você acessa desde suas partículas mais antigas né? Mais primitivas, suas moléculas, suas células... é só saber perceber.

C: São muitos caminhos abertos para gente falar, mas antes de puxar um pouco mais para memória, que foi uma das palavras que você trouxe como centrais para compreender o que é rua. Eu queria entender um pouco né? Para você como é que a rua contribui para sua poesia? Porque para mim ficou claro, que era uma outra pergunta que eu ia fazer né? Como é que a rua fala, para mim ficou claro que a rua fala com você a medida em que você anda pelas ruas e vive aquela história que a gente conhece a partir de estar no lugar onde as coisas aconteceram, de encontrar com pessoas, etc. Não? Para não tomar tempo de sua fala. Então, eu queria ouvir um pouco mais né? Sobre como é que a rua contribui sobre, para sua poesia.

E5: Olha só... eu escrevo, em geral, poemas eróticos com recorte étnico racial lésbico. [5 segundos de silêncio]. É impossível você andar por Salvador e não perceber as ladeiras da cidade de Salvador, as colinas, as campinas, inclusive... [9 segundos de silêncio].

C: Entrevistada? Travou aqui para mim.

E5: E agora, tá ouvindo?

C: Agora estou ouvindo. Parou com você dizendo que era impossível não perceber vendo as ladeiras e etc.

E5: Assim, é impossível você não notar o movimento da cidade de Salvador e das ruas de Salvador. Eu digo das ruas de Salvador, mas assim, eu tive oportunidade de conhecer vários outros lugares, né? E aí, eu vou observando como as pessoas andam, como as pessoas se portam, né? É impossível você não notar as ladeiras de Salvador e não atribuir aquelas ladeiras a corpos femininos, A cidade de Salvador ela tem uma energia feminina muito grande e as ruas elas são pouco retilíneas, elas geralmente têm muitas curvas, tem muitas subidas, descidas. O próprio hino da Bahia fala assim: “salve ao rei das campinas de Cabrito a Pirajá”. Se for pelo subúrbio ferroviário você vai ver que tem campinas, se você for observar tem vales, tem morros e aí quando você só observa a cidade de Salvador, que é uma cidade que, em sua maioria formada por mulheres e homens pretos e você percebe que é uma cidade com energia feminina gigantesca, né? Até pela questão das águas, do litoral, tal, enfim... você nota que Salvador é cheio de curvas, é cheio de ladeiras, cheio de subidas, de descidas que faz com que os corpos se movimentem de maneiras diferentes, né? Que faz com que as pessoas andem de maneiras diferentes, se equilibrando, sabe? Em nenhum lugar do Brasil uma mulher anda como na cidade de Salvador. [ruídos]. E parece que as mulheres contornam a cidade de Salvador e isso me inspira, né? Às vezes, eu paro e, assim, do nada, né? Quando eu não estou fardada, claro, para não ser presa, mas assim... eu paro e fico observando a passada das mulheres, como essas mulheres andam, como as mulheres se portam, e é diferente a forma com que você anda no asfalto, da forma com que você anda nas pedras do Pelourinho, da forma que você anda nas pedras colocadas na praia da Barra. A cidade faz você arrastar o pé, tirar o pé do chão, mover-se mais lenta ou mais rapidamente. Isso vai me conduzindo, isso vai me enfeitando, isso vai prendendo minha atenção e a partir daí eu vou desenhando né? As minhas musas, vou pensando nas histórias, até mesmo a parte onde as ruas não são ruas, né? São trilhas e tal, até nesse momento, não tem uma trilha reta e um momento você quebra para o lado que tem uma árvore sagrada que você não pode passar por perto, aí você faz uma curva e, automaticamente, sua coluna gira, o eixo do seu corpo muda, você ginga para andar. E isso vai me inspirando para escrever sobre

mulheres pretas e o encontro dessas mulheres. É isso, acho que é isso.

C: Lindo demais! Você acha que de alguma forma ter tempo de rua, fazendo o policiamento ostensivo, seja a pé ou de carro, te permitiu fazer exercícios de contemplação da rua? [4 segundos de silêncio]. Em algum momento? Você conseguiu, alguma vez, casar isso?

E5: Sim, sim... porque o nosso trabalho com turnos, 12 por 72. Trabalhava de dia, trabalhava à noite, a madrugada é [trecho inaudível] eu não trabalhei em muitos locais, trabalhei no Pelourinho, na Barra e no Rio Vermelho, que são locais relativamente tranquilos, né? Mas, e aí, em algum momento, eu fiz uma hora extra num lugar ou outro [ruído]. Fiquei locada em um serviço num bairro ou outro. Mas em alguns momentos sim, não só contemplar a rua, como contemplar a natureza. Se você observar, não sei se você já fez isso, eu acho muito difícil uma pessoa fazer isso na cidade de Salvador que é uma cidade cada vez mais violenta, por isso uma das minhas palavras foi medo. Chegar às 3 e 40, 4 horas da manhã... nossa tá fazendo um barulho. 3 e 40, 4 horas, 4 e 20 num solstício, o sol, ele tá se posicionando de uma maneira diferente, né? Ele vai aparecer mais cedo e tal. Se você chegar ali na rua de Ondina, perto do Othon ou do asfalto vai ser diferente, a cor, a iluminação, a luminosidade vai ser diferente. Você vai conseguir olhar para o horizonte vai ver um prédio lá né? O Othon, uma parte do hotel... vai ver prédios do outro, vai conseguir olhar para rua e você vai notar que algum momento a cor vai se modificando e você vai perceber um púrpura, um rosa, um rosa avermelhado. E aí você vai vendo cada vez mais amarelo e de repente ficou azul, é dia e as pessoas começam a correr, a andar e a calçada começa a fervilhar de gente, de bicicleta, de carro. Você consegue contemplar e eu tenho, como eu falei, né? Essa questão do silêncio para mim é importante, como a madrugada é mais tranquila, eu tinha a oportunidade de notar, assim, desenhava os caminhos, as calçadas... tinham árvores, não tinham... tinham pessoas, não tinham. Tinha uma pessoa que era interessante né? Era um senhor, que todos os dias, 3 horas da manhã, ele passava correndo, descalço, sem camisa e de short ou de cueca, onde eu estava. E aí, de manhã cedo na minha folga, eu ia para Barra tomar um... [trecho inaudível] isso aí era tipo 3 horas da manhã. De manhã cedo, estava saindo do trabalho ou 7 horas, estou na Barra, o cara estava correndo... ainda. Ele tinha dado 50 mil voltas e aí você fica olhando a dinâmica, tipo, as pessoas vão passando, em tese, aquele lugar não modifica, mas modifica sim. A calçada modifica, as cores modificam, a textura

dos locais modifica. O policiamento, de alguma forma, nem sempre, tá? Mas de alguma forma, ele me permitia contemplar sim.

C: E como é que ele não permitia que você fizesse os exercícios de contemplação? Quando é que acontecia esse “nem sempre”?

E5: Quando eu tinha medo de morrer. Quando eu acreditava que qualquer coisa que não fosse a extrema atenção aos carros que passavam, as pessoas que passavam, poderia me prejudicar. Ou seja, se eu desviasse minha atenção para qualquer outra coisa, poderia tomar um tiro, entende? Ou quando as pessoas estavam muito agitadas e tal. Eu as vezes falo muito lentamente porque meu raciocínio ele não me acompanha, sabe? Às vezes eu estou lá na frente e atropelo as palavras. Dessa mesma forma eu acabo vivendo, então, em alguns momentos, estava acontecendo um determinado ato em que eu estava conduzindo alguém ou estava na perseguição de um determinado indivíduo, mas eu conseguia notar tudo o que estava ali na rua, então eu sabia onde é que tinha um beco, onde é que não tinha, onde é que alguém poderia passar correndo, onde alguma criança poderia, porventura, atravessar onde eu pudesse acabar trocando um tiro. E era nesse momento que houve um momento em que eu estava, de alguma forma, me sentindo constrangida ou de alguma forma não estava sentindo meu trabalho a contento, sabe? Aí eu não conseguia contemplar.

C: E eram mais dias tranquilos ou mais dias agitados?

E5: [4 segundos de silêncio]. Dependia do momento, por exemplo, no verão eu trabalho na orla, no verão era um inferno, né? Eu não conseguia produzir nada, não fazia nenhum poema, tipo assim: “nossa, 1 milhão de mulheres lindas passando na sua frente”, que nada... não é isso que chama a atenção. Então, assim, eu não conseguia escrever uma linha. Muita gente, muito barulho, muita correria, muito povo, muito furto, muito... sabe? Aí eu não conseguia, mas assim, quando... é foda. O inverno me move muito e qualquer coisa que não seja o inferno do verão. [risos]. Pedir ajuda a pensar e perceber os caminhos, a rua de maneira diferente. Menos gente melhor e quanto mais gente melhor também.

C: É, você pode falar um pouco mais sobre quanto mais gente melhor e quanto menos gente melhor também?

E5: Ai, esticando aqui o joelho que tá doendo.

C: Eu também estou me esticando um pouquinho. Com as dores no pé, toda hora dói enquanto eu giro.

E5: Bom, quanto menos gente melhor... que eu me preocupo menos, com a menina que pode se afogar; com o menino que pode tá brincando ali com a bola e vai ser atropelado; com o cara que tá com uma corrente de 11 mil reais e resolveu fazer um passeio na orla de uma das cidades mais desiguais do país e ele acha que não vai ser assaltado. É... e aí, quanto menos gente melhor nesse sentido, consigo ver mais, contemplar mais, pensar mais. Quanto mais gente melhor no sentido de que... como a rua é democrática [3 segundos de silêncio]. Né? Vai passar lá o cara do Uno Mille 95 e vai passar o cara com Maserati e eu vou conseguir fazer observações todas. E aí também quanto mais gente melhor para eu perceber o quanto a rua também é antidemocrática e desigual, porque ela vai forçar minha mente, ela vai me enlouquecer, ela vai me fazer perceber porquê que tem um cara com Uno, que tem um cara com Maserati e porquê que tem um cara do outro lado pedindo comida para comer. A rua te força, né? Na verdade, não é a rua, as relações sociais que acontecem fora dos teus ambientes privados, que acontecem na rua, em geral, elas permitem que a gente pise o cabeçaço mesmo, tipo: ‘velho, o que é isso...sabe?’ e o pior, como profissional: “o quê que eu estou fazendo aqui? Estava guardando o bem daqueles que dominam e eu não tenho sequer o direito de usufruir daquele bem, né?”. Eu não estou entrando no camarote da Band, mas também não estou segurando a corda. Talvez, esteja ou não dentro da corda, mas... divertido é se eu estiver fora da corda. [2 segundos de silêncio]. Eu não sei se consegue, porque as vezes eu viajo muito. Mas é isso, por isso que quanto menos gente melhor e quanto mais gente melhor.

C: Entendi tudo. É, na verdade é esse tipo de reflexão que eu faço no dia a dia, olhando a rua que me fez querer ver como outras pessoas entendem a rua. Então, eu entendo muito e acho incrível, a forma justamente que não é uma viagem, é uma elaboração sua de como você contempla, de como você experiencia a rua nesses momentos, né? Para mim é assim que eu leio, é a sua elaboração, é a complexidade que você traz desses momentos para você. E aí, eu queria te perguntar, né? Por que a rua é medo?

E5: [4 segundos de silêncio]. Porque sou mulher, preta, lésbica, pobre, favelada e nordestina. [5 segundos de silêncio].

C: E ser policial...

E5: Ah, e de candomblé.

C: E ser policial não te inclui em ter medo? Ou você...

E5: [5 segundos de silêncio]. Ser policial não me dá medo? É isso que você quer dizer?

C: Isso.

E5: Ser policial foi uma escolha e outras, todas as coisas, não. Quando a gente escolhe coisas a gente assume riscos, quando a gente não escolhe a gente tá suscetível às vontades do outro, quando... meu orientador tá mandando mensagem aí toda hora passo o dedo aqui na tela e ignoro. É... [risos]. Então... sabe quando a Nina Simone diz que liberdade é não ter medo? [5 segundos de silêncio]. Eu não sei quando eu experimentei liberdade, porque em algum momento, em alguma circunstância, em alguma quantidade eu tive medo. [4 segundos de silêncio]. Só que é muito complicado quando você diz assim: ó... [4 segundos de silêncio]. É... [4 segundos de silêncio]. “Pô, eu tenho medo de morrer”, todo mundo tem medo de morrer, todo mundo tem medo de tomar tiro. “Tá doendo aí a Chikungunya ein?”. [risos]. Todo mundo tem medo de morrer, todo mundo tem medo de tomar tiro. Numa cidade violenta como Salvador. [3 segundos de silêncio]. Essas situações podem acontecer, né? E aí, infelizmente, dependendo do lugar onde você esteja, por exemplo, a praia. Quem diria que na praia, espaço mais democrático da cidade de Salvador, a gente poderia tomar um tiro, né? Mas... [3 segundos de silêncio]. Quando você está exposta a uma violência que é aberta, né? Que todo mundo, pode acontecer com todo mundo, em qualquer momento que esteja na rua, né? É... você fica... [5 segundos de silêncio]. Talvez, menos confortável, né? Mas como você sabe que você escolheu aquilo, você sabe as consequências daquilo. [2 segundos de silêncio]. O medo é inerente no trabalho de policial militar, quem diz que não tem medo tá mentindo. Eu ouvi várias pessoas dizendo que não tinha medo, quando tomou um tiro: “pelo amor de Deus, me ajude, quero morrer”. Homem segurando minha mão dizendo, chorando parecendo criança: “eu quero morrer”. Mas assim... eu fiz uma escolha, ainda que fosse por uma determinada necessidade e tal. Eu fiz uma escolha e eu sei das consequências disso. E isso faz com que eu tenha muito menos medo de ser atingida, porque eu sei que estou sendo atingida, porque eu estou empunhando ou sustentando as insígnias de um Estado que é opressor, que é desigual e que aquela farda daqui representa, de alguma forma, a dor de algumas famílias, a falta de liberdade de algumas pessoas. Eu sei que aquilo, eu sei que a violência, ela pode me atingir a partir disso ou o cara que tá ali fazendo qualquer outra coisa, que vai reagir ou que eu vou busca-lo no sentido de perseguição criminal

mesmo, administrativa e sei que esse cara vai dar um tiro, eu sei que ele pode dar o tiro antes de mim, possivelmente vai, para se livrar de ir para prisão. [3 segundos de silêncio]. E quando... [3 segundos de silêncio]. Alguém me bate, apenas porque eu estou demonstrando afetividade pela minha companheira. [4 segundos de silêncio]. E quando alguém me agride, me machuca, apenas porque eles... ele ou ela acha que eu não sou digna de ter minha integridade física preservada, de ter minha vida preservada porque a corda minha pele me torna menos digna de vida e de saúde que eles. E quando, alguém... [10 segundos de silêncio].

C: Entrevistada? Travou aqui. [trecho suprimido]

E5: Diga aí, em que posso ser útil?

C: Sim, você estava falando de que o medo, ele é... [4 segundos de silêncio]. Não tenho como descrever, mas... [7 segundos de silêncio]. Ele foge do racional quando ele nos fere porque somos quem somos. E aí você estava falando de preconceito racial, de preconceito de gênero.

E5: [3 segundos de silêncio]. Exatamente, é assim... eu tenho medo de morrer e tomar um tiro como policial, mas eu sei que, assim, pode ser consequência do que eu escolhi, mas tem coisas que a gente não escolhe. E a gente vai sofrer por conta disso e a gente é digno de se machucar por conta disso.

C: E como esse medo se relaciona com a liberdade? Que foi outra palavra que você usou para dizer o que era a rua para você.

E5: Como o medo se relaciona com a liberdade...

C: Porque você citou Nina Simone para falar de liberdade, relacionada a ausência de medo.

E5: Liberdade é não ter medo.

C: E aí, você mostrou para mim que você sofre muito medo, em algumas situações que a rua é medo. Mas você também me disse que rua é liberdade e eu queria entender um pouco.

E5: Primeiro, que a gente aprende desde pequena, a se... sabe quando a pessoa que toma conta de você quando criança, eu não posso nem utilizar isso porque as vezes as pessoas não tiveram pai, mãe, família, enfim..., mas sabe quando você é criança e tem medo do escuro? E alguém lhe exige, minha mãe é bem dessas né? "você vai levantar no escuro, você vai andar no escuro e você vai ver que não tem nada no escuro". Deveria ter mil demônios no escuro. [risos]. Eu tive que ir cantando Aline Barros e seguindo, segurando nas mãos de Deus. [risos]. Enfrentando o escuro e

minha vontade de viver e de ser livre é igual a precisar ir no banheiro no meio do escuro, quando acabou a luz, sabe? É fisiológico, você não controla a vontade de fazer xixi, vontade de fazer cocô, vontade de comer, você não controla isso. Ou você faz ou você faz nas calças; ou você levanta para ir no banheiro ou você faz xixi na cama. Ou você vai para rua e encara ou você não vive. [5 segundos de silêncio]. Ou você tem medo ou você vive. E aí, em alguns momentos, a gente tem mais medos, mais medo. Outros momentos que a gente tem mais vontade de viver... que ver um negócio interessante? É... no ano retrasado, que não tinha COVID-19, minha mãe queriaver Olodum no carnaval. Eu fui criada na Baixa dos Sapateiros, não nasci na Baixa dos Sapateiros, fui criada na Baixa dos Sapateiros e Liberdade. Sou apaixonada pelo Olodum e apaixonada pelo Ilê Aiyê, mas foi público, notório e divulgado na mídia, que teve um tiroteio no Olodum. A gente sabia que a gente poderia ser atingida por uma violência absurda ali no Olodum. A gente sabia que algum momento, por conta de... [16 segundos de silêncio].

C: Entrevistada? Travou aqui. [4 segundos em silêncio]. Tá me ouvindo? [6 segundos de silêncio]. Me ouve? Alô? Entrevistada?

E5: [5 segundos de silêncio]. Oi? Eu estou te ouvindo bem.

C: Pronto, eu estou te ouvindo agora também. [6 segundos de silêncio]. Alô? [1 minuto e 2 segundos de silêncio]. Oi entrevistada?

E5: Ó...

C: Perdão. [trecho suprimido]

E5: Estudante não tem vez nesse país.

C: Tem não vei. É cada uma que a gente passa, até assinatura de jornal a gente tem que pagar.

E5: [Risos].

C: Não é verdade? [risos].

E5: Ai, ai... pagar para ficar desinformada é foda, mas tudo bem.

C: Não é?

E5: Eu preciso fazer um comentário que não tem nada a ver, mas enfim... eu estava conversando com um colega, o colega: “não, porque eu tenho que ler meu jornal”, não sei o que e tal. E o colega cheio de opiniões e tal, esses jornais que você compra de 1 real na rua e tal. Beleza, né nenhum Le Monde, né? Também não sei falar francês, nem inglês e aí, ele cheio de opinião, cheguei, eu peguei o jornal, assim, o jornal muito colorido. Cara, o jornal estava cheio de erro de português, eu fiz: “cara,

como pode isso?”. Foi o estagiário que fez isso. Assim, do tipo casa com z, tá ligado?

C: Uhum.

E5: Eu fico assim... cara, me disseram na escola, que quem lê aprende a escrever. Eu comecei a duvidar depois que eu li esses jornais, mas vamos lá.

C: [Risos]. Eu também, mas é porque eles não querem mais gastar com revisão de texto. Aí não tem mais revisor, e como a produção é em larga escala, aí é cada vez pior.

E5: Difícil... a matéria com 3 parágrafos, é foda, mas tudo bem. Continuemos, Sigamos.

C: Sim, aí você estava contando de sua mãe, do tiroteio que teve no Olodum. **E5:** Sim, a gente estava... poderia ser qualquer bloco, tá? Eu estou colocando o Olodum porque foi a minha experiência. É... e aí a gente sabia que poderia ter o carnaval de Salvador, é um carnaval que, infelizmente, tem várias situações de violência, embora não seja tão divulgado pela mídia e tal. Enfim, e a gente sabia que poderia acontecer alguma coisa, mas cara, eu fui criada na Baixa dos Sapateiros, minha mãe viu o Olodum crescendo, nascendo e tudo mais. Nós fomos crias daquele lugar... e aí a gente foi para rua, foi ser livre com toda nossa liberdade, né? De cantar e de reviver o que vivemos lá no Pelourinho quando morávamos lá. [2 segundos de silêncio]. O cara tomou tiro do nosso lado, do nosso lado. [3 segundos de silêncio]. Tipo: tomou tiro, caiu, pá, do nosso lado. E aí todo mundo: “ai meu Deus!”, minha mãe não sabia o que fazer, foi correndo para o lado da turma e eu fiz: “não minha mãe, vem para cá, para o anteparo, se agacha aqui”, aí minha mãe ficou toda orgulhosa: “vei, minha filha sabe como sair de um tiroteio”, estava desesperada. [risos]. “O quê que eu vim fazer aqui Jesus Cristo”? [risos]. Mas assim, a gente... [3 segundos de silêncio]. Se permitia liberdade da rua, naquele momento, naquele ambiente, né? [2 segundos de silêncio]. E quase que a gente paga com a nossa vida, né? Ou pelo menos com um pedaço do nosso corpo. Eu paguei com um medo absurdo de ver o Olodum de novo, eu particularmente, fico olhando o Youtube, mas é... a gente... tá me ouvindo?

C: Estou ouvindo, Estou ouvindo.

E5: Mas é isso, a gente encarou o medo, o receio de ir... e depois acabou o carnaval da gente, né? Minha mãe chegou em casa e ela: “eu faria tudo de novo”. Eu: “Você tá maluca?”.

C: [Risos].

E5: “A senhora sabe que ia tomar um tiro?”

C: [Risos].

E5: Pois é, minha mãe foi livre, mesmo com o tiroteio... o meu carnaval acabou, mas ela, minha mãe, foi Nina Simone ali ó “uh”.

C: [Risos].

E5: Entendeu?

C: Entendi. [risos].

E5: É nessa pegada aí, eu vou vivendo com, assim, tipo... porra. Agora veja, né? Eu consigo me livrar do homofóbico, do misógino, do cara lá que eu esqueci até o nome do preconceito de região, nossa... esqueci. Enfim, consigo me livrar desses caras aí, eu chego no Olodum eu estou lá curtindo “ô Rosa”, nome de minha mãe... tiro. [risos]. É isso, é o preto que paga, né? Por estar num espaço que você sabe que é de todo mundo, sabe? Inclusive, aliviosamente, a rua é importante para gente, para mim pelo menos. A rua é muito importante, exerce uma força gigantesca nos nossos corpos, né? Mas eu naquele dia, fiz assim: “ó, já para mim, não dá mais, não tenho condições, não tenho mais idade para isso”. Mas a gente escolhe qual tipo de medo a gente vai encarar para, aliado com a liberdade que a gente quer ter, o grau de liberdade que a gente quer ter.

C: Entrevistada, deixa eu só te falar uma coisa. Você tem compromisso agora 4:30 né?

E5: Tenho psicanálise, daqui a pouquinho, às 5, 10 pras 5. Aí paro leio um livro, tomo água.

C: Isso, então... deixa eu te falar, porque eu tenho muita coisa para te perguntar, porque apareceu coisas muito interessantes.

E5: É sério?

C: Sério, eu vou dizer em termos de pesquisa, tá? Assim, como a gente falaria, você é uma mina de ouro. [risos]. Uma entrevista maravilhosa, uma pessoa super aberta que elabora as coisas de forma muito complexa, né? E aí, eu estou perguntando e estou fazendo a entrevista com você a partir do que você me traz, entendeu? E tem muita coisa...

E5: Na hora de transcrever, você tá lascada.

C: Estou mesmo. [risos]. Ai... é 1 hora para cada 10 minutos a minha média, mas é isso aí. E aí assim, eu, eu estou aprendendo muito com você e eu gostaria de continuar explorando algumas coisas, especialmente com relação a memória, a sua

vida na infância na cidade. Entendeu? A sua vida cotidiana na cidade, de uma outra perspectiva com relação aos seus deslocamentos, as suas atividades de lazer e etc. E aí eu não queria que ficasse puxado para você agora, por causada terapia, que eu sei que a gente, eu mesma, né? Falando por mim. Então, o que eu não gosto para mim, não gosto pros outros, de fazer uma coisa que fique: “ai meu Deus, o horário, estou aqui” não sei o que... “compromisso”.

E5: A gente pode, pode levar até 4:30, são 4:15 agora.

C: Pronto e aí depois você topa fazer um outro encontro para gente continuar?

E5: Topo, topo sim. Agora tenho que ver só os horários do serviço, tá?

C: Tudo bem. Estou a sua disposição. Então, deixa eu te perguntar, vou aproveitar para fazer umas perguntas mais de resposta pronta para deixar essa questão da memória, da infância, dos deslocamentos na cidade para o nosso outro momento, tá certo?

E5: Viu.

C: Então, onde é que você mora hoje?

E5: No bairro da Caixa D'água.

C: Você mora em casa ou apartamento?

E5: Casa.

C: Tem imóvel próprio?

E5: Sim.

C: Você mora com quantas pessoas?

E5: Sem contar com meu cachorro, 2, mas eu e minha mãe, pessoas diferentes

C: Como é que é a infraestrutura da sua rua?

E5: Relativamente interessante, assim, não tenho muita dificuldade de me locomover onde eu moro não. Só não tem onde estacionar porque a culpa é de Lula que deu oportunidade de pobre comprar carro e depois dizer que a gente tem que defender a propriedade privada com arma, matando as pessoas.

C: [risos]. Eu sei, eu sei. Eu estou rindo porque a gente vai fazer o que? Só pode rir mesmo, né? Com uma situação dessa. [risos]. É que nem sua mãe, sua mãe: “meu Deus, minha filha sabe se defender”. [risos]. Eu não tenho outra reação a não ser rir. [risos]. Mas aquele riso de desespero, entendeu? O quê que eu posso fazer? [risos].

E5: Eu, literalmente, carreguei minha mãe para botar perto da árvore, nesse nível. E ela ó: “socorro”.

C: [Risos]. E aí eu vou rir, né? você contando uma história dessa, eu não tenho outra

reação. Não vou julgar sua mãe, porque como ela se sente cabe a ela, né? **E5:** Vou contar um segredo...

C: Mas eu achei... inusitado.

E5: Eu vou contar um segredo, que não vai para sua pesquisa. [trecho suprimido]

E5: Foi difícil. [risos].

C: Eu imagino, eu imagino... Desculpa né? Porque, às vezes, quando o papo é bom, a gente volta e meia sai um pouco, perdão pela falta de objetividade.

E5: Não, eu preciso disso, por favor.

C: Ah, eu que agradeço, obrigada. Tá sendo uma honra fazer essa entrevista com você.

E5: Ô, que gentileza.

C: Eu fui tocada. Como é a sua relação com sua rua, onde você mora? O quê que você faz na rua que você mora?

E5: [2 segundos de silêncio]. Olha, eu vou ser bem sincera, né? Eu tenho uma péssima relação com minha rua, na verdade, o problema não é a rua não, é o espaço físico não é ruim. As vezes uma dificuldade de estacionar ou outra, mas isso também não é o problema. O problema é que as pessoas tem dificuldade de entender o espaço do outro, logo, eu tenho que ouvir o louvor, o samba, o não sei o que e aí, por exemplo, eu não consegui estudar essa madrugada e eu só estudo de madrugada porque é o momento em que a rua está tranquila. Só que aí, de repente, os meus vizinhos descobriram que a madrugada também pode ser utilizada para viver e aí foi som e mais som e eu não conseguia estudar, ler, enfim. [ruídos]. E aí, o problema é a dinâmica social na rua, né? Porque aí o vizinho vem para minha porta e faz churrasco. Olha que bacana, faz churrasco na minha porta e deixa a brasa lá, para eu pisar. Então, assim... [risos]. É, então, assim, é a dinâmica social mesmo, a gente tem uma certa dificuldade porque as pessoas não conseguem entender o espaço do outro, mas fisicamente falando, mano nossa, tem aquelas ações políticas, colocaram luz de LED, colocaram um parquinho com jardim e as crianças brincam, é bem interessante assim... mas assim, você pode até acreditar que: "nossa, que bacana, alguém olhou para periferia e colocou um parquinho bonito", mas para mim, é muito pouco para comprar minha alma, sabe?

C: Sei.

E5: E olha que eu sou bem barata por sinal. [risos].

C: Ô Entrevistada, deixa eu te perguntar, quando você se desloca, no dia a dia... aqui

são algumas perguntas sobre deslocamento que não são a maior parte, essas são mais de rotina, entendeu? De cotidiano. As que eu quero saber que é: onde você mais caminha? Como você caminha? Onde é que você faz seus exercícios de contemplação, a gente deixa para um outro momento. Seus deslocamentos são mais para perto ou para longe de casa no dia a dia?

E5: [3 segundos de silêncio]. Se você considerar 10 quilômetros longe, é geralmente, é mais ou menos de 10 quilômetros distante da minha casa, por aí, porque é basicamente trabalho, academia e faculdade, faculdade agora acabou, né? Mas assim, na rotina mesmo, compromisso que eu tenho todos os dias, seria trabalho e é... uma média distância, não é muito distante não.

C: E como é que você faz seus deslocamentos em seu dia a dia?

E5: Eu vou de... você não tem vizinhos, mas você teve ter um celular que tá tocando aí, né? Mas, é...

C: Não, é o carro na rua.

E5: Ah tá, é a rua tá vendo? Como eu faço meus deslocamentos?

C: Sim.

E5: Agora, de carro.

C: Os do dia a dia, né?

E5: É, se eu posso chamar aquele negócio que eu ando de carro, de carro.

C: E antes você fazia como?

E5: A pé. [risos]. Olhe, minha vida se resume em: há 6 anos atrás eu me deslocava a pé para todos os lugares. Era assim... deixa eu ver. Vamos lá. 6 anos, não, 7 anos, a pé. Eu realmente há 7 anos atrás eu ia a pé porque eu era estudante, eu acordava 4 horas ia para UFBA 4:30, chegava lá 6:15, 6:20 e aí assistia minhas aulas e tal. E aí ia andando sempre para faculdade, ia e voltava andando.

C: Da Caixa D'Água?

E5: Aham. Eu era magra, né meu bem? Era outro nível de pessoa. E aí... [risos]. Ia andando para todos os lugares, que eu não tinha grana. Assim... quando eu ia para praia, ia à praia andando, para Barra andando com muita tranquilidade, eu sempre gostei muito de andar, por isso que eu contemplava tanto o portão, acalçada... e aí, depois, eu comecei a andar de ônibus porque eu comecei a estagiar e tal. E aí, eu estagiava no CAB, ia de ônibus, ia para alguns lugares tudo de ônibus e aí depois que eu entrei na polícia, eu fui assaltada dentro do ônibus, com a farda e aí as coisas só acontecem comigo dessa forma. Fui assaltada, o ladrão fez assim: "quem

for polícia vai levar um tiro na cara”. No outro dia eu peguei um empréstimo e comprei um carro, foi nesse nível. Foi assim, eu nem consegui pensar, foi como se tipo: “ai meu Deus, eu vou morrer”. Comprei o carro e desde então me desloco de carro, hora ou outra me desloco de aplicativo, de vez em quando me desloco de ônibus, quase nunca isso acontece, né? Mas, agora, de carro, mais pela segurança porque eu também gosto muito de ser conduzida, então, o ruim do ônibus era a falta de segurança e a falta de conforto, mas eu conseguia ver melhor as coisas, sabe? De ônibus, paravam e, mas aí eu também não posso me permitir determinadas coisas numacidade onde, da periferia para o centro, ônibus vai custar, talvez, a minha vida, sabe?

C: Deixa eu te falar, essa era uma pergunta que eu ia fazer. Você vê a rua de forma diferente quando você tá a pé, de carro ou de ônibus?

E5: Completamente, pô!

C: Como é isso?

E5: De carro eu vejo um caminho e as vezes eu nem vejo porque o *waze* que me guia. De ônibus, eu vejo a dinâmica, a vida, só que numa velocidade que não sou eu que tô dizendo, é o motorista do ônibus. E quando eu ando... nossa, quando eu ando, eu paro na praça onde tem as putas, para saber como elas funcionam. Sabe aquela praça ali, da, da Sé? Você senta e tem as prostitutas do Pelourinho, aí eu paro ali, depois que eu virei polícia fiquei mais tranquila porque uma vez eu quase apanhei, que achavam que eu estava disputando espaço. Na época que eu era estudante e eu ficava tipo: “porra, como é que de manhã cedo aquelas mulheres ali” e eu paro e eu sento numa praça, olho o vendedor de crepe, o vendedor de pipoca, o vendedor de churrasco, vejo as crianças, eu vejo a igreja, vejo o padre, eu sinto o cheiro do incenso da missa. Então, a pé, a gente vive, sabe? E a gente funciona, nosso corpo funciona, nosso sangue movimenta, nosso... sabe? O corpo vive quando a gente anda, andar é bom.

C: E de ônibus você prestava atenção em quê?

E5: Às vezes, de ônibus, quando eu estava muito no desespero para estudar, eu estudava, mas assim, de ônibus eu prestava mais atenção na dinâmica do trabalho. Por exemplo, tinha locais que eu fechava o livro e via melhor as coisas, andar de ônibus na feira do rolo, por exemplo, andar de ônibus naquela parte da feira do rolo quando não é domingo e que tem aqueles homens fabricando peças de ferro, para construção e aí eu gosto de ver como o corpo masculino e a masculinidade, ela vai

sendo forjada, como é ser homem, como é ser macho, como é pegar o ferro, como é que carrega o peso e aí eu vejo no ônibus e aí você vai prestando atenção, como é que tem um menino ali que tá observando o homem adulto a dobrar o ferro, a trabalhar com o alicate e aí, ele também tá vendo que aquele homem adulto, quando chega de tarde, quando chega meio dia, ele pega uma marmitta, aquele pote de sorvete que tem feijão dentro, na verdade e, mas ele vai lá e toma uma cachaça e aquele menino vê aquilo e aquele menino vai se transformando com aqueles exemplos. E eu vou vivenciando aquilo, vou vendo aquela dinâmica. Como as mulheres me inspiram, os homens me fazem, assim, pensar em como as coisas funcionam, né? Assim, como é a dinâmica da vida crua, sabe? Sem poesia. Porque, eu não... sinceramente, não vejo poesia nos homens, no corpo masculino, nas formas, nas, nos traços. Homem é... como é que eu posso dizer para você... homem é como a Avenida Paulista, sabe? Tipo, é aquele negócio reto que não acaba e não acaba e não tem curva, não tem graça, não tem volta, não tem movimento. E aí eu..., mas, tipo, para o outro lado, a Paulista te leva para lugares incríveis assim, que te fazem acreditar num poderio econômico, do não sei o que, tudo mentira, tudo ilusão.

C: Sabe o que é que eu fazia? Porque não dá tempo de continuar, a gente só tem um minutinho. É, eu fazia o seguinte, minha mãe morreu quando eu era muito criança, isso não importa. Quando eu fiz 16 para 17 anos, eu vim para Salvador morar com minha avó para poder estudar. E aí, eu ia andando para UFBA, minha avó morava na Graça e minha avó viajava para cuidar dos meus bisavós, meu bisavô ainda é vivo e minha bisavó morreu e aí ela viajava, e quando ela viajava eu não podia ficar em casa, então eu tinha que ir para casa de minha tia, na Vasco da Gama. E aí eu pegava aquele ônibus, o Barbalho/Iguatemi, para sair da UFBA.

E5: Circular.

C: Circular. E eu ficava rodando a cidade naquele ônibus, para ver a cidade. [risos]. Adorava fazer isso, eu pegava o Barbalho circular aí eu tinha que descer de um lado da rua, eu falava: “não, eu vou dar uma volta com o ônibus” e aí eu paro do outro lado da rua e atravesso. [risos]. E eu voltava para o mesmo lugar. Então, foram essas coisas que me motivaram a fazer a pesquisa, entendeu? Essa vida que eu tenho olhando a rua e vendo o movimento da cidade que me motivaram a chegar aqui e a conversar com você, e para mim é muito legal ver esse processo de identificação, entendeu? De ver uma pessoa que anda de ônibus simplesmente porque... andava,

né? Porque eu também fui assaltada emônibus e depois disso nunca mais tive prazer fazendo isso. Porque antes eu tinha prazer de pegar um Estação Pirajá-Barra 3, ali no ponto de Ondina, e pegar e rodar a Barra toda e ir para Estação Pirajá porque era legal para mim ver a cidade naqueles momentos, entendeu?

E5: Sim

C: Apesar de que isso mudou, hoje, por causa da violência, né? Para mim. Esse prazer que eu tinha, hoje eu me sinto privada dessa liberdade. Aí eu queria combinar contigo, eu estou compartilhando com você, para você entender o quê que me levou para essa pesquisa, entendeu? Porque você tem compartilhado tantas coisas comigo, que eu me sinto impelida a compartilhar com você um pouco do que me trouxe até aqui também. É... aí eu queria saber contigo se agente pode continuar na quarta-feira, porque hoje é segunda.

E5: Amanhã é terça. Amanhã eu estou de serviço. Podemos sim, sim, sim

C: Pronto, aí na quarta a gente continua. Para falar um pouco mais desses deslocamentos prazerosos pela cidade e... sobre essas memórias. Tá bom?

E5: Sim, senhora!

C: Obrigada, Entrevistada! Uma honra! Boa tarde, tchau.

E5: Tchau.

C: Vou encerrar a gravação.

E5: Viu.

C: Fique em paz, eu sei como é. Então, Entrevistada, eu queria pedir sua autorização para gravar a reunião, como você tá vendo e seguir a entrevista, continuar a entrevista com base nos princípios da autorização que você me deu na gravação anterior que é: ter fidelidade ao relato que você está dando e não identificar fonte e autor na pesquisa.

E5: Ok!

C: Então, Entrevistada, na nossa última conversa, a gente estava falando sobre deslocamento, né? Aí você estava me contando que batia uma paletada enorme de Caixa D'água para UFBA e que você andava muito, aí eu queria ouvir um pouco mais sobre essas suas experiências de caminhada na cidade. Por que é que você andava tanto? Como era esses dias?

E5: Bom, princípio, tinha um propósito essa caminhada longa. Chegar na faculdade, no horário das aulas e manter o meu projeto de me formar e buscar o que eu queria na minha vida que era uma vaga... [trecho inaudível]... lá na Universidade Federal.

Antes disso, eu já tinha experiências de... [2 segundos de silêncio]. A caminhada porque, como eu não tinha muita grana, o dinheiro que eu tinha era reservado para fazer coisas importantes. Não que ir à praia não fosse importante e era sim, para eu espalhar e tal. Mas assim: “ah, eu preciso, eventualmente, ir num, no bairro tipo Cajazeiras”, beleza, aí o transporte tá ali para Cajazeiras, mas se é para curtir e tal, vale a pena caminhar. E a gente, eu ia... [trecho inaudível] ... ia à praia e tal. E a ideia era: “ora, se carnaval a gente dá aquela paletada do centro da cidade até o final do circuito lá na Barra... por que que na vida normal a gente não pode fazer isso?” Para, dá um mergulho de mar ou, já que a gente não teve aí um... [trecho inaudível] ... que era uma praia aqui no centro, na Cidade Baixa, né? No Cantagalo, na Ribeira que a gente não gostava do ambiente e tal, que a gente achava perigoso e a gente andava na UFBA, não era muito diferente, assim, tinha um propósito que não era me divertir, mas era buscar a formação. Andar, talvez, naquele momento, estava relacionado a busca, né? A busca por uma oportunidade, a busca por uma vida melhor, a busca pelo conhecimento, a busca por não, repito, padronizações sociais, né? E laborais que existiam na minha família e eu não queria trabalhar em subemprego, não queria é... enfim. Reproduzir padrões que fizessem com que eu não quebrasse com essa linha, que é de uma família pobre, que a maioria das mulheres são empregadas domésticas e eu sou muito orgulhosa disso. Só um instante, rapidinho. Eu preciso parar aqui, 2 segundos, para... [trecho inaudível] destruindo minha casa.

C: Fique à vontade.

E5: [57 segundos de silêncio]. Coração de mãe não erra, ele realmente estava destruindo minha casa, perai. Acabou de abrir a porta... para entrar. Eu vou... [3 segundos de silêncio].

C: Ô, coisa linda!

E5: É isso, eu vou tentar controlar o demônio e volto em 2 segundos.

C: [Risos].

E5: [40 segundos de interrupção]. Então, esse é um malefício de estar com a casa em reformas e não ter bem onde, ai. Bem onde estudar ou... enfim. [3 segundos de silêncio]. E aí o bebê, ele quer saber tudo o que eu faço, mas continuemos. Essa questão de ir, estava relacionada a de andar, de caminhar, de ir para rua e literalmente, ir para rua, rua. Rua sempre foi além da questão do medo, né? Liberdade de andar, de sair, de busca, de correr atrás. Na minha família tem meio

que uma coisa assim de é... as mulheres são muito proativas, né? Não tem aquela coisa do homem foi para rua trabalhar e ganhar dinheiro, tipo: “vá para rua”, “vá jogar o lixo você também”, sabe? Com aquela coisa que as meninas nunca sabem de onde o carro vem, as meninas nunca vão comprar pão. São coisas sempre atribuídas aos meninos. “Vá comprar pão”, “vá jogar o lixo” e aí as meninas sempre arrumam a casa, né? Ah comigo, talvez por ter sidocriada por mulheres e os homens da minha vida, os homens eram muito assim, também pela... a gente reproduzia o machismo, mas assim... homem, meio dia, dentro de casa não existe, né? Homem 1 hora, 2 horas da tarde, em casa, sem camisa, assistindo televisão, não existia, né? A menos que ele estivesse de férias e se tivesse de férias, tinha todo o direito de ficar de férias, estar em férias, mas tinha que arrumar a casa. E assim, vai jogar o lixo fora, aí eu começava a contestar: “mas minha avó, por que só o [nome suprimido]?”. Eu tenho um tio que tem mais ou menos a minha idade. “Por que só ele joga fora o lixo?”, eu odeio jogar o lixo, mas era a ideia de: “poxa, eu também quero ir para rua” e aí: “ah não, então você vai comprar o pão e ele vai jogar o lixo fora”. [risos]. Entende? Então, como o lixo também era mais distante, aí ele ia jogar o lixo fora, enfim. Aí acontecia meio que isso, então, ir para rua sempre esteve relacionado também a buscar proventos para casa. É, e se eu não for para rua, se eu não for trabalhar, se eu não me projetar para além dessas quatro paredes que me acolhem quando estou cansada, quando estou com sono, quando precisodormir. Se eu não sair desse ambiente, eu não mantenho esse ambiente, não mantenho minha família, não mantenho a casa, não me mantenho, não comprocoisas básicas para organizar a casa, para comer, enfim. Então a rua também está relacionada ao trabalho e a projetar-se ou a projetar-me para além do que foi dado para mim, né? Do que foi dado não, do que foi estabelecido para mim por conta da minha origem socioeconômica.

C: O que é que significa caminhar para você assim, fora do contexto de ir para UFBA, né? Mas no contexto amplo, o quê que é caminhar para você?

E5: Bom, a princípio, falando de uma mulher que engordou absurdamente porque deixou de movimentar o corpo, né? Caminhar além de trazer... você tá conseguindo ouvir o choro do cachorro?

C: Eu estou. Estou com uma dó do bichinho.

E5: Ah, você tá com dó? Você não conhece. Quer ele para você?

C: Tá chorando... chorando o bichinho, chorando. [risos].

E5: E aí... ele acabou de destruir minha planta, eu só não fiz um, né? Porque na minha casa, a gente não pode fazer barraco perto de estranhos. Então quando terminar aqui vai rolar o barraco.

C: [Risos].

E5: Mas assim, caminhar, além de movimentar o corpo, né? E se eu movimento o corpo eu libero energia e produzo hormônios que me fazem bem, né? Não estou dizendo caminhar, assim: botei um tênis, uma meia, uma roupa bacana. Eu estou dizendo que andar faz isso conosco, né? Descer, subir, ver gente, traz um componente que eu não sei se tá relacionado a química, hormônios que fazem com que a gente se sintam bem, fazem com que a gente respire melhor, fazem com que a gente, inclusive, se equilibre, né? É uma dimensão física do equilíbrio, mas também uma dimensão simbólica, né? De inclusive lidar com coisas da vida mesmo, por exemplo, de eu tá andando na rua e tomar uma queda, e antes que todo mundo dê risada, eu estou sentada no chão gargalhando porque, meu Deus que queda feia, sai catando ficha, sabe? E a gente precisa trazer isso também para nossa vida. [trecho inaudível]. Que a gente sai, primeiro, na rua, você vai cair, você vai levantar. Você não vai ficar lá esperando que alguém te levante, né? A menos que você quebre uma perna, mas assim, e na vida é isso, né? Eu faço os links assim, que parecem absurdos, mas para mim fazem todo o sentido, né? O equilíbrio que se tem subindo e descendo uma ladeira, o cuidado que se tem a andar numa ladeira de pedras lisas e que você tem que olhar para o chão com cuidado para você não escorregar, né? O cuidado que se tem a andar pelas calçadas ou o cuidado que se tem ao não andar pelas calçadas. Desde criança, minha avó dizia assim: “tá tarde, é noite, ande pelo meio da rua”, “mas eu vou ser atropelada”, “mas você tá prestando atenção que o carro tá vindo, se o carro tá vindo, você vai chegar mais para o canto, mas se você anda encostada na parede, tem um beco e alguém te pega e te faz uma maldade, você já foi”. Então assim, também aprender a lidar com perigos, também aprender a lidar com o cara que vai trombar em você e você sabe que ele vai trombar porque ele vai pegar sua bolsa, ele vai trombar porque ele é lerdo, não viu ou estava pensando em qualquer outra coisa da vida. Então, caminhar, o ato de caminhar, de entrar e sair, digo, entrar e sair de ruas, né? É, além de perceber que tá diferente, que alguma coisa foi pintada diferente, que alguma árvore nasceu ali foi plantada, é uma coisa que, além de movimentar o corpo, movimenta nossa mente. Ora, se aquela árvore nasceu ali, alguma coisa mudou e se mudou na rua, também mudou

em mim, porque se aquela árvore nasceu e outras tantas nasceram, eu tenho uma coisa sobre aproveitar e viver para aquela rua, aquela cidade e trazer benefícios para mim. Olha que diferença é você caminhar na... eu, né? Andava e tal, geralmente chegava por baixo, né? Que era mais perigoso até a UFBA, né? Pelo Vale do Canela ou pelo Campo Grande, né? Ou se não pegava, chegava ali no Campo Grande e pegava o Buzufba, que dava um zilhão de volta e saía na Graça, mas assim, quando tinha Buzufba, lógico. Mas assim, é perceber diferenças público-sociais, né? Socioculturais. Na Graça, você anda... menina, parece que você é outra pessoa, né? Você já ergue o corpo, a cabeça e respira e anda com uma certa altivez, que não permite que você ande da mesma forma, sei lá, no bairro da Liberdade. Porque não dá para você desfilar com um milhão de camelôs de um lado, outro milhão de camelôs do outro e você é obrigada a andar na rua e entre a rua tem um carro que tá parado em fila dupla, a moto que tá passando, o vendedor, não sei quem, não sei quem e você fica tentando fazer malabarismo para conseguir andar de maneira erguida, inclusive, né? E essa caminhada, esse fluir de passos, né? É isso. É movimentar a vida, é movimentar pensamentos, é também, dizer para você que você precisa sair de um determinado espaço para evoluir ou que você precisa modificar aquele espaço onde você está, não é? São coisas desse tipo que eu... são sensações assim que eu tenho.

C: Você tem trajetos que você considera afetivos em Salvador, tipo assim, trajetos de caminhada?

E5: Tenho, tenho. Eu tenho uma mania, eu desço ali e vou para... por exemplo, tem um trajeto que eu faço todo ano, no mesmo dia, que precisa ter, essencialmente, a presença da minha mãe que é o trajeto que acontece num festejo logo após o 2 de julho chamado volta da Cabocla. Inclusive, eu fiz um texto sobre isso, fiz um vídeo sobre isso, né? A volta da Cabocla tem um significado político, um significado ancestral, não tem nada a ver com o 2 de julho. Tem a ver com uma coisa que a gente fala, é um ditado muito popular aqui na Bahia: “destá a volta da Cabocla”. A gente fala assim ó, assim mesmo, isso aqui é um gesto relacionado a um orixá, né? Yobá faz isso aqui ó, dizendo: “se ligue, que eu vou correr atrás, que eu vou me vingar”, né? Quando a gente fala “destá”, a gente tá fazendo a mesma coisa tipo, e a gente fala: “destá a volta da Cabocla”. A Cabocla ela vai para o Campo Grande, etc. e tal, mas ela volta e se você observar a caminhada da volta da Cabocla, que é uma caminhada, é uma corrida, que vem com a carruagem, né? Lá do símbolo do 2 de

julho. A Cabocla tá acabada, não tem mais pena, não tem mais nada, não tem político e geralmente é com as putas, os meninos de rua, com os bêbados, com os boêmios. E aí nessa caminhada, que é uma corrida e uma caminhada, eu vou encontrar e vou com minha mãe, né? Porque para mim ali é... sabe aqueles negócios que os caras fazem de: “primeira cachaça que eu tomei com meu pai” ou “tal coisa eu vou pescar com meu pai”. Eu vou para volta da Cabocla com a minha mãe e aí o trajeto é basicamente, Campo Grande/ Lapinha e a gente vai correndo pelas ruas do Campo Grande até chegar ali aos prédios da Sulacap, a gente desce, sobre a Praça da Sé, anda pelo Pelourinho, Barbalho, desço para o Barbalho e aí a gente sobe ali a ladeira da escola... esqueci o nome da escola agora, uma escola de freiras [Colégio Nossa Senhora da Soledade], é referência ali, e chega até a Lapinha, que é o Pavilhão 2 de Julho. Isso me traz... eu choro, eu dou risada, eu bebo, geralmente, eu começo muito sóbria e chego no largo estou bem bêbada e lá eu encontro todos os meus amigos, que tem essa ideia de pedido por justiça ou por liberdade, por empregos e fazem oferendas ali no Caboclo e na Cabocla porque acreditam naquela simbologia dos povos, dos povos originários do Brasil e tudo mais, tem várias oferendas ali. E aquilo ali é de uma dimensão simbólica, emocional, espiritual tão grande para mim, que é como eu rememoro o que aqueles caras e aquelas mulheres fizeram, tipo, eles voltam, correndo, e a volta da Cabocla é mais ou menos isso, eles voltam correndo com o grito de guerra, dizendo assim, tipo: “A gente ganhou, a Bahia é independente, acabou, vamos acabar com isso”, enfim. Para mim tem um sentido de grito de guerra, de liberdade, etc. E tal, ponto. Isso para mim é muito simbólico, eu sempre lembro da volta da cabocla e ali é o caminhar pelas ruas, que são ruas que eu já conheço, por quê? Porque na minha busca pela liberdade, saindo da faculdade da UFBA, andando, eu fazia aquele trajeto. Porque minha mãe com o dobro da minha idade, pouquinho mais que o dobro da minha idade, consegue correr tranquilamente e é uma pessoa que não faz exercícios físicos e tal, correr tranquilamente e andar tranquilamente naquele percurso. E aí quando a gente vai andando, ela vai apontando: “ali sua avó nasceu; sua bisavó nasceu; ali eu cresci; ali minha vó vendia acarajé; ó, ali padre Hélio, na missa de não sei o que, fez isso, isso e isso; ali era o lugar onde a gente comia feijão, todo domingo, depois que a gente saía da missa”. E isso para mim é incrível e eu não canso dessas histórias, né? E eu faço parte dessa história também e além disso, estar, por exemplo, sair, andar com os meus amigos para Barra, quando eu fazia isso e hoje, às

vezes, eu também faço isso, vou andando para o bairro. Agora não, com a pandemia que é uma miséria, né? Eu adoro tomar banho de mar à noite, não suporto sol, tenho muita dificuldade com o sol, queima minha pele, me incomoda, muita gente na praia, horrível e eu vou à noite, mas quando eu tenho vontade de ir de dia, eu literalmente vou caminhando. Observe, eu vou da Caixa D'água até a Barra caminhando, e não é perto, né? E aí eu vou olhando ali a Praça da Sé, o Pelourinho, os caras vendendo, o tiozinho do suco de limão com coco e aí eu paro, tomo suco, aí ele lembra da época que eu era pequena, morava na Baixa dos Sapateiros, ele: “pô você quando era pequeninha, tomava suco na mesma...”, sabe? “Eu morava do lado da sua casa”. Tudo isso, a rua me permite, lembranças incríveis da minha infância, lembranças do que sou eu, do que eu quero ser. Então assim... e várias outras, outras caminhadas, né? É tem uma coisa que eu faço desde criança, que tem a ver com a minha religiosidade, que eu aprendi com a minha bisavó que era mãe desanta. Eu não passo por uma encruzilhada sem pedir licença, as vezes a pessoa que tá comigo não entende, porque vou lá e passo: “licença”; “não, pode passar”; “não estou falando com você, estou falando com o encruzilhado”. Especificamente, por aquele ferro que tá emperrado ali que você não tem ideia, às vezes, quando a pessoa não é de candomblé, que eu nem explico, eu: “não, bora, bó adiantar”. Mas assim, aquele ponto, aquele ferro, aquilo ali, aquele lugar, eu sei que: “João de não sei quem, morreu ali, vítima de uma emboscada”, “licença aqui, viu, seu João? Estou passando”. Aí se tiver um trilho de trem, eu lembro que a gente tem que fazer um movimento e isso tudo tá na rua. E aí, é ver você, Carol, né isso? É vê você, Carol, vê o João, vê o José, mas lembrar que, para gente, tem seres invisíveis que estão ali na rua, que fazem parte daquela energia, que movimenta aquilo ali. É ver que o vento tá muito forte e, literalmente, se você observar nas ruas que tem poeira, quando o vento tá forte, ele faz isso aqui ó... e aí ele começa a levantar poeira de uma maneira como se a poeira fosse um ser, né? Um redemoinhinho, né? Um tornadinho. Aí você para e observa aquele movimento e fala assim: “ó, energia da natureza, eu estou passando”, né? Enfim, a rua me traz esses tipos de coisas, de lembranças, enfim. É isso.

C: [4 segundos de silêncio]. Humm, perfeito, entendo, perfeito. É, quando você tá nessas caminhadas, tipo assim, de lazer. Vamos dizer, quando você tá indo para o mar, né? Você falou mar e bar, não foi? Tipo assim: “gosto de ir para bar”. **E5:** Barra.

C: Você falou bar?

E5: Barra.

C: Barra?

E5: Barra.

C: Ah, Barra. É quando você gosta de ir para Barra, quando você tá nessas caminhadas...

E5: E a Barra, a Barra não tem nada a ver com elite, nem nada não, é porque é uma praia que eu estou tentando não me afogar porque eu já conheço o movimento da maré, viu? [risos].

C: Eu também tenho. [trecho suprimido] [risos]

E5: [Risos].

C: Quando você tá nessas caminhadas em direção à Barra, para ir para praia, para ir encontrar com seus amigos, você vai sozinha ou vai acompanhada?

E5: Menina, eu tenho uma característica muito esquisita, para quem tem bons amigos. Eu gosto de fazer muitas coisas sozinha. [3 segundos de silêncio]. Anteseu ia com alguns amigos ou antes eu os encontrava em algum lugar, é meio que 50/50, mas eu gosto muito de andar sozinha. Muito...

C: É diferente.

E5: An?

C: É diferente você andar sozinha e andar acompanhada?

E5: Sim, porque eu estou comigo e responsável por mim e aí as minhas maluquices surgem, e aí eu paro no lugar onde eu quero. Eu sempre tenho uma... por conta da minha profissão, né? Fica uma coisa muito horrível de: “não se senta em sarjeta”, porra nenhuma. Sento em sarjeta, tomo água de coco, fico ali olhando o povo passando na hora que eu quero. Quando você tá com o outro, você se responsabiliza pelo outro e você divide vontades. Quando eu estou só, minha vontade é soberana e na hora, e se eu falar assim: “não, deu ruim, não estou com energia boa para isso não, vou voltar”. Eu volto de onde eu tiver. “Ô veí, não vou para Barra não, eu vou lá no Rio da Capoeira, vou ficar olhando os cara lá jogando capoeira”. É a minha vontade, é o meu corpo, é a dominação do meu corpo, através da minha vontade e não o acordo com o outro e com o corpo do outro, entende? E aí também, tem aquela coisa de não submeter o outro a minha vontade, então vira e mexe alguém me liga. Não sei se você conhece essa expressão, vira e mexe não, uma hora ou outra alguém me liga: “e aí, bora em tal lugar?”, “pô irmão, a gente se encontra lá”. Agora, por conta da violência, é muito complicado andar sozinho na cidade, exclusivamente

à noite, né? Mas... e eu, hoje, pouco ando, pouco ando mesmo, geralmente, pego o carro e vou, senão, pego Uber e vou, porque é muito, é muito difícil, hoje, na cidade do Salvador, você andar com tranquilidade sozinha pelas ruas, independente ser dia ou noite, tudo tem um... a noite é pior por conta de tá deserto, de não ter tantas pessoas, mas eu também não confio no dia. Outro dia estava levando minha mãe ali no banco, no centro da cidade, e um grupo de rapazes saiu começou a, literalmente, depenar um senhor e ninguém, ninguém se moveu e tinha muita gente passando, ninguém se moveu. Eu fui sair do carro, minha mãe fez assim: “não, a gente não pode fazer isso, esses caras vão quebrar a gente e vai fazer igual ao senhor, porque ele só tá sendo assaltado e a gente que vai...”. Ainda mais que a gente teve uma experiência muito ruim, duas vezes, eu tenho um tio que, por parte de pai, que foi separar uma briga e tomou um tiro no peito e morreu e o outro foi o amor da vida de minha mãe que foi impedir um assalto e morreu também. Então, minha mãe ficou meio que travada naquilo e eu também, né? Você sem nenhum tipo de instrumento para... eu não estou falando instrumentobélico não, viu? Não estou falando de arma de fogo, até porque eu sou contra esse negócio de armamento em massa, isso é maluquice, vai dar um merda que você não faz nem ideia. Mas assim, nenhum tipo de instrumento de persuasão, tipo assim, eu e mais três caras grande, falar: “meu irmão, sai daê, porra, não sei o que”, sabe? Então, de dia e de noite, as coisas tão bem nessa linha aí, e à noite é muito foda porque, assim, de dia só roubam e à noite é que acontecem os estupros, né? Algumas agressões mais violentas.

C: Aí são duas coisas, né? Eu vou perguntar junto, mas... por que que você diminuiu as caminhadas, né? O quê que te levou a diminuir as caminhadas? E a outra coisa é... quando você tá sozinha ou quando você tá com outras pessoas, você presta atenção em coisas diferentes na rua?

E5: Eu diminuí as caminhadas porque carro é comodidade e para uma pessoa que tá acima do peso caminhar não é bacana, dói o joelho e tal, mas diminuí, sobretudo, porque me poupa tempo para fazer as coisas que eu preciso fazer, que não necessariamente são coisas que me dão prazer, são coisas que adiantam a minha vida. Preciso trabalhar, preciso adiantar isso aqui porque, daqui a pouco, eu tenho que organizar minha farda para trabalhar ou eu preciso adiantar a saída, por exemplo, 2 horas que eu levo para ir, 2 horas que eu levo para voltar, não são 2 horas, mas assim, já são 4 horas. Um percurso que eu poderia fazer em 40 minutos, indo e voltando, e aí nesse resto de tempo eu poderia ter aproveitado mais

o banho de mar ou poderia ter chegado mais cedo e concluído um artigo que eu não concluí, né? E aí, isso acaba, as minhas responsabilidades acabam me atropelando [trecho inaudível]. Ir à rua caminhar, também é viver, é ver, é sentir que as coisas estão evoluindo e é muito egoísta o carro, assim, a comodidade, é algo muito egoísta porque você vai olhar para frente, no máximo, pelo retrovisor, sabe? Você nunca vê tudo em 360 graus, né? E com a máscara é difícil prestar atenção nesses detalhes, presto atenção nas placas... [trecho inaudível]. E também é muito ruim porque você não vai poder tá só, as vezes no buzu a gente encontra o João, a Maria, a Josefina, não sei quem e tal, mas assim, a gente sempre tá só. Andar de carro, não Uber... andar de carro é solidão, andar a pé, sozinho é solidão. [risos]. Você tá andando a pé ali, sozinho porque você vai espalhar, porque você vai olhar, não é porque você precisa chegar, é porque o trajeto é mais interessante que o ponto de chegada. Quando você tá de carro o ponto de chegada é mais interessante do que o trajeto. O trajeto só serve para lhe dizer o quão rápido ou demorado será a sua chegada. E sobre andar com os demais, andar com gente é muito bom, é massa, vai trocando ideia, se tiver uma pessoa com a sintonia que você tem de olhar: “porra vei, aquela roupa ali, você já viu aquele detalhe que ali é um símbolo Adidas”; “menina, as mulher tão tudo poderosa, comprando tecido caro de 400 reais” ou “pô, você viu não sei quemzinho ali tá careca, ele era rastafari, agora tá careca”; “menino, como o tempo voa, não sei quemzinho tá calvo”; “pô, você viu que o prefeito mudou aquilo ali, sacanagem velho, ele cobriu um quadro de sei lá, de Caribé”. Que ninguém notava, mas porra, aquilo ali é uma coisa incrível vei, que ninguém notava, mas que existia ali e aí o maluco da prefeitura vai lá e nem sabia também, achava que era só uma gravura qualquer que colocaram ali e passou uma tinta numas gravuras que poderia ser renomada em qualquer lugar do mundo, seria digna, sei lá, de um Louvre, por exemplo. Mas, andar sozinho também te permite fazer reflexões mais suas, sabe? Sem intervenção do outro, sem o olhar do outro, o olhar do outro é importante, mas... no meu caso, né? Eu exercito muito pouco o olhar sobre mim e o meu olhar, sabe? Que eu sempre dou muita atenção ao que o outro está dizendo, não significa que o que o outro diz não seja importante, mas o que eu digo e observo também é importante e a gente vai deixando passar batido as nossas percepções. As vezes o outro acha que é maluquice, porra nenhuma, “aquela pintura da... [trecho inaudível]. Maluquice”, porra nenhuma velho, não é maluquice, sabe? Você viu, aí tipo, eu vivia conversando com uma pessoa que eu tenho muita estima, aí eu passei por um lugar e

pensei, acredite, eu pensei: “porra, tiraram minha árvore favorita”, eu tenho dessas, viu? Árvore favorita, banco favorito, geralmente com coisas da natureza. “Aquela pedra ali é a minha pedra favorita, que é a pedra mais bonita que quando a maré bate, a maré faz um negócio diferente que parece um... [trecho inaudível].” Eu estava passando, foi até com minha companheira atual e aí ela fez assim: “porra, tiraram minha árvore favorita dali velho, todas as vezes que eu passava por aquela árvore eu sorria e ficava imaginando não sei quantos gnomos e ‘bararara’”. Olhei para cara dela: “você tá de sacanagem?”, ela fez assim: “não estou de sacanagem, estou falando sério” e eu pensei exatamente a mesma coisa, fiz: “porra velho, como é que puderam arrancar aquela árvore alivelho? Porra, todas as vezes que eu passava por aquela árvore eu achava aquela árvore massa, cheio de espinhozinho assim e tal, arrancaram a árvore maluco”. E talvez tivessem arrancado aquela árvore ali há um milhão de anos, mas eu só notei porque eu parei, na rua, andando e vi que a árvore não estava ali, mas nem todo mundo tem essa sintonia, tem gente que tá mais apressado com o ponto de chegada: “porra vei, quando a gente chegar lá na Barra, vou dar um 50 mergulhos, não sei o que” as vezes vai tá uma porcaria, um milhão de pessoas ali mergulhando e você não vai ter tempo e vai ser horrível. Quando nomeio da rua você vai notar que tem uma árvore que abdicou, tem aquele pé de flamboyant que, não é janeiro, flamboyant deu flor, é amarelo, então parece um tapete amarelo e você nem nota, você tá preocupado com o ponto de chegada. Por isso que, as vezes é bom ficar sozinha e fazer essas reflexões.

C: Quando você faz as caminhadas, quais são os horários, mais ou menos, que você faz, né? Quando é que você faz, assim, ao longo do dia?

E5: Quando eu fazia?

C: Isso.

E5: [risos]. Eu faço as vezes, viu? Eu já falei que eu não gosto de sol, então, geralmente, quando... como diria minha avó: “o sol tá frio”, ou antes né? Por conta da faculdade era bem cedo, tipo, começava 4:40, 5... agora eu não tenho esse poder maravilhoso de acordar cedo, mas eu gosto de andar à noite. A noite é sempre muito bonita e quando eu quero ir para algum lugar, andar e tal e eu escolho alguma parte da praia para fazer isso. Porque eu consigo ver a maré, tem menos pessoas, a areia tá menos remexida, então consigo ver a cor da água, a cor do mar, como a areia fica quando não tem tanta gente pisando e aí eu vejo se o poste ilumina direito, eu tenho essas nóias assim: “porra, tá iluminando pouco ó, aqui não é bem seguro”;

“pô, aquele pé de amêndoa ali cresceu, pô, podaram e tal”. À noite, como tem menos pessoas na rua, né? Eu consigo me entregar mais, né? E meu corpo não sofre com queimadura, com mal-estar... a bateria tá baixa, preciso botar para carregar. O meu corpo não sofre por queimadura do sol, não tem tantas propagandas em carros de anúncio, não tem o cara da loja gritando para você comprar. Tem o tiozinho do carro do milho, não vai parar, ele não vai gritar nada, você tá vendo ele, ele tá na sua frente, não tem um milhão de pessoas entre você e ele e aí você vai comprar o milho e caminhando e não sei o que, sabe? Eu escolho horários bem... o horário que também, assim, além disso o que tá na minha cabeça, acordei: “vou ali”. Paro o carro num lugar porque eu realmente me preocupo com a segurança e já tive péssimas experiências, né? Me preocupo com a segurança e eu vou para o lugar onde eu acho mais seguro e tal e aí é o que me quebra porque me restringe e é muito esquisito um lugar que te dá tanto espaço e tanta liberdade, te restringir. Te restringe porque você sabe que você não pode correr riscos, senão amanhã você não pode ir para rua, amanhã você tá morta. [4 segundos de silêncio]. É isso.

C: Profundo... na ausência de vida, a rua não existe mais, né?

E5: Depende do ponto de vista, mas se eu acreditar realmente que esse corpo é um só e a existência é una, ou melhor, é única, realmente, na ausência de vida nada existe.

C: É isso, eu falando assim, desse corpo, entendeu? Independente de acreditar ou não em reencarnação, para este corpo acabou, né? Para o que morreu, já foi, independente da pessoa acreditar ou não, que pode haver ou não reencarnação, eu não acredito em reencarnação, mas conheço muitas pessoas que acreditam e independente disso o corpo, aquele corpo, o corpo desta encarnação é esse né? Que a gente tem.

E5: Exatamente.

C: É nesse sentido que eu estou falando, que sem vida, né? Sem esse corpo, não tem mais volta para esse corpo, tipo assim, acabou ali toda a possibilidade de experienciar a rua, a cidade, o mundo, o outro, foi junto com esse corpo. Estava nesse corpo.

E5: Exatamente.

C: Eu vou fazer umas perguntas sobre a quarentena, especificamente e depois eu vou chegar na... caminho final, vamos falar assim, no último terço da nossa jornada, que é muito mais que uma entrevista, para mim né? Tem sido uma experiência muito

boa para eu chamar só de uma entrevista. Vou fazer umas perguntas sobre a quarentena e sua relação com a rua na quarentena e depois eu vou focar na última palavra que você falou, que é memória. Que apesar de você já ter falado muito dessa memória com a rua, eu ainda vou fazer algumas perguntas para, não sei, esclarecer algumas coisas para mim, com relação a essa última palavra e aí a gente dá por encerrado. Com relação a quarentena, né? Tipo assim, para você mudou alguma coisa, com relação a rua? A quarentena mudou, para você, a rua?

E5: Vou ser muito feia na resposta, mas muito feia, mas muito, muito, muito feia. Mas eu não posso ser incoerente comigo, mentirosa com sua pesquisa. [4 segundos de silêncio]. Nos primeiros momentos, pelo menos, porque agora minha filha, tá um inferno. Bendita quarentena. [3 segundos de silêncio]. Cara. [3 segundos de silêncio]. Se você viu a rua no período de lockdown, se foi, se é que existiu lockdown na cidade de Salvador, que as ruas estavam vazias e que a tartaruga no Porto da Barra, que a maré estava plena sem uma barreira, né? Lógico que sem vida as pessoas justificam aquele espaço, democratiza aquele espaço, mas, uau, eu consegui notar que o comércio da cidade Salvador tinha pintura nas faixas, tinha fitas coloridas pintadas na faixa. Cara, tinha pac-man pintado nas praças do comércio da cidade de Salvador pô. Cara, tinha cavalos de madeiras esculpidos no comércio da cidade de Salvador. Sabe o palácio dos pisos, o prédio dos pisos? Ele tá reformado. [3 segundos de silêncio]. E aí você fica assim: “é sério isso? Eu não tinha notado que isso aqui existia”. Tem uma determinada cidade, é... faculdade que eu não vou falar, até citei o nome, mas não vou fazer propaganda porque não tá me patrocinando. Aquela praça ali, que sempre, sempre ando pelo comércio, paro compro um crepe com um casal que é incrível, me chamava muita atenção. Eu parava ali naquela praça e comprava... quando eu parei ali eu fiz assim: “gente”, eu olhei assim para o lado, ladeira da montanha: “gente, a ladeira da montanha tá reformada, eu não vi”. Eu subia a ladeira da montanha falava com mãe preta: “e aí mãe preta, beleza, minha véia?”, mãe preta, infelizmente, não existe mais na ladeira da montanha, para nós, desapareceu. A ladeira da montanha tá reformada vei. Gente, o centro da cidade tá completamente diferente, com aquele milhão de gente rodando, caminhando, gritando, você não percebe nada, você não olha nada, de carro você não olha nada. Durante a quarentena, quase numa perspectiva de The Walking Dead, eu saí do carro: “minha nossa Senhora, Corona vírus tá em todo lugar, mas eu preciso fazer...”, tipo, eu fiz uma caminhada de 200 metros, lá parao...

fiz: “porra, que isso aqui velho? Que massa a cidade mudou”, né? Infelizmente, e aí eu não posso também deixar de levar em consideração toda coisa ruim que veio com isso, à todas as mortes, todas as dores, todas as famílias destruídas por conta da pandemia, mas eu não estou falando disso, né? Que fique bem claro, eu não estou feliz por conta disso, estou dizendo que a ausência de pessoas na rua, faz com que a gente perceba as mudanças, a calçada foi pintada com algo diferente, olha o que é que é isso. Gente, a praça da mãozinha existe, eu particularmente não gostei do desenho, mas tudo bem, tá diferente, rememoraram os pontos antigos que é todo feito de madeira, fizeram uma ciclofaixa que não faz sentido nenhum, mas tem lá e eu tive a oportunidade de fazer isso correndo riscos, ser atacada, assaltada, enfim, mas assim, se não fosse a quarentena não ia rolar isso, porque não ia ver e aí também, tem aquela coisa da quarentena te restringir, né? Tipo, eu fiz isso uma vez durante a noite, não tinha ninguém e tal, com álcool gel na mão e pedindo a Deus misericórdia para ninguém me assaltar, mas deu para perceber assim, fisicamente, esteticamente como está o centro da cidade, como está a ladeira da barra, como está a periferia. Tive a oportunidade de seguir sentido Subúrbio e ver que nada mudou, que ainda não tem árvores, que ainda não tem estrutura básica e pintam a faixa no meio da pista, é meu cachorro, viu? Que tá chorando. E Pintar uma faixa no meio da pista de vermelho e dizer que ali é ciclofaixa é maluquice, não é? A quarentena me fez pensar sobre como nós utilizamos aquele espaço, como é antidemocrático, desfazendo do que eu disse antes, que é democrático, mas como é antidemocrático, porque dependendo da rua, você vive a rua ou você passa pela rua. [5 segundos de silêncio]. E a outra pergunta foi o quê? Desculpa. **C:** Não, não teve pergunta não. Na verdade, agora eu quero saber o que é passar pela rua e o que é viver a rua? Isso é uma coisa, e outra coisa, queria que você me contasse como foi que você fez esse tour por Salvador? Que foi que te levou a fazer isso? Como foi que...

E5: O tour na quarentena?

C: É. [4 segundos de silêncio]. E me dissesse isso, né? Da rua. De o que é passar pela rua e do que é viver a rua, que foi uma coisa que você falou aí agora. **E5:** Pronto. Eu vou tirar o componente humano, né? Não, vou ser mais generosa, eu vou tirar o componente laboral, né? Os vendedores, não sei o que, ‘bababa’, as pessoas, o carro de som, não sei o que. E aí o caminho. [6 segundos de silêncio]. O caminho, né? Você nota, você sente o cheiro... perturbação, o professor mandando mensagem. Você sente o cheiro, você vê as cores, você nota as diferenças. [4

segundos de silêncio]. Você vê as cores, você nota as diferenças, você vê como a luz bate naquele ambiente, deixa ele mais triste ou mais alegre, mais... eu não sei como é que você dimensiona isso, mas eu tenho a impressão de que de acordo com a posição do sol, a posição da luz aquele cenário se torna mais triste, mais bonito, mais aconchegante, menos aconchegante, sabe? Depende da luz, de como tá a posição do Sol, se a luz é artificial ou não. [4 segundos de silêncio]. É... [5 segundos de silêncio]. Viver a rua é tipo, eu sinto que faço parte daquilo, minha caminhada precisa estar ali, eu estou vivendo junto com aquilo, eu estou vendo aquela árvore, claro que tem um lugar no Rio Vermelho que é um ponto de táxi. [4 segundos de silêncio]. E alguém plantou um pé de seriguela, foi aqui, o caminho que alguém plantou um pé de seriguela e eu vi aquele pé de seriguela ali e isso foi um pouco antes da pandemia e já era, como se fosse um enxerto, já tinha até uma seriguela pequenininha, o pé não deveria ter nem 1 metro e eu passava por aquilo ali e eu tinha um sentimento por aquele bendito pé de seriguela, quando eu tinha um copinho de água, eu ia lá jogava. 2 semanas depois, tinha um galho seco e o pé quebrado e eu fiquei pensando como é ruim a convivência com os seres humanos. O pé de seriguela não estava fazendo mal a ninguém pelo contrário, quando crescesse era sombra para todo mundo e seriguela à mão cheia, e estarnaquele ambiente e dizer: "porra velho, que merda, pô, não fui eu que plantei, mas eu jogava água" eu estou vivendo aquilo ali, estou fazendo parte daquilo. Veja, eu não estou dizendo que é um lugar que eu entrei, que é uma estrada e não é a rua, é um meio de um parque de preservação ambiental. Eu estou falando que do lado do asfalto você tem dois metros de grama e um pé de seriguela, é rua, né? Caminho. É... bom preço, grama, Amaralina, Rio Vermelho, Nordeste de Amaralina, Vale das Pedrinhas, sabe? A parada lá da marinha, do exército, sei lá o que é aquilo e você vivencia e você fica pensando assim: "caraiisso aqui faz parte de mim", ou aquela rua que era de pedra e que remontava caminhos feitos há 200 anos atrás, foi asfaltada. Tá fazendo mais calor, tá causando, talvez, até mais dano ao ambiente, não sei, não entendo muito disso, mas assim, não me dá uma boa impressão, né? É asfalto, parece que tira... é como se você tirasse a história daquele lugar e você vai vivendo isso e você vai dizendo assim: "ó, não é a rua que tá sendo descaracterizada, não é aquele ambiente que tá sendo descaracterizado, sou eu, porque eu faço parte disso" e é de uma insensibilidade, uma brutalidade absurda, por isso que eu... enquanto a quarentena, né? Foi o que motivou?

C: Sim, como foi que você deu esse tour?

E5: Então, não é bem um tour, não foi bem um tour, foi: saí do trabalho, tudo escuro, ninguém na rua, eu: "porra velho, não tem ninguém aqui, eu vou ali andando para ver se tem alguém ali". Tipo, alguém, é o cara do crepe, eu vou parar distante para ter uma oportunidade de voltar andando. Eu sabia que o cara não estava lá porque era quarentena, lockdown, ninguém tá lá vendo porra nenhuma, as faculdades tão fechadas, mas assim, eu só queria ver, né? De estar com alguém, tá, quarentena não tem ninguém e tal e porra, não consigo nem viver o amor, né? Tipo assim: "vamos ver a lua no céu" porque tá tudo acabado. Lógico que eu não aconselho que ninguém faça isso, né? Quarentena ninguém pode sair de casa, mas você passa, não tem ninguém é tipo a oportunidade de roubar, é a oportunidade de driblar a lei: "ah, porra nenhuma vou descer não tem ninguém aqui, 'umbora' ver a lua rapidinho" e aí você vê que: "porra, a maré tá bonita, tem cor, tem brilho" e tem gente ali, né? O polícia que vai falar assim: "oh veí, sai daí, vai para casa, é lockdown", mas você percebe que tem uma folha mais verde na árvore que tirou para fazer qualquer coisa, né? Ou para quebrar com vontade. O que me motivou a sair foi a saudade de sair, a necessidade de botar o pé no chão e falar assim: "ui, estou viva... não são quatro rodas, são dois pés", né? E não estou dizendo que eu saí de casa: "hoje, vou furar a quarentena, vou...", não. Eu saí do trabalho, depois de tomar um banho de álcool, sentar no meu carro e falar assim: "veí, eu preciso disso, eu preciso botar o pé no chão, nem que seja numa caminhada de 100 metros". Tipo, botei meu carro ali no porto, caminhei até a balaustrada, depois caminhei até um pouco antes do hospital e voltei, não tinha ninguém, estava deserto, também era bem, tipo, pertoda madrugada, sabe? E aí eu: "cara", tipo, eu tive uma oportunidade... sabe quando você lembra do quanto aquela cidade é bonita? Do quanto aquele negócio ali, tal coisa tá fora do lugar. Mas assim, estava fora do lugar, mas não tá mais porque, por conta da quarentena, alguém ou algum gestor teve oportunidade de consertar aquele treco que estava quebrado há tantos anos, não tem ninguém, ele vai lá e conserta, mas infelizmente, já tá tudo quebrado de novo. Talvez a regra seja quebrado e ninguém botou.

C: Aí você disse que passou... eu vou retomando uma pergunta que eu não ia retomar, mas como eu te falei, a entrevista tá sendo levada pelo o que você medá, né? E aí as vezes eu demoro um pouco para chegar no que você me deu, vamos dizer assim. Porque eu estou pensando em outra coisa, com meus papezinhos aqui,

anotando. Adoro escrever também, aí fico aqui anotando um monte de coisa. Aí você falou, basicamente, que viver a rua é estar na rua com dois pés, então passar pela rua é ter... dá uma definição para mim do que seria esse passar pela rua. Que você deu para mim uma definição de viver que eu achei muito interessante, mas para mim... por exemplo, quando você falou da Suburbana, você falou meio que, como ela de passagem e aí depois você me trouxe o Rio Vermelho, a experiência de caminhar e tudo. E aí para mim, eu como pesquisadora, fica claro, entendeu? Mas eu não sei se, para outras pessoas, vai ficar claro o que seria essa passagem.

E5: Olha só... sendo bem objetiva. [3 segundos de silêncio]. Passar pela rua, é usar a rua como um instrumento para chegar a um final, a um ponto, a um objetivo. Viver a rua, é reconhecer que o que mais importa é o trajeto que você faz, não o ponto final, não o objetivo e esse trajeto, pode ser inclusive por quatorrodas. Mas quando você coloca os pés no chão; você sente a temperatura do solo; você sente a luminosidade; você sente o sol na tua pele; você sente o vento; você não é protegida pelo jornal que tá passando para o rádio, pela música, você é você. Você é as canções que tão passando pelos seus ouvidos; você é o caraque você se encontra e que você tromba; você é o poste que tá fora do lugar, que você fala assim: "cara que maluquice botar esse poste aqui, o tiozinho cego vai bater a cara na parede". Enquanto você utiliza a rua como passagem, a rua é só a passagem. É assim... [4 segundos de silêncio]. Tem um papel, uma caneta, um caderno. A caneta e o caderno e o papel só fazem sentido se você coloca alguma coisa neles. A rua só faz sentido se você vive e o papel e a canetasão apenas instrumentos, se não tem nada escrito, se não tem nada posto, se não tem nada desenhado, é só um instrumento, né? E aí ele vai poder ser todo cinza, como um asfalto, até dizer chega. Não vai fazer diferença nenhuma, vai colorir a partir do significado que você dá aquilo.

C: [11 segundos de silêncio]. Como foi que a quarentena afetou a sua vida? E Como foi trabalhar na quarentena quando muita gente não estava trabalhando? **E5:** Não faz diferença nenhuma para mim, eu estou trabalhando quando ninguém tá trabalhando e quando todo mundo tá trabalhando. Por conta justamente da atividade que eu faço parte, sabe? Quando todo mundo tá dormindo, eu estou trabalhando, quando todo mundo tá acordado, geralmente, eu estou dormindo. Se tiver uma guerra nuclear, eu vou tá trabalhando; se tiver uma guerra, eu vou tá trabalhando; se tiver paz, eu vou tá trabalhando. Então assim, a naturalidade do que eu faço, não faz com que eu trabalhe mais ou menos por conta de um evento, né? Eu vou trabalhar a mesma

quantidade de horas, se não, pior. Então, eu não consigo fazer esse tipo de comparação. Agora. [2 segundos de silêncio]. Trabalhar com... como ir para rua no carnaval sabendo que você vai tomar um tiro. Só que dessa vez, além do medo do tiro, eu estava com medo de morrer por conta de um ataque biológico, que a gente sabia de onde vinha [risos]. Sabe? Eu uso duas, três máscaras para trabalhar quando eu não uso o... [trecho inaudível]. Quando eu uso o instrumento aqui ó, que infelizmente tem pessoas, né? Que é horrível, vai tá na sua entrevista, espero que você corte, né? [trecho suprimido]

C: E eu também, eu morro de medo, eu digo direto que é uma roleta russa, no fim das contas é mesmo. Tem gente com comorbidade que não morre, tem gente sem comorbidade que morre, ninguém sabe por quê as pessoas morrem ainda, ninguém sabe quais são os efeitos. As sequelas da Covid, mesmo leve no longo prazo, tem vários estudos me falando de morte de neurônios e tudo. Então, paramim...

E5: Cara, eu já não tenho neurônios, se matar meu neurônio estou fudida. [risos]. **C:** [Risos]. Eu penso assim também. Então, para mim é uma questão de sobrevivência, do tipo: daqui há 50 anos as pessoas que pegaram Covid, como estarão?”, eu não quero estar no meio dessas estatísticas. Então para mim, a vacina é uma liberdade do tipo: não aguento mais ficar trancada em casa, não aguento mais que a gente não possa tá fazendo essa conversa, ao invés de aqui agora, na praia ou num café, entendeu? Ou num açai ou no crepe, porque a gente poderia passar uma tarde inteira conversando juntas e se divertindo na rua e a gente não pode fazer isso e é terrível, e para mim é muito doido porque você depende dos outros para poder não pegar isso, né? Que é ainda mais louco porque você não sabe como as pessoas tão se cuidando, ninguém sabe. Tipo assim, eu sei que eu estou me cuidando, você sabe que você tá se cuidando, mas a gente não sabe o que as outras pessoas tão fazendo. Então, para mim também é essa questão de risco, né?

E5: E não dirão, viu? E não dirão, se tiverem fazendo algo fora disso aí, não dirão.

C: “Não, tá todo mundo trancado em casa, que isso?”

E5: E outra coisa, para além das sequelas que é terrível porque eu já tenho... minha irmã de santo ontem, falou um negócio assim: “ó [nome suprimido], eu não queria te contar não, mas nossa irmã tal, tal, tal, testou positivo para Covid”, eu disse assim: “meu amor, a... [trecho inaudível], não vai me encontrar tão cedo porque eu não boto meu pé lá”. [risos]. Mas assim, e eu né? Que já sou chata, você pode até pensar: “ah quais são as sequelas das pessoas que tiveram Covid, daqui há 50 anos?”. Cara,

independente das sequelas eu vou tá com a sequela, já é certo, nunca mais na minha vida vou dividir um copo de cerveja com alguém. “O copo é meu ó moço, lave aí de novo; “quando eu voltar, ó, meu copo é esse”. Sabe? Não estou sendo preconceituosa, não estou sendo preconceituosa, eu só estou sendo uma pessoa que tá cuidando do resto de corpo que eu tenho, sabe? Já não tá muito bem cuidado, mas assim eu precisocuidar de mim e eu preciso cuidar de quem me ama e de quem eu amo.

C: Exato, eu penso assim também [trecho suprimido]

E5: Cara, meu cabelo está completamente... meu cabelo está horrível. [2 segundos de silêncio]. Completamente desidratado, porque quando eu não... tipo, eu tenho crise de renite e não posso ficar com o cabelo molhado de noite que eu não tenho secador. Cara, é um litro de álcool no meu cabelo, você sabe o que é isso velho? [risos]. É álcool no cabelo vei.

C: Eu também passo.

E5: É muita loucura.

C: Às vezes quando eu estou de touca, mesmo de touca, fica uma parte do cabelo fora e lá vou eu borrifar álcool e é tipo de coisa, assim que eu nunca imaginei que faria parte da minha vida, entendeu? Mas é... eu sou natureba você sabe, a gente já conversou um pouco sobre isso, não é? Sem tá na entrevista. E aí eu descobri que tipo assim, eu descobri não, né? Que não fui eu que fiz a pesquisa, mas o nariz é uma entrada muito potente para tudo, né? Para o cérebro, estimulante, tanto que existem muitas drogas que se usa pelo nariz, né? Como estimulantes. Hoje já tem, inclusive, desenvolvimento de antidepressivo, via nasal para fazer efeito mais rápido e aí, aqui não porque aqui eu não tenho controle de nada, mas lá em casa a gente não tá mais usando desinfetante regular, a gente tá fazendo desinfetante com álcool e frutas cítricas: limão, laranja, tangerina e é isso.

E5: Caralho, bizarro. Álcool e bicarbonato de sódio e vinagre.

C: Exatamente. Lá em casa a gente faz isso e aí são coisas que não vão mais me deixar, entendeu? Porque o nariz é uma via muito potente para gente ficar permitindo que essas tranqueiras fiquem fazendo... é mais importante a minha saúde do que uma casa cheirosa de sei lá, [suprimido] vamos dizer assim, né? Falei duas marcas que vieram a cabeça agora. Mas... o que que para você significa sair à rua em tempos de quarentena? Não para trabalhar necessariamente, mas também para trabalhar, tipo assim, para resolver coisas, o que é que é isso para você na

quarentena?

E5: Reduzir 50% de chance da possibilidade de sair à rua depois da quarentena. Tipo, eu acho que eu tenho 50% de chance de morrer. [risos]. A outra 50% de chance não tem nada com científico, tem com... Deus, se você vai com a minha cara, por favor, pegando esse treco que eu não morro. É me expor, tipo, não é, tipo, sair à rua com a quarentena, é tipo, encontrar pessoas no período da quarentena e ir à rua implica em encontrar pessoas, né? E assim, mesmo sem querer você vai encontrar alguém, né? E aí, tipo, você pode encontrar algo, por exemplo, na quarentena eu fui em Arembepe e aí o que foi que eu fiz? Eu parei meu carro na aldeia e vamos ver o mar. Cara, a gente... juro. [risos]. tinha duas pessoas vendo, a gente ficou, tipo assim, uns 200 metros das duas pessoas para não chegar perto da pessoa. Resultado, passei perto de uma casa de maribondo, fui picada, fiz: “que desgraça velho”. [risos]. “Até para isso”. [risos]. “Cara até nisso vei, se eu não tenho COVID-19, tem a porra do bicho que me picou, uma dor insuportável” e aí tipo assim: “velho, será que, naquele momento, o cara espirrou e aí o vento trouxe o Corona Vírus?”. Cara, uma coisa pavorosa, sabe? Tipo, velho... e para não surtar, eu realmente preciso, preciso, tipo assim, pegar o carro e ir ali no Humaitá, com o vidro fechado, ver o mar indo e voltando, sabe? Isso é impensável velho. Eu indo, dentro de um carro, toda trancada, vendo o mar, sabe? Porque senão, eu vou surtar. Na minha casa não tem um jardim; não tem uma árvore; não tem uma grama que eu possa plantar o coentro, a cebolinha, a salsa, o não sei o que... e assim, colocar a minha energia naquilo. Minha casa é parede, TV e computador. “ah não, aproveite seu tempo para ler”, velho, para com isso. A gente é ser humano, a gente gosta de interação. É massal ler livro, eu sou meio que antissocial em alguns momentos da minha vida, então, eu vou passar uma semana sem ninguém saber que eu existo, mas eu preciso colocar meu pé fora de casa e respirar. Eu tinha uma coisa que era tipo uma reza: uma vez na semana, uma vez a cada 15 dias, eu ia num determinado bar no 2 de Julho, sentava numa mesa específica, que a dona do bar já sabia, só tinha uma cadeira nessa mesa, tomava uma cerveja, comia um petisco e ia para casa. Não demorava uma hora, mas aquele ritual, por mim constituía minha parte de boemia e aí eu já poderia ir para casa em paz. E a outra coisa era: uma vez, na vida, eu iria sentar ali no Campo Grande, olhar os bichos, os pássaros, as árvores ou se não, ir ali no Porto da Barra, sentava via... ficava meia hora ali, vendo a onda indo e voltando e voltava para minha casa, estava reconstituída. E aí você poderia me falar mal, falar que poderia atrasar e eu não

estava nem aí, por quê? Porque eu já estava me sentindo, como se eu tivesse tomado minhas doses de drogas diárias, sabe? E agora não posso nem fazer isso. Não posso fazer por medo e não posso fazer porque alguém pode pensar que: "olha ela lá, furando a quarentena" e 'uh', acabou minha vida, sabe? A gente não precisa disso, a gente já se culpa demais, por tudo.

C: Quais são as memórias que vem a sua mente, nesse tempo de loucura que a gente tá vivendo, né? Dessa quarentena.

E5: [3 segundos de silêncio]. Você quer dizer as lembranças antes da quarentena, do eu fazia na rua?

C: Não, tipo assim, se você tá em casa e aí nesses momentos... porque eu também tenho esse surto, né? De tipo assim: eu estou em casa, eu estou em casa, estou em casa... eu preciso sair de casa, eu preciso fazer alguma coisa, eu preciso ver o movimento, eu preciso ver as pessoas na rua, eu preciso... alguma coisa precisa acontecer, do jeito que tá eu não consigo mais ficar, eu tenho muito isso. E as vezes eu faço exatamente o que você falou, eu vou andar de carro, aí eu saio com meu esposo, a maior parte das vezes a gente sai junto, aí eu peço para ele: "olha, eu quero passar por tal lugar para ver o mar ali", aí fica ali, exatamente que nem você, tipo assim: "eu preciso ver o mar ali. Olha, eu preciso... não, eu quero dar mais uma volta, vai mais para frente, passa no Rio Vermelho para não sei o quê, porque eu preciso ver aquilo ali, eu preciso ver a praia da Paciência, eu preciso passar pelos navegantes, eu preciso ver Jorge Amado sentado ali", entendeu? Tipo assim, porque ver Jorge Amado sentado ali, que é uma estátua, me dá paz, entendeu? Eu preciso fazer isso sem sair do carro, sem ver pessoas, sem andar, sem ter contato com ninguém e eu fico nessa eu surto, entendeu? Tipo assim, eu surto, surto, surto. Fico aqui, eu estou aqui, estou aqui, estou aqui e aí do nada eu estou: "não dá mais", tipo não dá. [risos].

E5: [risos].

C: Eu não sei se com você é assim, mas comigo é bem assim. Eu estou, tipo: estou em casa, estou em casa... não saio há sei lá quantos dias e aí, do nada, eu surto, mas antes de eu surtar, vem memórias para mim, entendeu? De tipo assim: como é que era minha vida antes? Do porquê que eu to surtando? Do que é que tá me afetando para eu tá surtando desse jeito, né? E aí eu queria saber se você tem memórias recorrentes, né? Se aparecem coisas nesse momento que a gente tá vivendo de tipo... [3 segundos de silêncio]. "Que loucura eu estou vivendo? Meu

Deus!"

E5: Tem sim... e memórias muito de convivência, sabe? Tipo: "porra, numa hora dessa eu taria comendo sanduíche de pernil no Líder, tomando uma cerveja de trigo, com mostarda, azeite e pimenta" e minhas amigas falando: "vei, como é que você consegue comer isso com essa gororoba de molho que você faz?" ou "pô velho, que saudade daquele tio gigante de uns 2 metros, que tem uma mão e pega minha cabeça e envolve como se fosse uma bola de papel, que vende queijo coalho ali na... [trecho inaudível]. No Largo da Mariquita" ou "Porra, Regina morreu e eu não falei com ela: e aí tia, bota um pouquinho mais de camarão aí porque meu filho vai nascer com cara de camarão". Sabe? Bonfim e eu não fazendo aquela muvuca, cantando, tipo, eu nem acredito em Nosso Senhor do Bonfim, mas aquela caminhada ali e pá, todo mundo rindo, todo mundo conversando, as bandas ou simplesmente quando eu estou só, quanto eu estou meio, bate a bad e eu fico assim, pensando: "velho, eu não consigo dá conta nem da minha bad". Bate a bad: "ah, vou tomar um banho de mar, manda essa energia negativa lá para lemanjá dá um grau". lemanjá não consegue nem dar grau na minha energia negativa, porque ela não aguenta mais. [risos]. Sabe? Tem um lugar que é um sítio de um conhecido meu, que é aqui em Salvador, que quando eu quero ir para algum lugar que não pareça com Salvador, a gente vai lá nesse sítio, ele alugou os bangalôs: "vamo lá viver o amor, um amor em uma cabana", tipo, A Lagoa Azul versão negra, lésbica. "Vamo lá, ê!!". Eu não posso porque aí eu penso: "deve ter umas 50 pessoas pensando a mesma coisa e querendo ir para lá, então... vai que alguém decide botar aquela cama ali no bangalô que eu adoro e espirra por lá, sabe? E o Covid ficou grudado ali. Até parece ignorância, assim, de quem não entende nada de Ciência, mas... [3 segundos de silêncio]. É o desespero de alguém, que tipo, nunca viveu isso, né? A gente nunca viveu uma guerra, né? A gente nunca viveu, não sei sua geração, não sei, acho que você não tem mais de 30 e poucos ou tem nem um pouco, tem idade de menina, mas assim, e ainda que tivesse você não viveu guerra, você não viveu é... possibilidade de enviar homens do Brasil para Missões de Paz. Mano, assim, você não viveu Ditadura, eu acho, né? Mas você não viveu socialmente, entre liberdades, assim, de verdade, aí sim... [trecho inaudível]. Sabe? A gente não viveu isso, a gente... sabe? A gente fica falando de liberdade, liberdade, liberdade e "ah". E assim, quando tem um treco que não impede a gente, assim: "ah, o governo declarou tal coisa, a polícia pode me dar um tiro, mas eu vou lá protestar. Beleza, vidas negras

importam, vou para rua, no Covide volto e tipo, morri". Sabe? "Vou protestar porque Bolsonaro é um louco desequilibrado, psicopata, nazista, vou para rua dizer que ele é um bosta. Não tem respirador, morri e não vou ter nem a oportunidade de voltar em outro período das próximas eleições". O medo da rua que eu tinha de tomar um tiro e tal. Não como policial porque eu já disse como é que funciona, mas assim... porque sou lésbica, não sei o que, não sei o que. Agora, tipo assim, eu não consigo nem ver o homofóbico me dando soco na cara, eu não consigo nem ver o misógino que não gosta de mulher, me dando tapa cara ou me dando um tiro. É uma coisa que eu não consigo ver e o pior, eu nem sei se ele está dentro de mim e eu posso tá oferecendo perigo para o outro. [3 segundos de silêncio]. É muito louco isso e aí eu fico assim: "cara, eu não consigo nem ir para rua dizer: 'fora Covid, Covid não'...", com um tamborzinho, tipo "ele não, ele não". [risos]. E é louco, não dá fazer nada disso. E eu fico em casa e a internet não me basta, essas palavras e frases de efeito da internet não me bastam, as manifestações de cilíndrico de oxigênio não me bastam, não me bastam e tipo assim, ser voluntária e ir para porra do lugar e carregar gente, não sei o quê, mas eu sei que eu posso morrer, que não adianta.

C: E que a gente não tem o treinamento, né? Para isso.

E5: Exatamente.

C: E que assim, a gente pode ir, a gente pode ser muito mais mal, muito mais atrapalhar do que ajudar porque a gente não tem o treinamento para isso.

E5: E se tivesse nem estaria aqui, talvez, inclusive, seria uma das vítimas porque é um negócio invisível que a gente não sabe quem tem resistência, quem não tem. Pelo visto, ninguém tem resistência, sabe? Se fosse assim: "ah...", febre amarela e aí a gente: "pô, eu tomei vacina para febre amarela, posso ir para tal lugar e ajudar uma comunidade fazendo pesar e fazendo soro caseiro, sei lá que porra que eu posso fazer ou iria fazer" e assim, não é porque é: "nossa, ela tem o complexo do super-homem, da mulher maravilha que é salvar o mundo", não é isso. É porque eu acredito que quando a gente se move, as coisas funcionam e eu não vou tá sozinha. Não vai ser Entrevistada que tá ali sozinha, tem um milhão de outras pessoas que querem fazer. Só que com isso não dá e aí é rezar para que o menininho que tá ali cuidando da vacina do Butantã não fique doente, não morra e não atrapalhe por uma semana a porra da distribuição da vacina, né?

C: Exato.

E5: Pode falar.

C: Eu acho que, para mim, tem sido um tempo de reconhecimento e valorização da minha humanidade. Humanidade como limitação e potencial tipo assim, todos nós temos... como potência, né? Podemos fazer muito e ao mesmo tempo a gente também tem que lidar com as limitações da nossa própria humanidade, da nossa carne, do nosso corpo, das coisas que nos são impostas e as vezes, hoje uma coisa que eu tenho visto, é que não fazer nada, também é uma potência quando a gente não sabe que a gente não pode, entendeu?

E5: Exatamente.

C: E as vezes ser super-homem é não fazer, tipo assim: "velho, eu não vou, eu não vou fazer porque eu não vou botar as pessoas em risco, eu não vou fazer por isso, eu não vou fazer por aquilo". Meu natal foi em duas pessoas, as pessoas se aglomerando, uma tia minha, veio visitar minha avó e aí minha vó e uma outra tia foram de máscara e tal, mantendo o distanciamento e aí foi aquela treta na família, eu não fui ver ninguém e eu disse para eles: "as vezes não ver é o que é força, é dizer que eu não posso ver, não só por uma consciência limpa, porque não é disso que a gente tá falando, de fazer o certo, mas de entender as nossas limitações como ser humano". Eu não viveria comigo se eu fosse vetor de vírus para uma pessoa que eu amo ou para uma pessoa que eu não amo, não importa, mas eu digo assim, eu não estou vendo as pessoas que eu não amo, entendeu? Tipo assim, eu não estou, porque eu estou de quarentena, então estou falando das pessoas que eu amo porque se você vai correr o risco, você vai correr um risco por aqueles que você tem consideração. Então, tipo assim, eu não viveria comigo, se fosse para dizer que eu passei vírus ou que outras pessoas passaram o vírus e eu vivi e outras pessoas morreram. Aí eu falo do caso de Nicette Bruno, né? Tipo, Nicette Bruno recebeu um parente assintomático, ela fez quarentena o tempo inteiro, o cara passou para ela o vírus, ela morreu e ele não morreu. Então como é que tá a cabeça desse cara? De todos os familiares? O tipo de discórdia que isso cria nas famílias, que tem alguma união porque cria mesmo e as pessoas não entendem e eu acho que muita gente não percebe que as vezes, você bater pé e ser firme no que a Ciência diz, tipo assim, não sou eu que estou dizendo, são cientistas que estão dizendo, não se encontre com pessoas que estão fora de sua casa. As pessoas tão ficando sem oxigênio em Manaus e as pessoas estão levando na brincadeira. Para mim, a sensação que eu tenho, as vezes, Entrevistada, é que eu estou errada e que tá todo mundo certo, porque não é possível que tenha tanta gente na rua fazendo tanta

merda e eu continuo em casa e eu digo assim: “não pô, não é possível velho, o vírus só pode ser uma gripe porque tá todo mundo na rua, tá todo mundo nessa merda, parece que as pessoas só vão acreditar se vier caos sanitário e mesmo que venha caos sanitário é capaz de ter gente que não acredite, na porra do vírus” e eu fico assim, tipo: “como assim velho? Só posso eu estar errada, eu que estou supervalorizando isso, super dimensionando”. Tem gente morrendo o tempo inteiro, de tanta coisa e aí, as vezes fica, porque para mim, é como muita gente vê: Covid é só mais uma causa de morte. Para mim ficou isso, tipo assim, as pessoas morrem de AVC.

E5: Eu escuto isso no trabalho o tempo inteiro. “Teve mais gente morta por tal coisa que por Covid”. Todos os dias escuto isso no trabalho, é terrível.

C: E assim, exige uma resiliência, sabe? De a gente entender a nossa humanidade porque no fim das contas, enquanto não passar, porque é uma coisa que eu também não sabia, né? Acho que você também não, a gente nunca tinha passado por um momento histórico como esse, uma pandemia global. Então, a gente só vai entender o que aconteceu mesmo, no futuro, mas de que lado a gente vai tá, né? Das pessoas que fizeram alguma coisa para que a situação não piorasse ou a gente vai tá do lado das pessoas que tão fazendo pouco caso? Então, para mim, a quarentena tem sido esse período, assim, de reflexão sobre o que é ser humano, entendeu? Como é que eu posso ser humano? Porque com todas as contradições porque todos nós temos, mas em termos de valorizar a vida, valorizar a minha humanidade, valorizar a vida dos outros, das outras pessoas e de entender o que é ser humano, para mim, entendeu? E como é que eu vou ser, ser humano? Porque eu acho que é isso que muda também, tipo, que eu sou o ser humano, entendeu? Tipo... o que que, eu, ser humano? O que é eu ser humano? Porque eu acho que muitas pessoas estão alheias a essa pergunta, né? Do que é a humanidade? Então, gente que: “ah, as consequências mentais do isolamento são muito piores do que as do vírus, as pessoas não morrem”. Eu estou: “veei, 20% das pessoas que pegam essa merda precisam de internamento, isso significa que se 100 pessoas pegarem, 20 não conseguem internamento, se forem 1.000 são 200, se forem 10.000 são 2.000 e assim sucessivamente, não tem hospital para todo mundo e as causas de morte vão se somando” e as pessoas não entendem e aí eu não sei, sabe? Por isso que eu acho que eu estou doida porque assim, não é possível que só eu que não entendo, ou são essas pessoas que não entendem, alguma coisa tá

acontecendo muito doida e as vezes eu questiono, tipo assim, a minha existência, entendeu? Tipo assim: "porra, eu sou professora e não estou trabalhando isso significa que eu estou tipo..." porque as pessoas dizem isso, que a gente tá de kekê em casa sem fazer nada, tipo assim, a gente tá de boa e eu estou: "meu Deus do céu, será que é isso mesmo que eu estou recebendo salário de boa?" ou então, tipo assim, na escola que eu trabalhava em Candeias, por acaso eu tinha condição de receber 50 alunos em uma sala e aquilo são um ambiente seguro para eles e ao mesmo tempo, tipo assim, eu vejo meus colegas de profissão na rua, em aglomeração e eu fico assim, eu não entendo e fico nesse estado, entendeu? De absurdo. Eu estou compartilhando com você isso porque eu me identifico muito com o que você falou e como eu te falei, né? Eu estou considerando essa conversa que a gente tá tendo muito mais do que uma entrevista de só falar. Eu acho injusto você compartilhar tanto comigo e eu só ouvir e anotar como se a gente não tivesse, de alguma maneira, construindo um vínculo e se conhecendo a partir disso, né? Porque são experiências que, para mim, são muito profundas. Então, para mim é complicado eu chegar aqui e dizer: "a próxima pergunta agora, Entrevistada, é sobre isso" e não te dar o retorno sobre a nossa humanidade, sobre o que a gente tá vivendo, sobre as coisas que a gente compartilha uma com a outra porque no fim das contas também é isso, né? Apesar de estarmos longe, no fim das contas também é isso. Eu acho que é uma das coisas que faz a gente ser humano, é justamente poder compartilhar, entender, ter empatia com o outro e processar essas coisas loucas de forma coletiva, porque, senão a gente acha que a gente tá maluco mesmo, tipo assim: "ah, eu estou louco, sozinho, doido, jogando pedra", como diz minha avó: "tá jogando pedra menino?". Eu antes queria que tivesse jogando pedra e isso se fosse sinônimo. Para mim, hoje, jogar pegar é muito sinônimo de uma lucidez, que tá vindo assim ó: eu preciso me defender, eu vou repelir o perigo que tá vindo, eu vou jogar uma pedra", entendeu?

E5: Sim.

C: Então se agir como eu estou agindo, com preocupação com relação a minha vida, a minha humanidade, as pessoas que estão ao meu entorno é jogar pedra, vou continuar jogando pedra vei. Sem nenhum medo de ser feliz, entendeu? Vou jogar pedra porque eu sei que jogar pedra nesse momento é o que me deixa ciente da minha humanidade, né? Da minha fragilidade como ser humano.

E5: Sim, obrigada por isso. Às vezes eu acho que eu estou só, quer dizer, eu e

minha namorada desequilibrada porque essa é desequilibrada, vida louca. [trecho inaudível].

C: A gente precisa se apoiar e de nada. Que na verdade assim, na verdade eu é que agradeço por tanto, né? Porque é como eu te falei, para mim, tem sido uma honra e muito mais do que uma entrevista. Eu é que agradeço por tudo, portanto, porque se você agradece por eu compartilhar, eu é que agradeço 10 vezes mais, pela sua generosidade, que eu não tenho outra palavra para dizer que é o que você tem sido comigo, muito generosa. Agora, eu vou dar um salto que eu não ia dar, mas eu decidi dar porque eu acho que vale a pena, para gente sair de Covid um pouco. Eu não ia sair de Covid, mas eu decidi chutar o pau da barraca mesmo, chutar o balde. Como foi a sua infância na cidade Salvador?

E5: Cara, eu nasci ali na naquela maternidade do lado do colégio Salesiano, Climério, eu acho, e aí eu digo que nasci na Baixa dos Sapateiros, porque eu nasci oficialmente não na Baixa dos Sapateiros. Nasci num lugar chamado Becodo Porvir e as pessoas, bem preconceituosamente chamavam de Beco do Cocô e aí você fica pensando em como esse lugar era estigmatizado, né? Nesse lugar tinha uma ruazinha, era um bequinho mesmo, onde uma senhora chamada dona [nome suprimido], vendia sapatos. Entrando nesse lugar, como todas as coisas que você entra no Pelourinho, geralmente, é uma rua estreita que tem, no máximo, 1 metro e meio de largura. Você entra e de repente, o mundo, com casa, árvore, não sei o que, e era exatamente como era minha casa. Você entrava nessa ruazinha estreita e aí tinha um lugar que era um vidraceiro, que posteriormente fechou, subia era uma vila de casas onde estava minha casa, que era uma dessas casas que fazia parte dessa vila e aí você subia na entradalogo a direita do bequinho, tinha uma escadaria e tinha um prostíbulo, né? Que eu não vou dizer o nome da pessoa para não ser processada, mas assim, hoje, a dona do prostíbulo é cristã, não sei o que, não se pode falar de prostituição que a mulher surta, que é um absurdo, não sei o que, e 'bababa'. Pois bem, essas meninas que trabalhavam nesse prostíbulo, eu era um bebê, né? Então, tipo assim, todo mundo: "ó, que fofinha, não sei o que, bebezinho". Meu bisavô era mergulhador e agricultor e minha bisavó era baiana de acarajé e foi assim que nós vivemos durante um tempo. Eu vivia naquele ambiente que tinha bastante espaço, né? E aí eu vou lhe dizer que você conhece o lugar onde eu vivi, com certeza absoluta. Chegando ali nas proximidades de um convento, que não é um convento Lar Franciscano, que é ali na Baixa dos Sapateiros. Muito bonito, muito

grande, amarelo, com escadarias imensas, não sei se você sabe de onde eu estou falando.

C: Sei.

E5: Em frente aquele lugar tem um estacionamento, não tem? Se você subir esse estacionamento você chega no Pelourinho, o estacionamento de vários andares, o maior estacionamento que tem na Baixa dos Sapateiros. De vários andares que você sai ali, tem uma portinha, um portão, você sai no Pelourinho bem perto da casa do Olodum. Deixa eu coisar de novo. Tem esse lugar, com as casas amarelas e tal, em frente tem o estacionamento. Geralmente fica a placa: 20 reais para shows, festas, não sei o que, quando tem. É o maior estacionamento da Baixa dos Sapateiros, se você seguir sentido Barroquinha, o estacionamento tá a direita da rua. Bem, bem próximo, né? A frente desse local. Era onde eu morava. Virou um grande estacionamento quando o Pelourinho passou a ser reformado e aí aquelas famílias saíram dali e nós viemos para a Liberdade, bairro da Liberdade e aí eu cresci ali no bairro da Liberdade estudando na Didática, era uma escola... logo no princípio, uma escola de bairro que era na Rua do Céu, que era perto da minha casa e eu ia para escola, a princípio, sozinha, com os coleguinhas maiores, né? Dois responsáveis que eram dois irresponsáveis, mas eram adolescentes, né? Que me levavam. Depois eu passei a ir sozinha, que era um caminho longo, né? A pé da minha casa até essa rua hoje, depois de adulta não é tão mais longo, mas assim era. E aí eu lembro que na passagem, um cachorro me odiava, então eu passei o ano todo correndo desse cachorro para chegar até a escola. Depois estudei na escola Adventista, que também era um pouco distante da minha casa, era cerca de, sei lá, uns 800 metros distantes da minha... não, 1 quilômetro, mais ou menos, distante da minha casa. Depois eu passei para o Colégio Estadual Carneiro Ribeiro, que era na Lapinha, enquanto eu morava na Liberdade. Não sei se você conhece, Duque de Caxias, na Liberdade e o colégio da Soledade que ficava quase em frente ao Carneiro Ribeiro. Então, eu pegava esse caminho, deve ser uns 3 quilômetros, no máximo, 2 quilômetros e meio, e eu ia andando, e aí eu ia indo nas casas, as vezes eu tocava a campainha de alguém e saía correndo, enfim... eu vivi isso. Depois da adolescência, no Duque de Caxias, passei no vestibular, com uns 17 anos e aí fui para universidade, mas a minha infância era bacana porque eu andava com minha avó ali na Baixa dos Sapateiros, ia para Feira de São Joaquim, então eu conhecia assim: "vamo descer, vamo para feira" e rodava a Feira de São Joaquim. "Vamo para o

Bonfim, 2 de fevereiro" e aí a gente fazia aquela caminhada e tal, era bem bacana. Então, isso foi bem nessa pegada. Tive algumas coisas complicadas na infância, depois que minha bisa morreu. Nós perdemos uma renda, que ela era aposentada, minha mãe ficou desempregada, ou seja, perdemos as duas rendas principais da casa e passamos por situação de privação e isso atrapalhou muito meu desenvolvimento. Não meu desenvolvimento intelectual, porque assim, onde tinha livro eu comia. Tinha livro eu comia os livros, ficava doida, lia, lia, lia, lia... principalmente porque eu gostava de ler. Então todos os clássicos que, eventualmente, cobravam no vestibular, eu via na escola, lia, com exceção de livros que não tinham na escola. Aprendi a jogar xadrez na escola, aprendi a jogar vôlei na escola, basquete na escola. Eu tive professores excelentes, aprendi educação sexual na escola, porque no Duque de Caxias tinha um projeto chamado: sexualidade. E a gente aprendia métodos contraceptivos e tal e quando eu fui para o Duque eu deveria ter uns 14, 15 anos de idade. No Carneiro Ribeiro também era bem bacana que quando a gente brigava, ou brigava ou quando tinha algum... que aí é foda porque tem educação como tipo punição. Quando, o professor não ia para escola e não eram raras as faltas de professores, a diretora não deixava a gente ir para casa, a gente tinha que ficar na escola até o final horário. Então, tipo, se o professor do primeiro horário deu aula e não tem mais aula, a gente ficava até 11:40 na escola. Ou você ia para quadra ou você ia para biblioteca, não podia ficar no corredor, eu sempre ia para biblioteca e era bem bacana assim. Minha infância foi nessa linha. Quando pequena ia para outras cidades porque minha avó era mãe de santo e aí tinham filhos de santo em várias outras cidades e aí eu ia para o interior, de subir na árvore, de arrancar manga, de correr, de brincar. Eu era sempre a menor, era acafé com leite, mas me enturmava, brincava, todo mundo deixava eu brincar, mas tiveram fases muito punks que foi essa parte, quando minha avó morreu e que foi muito difícil, muito difícil mesmo, né? Minha mãe quase enlouquece e a gente passou por muitas privações financeiras, né? Muitas privações, inclusive que limitaram nosso acesso a alimentos, né? E é isso.

C: Você tinha quantos anos quando ela morreu?

E5: 9.

C: E você morou lá na Baixa dos Sapateiros até quando?

E5: 5.

C: Então quando ela morreu você já morava na Liberdade, né?

E5: Sim.

C: Eu vou compartilhar a minha tela aqui contigo, um segundinho, só para ver se eu acertei, pela sua descrição, o lugar, tá?

E5: Tá.

C: [5 segundos de silêncio]. Era aqui? Aqui é aquele prédio amarelo enorme, que hoje funciona de asilo.

E5: Pronto, em frente a esse prédio, vá...

C: Aqui, tá vendo? O prédio amarelo?

E5: Sim.

C: Aí aqui é o estacionamento Praça das Artes, que eu fiquei achando que era o estacionamento que você estava falando.

E5: Pronto, exatamente.

C: Que é onde você morava, né isso? Que foi destruído.

E5: Exatamente, exatamente. Vai para sua direita, por favor? [4 segundos de silêncio]. Para o lugar do estacionamento. Não, não... aí, mais para o estacionamento. [5 segundos de silêncio]. Aí é a Ladeira do Ferrão que eu subi com a minha avó para ir para missa. [3 segundos de silêncio]. Isso.

C: Essa aqui...?

E5: Subindo... exatamente com minha avó para ir para missa... [3 segundos de silêncio]. Ladeira do Ferrão. [3 segundos de silêncio]. Não, da Ladeira do Ferrão. **C:** Não, eu estou tentando voltar aqui para o lugar que a gente estava falando, mas eu não sei mexer muito nisso aqui, entendeu?

E5: Aham.

C: Eu fico... aqui o estacionamento.

E5: Pronto, tá vendo o estacionamento?

C: Uhum.

E5: Vai para o lado do estacionamento. Mais, não... mais para sua direita. Isso. Mais, aí. Tá vendo essa barraquinha? Pronto, imagens da barraquinha. Clica na barraquinha.

C: Acho que não tem como não.

E5: Não tem como não?

C: Eu acho que eu consiga ficar na frente dela.

E5: Fica na frente dela, isso. Aí era um bequinho, se não me falha a memória, era esse ou era esse bequinho aqui, ou era esse do lado que era a entrada da minha casa. Não, não nesse. Era esse do lado mesmo.

C: Esse aqui onde tá, a senhora?

E5: É, eu acho que era esse do lado, o outro.

C: O de cá?

E5: Isso, porque mudou. Era uma lojinha de sapatos. Minha mãe confirma melhor porque ela lembra.

C: Mas, aqui era o Beco do Porvir, né isso?

E5: Isso, deixa eu ver se eu acho aqui na internet Beco do Porvir.

C: Ele tinha aparecido aqui antes, o beco, no mapa. [7 segundos de silêncio]. Aqui... eu preciso tirar o bonequinho, as vezes eu não sei tirar o bonequinho.

E5: Eu não faço ideia, sou péssima com... inclusive até para estudar para concurso, tem a parte da informática, eu já sei que eu estou fudida.

C: É, eu também não sou muito boa não. Aqui a Rua da Poeira, aqui. A igreja, Rua do São Francisco, não, é outro. Aqui já não é para cá, é para cá. Rua Jogo do Carneiro. Aqui, estacionamento. Aqui ó, esse aqui ó, Entrevistada, não é esse aqui? Olha aqui a tela.

E5: An...

C: Não é esse beco aqui, Beco do Porvir?

E5: Sim.

C: Que você tá falando?

E5: Sim. Deveria ser. [3 segundos de silêncio]. Eu não estou enxergando direito.

C: Que ele não vai.

E5: Pronto.

C: Ele não vai, tipo, mas ele aparece aqui.

E5: Pois é, nós morávamos nesse lugar.

C: Aqui ó, af, aqui ó, ele aparece aqui como Beco do Porvir. O nome.

E5: Pronto, nós morávamos aí. Oi?

C: Aparece aqui na frente do Lar Franciscano.

E5: Pronto, nós morávamos aí.

C: E na sua infância, você brincava muito na rua? Como era?

E5: Esse beco aí do Porvir, como eu falei, você entrava e na verdade era um

lugar imenso. [4 segundos de silêncio]. Era um lugar gigantesco e aí eu brincava nesse lugar. Quando eu fui para Liberdade eu já não podia sair de casa, que ninguém conhecia como era que funcionava. E aí, veio a coisa importante da minha mãe, né? Quando eu vim para Liberdade eu aprendi artes marciais, então comecei a treinar desde 9, 10 anos, até a vida adulta, que ela tinha medo de estupro, essas coisas, né? [2 segundos de silêncio]. E aí ficava apertando minha mente para eu treinar.

C: Se eu te perguntar... e você brincava de que? Na rua.

E5: Eu corria, ficava jogando terra na... brincava só, né? Minha avó dizia que quem não tinha irmão brincava só, todo mundo era maior que eu. Eu tinha um velotrol, vermelho com rodas pretas e eu achava que aquilo ali era minha Harley Davidson, então, tipo, altas velocidades no Beco do Porvir e aí, tipo... [imitando som de uma moto]. Sabe? Era bem bacana. Era isso, não tenho muita...

C: E na Liberdade?

E5: Na Liberdade eu quase não saía de casa. Na Liberdade minha mãe tinha muito medo, né?

C: Mesmo depois que você já tinha um tempo lá? Mesmo depois que vocês conheciam já?

E5: Depois da Liberdade, eu estou procurando aqui tá? Maciel de Baixo, a entrada. Quando a gente aprendeu um pouco, mesmo assim minha mãe ainda tinha medo, tá? Porque era realmente perigosa a Liberdade. Liberdade era um bairro que você não conhecia as pessoas, não era igual a Baixa dos Sapateiros, que iam ver sua filha num lugar ermo e ia falar assim: "volta para casa", entende?

C: Uhum. [3 segundos de silêncio]. Como é que você se sente em não ter mais a casa que você morou nessa primeira infância, lá na Baixa dos Sapateiros? Essa casa não existir mais.

E5: Não entendi, como?

C: Como é que você se sente com a vila que você morava, né? Não existir mais, com aquilo ali agora, ter virado um lugar para carros pararem?

E5: Eu acho que o estado só faz uma coisa que acabe com o excesso de morte, de determinados grupos sociais e aí você não mata somente, você apaga a memória. Enquanto eu tiver viva, a memória tá aí e aí eu vou contando pras pessoas. Tem um, um conto de Conceição Evaristo chamado Sabela, né? E aí no final do conto as pessoas vão contando o que foi que acontece naquela enxurrada, naquela enchente

que teve. Cada um conta de alguma forma e tem outros que documentam e tal. Enquanto contarem, a gente tira na memória coletiva, que um dia existiu o Beco do Porvir. [3 segundos de silêncio]. Quando ninguém mais contar, quando deixar de ser documentado, minha avó, de fato, morrerá; minha família morrerá; o beco morrerá. Que o que faz de você vivo, *AdAeternum*, são as lembranças e eu não estou falando de biologicamente falando, estou falando da memória mesmo, né? Maria Quitéria não morreu cega e esquecida? Até hoje a gente lembra de Maria Quitéria, o nome dela é vivo. E nodia que você quiser, eu espero que nunca, caso você tenha uma filha e ela queira ir pras forças armadas, vai ser um dia que ela for e você tiver vendo que sua filhatá se sentindo um nada, você vai sempre lembrar de uma piveta que saiu de um distrito de Feira de Santana e se tornou a heroína do Estado brasileiro, que recebeu condecorações e medalhas do príncipe regente, tá ligado? E você vai falar: “o nome dessa mulher aí foi Maria Quitéria, era só uma piveta, uma menina, não era ninguém”. Inspira nela e aí Maria Quitéria nunca vai deixar de morrer, nunca vai deixar de viver, que alguém lembrou. E é importante que a gente siga nessas histórias para que a gente não apague, inclusive não apague como aquele lugar foi deteriorado em nome de um progresso, tipo, ontem eu ouvi de uma colega de trabalho uma coisa muito interessante. Ela não é uma mulher dedicada as leituras, né? Aquela coisa grotesca que a academia faz de separar as pessoas de super inteligentes para as menos inteligentes, enfim. Ela não é láa mulher que você pararia para saber sobre a teoria do buraco negro e ela falou uma coisa bem interessante: “onde o progresso chega, a vida acaba” e o estacionamento foi o progresso; o asfalto foi o progresso; a tinta foi o progresso; o Iguatemi foi o progresso; tudo foi o progresso. Passa na Baixa dos Sapateiros hoje para você ver o resultado do progresso. Pessoas, famílias vivam daquilo ali. Passa na Barroquinha hoje para você ver o resultado do progresso. [2 segundos de silêncio]. Se você considerar que ali são seres humanos menos evoluídos, massa! Você tá exterminando... será que tá exterminando? Porque tudo volta, né? E não volta da melhor forma possível, volta em forma de violência; volta em forma de dor; volta em forma de morte; de tiro e aí o sábio vai tentando destruir um monstro que ele mesmo construiu. E vai precisar de uma polícia forte, de mãos armadas e tudo mais... e de drogas, de crack, pior, vai destruir, porque não deu conta. [5 segundos de silêncio].

C: Pensando nisso, Entrevistada, você pode falar um pouco para mim sobre essa relação entre memória, e progresso e rua? Porque, assim, na primeira parteda nossa

conversa você... uai, meu Deus do céu, meu papel de anotação quase voa agora. [risos]. Desculpe, porque na primeira parte da nossa conversa você falava, justamente, que andar por determinadas ruas, sentir aquelas pedras, enfim... a partir de várias, algumas metáforas relacionadas a literatura e histórias que você gosta como o do livro Largo da Palma que você falou. Quer seja pelas histórias que a gente conhece, né? Do que foi documentado da história do Brasil, as ruas para você tão vinculadas a memórias e agora aparece essa história do progresso também, mas eu queria entender, tipo assim, entender um pouco mais essa relação para você entre rua e memória, e um pouco essa história do progresso também, né? Tipo, eu sei que você já falou muito sobre memória, mas de forma muito específica, por que a rua é memória? Como é que isso aparece para você, para mim tá muito claro. Às vezes eu pergunto novamente para deixar claro no contexto mais amplo, porque eu entendi, entendeu? Mas uma coisa é o que eu entendi do que você falou, e outra coisa é... porque eu estou aqui conversando com você, outra coisa é, eventualmente, outra pessoa que leia essa entrevista. Essas memórias que a gente tá construindo e o que elas vão entender disso, né? Então, eu queria entender de você um pouco mais essa relação entre rua e memória, e agora essa relação com o progresso, né?

E5: Pronto... reconstitui-se ou reconstituir-me, tem a ver com saber de onde eu venho para justificar onde eu preciso chegar e porquê que eu preciso honrar o lugar de onde eu venho e não é honrar naquela perspectiva de ter algo que me remete ao passado, mas dizer ao passado que eu rompi com o que estabeleceram para gente, para que eu continuasse naquele caminho, para que continuassem a nos subjugar. Eu recorro a memória para dizer: “vó, o seu olho cego, pela quentura da tina de azeite de dendê, para me nutrir, para nutrir minha mãe, para nutrir a minha família, está sendo pago com anel de ouro, com uma pedra de rubi e o diploma de turista formada pela Universidade Federal da Bahia”. E é muito pouco quando eu volto as memórias de minha vó e lembro que minha mãe estudou num dos melhores colégios da Bahia fazendo faxina para coordenadora desse colégio. Eu volto: “mãe, eu preciso lembrar o que foi que a senhora fez, para que eu sustentasse esse anel. O quanto eu preciso fazer para honrar a sua memória e a memória de minha avó”. [3 segundos de silêncio]. E a rua, agora sim, é um instrumento para eu chegar a essas memórias, porque quando nada faz sentido, porque quando a minha caminhada para ver o ir e voltar das ondas no Porto da Barra, nada mais é do que apenas apagar aquilo que eu sinto, o desespero que eu sinto, que eu preciso respirar e

contemplar a beleza de qualquer praia, né? Poderia ser qualquer floresta do mundo. [4 segundos de silêncio]. Agora sim, a rua... [zoadada de carro de som]. É mamão, manga, melancia e 30 ovos, vai rolar, assim. Essa rua, né? Aí sim ela vai ser um instrumento para que eu rememore o passado e para que eu honre essas pessoas. Não é só [nome suprimido], minha vó, não é só [ela cita o nome da mãe], minha mãe. É [nome suprimido], é Dona [nome suprimido] que tinha um pé de pitanga que é uma das minhas frutas favoritas e todas as vezes que eu provo, que eu coloco uma pitanga na minha boca, eu lembro da doçura que era a minha infância, que embora fosse uma infância difícil, em um lugar pobre. Eu nunca deixei de escutar: “eu te amo”; “você é forte”; “você vai ser uma mulher grande”; “eu acredito em você”. Eu vou lembrar de [nome suprimido], vou lembrar de Aloísio cantor do Olodum. Isso aí é quando eu provo a pitanga, que eu lembro que tem uma pitanga próxima a minha casa naquela rua. A rua, esse espaço que você me mostrou, aí sim se constitui num instrumento para que eu acesse determinadas memórias. Às vezes eu até esqueço de como era a cor do... [trecho inaudível]. Se eu chegar na Baixa dos Sapateiros eu consigo sentir cheiro do... [trecho inaudível]. Eu consigo lembrar que dona [nome suprimido] pegava o cabelinho dela e passava um ferro no cabelo e eu consigo sentir o cheiro do ferro queimando no cabelo. [trecho inaudível]. A rua é esse instrumento, sacou? Não é mais a passagem, não é mais eu, é instrumento de acesso a memórias afetivas ou não. [3 segundos de silêncio]. Que eu não sei se falar de memória afetiva é falar de coisas famosas, assim, mas também é saber que minha mãe presenciou um crime e por conta disso adoeceu a vida toda. É saber que nunca na minha vida, quando um trio tiver descendo o prédio da... a rua da Sulacap, eu devo estar na frente desse trio. É saber que eu não posso andar atrás de um caminhão e de um trio quando ele estiver subindo a ladeira que dá acesso ao edifício Arthemis, porque foi naquela rua que o trio do Comanches se descontrolou e matou mais de 11 pessoas, isso é acessar a memória através da rua e todas as vezes que eu passo naquela ladeira, instintivamente, eu ando na calçada. Eu acho que eu não era nem nascida, deve ter sido em 88 ou eu tive... era 89, eu era criança, eu não lembro a data, mas todas as vezes que eu passava naquela rua, minha mãe dizia: “foi aqui que aconteceu isso, isso e isso” e meu tio saía no Comanche e meu tio só não morreu naquele dia porque minha avó obrigou a voltar para casa para tomar o banho de folha que todo mundo da minha família deve tomar antes de ir para o carnaval. Porque o carnaval é uma festa que mexe com muitas energias.

Olha quanta coisa eu acesso passando por esse caminho... é memória. Subir a Ladeira do Ferrão, aquela que você apontou no seu mapa, é lembrar que padre Hélio era chato, feio, careca, mas que eu ia até o salão paroquial com meus doces finos que eram só pros padres, mas como minha vó era 'brother' do padre, de vez em quando eu roubava a hóstia para ver "colé dimerma" daquele negócio que todo mundo podia comer, menos eu podia comer. Ou quando serviam mingau na igreja, eu consigo sentir o cheiro da Rosário dos Pretos hoje e eu frequento. Quando tá muito ruim, que eu acho que o diabo tá desejando ou tá... [trecho inaudível] ... que Bethânia fala que a pessoa é... parafraseando né? Da forma que ela falou: "Você é tão seca, mas tão seca que nem o diabo ambiciona a sua alma". Quando eu estou sentindo que a ambição do diabo está para a minha alma, a dor, a tristeza, a depressão, sabe? Eu sigo até a ladeira... eu subo pela Ladeira do Ferrão, que é perigosa nos dias atuais ou subo pela Baixa dos Sapateiros e acesso a igreja Rosário dos Pretos por aquelas pedras. O primeiro degrau da igreja Rosário dos Pretos é extremamente machucado de tantas pessoas pisarem. Cara, é uma pedra e a pedra é amassada de tanto alguém meter o pé no meio do lugar durante 200 anos. Eu subo aquilo ali, entro na igreja e vou direto para onde está o túmulo de Anastácia, não sei se você já ouviu falar nessa mulher aí. Na mulher escravizada que tem os olhos azuis que foi cegada, furado pela sinhá e eu vou até o túmulo de Anastácia, acendo uma vela e peço à Anastácia resiliência e aquilo ali é memória... e aí a outra pergunta foi...?

C: [4 segundos de silêncio]. Nem sei.

E5: Progresso...

C: Ah sim, progresso... essa relação entre memória e progresso. [5 segundos de silêncio]. Rua memória e progresso.

E5: Não pense que suas perguntas são fáceis de serem elaboradas não, porque não são viú? [risos]. A gente acessa espaços que são espaços de dor também, para responder.

C: Eu sei, na verdade, por isso que eu passo mais tempo agradecendo e dizendo que isso aqui é muito mais que uma entrevista porque envolve de tudo e de coisas que são do profundo da alma, né? Eu sei que não é banal, entendeu? Apesar de eu fazer muitas entrevistas em que, claramente, a pessoa tá ali, falando aquelas coisas para mim porque ela não se abre e ela não quer se abrir, ela não tem obrigação de se abrir. Porque aquilo ali dói e ela sente, então eu reconheço isso tudo, sabe? E eu sei que é muito difícil e que o próprio processo de oração, talvez porque a nossa geração

seja uma geração um pouco diferente, né? Que a gente tem mais ou menos a mesma idade. É uma geração que buscou cuidar muito da cabeça, mas eu sei que, para mim mesmo, falar sobre isso envolve tanto abrir feridas, quanto mexer em feridas que já foram curadas, quando acessar memórias que foram, que são meio acalento do dia a dia. Tipo assim, envolvem essas 3 coisas, tipo assim, mexe no que dói, mexe no que cicatrizou, mas que, então, eu olho com dor, mas é aquela dor distante. É como se eu visse uma dor que no passado já foi muito profunda, mas ela não dói mais desse jeito e mexe com coisas que, para mim, são ferramentas de cura ao mesmo tempo, porque é muito doido a gente achar que a gente tá sozinho no mundo e que a gente é autossuficiente, né? Então, para mim, em parte, a relação com a cidade e aqui eu estou falando agora já do... porque já passou e você já respondeu, mas muitos pesquisadores mostram que caminhar é um processo de elaboração. Então, mesmo as pessoas que não querem compartilhar, elas dizem assim: “olha, eu bato uma paletada de não sei onde, para não sei onde e aí eu briguei em casa e eu saí para andar... e depois eu volto”, e ela não quer me dizer que ela foi elaborar aquilo, ela não quer me dizer porque ela brigou, ela não quer me dizer o que fere e eu não estou aqui para dizer para pessoa me dizer, entendeu? Tanto que eu opto por fazer com sigilo, justamente, para que a pessoa se sinta à vontade ou não para dizer, o que ela quiser dizer. Mas caminhar é elaborar e para mim é muito doido porque hoje as pessoas não caminham mais. As pessoas vivem no carro e as vezes elas saem de carro para elaborar as coisas e a gente vê o quanto de gente mal resolvida que tem por aí, ferindo os outros, simplesmente porque não elaboram as coisas e quantas vezes nós somos feridos e somos ferramentas de ferir.

E5: Exatamente.

C: Então... e foi por isso que naquela primeira conversa, no começo da nossa conversa eu disse assim: “Entrevistada é uma mina de ouro”. Uma mina de ouro não é porque você é um recurso que eu quero esgotar, entendeu? Mas é uma mina de ouro no sentido de que eu achei uma coisa preciosa de uma pessoa com que eu consigo construir um vínculo, compartilhar coisas que também são pesadas e duras sobre mim. Não é fácil você dizer pros outros que você acha que você tá ficando doida, entendeu? Porque as vezes é como eu acho que eu estou mesmo ficando, mas é uma mina de ouro no sentido de que a gente consegue compartilhar, conversar, trocar e alimentar coisas, que para mim são fundamentais, então, a sua entrevista que já deve tá batendo quase 3 ou 4 horas, deve bater em torno disso, de

áudio, é uma entrevista para mim muito mais significativa do que muitas outras, porque essa história da memória mesmo, para mim, para você ter uma ideia, a memória é uma das categorias fundamentais para gente pensar cidade. Se tem 2 categorias que a gente precisa para pensar a cidade: uma é memória e outra é imaginação, mas a maior parte das pessoas não querem falar sobre o que é memória para elas. Elas falam sobre uma memória ou outra, elas evocam lembranças, mas elas não falam do que é memória. Justamente porque evoca dor ou evoca muita alegria ou evoca vergonha e as pessoas não querem fazer isso e eu não estou aqui para dizer pras pessoas o que elas querem ou não fazer, entendeu? Muito pelo contrário, eu estou aqui para receber o que elas me dão e honrar o que elas me dão, da forma que eu puder e não de desrespeitar o espaço e etc. E eu estou falando isso tudo só para dizer mesmo que eu entendo e que é por isso que minha gratidão e a minha honra e por isso que eu falo de generosidade, eu não estou sendo hipócrita, entendeu? Eu estou falando, muito pelo contrário, eu estou falando de que é realmente como eu me sinto diante dessa conversa que a gente tá estabelecendo. É realmente porque, às vezes, é de fato um desnudar da alma. **E5:** Sim.

C: E que é difícil, tipo... porque, finalmente, quando a gente abre a alma, a gente se sente vulnerável em muitos aspectos. Eu mesma me sinto muito vulnerável e é o tipo de coisa que não tem preço, entendeu? Eu jamais poderia te pagar por isso porque é, simplesmente, impagável e eu jamais poderia te retribuir na mesma medida porque, de novo, é uma medida que eu não posso mensurar. Justamente porque tudo isso, quando mexe com quem a gente é. Porque, para mim, esse tipo de coisa e foi uma das coisas que, não vou mentir, eu me arrependi tanto de fazer essa pesquisa de Doutorado, eu falei assim: “mas eu sou louca, eu sou louca, louca, louca”. Porque eu vou me meter numa coisa que eu podia tá fazendo quantificação, eu podia tá aplicando questionário, fazendo um monte de coisas que não envolveriam mexer com as coisas de fundo profundo aí lá vou eu: “ah, mexer com isso”. Aí eu fico... por um lado, eu fico assim, arrependida mesmo do tipo: “por que eu inventei isso? E a pandemia mudou minha vida, mudou minha tese, mudou tudo”, por outro lado eu penso: “eu estou há 3 anos nisso, eu preciso terminar” e por outro lado, eu penso assim: “Deus é generoso”. Porque ao mesmo tempo em que aparecem um monte de dificuldades e de mudanças coisas que, provavelmente, se elas tivessem saído como eu planejei, não aconteceriam. Provavelmente, se minha pesquisa não tivesse mudado eu não teria te conhecido, entendeu? E para mim, de

fato, é uma conversa de muita generosidade envolvida e eu penso assim, imagine eu conseguir conversar com uma pessoa que viveu em situação de rua, por mais de 1 hora, por um celular. Eu nunca imaginei que isso ia acontecer porque, para mim, mexer com pessoas que não tem casa, por motivos da minha trajetória devida, de ter sido órfã de mãe; de ter me mudado, até 17 anos, mais de 17 vezes; da sensação de não ter casa; de estar sempre na casa dos outros; de sempre depender dos outros; de aquilo não ser meu. Ver pessoas em situação de rua ou lidar com pessoas em situação de rua, para mim é um evento de extrema dor. Então, eu dizia: “se eu tiver que ir na rua falar com pessoa em situação de rua, eu não vou” e eu vou, simplesmente, dizer na minha tese que aquilo para mim era inacessível e eu podia usar um recorte de classe, podia usar qualquer desculpa que eu quisesse, cientificamente, para dizer que aquilo não foi acessível para mim. E aí, eu conheço pessoas que trabalham com população em situação de rua e aí, eu falei assim: “olha, você não tem ninguém aí que já morou em situação de rua e que topasse participar de uma conversa comigo?” e depois dessa conversa, Entrevistada, eu passei uns 3 dias arrasada. Eu vi a dor daquela pessoa e as coisas que eu dizia assim: “não, eu entendo o que você tá falando” e ela olhava para mim e dizia assim, a menina branca, conversando comigo pelo celular, a senhora de 45 anos sem dente, falando comigo sobre a vida que ela levou em situação de rua e uma menina branca que não sabe o que é isso, porque eu, de fato, nunca morei em situação de rua, me dizendo que ela tem empatia sobre como eu me sinto de não confiar nas pessoas, de ter medo de ficar sem casa. Então, eu passei dias, depois dessa entrevista, afundada... tipo assim, afundada. Às vezes, eu só chorava e as vezes eu compartilhava com meu esposo que conhece toda a minha história de vida e eu dizia: “olha, eu me sinto que nem ela, as vezes eu reajo assim porque eu me sinto que nem ela e eu posso não ter vivido isso do jeito que ela viveu, mas é o tipo de dor que eu sinto por ela” e ao mesmo tempo aquela força que ela tinha, que as vezes é uma força que eu não acho em mim, era uma força que me revigorava, entendeu? E eu dizia assim: “meu Deus, ela conseguiu, com tanta dificuldade, fazer tanto e eu...” aí vem, né? Tudo de... que é a merda do capitalismo e aí eu dizia assim: “e eu que nunca tive isso em casa”. Por mais que eu tenha sido grata por todo abrigo que me deram ao longo da vida, eu não faço ideia do tipo de dor que ela sentiu e eu devia só ser grata ao invés de tá procurando uma forma de ter uma casa minha, como ela mesmo procurou a vida inteira e que ela não fosse... e eu vou falar violentada, mas

em muitos níveis que não significa, necessariamente, agressão física, né? Então, quando eu compartilho isso, essa entrevista com você, é para dizer que, para mim, fazer essas entrevistas é um momento de profunda dor, de revisitação de quem eu sou. [3 segundos de silêncio]. Da nossa trajetória no mundo mesmo, do que é ser humano e eu sei que não é fácil e assim, eu sei que não é fácil para você, especialmente porque você se abre muito mais do que eu, mas é para dizer que eu estou aberta do mesmo jeito. Que, assim, o que sai de você não chega em mim, bate numa parede em branco, o que sai de você chega em mim e dialoga com a minha vida, obviamente com as particularidades, porque todo mundo tem as suas particularidades, né? Ninguém vive a mesma coisa do mesmo jeito. Mas lhe dizer que é isso, que assim, eu tenho um profundo respeito e eu, realmente, me sinto muito honrada dessa relação que a gente construiu ao longo dessa conversa, da relação que eu construí com que se abriu ao construir comigo ao longo da pesquisa. Entendendo, justamente, que chega à beira do absurdo porque, às vezes, eu vou para psicanálise também, eu penso assim: “isso é um absurdo”, sabe? Tipo assim: “eu estou à beira do absurdo”, o tempo inteiro eu me sinto à beira do absurdo. Me confrontando quem eu sou, vendo o outro e é um exercício muito difícil de fazer. Considerar o outro na sua humanidade, nas suas vulnerabilidades, na sua fragilidade e respeitar isso. Então... para mim é isso, sabe? E às vezes, eu me arrependo da minha pesquisa e digo assim: “que desgraça foi que eu fui inventar? Eu podia ter feito tanta coisa, eu podia ter só lido livros”. Ia ser muito mais fácil se eu tivesse só lido livros.

E5: Mas seria tão pouco.

C: Pois é, mas seria tão menos gente, seria tão menos humano, no sentido de humanidade que eu quero dar, no sentido de reconhecer no outro a humanidade que eu tenho em mim, que ao mesmo tempo em que me arrependa, eu sou grata, sabe? Penso na generosidade divina comigo, pelos encontros que a pesquisa me permitiu ter, hoje mesmo, virtualmente e pelo aprendizado, pela reflexão porque eu não acredito em ciência neutra, então a minha pesquisa é uma pesquisa que me muda e que me move e que me faz enfrentar as minhas contradições ao longo do tempo. Isso tudo é muito difícil, mas também é muito revigorante, vamos dizer assim. É porque elaborar nunca é um processo fácil, né? Tipo assim: “olha, isso tá doendo”, “não, elabora que passa”, “tá bom, vai você elaborar a porra da dor, se você tá achado que essa merda é fácil”. Tem dores na minha vida que eu elaboro, eu faço

terapia desde 2016 que eu estou desde 2016 fazendo terapia tentando elaborar e não consigo e continuo elaborando. E talvez eu nunca elabore 100% e a missão é ir seguindo, né? Maseu queria compartilhar isso com você para dizer que... para dizer nada, para compartilhar. [2 segundos de silêncio]. E para dizer que você não tá só nessa conversa, que eu não estou sendo sanguessuga com você, nem com ninguém que participa comigo porque tem gente que é sanguessuga mesmo, tem gente que quer sugar, que quer o outro do seu jeito. Não é meu caso, eu quero o outrodo jeito que o outro quiser me dar, do jeito que o outro quiser ser comigo e eu estou aberta. Tanto que, tipo assim, para muitas pessoas é tipo: “nossa, você tá fazendo a entrevista tão longa. Parte 1, parte 2...”, eu: “minha filha, se precisar faz parte 3, se ela tiver disposta e se ela não tiver disposta, o que ela me deu é suficiente. E se ela quiser, a gente faz parte 4, faz parte 5. Se ela quiser eu transcrevo, entrego a entrevista toda transcrita, entrego o vídeo todo editado”. Editado, assim, porque como a gente partiu duas vezes, eu vou ter que juntar os vídeos, né? Numa edição de fato, não quando você parou. E o que eu puder fazer eu vou fazer porque, para mim, é muito mais do que uma coleta de dadosde campo, vamos dizer assim. Para mim, essa experiência comum é a própria elaboração da gente no mundo, né? Como criaturas urbanas.

E5: Sim.

C: É isso.

E5: Bacana ouvir.

C: Deixa te perguntar, agora, uma coisa. Eu acho que essa deve ser uma das minhas últimas perguntas. Uma era essa relação com progresso, mas você não precisa responder se não quiser. Memória, progresso e rua. Mas eu queria saber se essas memórias, se essa relação da rua com a memória te faz pensar no futuro da cidade e o que é que vem daí?

E5: Eu vou ser muito honesta, falei hoje, ontem... anteontem na terapia. É muito ruim, você se... eu vou... porque eu estou com muita dor na coluna, vou ver se eu consigo fazer isso deitada, peraí. [15 segundos de silêncio]. Vish, tá uma vista muito feia. [3 segundos de silêncio]. Pronto, não é muito bacana fazer isso, mas é porque eu estou com muita dor na coluna e aí parei para deitar.

C: Eu sei como é, também estou com muita dor. Aí eu estou deitada também, pegando o bicho de pelúcia e botando aqui atrás.

E5: Como a bateria tá baixa, em 19%, não sei como é que vai funcionar porque ele

estava carregando e não carregou nada, não sei qual foi desse telefone, mas tudo bem. Vamo lá, é muito complicado o futuro da rua, assim, eu falei isso na minha terapia, é muito complicado dizer isso. É muito ruim ter 31 anos de idade e não ver perspectiva de futuro em nada, absolutamente nada e tudo o que eu vejo, o que eu faço, às vezes não dá qualquer sentido, porquê? Porque eu estou olhando à minha volta e, além dos paredões no Covid e as campanhas políticas, né? Das eleições e dos natais que fizeram com que milhares de pessoas fossem para ver a árvore de natal coloridinha no Campo Grande, formassem filas imensas ou o parque dos dinossauros, onde você, pai, mãe leva teu filho numa fila gigantesca porque, para mim, não foi para ver dinossauro, foi tipo: “estou matando meu filho e com certeza, matarei meu pai e minha mãe”, porque essa peste dessa criança vai voltar para casa, sem máscara e vai beijar o avô e a avó e pode tá contaminado, mas vamo lá. Eu tenho muito medo por conta do futuro que está sendo colocado para gente, é algo que tá sendo jogado na nossa cara de uma forma tão violenta e eu estou falando isso numa pessoa que tinha uma política mesmo. Às vezes eu acho que o Brasil, tipo, o Brasil tá matando o Brasil, sabe? É uma conjuntura política grotesca, que você fica pensando: “eu estou estudando para o mestrado, fiz a prova, fiquei puto porque eu fiquei nos títulos, tive a mesma nota do cara que passou”, mas só que o bonitão tinha dois títulos e eu não tinha nenhum, mas, assim, de quê que adianta você tá fazendo tanto esforço, tanta coisa, para uma profissão que, em primeiro, eu não estou exercendo, porque, eu como funcionária pública da segurança pública não posso exercer, por enquanto. Minha ideia era chutar o pau da barraca e correr atrás do que eu amo, do que eu quero, do que eu acho que me dá prazer e que faria com que eu trabalhasse com muito mais... sei lá, com muito mais vontade, com muito mais carinho. Daí eu vejo que tão destituindo coisas de grupos e tacando fogo na floresta e matando indígena e promovendo ataques biológicos, que para mim, você com Covid, entrar na porra de um lugar onde tem tribos que não tem contato com nossa realidade, sabendo que eles têm dificuldades, mesmo biológicas de ter algum tipo de barreira que cuidem deles. Você taca fogo na mata, você destrói rios, você acaba com o mar, você acaba com tudo. É muito fodido dizer isso, mas assim, as vezes eu não vejo futuro, sabe? E aí eu fico pensando: qual é a razão de eu fazer tudo isso? Qual a razão de eu honrar o nome de minha mãe? Tá, beleza, honrei o nome da minha mãe, do meu pai, do meu avô, estou com a porra do anel, mas... virei o capitão do mato, uma capitã do mato e aí beleza, consigo sair disso porque “eu

acredito no direito do não sei quem e ‘bababa’”, e na verdade, o juiz tá vendido, o promotor tá vendido, o Ministério Público tá vendido e eu só sou uma pessoa que tá nadando contra a maré porque, tipo, as vezes eu tenho a impressão péssima de que esse país não tem jeito velho, sabe? E o que a galera tá falando que é progresso, não é bem progresso e o que que eu acho que é progresso? O que que o outro acha que é progresso? As vezes meu colega acha que, não que não seja bacana, até porque meu aparelho é esse, mas assim, as vezes meu colega acha que ter um Iphone; ter um Honda Civic e morar, sei lá, no conjunto que ele pagou em 200 meses, financiado pela Caixa e ter uma arma de 11.000 reais para proteger a sua propriedade, que na verdade nem é dele, é do banco e o carro aí é contrato de leasing e o Iphone Para o 11 tá em 24 prestações por conta de uma associação, ele acha que isso é progresso e tipo. [3 segundos de silêncio]. Ou eu estou maluca ou esse mundo não é meu ou eu estou sozinha e isso não é progresso, nunca foi e nunca vai ser. Cara, você falou de população de rua e boa parte das pessoas que foram morar na rua eram pessoas que viviam comigo lá perto do Beco do Porvir, que não receberam indenização e que foram morar em prédios abandonados no Pelourinho, saca? E tudo isso porque o Pelourinho é e seria um espaço de gastronomia, cultura, lazer, de quem, velho? De quem? Quem é a galera que ia lá sambar encima de uma porra de um espaço que sustentavam, literalmente, pelourinhos, troncos para pessoas serem castigadas? Um lugar que presenciou inúmeros massacres, inúmeros desrespeitos à humanidade das pessoas e, diga-se de passagem, de pessoas específicas que não eram nem considerados pessoas, mas serem semoventes. Que progresso é esse que mata índio, que prende em massa, que faz com que o cara que furtou, sei lá, que furtou um celular fique preso no mesmo lugar do outro cara que esquartejou 50 mulheres porque era um psicopata? Que progresso é esse que faz com que construam presídios e não construam escolas? Que progresso é esse que faz com que a rua seja bonita, mas a gente não consiga andar nela porque a gente acha que vai ser assaltada, que vai tomar um tiro na cara, sabe? Que progresso é esse que faz com que saia no jornal que Maria, advogada, foi assassinada brutalmente na orla de Salvador, junto com um morador do bairro de Periperi, que esse morador não tem nome, não tem idade, não tem profissão, ele é só alguém que morava na favela? Eu fui vítima do progresso da Baixa dos Sapateiros e do Pelourinho quando minha família foi retirada de lá e a gente só não ficou numa situação de vulnerabilidade maior porque um filho

de santo de minha avó que tinha grana comprou uma casa para ela no bairro da Liberdade. Todas as vezes que falam de progresso, eu fico pensando que é tipo: progresso para quem? Para mim, progresso é ter moradia, lazer, é me entender enquanto pessoa e poder fazer o mínimo de mobilidade social. Mobilidade social não é passar fome e depois passar a comer feijão com arroz e ovo, isso não é mobilidade social, isso é o mínimo rei, que a gente não deveria sequer pensar em passar fome e aí eu fico me perguntando: progresso é... que porra é progresso? Progresso é cimento, tinta, carro, VLT, BRT, metrô? Ou progresso é gente... eita, bateria 10% deixa eu ver. Ou progresso é gente comendo, gente vivendo, gente estudando, gente tendo oportunidade, sabe? De quê que eu estou falando quando eu falo de progresso? É tipo, essa rua aí, que a gente fala, né? A gente é tirado dessa rua em nome de quê? Tirar as linhas do subúrbio de Cajazeiras do bairro da Barra e da Graça e do centro da cidade, foi progresso? Para quem? Tirar linhas de ônibus de diversos bairros porque o metrô estava funcionando, foi progresso para quem? É, assim, é só uma questão de inteligência mínima. Metrô, mais linhas de ônibus, trem, transporte de 'sei lá o que' rápido, não seria mais fácil, mais justo, mais digno fazer com que a população tivesse uma possibilidade de se locomover com maior facilidade, com maior tranquilidade. Fazer com que o cara lá de Cajazeiras 1000 conseguisse fazer um curso aqui no centro da cidade ou melhor, levar bons cursos, bons campos universitários para lugares mais distantes de Salvador, não é democratizar o ensino? Não é democratizar a educação? Não é progresso? Que porra é progresso? Vou sair de Cajazeiras 50 para ver, sei lá, a cor púrpura no TCA e não tem como voltar para casa porque acabou quase 23:00 horas da noite e não tem ônibus para Cajazeiras 50? [4 segundos de silêncio]. É progresso eu morar em Cajazeiras 1000, vir de Uber, mentira, que o Uber é caro, né? Vir de ônibus para assistir, mas tem dinheiro porque, finalmente, não tem funcionária pública e voltar para Cajazeiras 1000 do TCA, de Uber. E aí, nossa, agora... "nossa, acessei a intelectualidade da população baiana ao assistir uma peça renomada internacionalmente, na sala do coro do TCA, tenho dinheiro para pagar, tenho dinheiro para pagar Uber e estou voltando para Cajazeiras 1000 com medo de tomar um tiro na cara porque é meia noite, irmão". Que porra de progresso é esse? Aí eu fico me perguntando: progresso é o que me fez sair do Beco do Porvir e acessar a universidade pública e agora tá batendo cabeça para tentar não ser mais capitã do mato? Ou progresso é tudo que me fizeram regredir porque a primeira coisa que

tiraram da minha família foi uma casa e a gente só reconquistou o poder de moradia, aliás, o direito de moradia, porque se eu for pensar no capitalismo não dá, é que moradia é comprar, mas o que fez com que eu tivesse o direito a ter uma moradia digna foi a boa vontade e a generosidade e o sentimento de retribuição de um filho de santo da minha avó, que se não fosse ele, talvez, hoje eu tivesse mais preocupada em pagar o aluguel do que dá uma entrevista para uma pessoa desconhecida. Eu fico pensando nessas paradas, sabe? Tipo, é... [3 segundos de silêncio]. Que tipo de crescimento eu estou falando? Que tipo de engrandecimento da comunidade, da sociedade, da cidade eu estou falando, sabe? É massa, é muito bacana velho, ver o progresso da cidade de Salvador, tipo, fizeram uma contenção muito bacana ali na Sete Portas, né? Colocaram uma barragem bem bacana para aquele lugar que não deveria ter barragem alguma porque aquilo ali é um rio, não é um córrego, mas tudo bem, transformaram aquela porra num esgoto, não vou nem contestar isso e aí colocaram aquelas proteções com um material inoxidável, que faz com que você ache que você tá num shopping e aí tem uma pista de corrida com árvore e aí você pode andar de bicicleta e aí logo do lado tem a Cesta do Povo, bonita, moderna, com uma cerveja de 30 reais, importada que você compra uma vez no mês com seu salário de funcionário público. Que bacana velho! Atravessa a rua, que você vai tomar um ataque de um negócio de cerveja importada porque tem gente morando na porra da rua, rei, com a casa de lona. E aí para diminuir um pouco a culpa que a gente sente, vem um ou outro num carro... sei lá num Toyota Etios e abre o porta-malas e tem sopa. [3 segundos de silêncio]. E a gente só acha que pelas pessoas sentem fome de comida. [8 segundos de silêncio]. Sabe? Cara, essas coisas ficavam comigo e tipo, aí eu fico nessa e pensar nesse progresso louco, que eu nem sei mesmo se é progresso, aliás, eu fico me perguntando: será... o que que eu sei, né? Sei nada velho. Eu sou só uma pessoa de 30 anos que, por vezes, penso que não tenho qualquer perspectiva de futuro porque tudo o que eu penso é destruído por mais um decreto, mais uma medida provisória, mais uma lei, sabe? Que vai me barrando, que vai fazendo com que o Dalit [são párias: aqueles que não tem casca, a poeira sob os pés de Brahma] deixe de ser as pernas e o tronco e a cabeça e os braços de Brahma. [8 segundos de silêncio]. E eu fico assim pensando no que me separa daquele cara lá do barraco, não é o meu carro batido que me separa dele, sabe? [4 segundos de silêncio]. É só porque o progresso passou de maneira mais ou menos intensa na vida da gente e o cara não deu conta. [3 segundos de silêncio]. E o

cara não deu conta e o cara não tá dando conta e o crack é... [risos]. Sabe o Anador? [6 segundos de silêncio]. E aí o que me deixa mais frustrada ainda é, mesmo sabendo que aquela pedra de crack faz com que ele pense na moradia, no progresso, no progresso, no carro e a nória dele, seja: “eu sou o cara que tem um super carro, uma super casa, que tem umas 50 mulheres. ‘Woo’ sou rico”. Só aquilo ali que, talvez, no lugar de usar aquilo ali para se pensar no progresso eu uso a minha capacidade só e hoje uma tela de celular que me leva ao psicanalista, que é mais ou menos 15 a 20% de tudo o que eu ganho. Um remédio ou outro para dormir porque a liberdade... a verdade, o caminho, a verdade e a vida, não é tão bacana assim. O que me difere dele, velho, é o pouquinho de esperança ainda que me resta, porque o cara que tá lá, tem um bocado de gente que fala isso, né? O cara não tá usando o crack para morrer, ele tá usando crack para viver. [4 segundos de silêncio]. Sabe? E aí, eu uso a psicanálise, a leitura, a poesia, a própria rua, né? A visão, assim, a visão da rua, dos povos, para ali, ver que a realidade, tipo assim, o cara que usa o crack, eu uso a arte, a poesia, a música para viver. Tipo, porque eu não quero morrer, mas assim, tem sido tão mais fácil, não estou dizendo que é relato de uma suicida não, pelo amor de Deus, mas assim, é tão mais fácil dizer: ‘que merda é essa? Tchau vida. [3 segundos de silêncio]. Né? A gente ainda se segura num fio de esperança e aí a gente também pensa, assim, que estou meio me segurando no fio de esperança, eu posso ser uma mulher daqui a 30 anos, 51 anos, frustrada, cabo de polícia, perto da aposentadoria, porque, tipo assim, o progresso passou por mim e eu não acompanhei o progresso porque eu fui burra, pensei na coletividade, não pensei em mim. Não fui egoísta porque progresso e tudo exige que você seja mais egoísta do que pense no coletivo. [3 segundos de silêncio]. E aí acaba com as coisas.

C: E com relação a cidade?

E5: Não chore não.

C: Como é que você imagina que vai ser o futuro da cidade? [5 segundos de silêncio]. E das suas ruas...

E5: Olha, eu vou fazer uma metáfora bem idiota, viu? O futuro da cidade, há alguns anos atrás, eu pensaria que teriam carros voadores, junto com árvores verdes e frondosas e pessoas trabalhando e agora tá mais para Mad Max, tá ligado? Tipo... [risos]. Eu realmente estou muito preocupada, inclusive, uma das minhas ideias é sair dessa cidade porque para mim, não tá bacana. Salvador é bom para tirar férias, né?

Para bancar de patrão, assim tipo: “Woo’, estou comendo uma lagostinha aqui na Barra, olhando o mar”, mas para viver, para sustentar, para ter um filho, para ter o mínimo de dignidade na vivência mesmo, Salvador não te proporciona isso, quem disser que proporciona ou tá drogado ou tá mentindo. E aí eu penso: “vou para o interior, plantar meus pés de coentro, criar meus bichos, ter meus filhos, meus cachorros, gatos”. E aí depois eu penso: “porra, é justo ter um filho num lugar onde eu nem acredito que pode funcionar?” Eu acho que eu vivo mais de passado do que de futuro, sabe? Tanto, por isso que algumas das minhas dores seriam tão intensas, mas assim, eu penso numa possibilidade de contribuir para uma cidade melhor, mas a cidade não se ajuda, as pessoas não se ajudam, a política não se ajuda, sabe? Tipo: “pô, estou aqui estudando, sei que um dia serei, sei lá, defensora pública e vou trabalhar com direito coletivo, com a galera do sem teto e vai vim um lugar que não tem qualquer função social, né? De moradia e aí, enfim... e alguém de alguma ONG vai dá um jeito naquela...”, mas assim, cara, eu estou viajando na maionese porque não é isso que tá acontecendo. O que tá me mostrando é assim ó, a gente precisa ser bem realista, pé no chão, né isso? Porque que tudo está fazendo, tudo, todo mundo tá lhe mostrando, a política está lhe mostrando que nada disso... pelo contrário, vai piorar. Quê que tu faz? Tu foge, eu estou na linha de fugir. De vir ali no Pelourinho: “nossa, fitinha do Bomfim, eu sou turista hoje”, porque não tá rolando. Cidade do Salvador tá sendo invadida por milícia, por grupos armados. [trecho inaudível]. Cara... cara, eu fui levar minha irmã na casa dela, lá no Subúrbio Ferroviário, estava noite, a gente foi tomar uma, né? Pandemia, pandemia... por que a gente foi? Entramos no lugar que é um prédio, mas dentro é um restaurante que estava fechado há muito tempo e aí só tinha mato e a gente gosta muito de mato, porque quando a cerveja falta, eu tomo cerveja nesse mato, beleza, fui levar minha irmã em casa e aí ela fez assim: “não entra aqui de jeito nenhum, passe direto”. Eu, beleza, passei direto para dentro de casa. Ela ficou assim: “minha irmã, aqui tá tendo uma guerra do tráfico e os homens estão com fuzil”, eu falei assim: “você sabe o que é fuzil?”, aí ela “não sabia até aprender e ver um fuzil na mão de alguém que estava do meu lado”, aí Carol, não acredito nisso não. Cheguei em casa no outro dia e assisti TV: “ônibus são parados no meio da Suburbana e fazem arrastão”. Foi exatamente no lugar onde ela pediu para eu não entrar, saca? E de noite, tiroteio, morte, não sei o que. “Gente, o que que é isso? O que tá rolando?” e aí assim, aquela coisa, né? Tipo... eu estou maluca, eu estou louca ou só eu tá errada e todo mundo tá certo de:

“vamos nos armar; matar todo mundo; bandido bom é bandido morto; vamos comprar nossa casa da Caixa Econômica Federal e proteger nossa propriedade privada, financiada 360 meses que, na verdade, a gente nem vai gozar, quem vai gozar são os nossos filhos, se gozarem”. Sabe? Ou eu vou lá e tipo: “ah, vou para o Capão, comprar um terreno lá, plantar meus negócios e tal” aí, de repente, vem um colega, tipo assim: “rapaz, você tá ligada que o Capão tem não sei quantas gangues criminosas?”, eu: “ai meu Deus, eu vou para onde?”. Não tem para onde ir velho, sabe? Tudo remete a crime, tudo remete a violência, tudo remete a... aí você fica assim: “eu estou estudando para quê? Eu estou fazendo isso para quê?”. Tipo, minha poesia é meu crack, mas até quando? [6 segundos de silêncio]. É isso. [trecho suprimido]

E5: Vai acabar a bateria de novo, se o celular explodir na minha mão a culpa é sua

C: Então a gente acaba depois dessa, perdão. Não vou deixar explodir na sua mão.

E5: Não, tranquilo. E eu vou acabar mesmo porque, como eu falei, minha mãe não tá muito bem, eu vou fazer comida para ela. É...

C: A gente acaba com essa. [trecho inaudível].

E5: Deixa eu até ver aqui o horário... 2 e 8, meu Deus tá pior que meus relacionamentos, 200 horas falando sozinha.

C: [Risos].

E5: Imaginar a rua... eu não falei que eu tinha passado antes no curso chamado Arquitetura e Urbanismo, mas não segui, né? Lá atrás, quando tentei o vestibular eu realmente acreditava... eu quando fui estudar a história de Salvador e tal e aí o professor... tinha um professor de Geografia chamado Apolinário, né? Do cursinho, sei lá, Popó e aí esse professor falava sobre a estrutura da cidade de Salvador, né? Que foi construída como um jogo de xadrez, onde tinha água, né? Fonte e tal, a cidade ia se construindo ao entorno e tudo mais e aí eu seria, quando eu pensei em fazer Arquitetura e Urbanismo, eu pensei em trabalhar com o progresso de casas populares com o acesso a valores, é... com o acesso da população mesmo, né? Com valores pequenos, né? Outro dia eu vi um anúncio, né? “Construa sua casa de pinho e tal coisa”. Casas ecológicas, que eu não vi nada de ecológico, mas tudo bem, só tinha pinho de ecológico, que nem sei se era tão ecológico assim, mas tudo certo. E aí, vinha 1 metro quadrado a partir de

1.200 reais. Eu fiquei pensando várias coisas, eu fiz assim: “cara, pensei em fazer projetos para casa, como em Vitória, que eu tinha visto”. A prefeitura de Vitória, ela

fomentava as casas da favela, não, velho, ela fazia trabalhos nas casas das favelas para melhorar a estrutura das casas, né? A fundação das casas e tudo mais e não era porque o prefeito era bonzinho, era porque tem um desastre na porra do morro, com a água descendo, enxurrada levando as casas. Seria muito mais custoso para o município do que fazer um trabalho de base, que era, basicamente, trabalhar na estrutura das casas, na estrutura básica das casas, para que aquelas casas não desmoronassem, não fossem casas construídas apenas em cima do barro, né? E aí eu imaginava que eu poderia contribuir dessa forma, né? Eu sempre quis trabalhar com a alegria das pessoas, como mudar a vida das pessoas, não necessariamente alegria, né? Porque assim poder contribuir para mudança positiva na vida das pessoas e se isso tivesse relação com moradia, maravilha! Que a relação com minha mãe, com moradia, por exemplo, é péssima. Minha mãe... sempre a casa de minha mãe não era a casa de minha mãe porque não foi ela que comprou, então, era passado na cara que ela morava na casa dos outros, não sei o que e tal, e eu sempre quis ter, construir algo e dar para minha mãe ou construir algo e fazer com que as pessoas tivessem sentimentos diferentes do que o que minha mãe teve em relação a isso. Então, foi imaginar a cidade, não foi isso o que você perguntou? Pronto, então, eu imagino... lógico que quando a gente imagina, a gente idealiza coisas: cidade bonita, arborizada, onde o racismo ambiental não se sobressaísse, onde todo mundo tivesse acesso a árvores, a ambientes de lazer, a parques, né? E tipo assim, imaginar... olha, cara, eu não estou imaginando, eu estou pensando numa coisa concreta sem elementos de violência. Por exemplo, poder ir ao Parque São Bartolomeu sem correr o risco de ser estuprada, sem correr o risco de tomar um tiro, sem correr o risco de abordada pelo policial que acha que você tá usando drogas e, ainda que estivesse, você tem que apanhar e engolir a porra da maconha, sacou? É aproveitar espaços que já existem para promover educação, lazer, saúde, sabe? É poder ir à Feira de São Miguel e comer rabada, feijoada e dar risada, tomar uma cachaça com seus amigos e voltar para casa ileso, em paz, de madrugada, sem correr riscos. Porque se é mulher, porque se é preta, se é sapatona, se é viado, saca? Não é nada diferente do que está posto estruturalmente porque, assim, se você consegue trabalhar com a gestão com o mínimo de qualidade, você consegue remontar monumentos históricos e você consegue reconstruir alguns prédios que foram destruídos. Como gestão, com o mínimo de cuidado com a população, você consegue melhorar, absurdamente a situação da população de rua e isso não é

interesse, não é interesse público nisso. Miséria, fome, violência, droga dá dinheiro, dá lucro. Cara, eu não imaginava, tipo, sabe aqueles cartãozinhos da igreja de Testemunha de Jeová? Eu não imagino a cidade com aquilo, com leãozinho, todo mundo fazendo carinho no leão e todo mundo vivendo em harmonia, não era isso. E nem estou falando que, é cara, esqueci o nome do pensador que falava isso, não sei se era Durkheim que fala que a violência era normal, que existia uma linha de violência que era aceitável, né? E aí, quando você sai disso, o corpo, o sistema, que seria um corpo, ele se descontrola. Aí você vê que existe um problema sério, que é realmente um problema porque a violência, a agressão e tal são normais, até porque nós estamos vivendo em sociedade, estamos vivendo com pessoas. Eu só estou, a única coisa... imagine, gente, eu cheguei, eu poderia imaginar mil coisas, poderia imaginar uma cidade incrível, com prédios incríveis, com casas bacanas, não precisa disso. O meu cuidado, observe que eu falei de ruas, que eu falei de... trecho inaudível]... e tal, mas a parte que mais importa é negligenciado o tempo todo e por isso a porra da cidade não funciona, que é o quadro humano da cidade. As pessoas não são vistas como gente, todas elas, são vistas como coisas e tudo que eu imagino, idealizo é que as pessoas sejam cuidadas, tratadas. Não é porque João, que é usuário de crack não quer ir para colônia que cuida de João com porrada, bíblia e pão que João tá errado e tem que viver como bicho. Se você não tem uma política pública de verdade, que as pessoas usem drogas, que as pessoas usem violência e você quer uma solução plástica, que todo mundo ache um máximo o BOPE entrando nos lugares e dando tiro e massa encefálica rolando, pelo amor de Deus. A única coisa que, sabe, eu penso: "isso não é normal, que porra de sociedade é essa? Que as pessoas acham normal". Velho, as pessoas acham normal que alguém fardado, em nome do Estado, promova uma coisa chamada guerra às drogas e mate alguém que tá ali vendendo droga. Isso não é normal, gente, para mim, isso é impensável e o que eu penso, justamente, da cidade é que cara, a cidade é... eu falei que o Largo da Palma era um indivíduo, né? É um personagem vivo. A cidade é viva e aquela parte do corpo que corre por todo o corpo, é o sangue e o sangue da cidade são as pessoas. Tem toda a estrutura e todas aquelas estruturas só funcionam e tem sentido porque tem alguém; porque tem histórico; porque tem uma memória; porque tem gente; porque grupos viveram ali; que grupos saíram dali; que pessoas chegaram; que pessoas saíram; que pessoas viram; que pessoas consomem, sabe? Porque pessoas, porque gente. Tem um negócio que... Fábio Mandingo, que é um poeta, é

um livro na verdade, que ele escreve: Salvador negro rancor, eu tenho vivido isso. Eu penso a cidade, eu penso num lugar chamado cidade, né? Onde eu consiga contribuir, como pessoa e eu consiga receber o resultado da contribuição de outras pessoas e com aquela ideia de convívio comum, sabe? De... Carol, né? De virar para o filho de Carol e falar assim: “ó, vá para casa agora, quem tá mandando sou eu, tá fazendo frio, vá botar o agasalho”, como eu faria com meu filho porque eu sei que Carol, se eu tiver demorado para chegar em casa, 1 hora da tarde, Carol vai ter alimentado meu filho porque ela vê o meu filho como o dela, assim como eu pegar o filho de Carol e mandar voltar para casa para botar o agasalho, eu falaria para o meu filho porque tá frio, eu não quero ele resfriado. E tipo assim, observe que, para mim, a cidade tem esses quadros, esse cerco, essa coisa humana que precisa estar ali, que precisa ser cuidado. É tá na praia e ver o menino que eu não sei nem o nome, tomando banho sozinho e falar assim: “ei, psiu, venha para beira” e foda-se o nome do pai, o nome da mãe dele, é porque aquele menino também é meu filho porque a cidade é minha, assim como é dele e é do pai dele e é da mãe dele e é da família dele. E eu preciso cuidar daquele produtinho ali para que amanhã, aquele produtinho cuide de todo mundo e da própria cidade e entenda que temos uma vivência em comum. Que o resto, sinceramente, a casa que tá ruindo, a gente trabalha numa estrutura certinha, com um bom engenheiro, um bom arquiteto, reforma a porra da casa e faz dela uma morada e faz ela lá. Problema não são as casas que tão ruídas no centro da cidade, são as pessoas que estão ruídas. É isso.

C: Entrevistada, eu vou interromper a gravação e aí a gente continua a conversar.

E5: E aí a gente o que?

Entrevista 6: O que é isso a rua para um missionário evangélico?**Caroline Vaz [C]****Entrevistado 6 [E6]**

C: A reunião está sendo gravada, então, primeiro, eu queria saber se você consente na gravação da reunião. É a pergunta que eu preciso te fazer.

E6: Autorizo sim.

C: Agora, na sequência, eu vou ler, geralmente, o termo de autorização para utilização da entrevista seria entregue, assinado por você, mas como a gente tá nesse período de pandemia e tudo tá sendo feito virtual, eu vou ler para deixar registrado na gravação. Então, participando dessa entrevista, você declara ceder a mim, a pesquisadora, Caroline Bulhões Nunes Vaz, sem restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a propriedade de direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, prestada à pesquisadora aqui referida na cidade de Salvador [Bahia], em 12 de janeiro de 2021, como subsídio a construção de sua tese de doutorado, a ser submetida ao programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. A pesquisadora, acima citada, fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir ao grupo de pesquisa em que faz parte: Espaço Livre de Pesquisa-Ação e Geopraxis, que tem apoio do CNPq, o acesso ao depoimento para fins idênticos com a única ressalva de garantia da integridade do seu conteúdo e de preservação da identidade de fonte e autor. Você concorda?

E6: Concordo.

C: [nome suprimido suprimido] Então, primeiro eu queria saber quais são as 3 primeiras palavras que vem a sua mente quando você pensa em rua.

E6: As 3 primeiras palavras que me vem em mente é solidariedade e oportunidade.

C: Solidariedade, oportunidade e qual é o outro?

E6: Empatia.

C: É porque eu acho que falhou um pouco para mim. Então, primeiro, eu queria saber um pouco de como foi que você começou a trabalhar com o evangelismo,

com missões, né? De uma forma mais ampla, na igreja, como você passou a congregar e quais são as atividades que você desenvolve?

E6: Na verdade, a gente já faz um trabalho desde muito tempo. Eu comecei muito novo, assim, 12, 13, 14 anos já fazendo trabalho de rua, né? E depois, mais para frente, a gente começou a desenvolver alguns trabalhos diretamente na rua mesmo. Não só na parte de evangelismo direto, digamos assim, que é aquele quando você sai com um objetivo claro mesmo de só evangelizar, mas também até trabalhos de ações sociais, né? Que tem um plano de fundo que é evangelizar, mas que a frente, a via direta é gerar algum tipo de ação social e aí vai desde distribuição de alimentos, até a promoção de alguns eventos também, em ruas e até construções de, por exemplo, ações sociais em determinadas cidades também, nas ruas de determinadas cidades de interior. Normalmente, carentes, assim, localidades bem carentes e chegar lá, implantar alguns serviços de atendimento médico, atendimento de cidadania, esclarecimento de direitos que é, por exemplo, uma área, hoje, que por eu ser advogado eu atuo. Salão de beleza, tudo isso na rua, criado na rua, ali, espaço para criança e enquanto outra equipe está pelas ruas convidando as pessoas e divulgando e tudo isso termina em um culto no final do dia, ali naquela mesma cidade, em uma igreja base, que é eleita com base, também ali, com distribuições de cestas básicas, roupas, brinquedos, enfim. Esses trabalhos são de viagem missionária e até, também aqui, localmente na cidade, né? Teve um trabalho que a gente fez, que a gente levou muito tempo e esse foi um trabalho bem satisfatório porque a gente viu as coisas acontecerem e foi muito interessante ver, não necessariamente o resultado, mas ver que aquilo mudou, aquele cenário mudou, de rua, né? Que foi um trabalho que a gente fazia. A gente começou com o evangelismo direto, depois a gente mudou a estratégia para prestar algum tipo de assistência, distribuição de alimento, realizações de culto, que foi ali no sem tetos, na Calçada, onde tem ali os galpões da linha do trem e a gente chegou ali, primeiro, a gente começou a distribuir alimentos, levava roupas e começou a prestar uma assistência ali. Passou semanalmente, tanto é que iniciou com os jovens da igreja, depois a própria igreja assumiu o trabalho, né? Porque tomou mais corpo assim. Em determinado tempo, a gente chegou lá e praticamente, a gente não encontrou quase 90% das pessoas que estavam lá, na verdade, elas tinham conseguido a casa do programa do governo e aquilo ali já estava, praticamente,

sendo desativado. Então, foi muito satisfatório ver isso, chegar lá e não encontrarmos as pessoas porque as pessoas conseguiram, definitivamente, um lugar com dignidade para morar.

C: Eu tenho algumas perguntas que eu vou fazer, elas já são claras para mim, né? Mas como é uma entrevista e ela vai ficar registrada, as vezes eu faço questão de fazer algumas perguntas para que outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo possa entender do que a gente está falando. Qual é essa relação que você estabelece entre as ações de justiça social de auxílio as pessoas e o Cristianismo e as missões, né? De forma mais ampla.

E6: Eu acho que é fundamental, né? Inclusive, eu acho que isso precisa ser aprofundado, isso precisa ser, como é que eu posso dizer, isso precisa ser, de fato mesmo, falado, batido e sobretudo, praticado. A igreja de Cristo, por tudo que ela representa para Terra, por todos os princípios e valores que estão sobre ela, ela precisa ter um compromisso com justiça social, ela precisa se incomodar com os vulneráveis, ela precisa se incomodar com os órfãos, com as viúvas, ela precisa se incomodar com desigualdades, com pessoas em condições de ruas. Ela precisa ter um compromisso porque isso faz parte da sua missão aqui na Terra, de ser farol, de ser luz, de resplandecer. Então, ela não pode, simplesmente, se prender em 4 paredes e ficar ali na sua liturgia, sabe? Justiça social é um compromisso que a igreja precisa ter, justamente, porque ela compõe a sua missão aqui na Terra. A igreja precisa ser farol, sabe? Farol do mundo e não, simplesmente, uma lanterna, ela precisa, de fato, olhar para os problemas sociais e oferecer respostas a eles, entendeu? É como eu penso, assim, justamente, que quando a gente fala assim, do outro, de pessoas em questões de rua, em crianças em questões de rua, quando a gente fala em outros problemas sociais que a sociedade tem, isso afeta o que diz respeito a igreja, que é justamente, manifestar o amor de Deus, o amor de Cristo, que é ter sede, fome de justiça e acolher os órfãos e as viúvas por essa ter a religião imaculada. Então, está bem rubricado no papel a missão que a igreja tem.

C: Falando sobre o seu envolvimento com as missões, você disse que começou se envolver lá com 13, 14 anos, né? Você pode contar um pouco dessa trajetória, como foi que você começou a se envolver nas atividades de missão e, especialmente, como elas acontecem em Salvador, hoje? E em que igreja você congrega, né? Assim, em que ambiente você desenvolve essas atividades?

E6: Eu congrego na Igreja Batista Lírio dos Vales do IAPI e o envolvimento, na verdade, começou, justamente, com a ligação com o ministério, com a juventude, né? Ministério de jovens daqui da igreja sempre foi um ministério muito ativo e como é jovens e adolescentes, né? Na época, era adolescente e eu estava ali sempre no meio, então, a gente fundou, digamos assim, o Juventude Dínamos e a partir daí, a gente encarou. Tanto é que a missão, né? A gente tem o nosso lema: “nossa missão é conhecer a Jesus e fazê-lo conhecido” e nesse fazê-lo conhecido, necessariamente, sempre foi algo inerente à criação desse ministério se preocupar com o lado de fora da igreja, tanto na promoção do evangelismo, quanto da ação social. Hoje a gente tem um grupo que eu sou líder da juventude e a gente criou já, há alguns anos, a gente resolveu estar focado, que é um GT, que é um grupo de mobilização social e evangelismo. A ideia que esse grupo não só atue no evangelismo direto, mas também, na promoção de ações sociais que vai desde dessas ações de rua, que a gente participa, que a gente promove atividades para crianças nas comunidades. Por exemplo, a gente já fez umas 3 vezes, nas comunidades mais carentes aqui do nosso bairro e uma vez foi na Associação de Moradores, outra vez foi numa escola que fica na localidade aqui do Milho e da Divinéia para promover uma tarde com as crianças. A gente apresenta música, dança, teatro, distribui brinquedos, distribui lanches para as crianças ali. Então, vai desde isso aí, até a promoção de atos sociais como setembro amarelo nas redes sociais e outras ações mesmo, teve o maio laranja também que a gente fez uma espécie de mobilização nas redes sociais, enfim. Então, a minha participação ela vem, justamente, com o ministério de jovens, um grupo e a gente vem, justamente, não só no nível local, aqui no bairro. Já fizemos trabalhos de rua, trabalhos de viagem missionária em outras cidades, sempre nessas perspectivas, trabalhos direto mesmo de sair, justamente, diretamente para evangelizar, para falar do que nós cremos.

C: Você acha que a escolha dessas 3 palavras para falar de rua, que são empatia, solidariedade e oportunidade, tem alguma relação com essa sua atividade missionária?

E6: Sim, porque a oportunidade, querendo ou não, foi a primeira palavra que me veio à mente, das 3, logo quando você me perguntou. Oportunidade para quê? Oportunidade, justamente, para cumprir o que nós cremos, entendeu? Oportunidade para tornar nossa fé prática, para tornar nossa fé ação. Jesus, ele

não tinha uma fé teórica, ele simplesmente não mandava, sabe? Jesus praticava, Jesus andava por toda a parte fazendo o bem, curando os enfermos, livrando os cativos. A bíblia faz questão de registrar que Jesus andou durante uns 3 anos de sua missão, praticando boas obras, praticando o bem e, como plano de fundo, estabelecendo seu reino, cumprindo a sua missão que era, justamente, se sacrificar, morrer numa cruz. Só que, nessa trajetória, ele mostrou como era na prática, ele serviu pessoas. Então, quando a gente vai para rua, a gente vê oportunidade de amar o próximo, sabe? De fazer o bem sem olhar a quem, sem ter nada em troca, é a oportunidade, sabe? De crescer, de amadurecer. Quantas vezes a gente já engoliu o choro e aprendeu com aquela lição, sabe? Quantas vezes a gente saiu dali mesmo mais, digamos assim, até mais maduros diante de uma experiência. Teve uma experiência que foi fortíssima, tanto a experiência lá dos sem tetos, mas foi uma experiência na instituição que fica ali ao lado da penitenciária que, justamente, eles pegam os filhos das detentas que estão ali na penitenciária e essas crianças que eles acolhem naquela instituição e aquilo ali foi uma experiência, assim, sabe? A gente saiu com as crianças com uma carência, assim, gigante. Inicialmente, todo mundo preso, desconfiado e ao final todo mundo pedindo para gente ficar mais um pouco, voltar outro dia, e a gente entrou na van, sabe? Todo mundo engolindo ao seco, assim, segurando mesmo. Uma outra experiência que foi num centro de recuperação, também, aí foi uma experiência até pessoal minha, de chegar no centro de recuperação e ver todas aquelas pessoas ali, que quando eles abriram a boca, assim, para cantar e tal. Aquilo ali me tocou de uma forma profunda e ver, verdadeiramente, o quê que funciona na ressocialização de pessoas, muitas marginalizadas.

C: Hoje, vocês têm alguma ação de rua regular?

E6: Tem. A igreja tem uma atividade semanal que é o evangelismo de rua que não, necessariamente, é o grupo de jovens, mas tem jovens que participam. Mas a igreja mesmo tem um grupo de evangelismo e esse grupo de evangelismo, eles vai todas as semanas, todas segundas-feiras e aí eles distribuem alimentos, sopa ou mingau e fazem o evangelismo ali de rua, à noite, normalmente, nas regiões do centro, Calçada, Aquidabã. E uma vez por ano, ao final do ano, eles fazem uma coisa maior, assim, um evento maior com algumas atrações, leva algumas atividades, mas tem atividade regular que funciona hoje.

C: Quando você fala que a rua é empatia e solidariedade, o quê que você quer me dizer com isso?

E6: É se colocar mesmo no lugar do outro, sabe? E solidariedade é ter oportunidade de estender a mão, de ajudar. E esses dois conceitos, tanto um quanto o outro, eu entendo que, justamente, está ligado com isso, com dar sem você ter pretensão alguma de receber em troca porque você não vai receber, você não tá intencionado a receber nada em troca, você não espera receber nada em troca. Se você receber um obrigado, um abraço, qualquer coisa mínima já é muito, já é surpreendente. Tem lugar que você só dá, você faz, o retorno você tem, óbvio, você tem um retorno, mas você não tem um retorno, digamos assim, direto. Então, por isso que eu acho que essas duas palavras que chega a ser a sua raiz, cumprir a essência do que ela significa, sabe? Porque, tipo assim, empatia você não consegue dizer assim: "estou fazendo porque estou tendo empatia". São palavras práticas, solidariedade não é teórico, solidariedade é prático, é praticidade, é, simplesmente, fazer, é dar, é oferecer.

C: Qual a relação à antes e depois do seu início nas atividades missionárias, você via a rua diferente antes de começar e hoje, ela é diferente? Houve alguma mudança na forma como você vê a rua?

E6: Digamos assim, eu por ter começado há algum tempo, no sentido desde muito cedo, o que muda é como essa necessidade aumenta, sabe? Como de lá para cá, a única coisa que veio, realmente, mudando é: como eu preciso fazer mais? Como nós, como igreja, precisamos fazer mais? Isso aí, sabe? Como isso aí é necessário. Vai ficando cada vez mais sério, sabe? Vai ficando cada vez mais urgente, mais necessário.

C: Eu vou fazer algumas perguntas, agora, mais voltadas a saber um pouco de você e aí, na sequência, eu volto para gente falar um pouco sobre o que é a ruano seu dia a dia e sempre vinculada a questão das missões, né? Então, talvez eu pergunte uma coisa do dia a dia e isso esteja relacionada as missões, talvez eu pergunte uma coisa das missões e esteja vinculada ao seu dia a dia ou talvez sejam elementos que não se cruzam, mas eu vou aprofundar isso agora. Eu queria saber a sua idade.

E6: 27.

C: Você ainda estuda?

E6: Eu faço pós.

C: Em direito também?

E6: É, em direito, especialização.

C: Hoje você trabalha?

E6: Trabalho.

C: Trabalha em quê?

E6: Eu sou advogado.

C: Você pode falar um pouco da sua experiência profissional?

E6: Eu me formei há 2 anos e pouquinho, formei na Universidade Federal da Bahia, já estava em um estágio. Nesse mesmo estágio, eu fui contratado como advogado. Além da advocacia no escritório, eu exerço advocacia particular, digamos assim, e enfim. Trabalho regularmente, tanto para escritório, como para mim, também, pessoalmente, conciliando, assim, as rotinas.

C: Onde você mora? IAPI, né?

E6: Isso, no IAPI.

C: Você mora em casa ou apartamento?

E6: Casa.

C: É imóvel próprio?

E6: Familiar.

C: Você mora com quantas pessoas?

E6: Com mais 3.

C: O que é a rua para você, né? O que é a sua rua para você? Como é que você se sente com relação a rua em que você mora?

E6: A rua que eu moro, ela é uma rua bem residencial. Em regra, ela não é uma rua nem principal do bairro, então, ela é bem residencial, é algo mais pacato, assim, digamos, com moradores mais antigos. Hoje em dia, ela está até mais se transformando, assim, né? É uma rua muito tranquila, muito pacato, justamente, por ser uma rua bem residencial, não tem nada, assim, de mais. Ela fica ligada à rua principal, né? Que é a rua Conde Porto Alegre, que é a rua principal, que é rua direta que leva todas as outras ruas, todos os outros lugares aqui. Então, é bem tranquilo.

C: No geral, você desenvolve alguma atividade na sua rua, na rua em que você mora? Ou as atividades que você desenvolve na rua são em outras ruas da cidade?

E6: São em outras ruas, normalmente, não é aqui. Não, necessariamente, na minha rua, já teve lugares próximos. Como a gente desenvolve, por exemplo, trabalho no IAPI, já teve, por exemplo, de a gente passar por aqui ou então nas ruas vizinhas, como eu falei no Milho, aqui que é próximo e na Divinéia, né? Que são, digamos assim, ruas do bairro, são localidades, comunidadezinhas dentro do bairro geral, mas não necessariamente, algo aqui na rua.

C: Na sua rua costuma acontecer eventos do tipo passeata, corrida, festa, baba, churrasco?

E6: Na verdade, já aconteceu há muito tempo atrás. Como eu falei, ela foi se transformando, assim, porque ela tinha muitos moradores antigos, moradores que, praticamente, fundaram. Meu avô é um dos fundadores da rua, ele meio que capinou a rua e tal. Meu avô tinha uma fábrica na época que, depois, se transformou na casa onde a gente mora, que ele construiu aqui, na verdade, transformou não, ele construiu nossa casa e ele, praticamente, fundou a rua junto com outros moradores mais tradicionais e tal. Então, tinha muita essa peculiaridade. Então, quando chegava, por exemplo, copa do mundo, botar a televisão e o pessoal se reunia. Teve uma copa do mundo que, tipo, sempre ficava memória, que eu era bem pequeno, que foi no Japão, algum lugar assim, que era o fuso de madrugada e fazia aquele café, passei e tal, os moradores vinham pendurar bandeirola na rua, tanto em copa como em São João e tal. Tinha meio que um dominó, também, que juntava as pessoas e isso foi modificando, justamente, meu avô deixou de morar aqui, foi morar na ilha, outros vizinhos foram se mudando ou faleceram e tal. Aí hoje, tipo na esquina, às vezes, porquena esquina tem uma espécie de um bar assim, as vezes acontece, tipo assim, um aniversário, um churrasco ou alguma coisa assim, mas não é algo tradicional, nem algo que envolve a rua. Normalmente, são poucos moradores participam, então...

C: No geral, você falou da sua infância, né? Quando você era criança, você brincava muito na rua?

E6: Brincava, muito.

C: Como eram essas brincadeiras na rua?

E6: Quase era a nossa principal diversão mesmo, assim, sabe? Tinham os meninos, também, aqui da rua. Já desde bola à pega-pega, enfim, brincadeiras. Sábado que era um dia tradicional e à noite, a gente tinha uma liberdade, assim,

muito grande que hoje não se vê. Praticamente, assim, tem 1,2 crianças aqui narua e tipo, as vezes eu vejo uma só brincando ali, sozinha, de bicicleta e tal, como pai ali próximo, mas como na minha época, sabe? Que tinha vários meninos, assim, aqui da vizinhança e a gente, de fato, sabe? Tinha o horário da rua, tinha horário do sábado de brincar mesmo, de correr, de esconde-esconde, de subir, descer e tal, que não existe mais hoje, praticamente, de noite então.

C: O que foi que você acha que mudou?

E6: Eu acho que, assim, os fatores externos. IAPI teve muitas situações, a gente costuma dizer que o IAPI, ele acabou ficando no meio, sabe? De algumas regiões e tal, e questão de violência e tal, foi chegando, foi chegando. Eu também acho que eu não vejo muito bem as crianças, nem nas casas, não sei. Eu acho que, também, por ter muitos moradores, assim, sabe? Algumas dessas crianças cresceram, viraram adultas, não saíram daqui; outras foram morar em outro lugar e eu acho que além desses fatores de violência e tal, há uma mudança muito do perfil mesmo, sabe? Até do próprio bairro, de ser uma coisa mais comunitária, digamos assim. O bairro ainda tem dentro, por exemplo, se chegar na Divinéia você encontra muita criança, muita criança na rua brincando e tal, mas aqui na [nome suprimido], realmente, houve uma transformação do perfil da rua. Eu não sei na [nome suprimido], que é uma rua aqui do lado, que era, tipo, semelhante aqui, se lá ainda persiste, mas aqui houve uma mudança total mesmo, assim, do perfil.

C: Você acha que depois que você cresceu, a sua relação com a rua mudou? **E6:** Mudou. Eu acho que eu fui um dos primeiros a sair, digamos assim, a sair da rua, né? Eu comecei a estudar, eu, primeiro, fui estudar longe, foi nem que eu crescido já, eu no ginásio mais ou menos, começou a mudar, eu comecei a ter ocupações, digamos assim. Eu comecei a estudar na Pituba, numa escola estadual mesmo, mas lá na Pituba. Isso já foi diminuindo bastante e aí depois foisó outras ocupações e tal, eu entrei em uma outra instituição que puxava muito, então, praticamente eu não andava na rua, que era o IFBA e fui assim. Eu acho que, tipo assim, eu realmente deixei de estar na rua, eu consigo identificar isso no primeiro momento, assim. As coisas foram mudando mesmo, as pessoas foram pegando outro rumo e eu deixei de estar mesmo, assim, fui deixando de estar, falando com relação a minha rua, assim, de estar mais na rua, para estar

em outros locais, desde a escola, desde o estágio. Os estágios de manhã, à noite, o tempo todo.

C: Quando você pensa nessas memórias da infância que você tem de rua, né? De brincar, de correr, de se sentir livre para brincar. O quê que você sente sobre a sua relação com a rua?

E6: Eu sinto saudade, mas ao mesmo tempo, eu digo, assim, que foi bem vivido, sabe? Eu não tenho muito o que reclamar e dizer assim: “poxa, eu poderia, era para eu brincar na rua mais”, eu gastei mesmo, assim, sabe? Foi uma fase da minha vida que, inclusive, eu sei que outras pessoas, talvez, não tenham essa oportunidade. Tipo assim, era tudo diferente, sabe? Ficar na rua até tarde da noite e entrar sem nenhum problema, sabe? Aquele grupo que se reunia na rua... [trecho inaudível]. Enfim, foi bem vivido, então assim, eu lembro com saudade, mas ao mesmo tempo, sem arrependimentos de, assim: “poxa, eu poderia ter aproveitado mais”. Eu entendo, quando eu puxo, assim, a memória que eu aproveitei bastante assim, sabe?

C: E hoje, quando você vê a relação das crianças com a rua, o quê que você acha disso?

E6: Eu acho assim, se for pela experiência da minha rua, eu acho extremamente problemático, assim, porque, de fato, as crianças foram tiradas da rua, sabe? Desse contato “deve sair ou não”, desse cumprimento, acho que, justamente, por fatores como a violência, principalmente. Um comando assim, sabe? E como eu falei, em outras comunidades por aqui [trecho inaudível] você possa encontrar. Por conhecer, eu digo assim, de uma vez, lá na Divinéia, na Galicia ali, você encontra crianças ali, brincando ali, ainda na rua, mas eu acho que ainda assim, não como antes, não da forma que poderia se aproveitar há 10 anos, 15 anos atrás.

C: Por que que você acha que a saída das crianças da rua é problemática?

E6: É porque eu acho que é importante, sabe? Eu acho que é importante, justamente, para o desenvolvimento de várias coisas assim, sabe? Pela aproveitar a instância, para desenvolver laços, para entender, de fato, o que é diversão e não, simplesmente, hoje, entender [trecho inaudível] aparelhos tecnológicos e ficarem ali criados e formadas somente com a tecnologia e com tudo o que isso traz de distanciamento, dessa questão virtual, que nem sempre é real e na rua tudo é real, a rua, eu digo assim, tudo real, sabe? As brigas, o

senso, aquela coisa de todos, todos vamos, todos nós vamos, vamos fazer juntos, não vamos. Isso sim eu acho que se perde muito quando você vira adulto. **C:** E diante disso, né? Como é que você imagina o futuro da rua e da cidade, com esse “desaparecimento” das crianças da rua?

E6: Acho que isso tem efeitos no que a gente entende por, sabe? Por unidade, por crianças que se desenvolvem, sabe? Marcas, marcas de infância bem vividas que cumprem suas etapas [trecho inaudível], por aspectos iguais. O futuro que eu vejo, assim, sinceramente, eu não vejo como isso poderia, sabe? Falando assim, se olhar para minha rua, hoje, está muito difícil. Talvez, com mudança de perfil radical, talvez, pouco forçado, no sentido de vier muitos moradores com crianças pequenas e as crianças passarem, mas dentro do aspecto natural eu acho... [trecho inaudível].

C: No geral, quais são os principais motivos dos seus deslocamentos na cidade? Eles são para perto ou para longe de casa?

E6: Bom, normalmente, agora, por eu estar em home office, ele se restringiu mais, mas eu me desloco muito no próprio bairro, até porque [trecho inaudível] e no trabalho, quando eu estava em escritório físico, como para outros locais, para lazer, principalmente. Meu lazer, digamos assim, é mais para fora do bairro do que aqui.

C: Quais são as suas principais atividades de lazer?

E6: Vamos lá, eu gosto muito de praia, eu gosto muito de sair mesmo, assim, com os amigos para ir para algum lugar, mas gosto e aí, tipo assim, eu sei que eu não gosto de shopping, mas a gente vai, né? Deixa eu ver... é praia, shopping, sair para algum lugar, assim, mais para comer mesmo, se reunir para comer, tipo algum restaurante, alguma lanchonete ou algum lugar assim, são umas atividades cinema.

C: E na quarentena? Qual é que tem sido seu lazer?

E6: Minha quarentena, assim, até muito tempo, até, praticamente, final do ano, foi praticamente dentro de casa. Eu consigo dizer que, tanto é que eu estava de férias e retornei ontem, enfim. Fiquei dentro de casa o tempo todo, eu cumpri, de fato, a quarentena e minha atividade de lazer foi mínima, mínima, mínima. Consegui ir em uma praia, longe, uma vez, que foi semana passada, depois de algum tempo e saí para uns 2 ou 3 lugares. [7 segundos de silêncio]. Foi, saí para uns 2 lugares, para uns 2 restaurantes, só.

C: Como é que você se sente por ter ficado privado de sair na rua?

E6: Foi bem ruim, assim, sabe? Eu sentia mais final de semana, eu acho que durante a semana, por eu ter uma rotina e sinto mais, também, pelo fato da igreja e tal, de ter que [trecho inaudível] pessoalmente, tipo assim, durante muito tempo e tal, não era tão bom, não era legal. Mas final de semana, principalmente, esse papo de querer ir para o lugar, querer ir para praia e ter essa dificuldade assim, foi bem ruim. De estar sendo, né? Porque não dá, por exemplo, agora mesmo que eu fiquei, eu não conseguia pensar, tipo, de ir para um lugar sem aglomerações, sem coisa, é muito difícil. Aí, então, muitas vezes, a opção foi continuar em casa, ficar em casa e esperar aí a vacina chegar.

C: Teve diferença de como você via a rua antes e depois da quarentena? Antes e depois não, né? Antes da quarentena e, no caso, durante a quarentena.

E6: Não necessariamente, assim, eu sinto falta de aproveitar algumas coisas melhor, sabe? De, realmente, de saber, de usufruir de algumas coisas melhor, quando se tiveram oportunidade ou algo do tipo.

C: O quê que significa sair à rua para você?

E6: Sair à rua? meio, meio.

C: E na quarentena? Como essas vezes que você saiu, o que significou sair à rua para você?

E6: Acho que, tipo, cautela, receio.

C: Como é que a sua vizinhança reagiu a pandemia, ao isolamento?

E6: Assim, grande parte cumpriu, ele está ali, mas, infelizmente, sempre tem aquelas pessoas ali, que como eu falei, na esquina, tal, tem um bar que funciona, justamente, aos finais de semana. Fechou durante um tempo, depois reabriu na quarentena, mas, no geral, tinham respeito. O IAPI sim, foi um bairro que descumpriu muito a quarentena, descumpriu muito o isolamento, descumpe até hoje o uso de máscara e isso era extremamente, sabe? Eu me irritava bastante com isso e todas as vezes que eu precisei sair de alguma forma, assim, isso me incomodava bastante. Eu só saí depois de muito tempo, depois que as coisas começaram a reabrir, melhorar, melhorar, melhorar, eu estava fazendo exercício físico, né? E acho até que não mencionei isso ainda e aí, tipo, eu queria caminhar 3 vezes na semana e aqui tem um lugar tradicional, no IAPI, que é onde se faz caminhada, que é o Eldorado porque é como se fosse um círculo, digamos assim, né? É uma rua que

ela dá uma volta, digamos assim e aí, tipo, se institucionalizou como um lugar, assim, das pessoas fazerem exercício físico, fazerem caminhada, correr e aí, quando eu precisava, depois já de muito tempo, né? Já tinha aberto, eu queria poder caminhar, só que lá começou a ficar muito cheio, principalmente, porque as academias estavam fechadas. Então, tipo, 5, 6 estava muito entupido de gente e nem todo mundo respeitando, não só o distanciamento com o uso de máscara, mas principalmente, correndo, fazendo ali por mais problemático que seja, mas tem que ser, né? Aí eu escolhi, tipo assim, um horário bem tarde, tipo, 8 horas da noite. Não era muito seguro, não era, mas era uma hora que estava deserto, ninguém iria esse horário, era meu horário de caminhada, tipo 8 horas. [Trecho Inaudível] eu ia até um pouquinho mais cedo porque já estava aquele vazio [trecho inaudível], mas...

C: Nesse período de isolamento, quais são as memórias que te vêm à mente sobre a cidade, a rua, as atividades que você faz?

E6: Você pode repetir?

C: Nesse período de isolamento, quais são as memórias que vêm à mente sobre as atividades que você faz na rua, sobre a vida cotidiana ter sido interrompida, né? O dia a dia ter sido modificado, quais são as memórias que vêm à mente? **E6:** Senti falta, assim, sabe? Saudade, me senti um pouco impotente também. É bem aquela coisa do tipo, não tinha muito o que se fazer e falta mesmo. Não só das minhas atividades cotidianas, das atividades que a gente fazia, que agente faz, das programações, de estar com as pessoas, é uma coisa que eu gosto muito. Eu gosto muito, assim, na minha rotina, é de estar com pessoas, estar com amigos mesmo, sem fazer nada, assim, conversando e tal, eu gosto. Essas coisas, assim, eu sentia falta, bastante mesmo.

C: E com relação as missões, as atividades missionárias da igreja, vocês interromperam ou continuaram com a pandemia?

E6: O grupo de evangelismo da igreja continuou com as atividades, mesmo durante a pandemia. Eu não sei precisar se foi semanalmente, mas eu acredito até que foi porque eu perguntei isso a eles, na época. Tem um jovem que eu perguntei porque ele faz parte também e essa atividade continuou durante a pandemia. As atividades da juventude foram suspensas, justamente, porque a gente trabalha com jovens, com adolescentes, precisava ter um pouco mais de cautela e tal e muitos menores de idade e aí, a gente suspendeu mesmo as

atividades, só ficou no âmbito mesmo virtual. A gente fez uma mobilização com as coisas assim, mas foi só no âmbito virtual.

C: Essas memórias e estar privado na rua, te fizeram pensar, em algum momento, em como você gostaria que fosse a cidade e a relação das pessoas com a rua?

E6: Não cheguei a pensar. Eu pensei mais... não, isso não se aplica com o negócio que eu tinha feito antes disso não, mas não se aplica, necessariamente, mas não cheguei a pensar, assim, como podia melhorar.

C: Para você existe diferença quando você tá na rua sozinho e quando você tá acompanhado?

E6: Sim, bastante.

C: Qual seria essa diferença?

E6: Estar acompanhado, assim, eu acho que significa essa diversão, digamos assim. Não sei se nesse aspecto que vinha a pergunta, mas estar com pessoase tal, te torna mais ligado ao que você está fazendo, aquele ambiente, a viver aquilo ali, a saber que existe aquele espaço e tal. Quando você tá sozinho, você só tá passando mesmo, né? Muito difícil, assim, você só está passando ali, só até chegar de um destino ao outro e a rua é o meio, só te leva. Enfim, quer chegaro mais rápido possível, basicamente isso.

C: Os seus deslocamentos pela cidade, eles são feitos a partir de qual meio de transporte?

E6: Eu no último ano, digamos assim, antes da pandemia, eu revezava entre ônibus e Uber, né? Até para eu me deslocar para o trabalho e tal, eu fazia assim, eu ia de Uber, voltava de ônibus. As vezes pegava uma van também, que era avan da OAB, mas era até determinado local, mas agora tem sido, exclusivamente, de Uber. Eu não tenho pegado ônibus, quando eu preciso me deslocar não pego ônibus.

C: E por que você não está pegando ônibus? Por causa da pandemia?

E6: É, por causa da pandemia, porque eu sou muito irritado, assim, com ônibus, sabe? Acho que peguei ônibus a minha vida toda e eu acho que se Salvador tem um problema, um dos problemas de Salvador é o transporte público, sabe? Metrô até que não, metrô está ótimo, tá rápido, confortável, mas você fica em pé ali, com seus horários de pico que eu também não pego, mas ônibus, tipo assim, é extremamente problemático. Eu peguei ônibus a minha vida toda, os ônibus aqui

do bairro que eu precisei pegar são sempre cheios e isso era, tipo, o meu desgaste do dia, as vezes não era nem no trabalho, era no transporte público. Aí, tipo, enfim, por conta da pandemia e por, justamente, porque não quero mesmo, assim, quero evitar ao máximo. A pandemia foi o motivo principal, hoje, para eu não pegar, não me deslocar de ônibus, até porque não se tem cumprimento de nenhuma norma ali, todo mundo aglomerado, ônibus cheio, enfim.

C: Quando você fazia esses deslocamentos, quanto tempo, mais ou menos, você levava no deslocamento de ônibus?

E6: Às vezes 1 hora e o tempo de espera, que antes, não era tão alto.

C: Nesse momento de espera de ônibus e de pegar ônibus, você parava para observar a rua e a cidade?

E6: Curioso que, pelo menos ali, quando eu estava na Av. Tancredo Neves, sim. Eu olhava aquele fluxo, as vezes eu parava, assim, viajava ali naquele fluxo ali que é assustador, tipo, nas horas de 6 horas, 7 horas da noite [trecho inaudível], pessoas que passavam por ali e tal, eu observava assim.

C: E você se desloca a pé em Salvador? Em quais circunstâncias?

E6: A pé eu acho que só no bairro. No bairro, justamente, porque tem igreja aqui perto [trecho inaudível], fora isso... é isso.

C: Para você, andar a pé ou andar de transporte coletivo ou andar de Uber faz com que você veja a cidade de forma diferente?

E6: De Uber até que não, de Uber não, assim, justamente, eu vejo a coisa fluir mais, digamos assim, a pé [trecho inaudível] e ônibus eu acho que, sei lá, torna mais problemática, mais pelo ônibus do que pela cidade. Tipo assim, tudo no ônibus, o engarrafamento ou a demora na rua, tudo, justamente, eu acho que o problema está no ônibus, assim.

C: Para você, qual é a diferença do deslocamento do dia a dia e de sair para fazer as atividades de missões na rua? Porque tanto deslocamento de dia a dia, quanto as atividades missionárias são na rua, né? Mas são coisas bastante diferentes, como é que você pensa sobre isso?

E6: Eu penso, assim, que é o destino mais a finalidade. Finalidade das atividades de evangelismo não é, necessariamente, as ruas, são as pessoas que estão porventura, na rua. E atividades de deslocamento, o destino é aquilo, sabe? Ela como meio, ela como destino para chegar em outros lugares, para fazer uma

outra atividade e já as atividades de evangelismo é isso que eu falei, entendeu? A finalidade são as pessoas e isso tudo vale a pena, vale a pena andar um bocado, vale a pena subir e descer andando, andar muito nessas viagens missionárias, por exemplo, atividades que a gente, tipo, já chegou em umas localidades onde a gente que tinha que andar muito, muito mesmo. Era interior, para achar um povoadozinho tinha que andar muito.

C: Quando você está nos seus deslocamentos, alguma coisa te chama atenção? Você se via, eventualmente, tipo assim, está vivendo o dia a dia e do nada acontece uma coisa e chama sua atenção ou eram sempre regulares e nada mudava?

E6: Acontece, a coisa que sempre me mudou na rua é criança, sabe? Criança em rua, criança vendendo na rua, isso sempre me parou, me chamou a atenção. [Toque de celular]. O que mais...? [11 segundos de silêncio].

C: É como se as suas inquietações missionárias aparecessem ao longo do seu deslocamento, as suas preocupações.

E6: Exato.

C: E você costumava observar o que outras pessoas estavam fazendo na rua, enquanto você se deslocava? O quê que te chamava atenção nessas pessoas, se elas te chamavam atenção?

E6: Eu lembro que uma vez eu fiz uma reflexão, não sei se eu estava ouvindo uma música e tal, e eu passei a observar as pessoas com pressa, enfim. Fiz uma reflexão sobre isso, uma palavra até que eu, depois, vi na igreja, mas como muitas vezes, as pessoas tão ali, né? Tão nas suas vidas, tão com pressa, as pessoas cansadas, agoniadas, isso eu já observei e acho que é assim mesmo. Eu sou muito, no sentido de observar, tipo, de olhar, assim, na passagem. Enfim, as pessoas trabalham, né? Trabalham bastante, os vendedores ambulantes, as histórias, talvez, era uma das coisas de ônibus que me chamavam atenção, né? As histórias que sobem nos coletivos, isso me chamava bastante a atenção, as de talentos que subia, as histórias de vidas que subiam, enfim.

C: Em quais horários você costumava a se deslocar pela cidade?

E6: Manhã e noite, era o regular. Se fosse preciso durante o dia, era para fazer audiência, ir no fórum, alguma coisa assim, mas, regularmente, manhã e noite, em torno de 8 horas e 6 horas da noite.

C: Para gente finalizar, eu queria fazer 2 perguntas, né? Depois dessa conversatoda, o quê que seria um resumo da rua para você?

E6: Você pergunta, assim, em que aspecto?

C: Em todos, né? Depois dessa conversa toda para você, o que é que resumiriaa rua para você, né? Assim, para você mesmo, não tem um aspecto específico não.

E6: Eu acho que, assim, a rua é um ambiente que precisa ser ocupado, eu até lembrei agora, né? Dentro dessa pergunta que você me fez, eu lembrei de um seminário que eu participei na faculdade, que foi: direito à rua, é um livro. Eu acho que é isso, eu acho que rua é, tipo, ocupação. Ao mesmo tempo que ela é meio, ela pode ser finalidade, ao mesmo tempo que ela pode ser passagem, ela pode ser oportunidade. Acho que rua é encontros, rua pode ser problema, dentro de um aspecto, mas também pode ser, justamente, como eu falei, oportunidade, pode ser solução, pode ser finalidade, acho que é isso.

C: E para finalizar, como seria a rua e a cidade dos seus sonhos? Se você pudesse colocar todos os seus sonhos em prática, como seria a rua e a cidade dos seus sonhos?

E6: Seria muito comunitária, sabe? Comunitária mesmo. Eu penso numa cidade arborizada, eu penso numa cidade com lugares, com ambientes comunitários, não necessariamente, que as pessoas ficassem restritas, mas que as pessoas tivessem isso no dia a dia, esses sentidos, essas oportunidades de conviver. Ao mesmo tempo de passar, ter alguém que, tipo, com crianças na rua, com árvorese tal, essa questão da arborização acho que é importante. Seria um lugar, tem necessariamente, pessoas morando nela, mas sim, pessoas morando em casas, com dignidade e casas dignas também. É isso.

C: Então, eu vou interromper a gravação, para gente poder se despedir e eu dou por encerrada as perguntas da entrevista agora.

Entrevista 7: O que é isso a rua para uma empregada doméstica?**Caroline Vaz [C]****Entrevistada 7 [E7]**

C: Primeiro, quais são as três primeiras palavras que vem a sua cabeça quando você pensa em rua? Três, larga aí.

E7: Quando eu estou na rua?

C: É. Sobre rua. Quando você pensa em rua, quais são as três palavras?

E7: A minha preocupação é com essa doença, a COVID. Porque quando eu estou na rua eu estou preocupada por causa da minha família que eu deixo em casa. Para vir trabalhar todos os dias de manhã cedo, 5h da manhã. Quando chega a tarde eu vou nesses ônibus cheios. É isso o que me preocupa. E também com as pessoas que eu trabalho, me preocupo com eles.

C: Além da COVID, quais são as outras duas palavras que te vem à cabeça quando você pensa em rua?

E7: Assalto e acidente de carro.

C: Eu vou fazer assim. Vou perguntar umas coisas antes e depois eu volto para outras coisas. Tá? Primeiro eu queria saber sua idade.

E7: 61.

C: Até que série você estudou?

E7: A quinta.

C: Você trabalha, não é? Você pode falar um pouco da sua vida de trabalho? O que é que você faz?

E7: Eu sou doméstica. Eu lavo, eu passo, eu cozinho, eu arrumo. Faço tudo. Faço todos os serviços da casa.

C: Antes de você ser doméstica, você trabalhou com outra coisa?

E7: Trabalhei em uma lanchonetezinha.

C: Há quanto tempo você é doméstica?

E7: Tem uns 28 anos ou mais. Eu estava com 33 quando eu comecei a trabalhar de doméstica.

C: Hoje você mora onde?

E7: Em Tancredo Neves. Com minha filha, meu genro e meu neto.

C: É casa ou é apartamento?

E7: É casa.

C: É imóvel próprio ou é alugado?

E7: Próprio.

C: Como é a sua rua? Como é a infraestrutura da sua rua?

E7: Minha rua é muito perigosa. Lá em Tancredo Neves, Beiru/Tancredo Neves, é muito perigoso. Até na hora de sair e na hora que chega a gente tem que prestar bastante atenção.

C: Como é? Me conta, assim, por que que é perigoso? O que é que tem?

E7: Porque tem muitos assaltantes, traficantes, tudo isso tem no bairro. A gente para sair tem que ter o maior cuidado. Porque as vezes bate polícia na porta, aí vai atrás deles. E a gente tem que se guardar porque o caminho que a gente vai é muito perigoso. Se você se bater com a polícia, você não sabe para onde vai correr. Não tem para onde correr. Você vai ficar parada num canto ou...

C: E como é o cuidado que você toma para sair? Como é sair todo dia? Assim, num dia normal como é que você faz para sair de casa?

E7: Eu saio normal mesmo. De casa eu saio de manhã cedo, 5h da manhã para o trabalho. Saio 5h da manhã, pego o meu ônibus. Pego meu ônibus é 5h10, 5h15. Chego no trabalho 6h15, 6h, depende do transporte, depende do movimento.

C: E quando você fala em cuidado para sair e para chegar de casa, você está falando de quê?

E7: Cuidado para não tomar um tiro. Para não acontecer algum acidente na rua. Com essa doença ruim está aí, essa COVID que está perseguindo todo mundo. Todas essas preocupações mais são essas coisas.

C: Como é a infraestrutura da sua rua? É calçada, não é calçada?

E7: É. Lá o pessoal mesmo que ajeita a rua. Botou asfalto.

C: Quem é o pessoal que botou asfalto? Os moradores?

E7: Os moradores. É seu [nome suprimido], muitos deles lá. Todos eles fazem assim, reunindo todo mundo para ajeitar a rua.

C: Para ajeitar a rua.

E7: É. Por causa dos carros que não vão descer para não dar problema nos carros.

C: E além do pessoal se reunir para resolver os problemas da rua, se reúne para outras coisas?

E7: Não.

C: Só para resolver os problemas?

E7: Sim. Só da rua.

C: No geral, como é que é a sua relação com a sua rua? Você gosta da sua rua?**E7:** Ah, eu gosto. Mesmo assim eu gosto dela. Eu gosto muito. Já tem muitos anos que eu moro lá.

C: Tem quantos anos que você mora lá?

E7: Eu vim morar ali naquela rua com 15 anos.

C: E vem cá, por que é que você gosta da sua rua?

E7: Porque lá tem tudo. Só é bastante você subir, lá em cima lá na rua, porque eu moro numa ladeira. Aí quando eu vou na rua tem mercado, tem farmácia, tem tudo o que você queira. Não precisa sair para outro bairro, para outro lugar, para comprar as coisas. Lá para mim é muito por isso.

C: E ruim, por quê?

E7: Por causa dessas coisas que acontecem lá, só isso. Mas o resto para mim tudo é bom.

C: Quando você se desloca em Salvador, seus deslocamentos são para perto ou para longe de casa? Quando você anda, quando você sai de casa.

E7: Para mercado?

C: Não. Para qualquer coisa.

E7: Quando eu venho para o trabalho é longe. É uma hora, meia hora, é uma hora e meia. Depende do trânsito como esteja. E lá para o mercado é perto. Farmácia, tudo é perto.

C: Quando você sai de casa, você sai para quê? Além do trabalho e para compra.**E7:** Só isso. Para lugar nenhum mais. Ou então, à vezes, eu vou lá para Camaçari com o meu genro.

C: E lazer? Você sai para lazer?

E7: Não. Não saio para lazer, não.

C: Para o trabalho, você se desloca como? De ônibus?

E7: De ônibus.

C: E metrô?

E7: Não.

C: E no bairro, você se desloca como?

E7: Andando mesmo. Normal

C: Quando você está andando no bairro, você se sente segura?

E7: Às vezes sim e às vezes não.

C: Por quê?

E7: Por causa desses negócios, né? Que vem muito policial, tem muito carro de polícia, essa agonia toda na rua e a gente fica com medo. Tem moto, aquelas motos que os homens mesmo passam lá arrastando tudo e que se não sai do caminho ele leva. Minhas preocupações são essas mesmo. Mas o resto tudo é tranquilo.

C: Quando você anda a pé, você anda no bairro, você vai para onde no bairroapé?

E7: No mercado. Mercado, farmácia, no posto médico, essas coisas.

C: Quando você está andando no bairro, você repara alguma coisa? Você presta à atenção à alguma coisa? O que é que você vê da cidade da rua nesses momentos?

E7: Crítica. Muito crítico. Lá tem hora que é muito crítico. As ruas mesmo lá de cima é muita água, a chuva vai e molha tudo. As pessoas não têm respeito pelo outro, a maioria é assim. Além disso, assim, não tem mais nada não.

C: E quando você está de ônibus, você presta à atenção em quê?

E7: Eu presto à atenção porque chega muita gente estranha. Eu tenho medo de assalto, principalmente isso. Porque quando eles chegam, eles chegam acabando com tudo. Mas, graças ao meu bom Deus, nunca aconteceu não. Mas eu me previno e tenho medo. Quando eu estou no ponto de ônibus mesmo eu fico segurando minha bolsa, olhando para um lado e olhando para o outro, eu fico assim.

C: Quando você está andando ou quando você está de ônibus, você vê a cidade de alguma forma diferente? É diferente andar de ônibus e andar a pé?

E7: É totalmente diferente.

C: O que é diferente?

E7: Diferente porque você está de ônibus, está vendo muitas coisas bonitas. E na rua você andar a pé, você só vai no mercado, essas coisas ali, e não tem nada de bonito lá.

C: E o que é que é bonito quando você está de ônibus que você vê?

E7: A cidade, né? As pessoas, todo mundo se movimentando, aquelas lojas, aquelas coisas.

C: E quando você vê as pessoas, o que é que te chama à atenção nas pessoas?

E7: Não tem nada que me chame à atenção [risos] Só, assim, se uma pessoa às vezes faz uma obra boa com outra pessoa na rua, ajuda uma pessoa, ajuda um mendigo, ou então uma pessoa que está atravessando a rua. Eu presto à atenção é

nessas coisas. A educação da pessoa, né?

C: Você falou assim que de ônibus você vê muita coisa bonita na rua, o que que é bonito? Você falou das lojas, mas como assim as lojas?

E7: As lojas, assim, de roupa, móveis. Eu fico olhando essas coisas assim. Fico distraído minhas ideias quando eu estou passando [risos].

C: O que é que você acha de eventos que acontecem na rua? Tipo assim: passeata, corrida, festa, baba, churrasco.

E7: Eu não gosto muito não. Porque lá tem muito paredão, é uma zoadá terrível, ninguém dorme com esse paredão.

C: Mas me conta aí, assim, o que é um paredão? Como é que começa? Como é que afeta a sua vida?

E7: Assim, por exemplo, eles descem com um carro de som. Aí vem aquelas motos ficam “brábrábrá” [reproduzindo o barulho de moto acelerando] descendo e subindo. E também a zoadá de mais, chega a balançar a casa e a gente não consegue dormir. A gente chega do trabalho cansada, fica até de manhã e no outro dia vira. E é assim que vai por diante.

C: E vocês não podem fazer nada?

E7: Nada. Como é que a gente vai chamar a polícia se quem faz são os errados?

C: Além dos paredões, têm outros eventos de rua na sua rua?

E7: Não, tem não.

C: É só paredão?

E7: É só paredão. Só uma vizinha que de vez em quando faz uma festinha lá, mas é normal.

C: Para você a pandemia mudou alguma coisa com relação a como você via a rua?

E7: Mudou e mudou bastante, viu? Acho que piorou agora depois da pandemia.

C: Por quê?

E7: Por causa dessas festas que eles ficam fazendo lá embaixo. Quando a gente desce para o trabalho, porque desce uma ladeirinha para ir para o trabalho, você precisa ver a rua como está: um caos. De sujeira, tanta porcaria, tanta coisa. Dá nojo. Você desce sem poder olhar para o lado.

C: E as festas agora no meio da pandemia?

E7: No meio da pandemia.

C: Não teve quarentena, não? Sempre teve festa ou teve e parou em um momento?

E7: Sempre teve. Não parou, não. Fim de semana mesmo: sexta, sábado e

domingo, pode preparar que está lá a bagunça.

C: E quando você fez quarentena, que você passou um tempo sem trabalhar, como é que você se sentiu por estar trancada em casa?

E7: Eu me senti mais segura. Eu me senti segura, porque eu estava com medo. Quando eu vim trabalhar que o pessoal ficava falando, falando, e eu vendo tudo eu ficava preocupada. Mas quando eu fiquei em casa eu fiquei mais tranquila. Porque a minha menina não me deixava sair para a rua, ela não deixava eu ir para o mercado, para nada. Até isso ela ia e o esposo fazer compras, tudo eles que iam. Chegava higienizava tudo, sempre assim. E com meu neto dentro de casa.

C: Quais são os horários que você anda em Salvador? Quais são os horários em que você se desloca na cidade?

E7: A hora que eu trabalho e a hora que eu vou para casa.

C: Que é mais ou menos que horas?

E7: Eu chego aqui 6h/6h15. Quando eu saio daqui é 15h30/16h. Depende da hora que eu saio daqui.

C: Como foi que a quarentena no geral afetou a sua vida?

E7: Afetou muito. Eu fiquei muito presa.

C: E como foi se sentir presa?

E7: Se sentir presa porque eu não ia poder ir em um mercado. Não podia sair para lugar nenhum. Não ia para o trabalho, não ia para lugar nenhum. Só dentro de casa. Trancada dentro de casa e pronto. Não podia nem ficar em rua lá também. Eu não gosto de rua, eu também não podia sair.

C: Por que você não gosta de rua? O que significa você dizer assim: “eu não gosto de rua”?

E7: Eu não gosto, não. Nunca gostei. Porque eu acho muito perigoso. A rua é muito perigosa, principalmente de noite.

C: Quando você está falando assim “eu não gosto de rua”. O que é que tem na rua que você não gosta?

E7: Dos movimentos que passa lá naquela rua. Eu vou assim quando eu vou para uma praia com as meninas, quando eu vou para Camaçari com meu genro. Aí eu gosto, mas o resto eu não gosto não. A rua para mim não é boa não.

C: Qual é o seu principal lazer?

E7: Meu lazer é ficar em casa ou então eu vou para Camaçari. O único lazer que eu tenho é esse.

C: E na quarentena?

E7: Na quarentena eu não estava indo para lugar nenhum, nem para Camaçari a gente não estava indo.

C: O que é que significa para você sair na rua?

E7: Quando eu vou fazer alguma coisa que eu tenho necessidade. A não ser isso.

C: E na quarentena?

E7: Eu não ia.

C: E na vizinhança? A sua vizinhança fez quarentena?

E7: Alguns fez, outros não.

C: E o que é que você acha disso?

E7: Achava errado. Que até para ir para a rua, iam sem máscara e tudo. Os meninos lá da rua ficam o tempo todo brincando sem máscara. Até [nome suprimido] mesmo fala, comenta. Uma criança de 8 anos fica comentando sobreisso. É adulto, é tudo, sem máscara.

C: E na sua rua tem muita criança brincando?

E7: Na rua tem e muito.

C: Como é isso? As crianças estão brincando de quê? Estão fazendo o quê? **E7:** Estão correndo, estão jogando bola. O tempo todo assim. O dia todo que você vê, estão lá na rua as crianças.

C: E você acha o que das crianças brincando na rua?

E7: Eu acho errado. Eu acho errado e a gente tem medo. Porque uma vez mesmo teve um tiroteio danado lá na rua e quase que duas crianças sobraram e as meninas dentro de casa. [nome suprimido] mesmo passou uma bala raspando assim em casa. É dessas coisas que eu tenho medo, porque as crianças todas na rua e as meninas dentro de casa deixando as crianças na rua. Com essa doença que está, essa pandemia danada.

C: Antes de perguntas as outras coisas eu vou perguntar umas coisas para você, para você me contar uns casos. Você me disse que foi morar lá com 15 anos.

E7: Foi.

C: Com 15 anos, como era a sua rua? Era mais tranquila?

E7: Era mais tranquila. Era mato puro. Naquela rua em que a gente foi morar era mato puro. Só tinha duas/três casinhas e depois que foi aumentando. É no bairro Tancredo Neves, Beiru.

C: E por que você foi morar lá?

E7: Porque a gente estava morando de aluguel em Plataforma e aí minha irmã deu esse terrenozinho que a tia dela deu para ela. A madrinha dela deu a ela. E a gente teve que ir para lá. Quando veio para Tancredo Neves, a gente construiu a casa de taipa e foi todo mundo para lá. Aí até hoje a gente não saiu mais de lá. A gente morava primeiro em Plataforma.

C: E de lá para cá o que foi que mudou na sua rua e no bairro?

E7: Ah, muitas casas, muitas casas. Muito comércio, muitos mercados, muitas farmácias. Tem tudo, tudo o que você imaginar aquele lugar ali tem.

C: Aí você me diz assim que vocês moravam numa casa que construiu primeiro de taipa, foi?

E7: Foi. Foi de taipa.

C: E aí, como é que foi mudando essa casa? Como vocês construíram?

E7: Depois a gente reuniu meu ex-marido, meu pai, meu irmão. Foram construindo. Comprou bloco, comprou cimento e aí foram construindo de cimento. Aí fez casa normal, mas era de taipa.

C: E como você vê as mudanças – porque você fala assim que mudou muito que chegou muita coisa – mas você acha que quando você chegou lá era mais segura, mais tranquila? Você tinha medo da rua naquele momento?

E7: Não. Era mais tranquilo. Era vazia, vazia, a rua.

C: E como foi que mudou? Quando foi que você percebeu que começou a não ficar seguro e passou a ter medo?

E7: Quando as pessoas começaram a construir.

C: De quantos anos para cá, mais ou menos?

E7: Tem uns ... Foi logo quando surgiu o [shopping] Barra, não me lembro assim não, mas tem muitos anos. Eu fui para lá com 15/16, com 17 anos quando eu estava lá que começaram a construir as casas.

C: E deixa eu te perguntar. Quando vocês chegaram lá você tinha medo de sair na rua?

E7: Não. Não que era mato. A gente ficava na porta até tarde conversando. Painho, mãe, botando banco na porta, ficava na porta até tarde. Depois que começaram a construir, pronto, não tem mais direito a nada disso.

C: Mas logo que começou a construir vocês já não ficavam mais na porta?

E7: Não, eu não. Demorou um tempo. Quando começou a chegar gente estranha aí a gente ficava mais resguardada com medo.

C: E você brincava na rua?

E7: Antes de fazer isso, brincava. Todo mundo ficava na rua o tempo todo até..., quando painho estava em casa. Se painho não estivesse a gente ficava até umas 22h por aí e voltava para casa.

C: E vocês brincavam de quê?

E7: Picula, de roda, de corda. Tudo assim a gente brincava. Fura pé, guiador.

C: Fura pega?

E7: Fura pé.

C: Ah, fura pé.

E7: Aquele negócio que jogava pedra. Você já fez isso?

C: Já.

E7: Não é bom?

C: É [risos].

E7: Gude. Já joguei gude.

C: E quando você morava em Plataforma, você brincava na rua?

E7: Brincava. Lá também era normal. Lá a gente brincava até um certo horário, mas quando dava 20h voltava todo mundo para dentro de casa.

C: E vem cá, qual é a diferença do momento em que você brincava na rua para as crianças brincando hoje na rua? O que é que mudou?

E7: Porque agora é mais perigoso, primeiro que não tinha nada do que a gente está vendo agora. Esses negócios desses corre-corre, tiroteio, não tinha nada disso não. A gente brincava até altas horas lá.

C: Você sente falta de poder, por exemplo, deixar [nome suprimido], seu neto, brincar na rua tranquila?

E7: Sinto. Nem ele e nem [nome suprimido] nunca fizeram isso.

C: [nome suprimido] tem quantos anos?

E7: 21.

C: Então desde que [nome suprimido] nasceu, há mais de 20 anos, é que os meninos não veem rua?

E7: Não. Lá em casa não.

C: Brincando só dentro de casa?

E7: É. Lá em casa todo mundo brinca dentro de casa.

C: Por causa do medo?

E7: Do medo. [nome suprimido] não bota nem a cara na rua.

C: Você acha que essas mudanças foram para melhor ou para pior?

E7: Para pior, bem pior. Porque antes você tinha alegria, tinha coisa para ficar na rua, brincava. As crianças ficavam tudo na porta brincando, as mães tudo olhando. E hoje em dia não, você não pode nem deixar um filho na rua um minuto, porque está correndo perigo.

C: Quando você pensa nessas memórias de infância da rua, como você se sente?

E7: Me sinto triste, porque de primeiro para mim era uma felicidade, era tão bom. Hoje em dia eu vejo meu neto, as crianças tudo na rua, e não podem ter essa regalia de brincar.

C: E quando você pensa no que está acontecendo, nessas mudanças que você viu que aconteceram na rua, o que é que você sente? Você acha que vai melhorar ou que vai piorar?

E7: Eu peço a Deus que melhore, mas eu acho que não vai melhorar. Do jeito que lá é.

C: E aí, acontece o que se não melhorar?

E7: A gente vai fazer o quê? Não pode fazer nada, não conta com ninguém. Não pode fazer nada.

C: Mas o que é que você acha que vai acontecer? Como é que vai ficar a vida das pessoas já que a tendência não é melhorar?

E7: Assim, as crianças que já estão lá hoje em dia menininho novinho já estão tudo se metendo no meio do que não presta...

C: Os que brincam na rua?

E7: Não. Esses maiorzinhos que estão agora de 12/13 anos já vão tudo para o meio errado. Os que brincam na rua são de 7/8 anos até 10 anos os meninos ficam lá brincando na rua ainda. Mas, mesmo assim, eles pegam para fazerem serviço para eles e tal. Aí começa assim as crianças. Aí por isso que eu tenho medo. Meu medo é esse.

C: Como é que você gostaria que fosse a rua? A experiência das pessoas com a rua.

E7: Ah, eu queria que fosse tranquila. Que fosse uma rua tranquila como era antes. Apesar de ser mato, ser tudo parecendo uma roça, era bem melhor. Mudou bastante, bastante, bastante.

C: Você acha que à medida em que você foi crescendo, de quando você era criança, depois adolescente, adulta e agora chegando na melhor idade, você acha que a sua

relação com a rua mudou?

E7: Mudou, mudou bastante.

C: Por quê?

E7: Por causa dessas coisas que acontecem. Porque de primeira era ótimo. Até quando eu fui morar lá nesse bairro, quando o pai dela foi embora e eu fiquei com elas duas, fora dessa casa eu tinha maior medo de deixar minhas duas filhas sós. Eu saía para trabalhar pedindo a Deus para tomar conta. Quando minha irmã abriu um armarinho, pedia a minha irmã para elas ficarem no armarinho com minha irmã até a hora que eu vinha do trabalho para pegar elas duas, e lá sempre foi assim. Quando começou a juntar esses povos era muito assaltante, a maioria até já morreram, mas mesmo assim eu tinha medo. Não deixava elas em casa, não. Levava todas as duas. Toda hora que eu subia paratrabalhar, porque eu trabalhava lá em Brotas com minha cunhada, aí depois eu deixava elas na casa de minha irmã, quando chegava de noite ia pegar todas as duas. Depois eu fui trabalhar no Arraial do Retiro também, deixava a mesma coisa.

C: Quando você criava as meninas e quando era criança, você andava muito na rua?

E7: Não. Quando eu era criança andava muito, brincava demais. Minhas filhas chegaram até o ponto de brincar quando eram menorzinhas. Mas depois foram crescendo não teve mais. Quando a gente mudou para essas casas, que o pai delas foi embora, aí não teve mais como deixar elas irem para a rua porque eu tinha medo.

C: Como é que seria a cidade dos seus sonhos?

E7: Tranquila. Cheia de alegria. A gente viveria numa roça. Eu queria um lugar assim, tranquilo.

C: Para você é diferente estar na rua sozinha e acompanhada?

E7: É. É totalmente diferente.

C: O que é diferente?

E7: Porque acompanhada você tem mais segurança, mesmo estando uma pessoa do seu lado é mais confiante. Você sozinha já fica mais atenta.

C: E você vê alguma diferença, por exemplo, antes da gente começar você tinha me falado que andava muito para resolver as coisas, que, tipo assim, você tinha que resolver umas coisas e você dava aquelas “paletadas”. Por que é que você dava as “paletadas”?

E7: Para poder alimentar minhas filhas. Como eu trabalhava e ganhava pouco, eu

tinha que pagar aluguel, quando o pai delas foi embora, uma tinha 10 anos ea outra estava com 8 anos, aí eu não podia largar assim. Quando não tinha as vezes comida, aí eu tinha que trazer comida do trabalho, quando não era assim eu pegava meus valezinhos – porque eram os vales, os tickets – aí comprava pão, comprava farinha, comprava ovo, comprava umas besteirinhas e cada dia comprava uma coisa. Só não passavam fome as minhas filhas, mas era umapaletada. Porque eu trabalhava no Arraial do Retiro e ia até o Tancredo Neves. **C:** Você andava quanto tempo mais ou menos?

E7: Era muito longe. Você sabe onde é mais ou menos, né? É lá, onde eu moro, [trecho suprimido] aí andava uma boa caminhada.

C: E como é que você se sentia quando fazia essas caminhadas?

E7: Tinha vez que eu estava cansada, né? Porque eu trabalhava o dia todo para depois ir para casa andando.

C: Mas você se sentia insegura?

E7: Sentia. Tinha medo, ficava com medo.

C: Por quê?

E7: Porque as vezes chegava de noite e minhas filhas preocupadas. Para deixá-las lá para ir pegar, tudo isso. Não ficava muito preocupada porque era com minha irmã que estava maior. Estavam com minha irmã que já estava maior e elas ficavam lá com ela até eu chegar.

C: Aí você só saía de casa mesmo para resolver coisa. Depois que você cresceu que começou o bairro a crescer e tudo, você só saía de casa para resolver coisas?

E7: Só para resolver coisas e mais nada.

C: Não saía para mais nada?

E7: Nada.

C: Por exemplo, para conversar com um vizinho.

E7: Não. Só do meu muro para baixo.

C: Ah, tá. Você conversa de casa. Sem sair de casa.

E7: É. Sem sair de casa. Eu estou aqui no meu muro e ele lá da casa dele conversando.

C: Aí você conversa dos muros.

E7: É.

C: Mas não vai mais para a rua?

E7: Não.

C: Ninguém?

E7: Ninguém.

C: Você gostava de bater essas paletadas ou era só necessidade mesmo?

E7: Não. Era só necessidade pura. Porque eu que sentia a necessidade porquetinha que criar minhas filhas, como é família, é parente, eu tinha a obrigação de criar elas duas, então, eu tinha de me virar nos trinta.

C: Como é que você imagina que vai ser Salvador no futuro?

E7: Nem imagino como é que vai ser. Do jeito que está não estou imaginando mais não. Não tenho mais esperança nenhuma assim de melhorar como era antes não. Salvador cada dia que passa piora. A tendência é aumentando. Você em vez de ver que está diminuindo, está é aumentando. Principalmente tráfico, drogas, essas coisas tudo lá no bairro é muito estressante.

C: Não pode chamar a polícia?

E7: Não. Não pode, não. Nada. Você é doida? Quem vai chamar a polícia? Não pode chamar a polícia. Se você chamar a polícia você sai de lá corrido. E vai para onde?

C: E você acha que eles invadem a sua privacidade? Tipo assim, você disse que tem o som muito alto do paredão e aí quando tem o paredão você não dorme. Aí você... porque isso é uma invasão de privacidade.

E7: Invasão é. Invade mesmo. E a gente não pode fazer nada.

C: E além disso, tem alguma outra coisa que eles façam que te faça ficar...?

E7: Não. Não bolem, não. Não mexem com a gente, não. Você passa da manhã e uma boa tarde e está tudo bem. Eles não mexem, não.

C: Mas eles não mexem porque já conhecem?

E7: Porque já conhecem. É isso. Se você chegar no bairro e já te conhecerem não mexem, não. Mas se chegar uma pessoa que não conhece eles não assaltam, não fazem nada no mesmo lugar não. Lá não. E não deixam ninguém fazer isso. Se chegar algum novato e for fazer eles tomam a frente.

C: E por que que você tem medo se eles não mexem com vocês?

E7: Eles não mexem, mas tem vezes que chegam outros estranhos que a gente não conhece. Meu medo é esse. Porque você não conhece, não sabe o que eles vão fazer, como reagir e a gente não vai poder fazer queixa também. Meu medo é esse, só isso. Mas eu gosto do meu bairro.

C: Por que que você gosta do seu bairro com esse tanto de problema?

E7: Por isso, porque ele é bom. Quando eu fui para lá eu não gostava, não. Depois

que eu comecei a gostar. Por ele se acha tudo, ele é muito bom. Eu gosto. Do meu bairro eu gosto.

C: Então é isso. Eu vou interromper a gravação.

Entrevista 8: O que é isso a rua para um imigrante?

Caroline Vaz [C]

Entrevistada 8 [E8]

C: Primeiro eu queria conhecer um pouco de você, saber a sua história. Antes disso, eu queria saber quais são as 3 primeiras palavras que vem à sua mente quando você pensa nas ruas de Salvador?

E8: Movimento, solidariedade e desconhecimento. [Desconhecimento] Porque é uma cidade nova para mim [risos].

C: É que essas perguntas vão me orientar para eu fazer a entrevista.

E8: Eu sou venezuelana. Estou aqui no Brasil desde 1 ano. Cheguei aqui com a finalidade de fazer um projeto social. Chegamos na Ilha de Maré com a paróquia, estava um sacerdote no comando quando eu comecei. E aí era para fazer uma casa de acolhida, onde os venezuelanos refugiados vão ter um tempo de 4 meses para os adaptar à língua, à cidade e você vai, porque a ilha não é um lugar de desenvolvimento. Então eu passei por esse processo e fiquei 4 meses aí. Agora fiquei na ilha logo porque passou a pandemia e a cidade é muito mais cara do que na ilha, então, lá era muito, muito, mais barato. Aluguel, água, luz e eu fiquei: “nossa!”. Aí não tem nenhuma possibilidade de emprego, nada. Já em outubro, final de outubro, eu decidi vir aqui para a cidade, porque a finalidade do venezuelano imigrante é muitas vezes para ajudar as pessoas que ficaram lá na Venezuela. Porque agora a Venezuela está em um processo de crise e não tem um potencial econômico para eu poder ficar lá. Eu sou profissional também, sou licenciada em Educação. Minha carreira tem a finalidade de dar aulas de Matemática com ferramentas de informática. Então pela barreira do idioma eu não estou exercendo [trecho inaudível] meu título e tenho pegado o trabalho que tem no momento, qualquer coisa para fazer. E também na ilha fiz voluntariado, ajudando a limpar as praias. Eu gosto muito de trabalho social.

C: Eu também. Direto eu tenho uma crise existencial entre seguir estudando que é uma coisa que eu gosto muito de fazer e largar tudo entrar para uma ONG ou fazer uma ONG e viver outra vida. E deixar essa vida que a gente leva no geral para trás. Esse é um dos dilemas do dia a dia, né? Que a gente passa. Então, e sua vida na Venezuela, lá você agia como professora, não é isso?

E8: Inicialmente, mas na Venezuela educação é muito muito mal paga. Eu decidi entrar pela parte social, trabalhando na prefeitura. Eu cheguei a ser coordenadora na Comissão de Ciência e Tecnologia. Então lá fazia aulas para ensinar idosos a usar as novas tecnologias, porque na verdade as pessoas mais velhas são as pessoas que têm mais dificuldade e nós ensinamos lá aos avós a usarem o computador, a pegarem o mouse, coisas mais difíceis para eles, mesmo que a gente não acredite, mas é muito difícil e complexo. E lá passeamos por todas as partes de trabalho social. E aí eu me desprendi um pouco da educação. Em área pelo MEC, pelo Ministério, mas sim exercia como professora e depois comandar a Comissão de Ciência e Tecnologia também estava lá mais muito bom, não sei. As carreiras das profissões que trabalham com política dura, se você tem um escalão alto, dura este que é um vereador, nesse caso termina e eu tive que ver novamente minha cidade natal e começar uma nova carreira que será numa prefeitura opositora e onde eu morava era um oficialista que agora são a turma vermelha. Então eu não podia entrar novamente na prefeitura da minha cidade, eu decidi abrir uma loja. Tinha a ver com a parte de desenhos e também camisetas estampadas, então eu estava lá trabalhando pela minha parte. Você está entendendo o que eu estou falando? Porque eu falo muito rápido.

C: Não, eu estou entendendo tudo. Não se preocupe, não.

E8: Porque o português enferrujado não dá para entender.

C: Eu não acho não. Eu acho o seu português muito bom para quem pegou 1 ano de pandemia no Brasil e está tão pouco tempo.

E8: Obrigada.

C: A língua não é uma barreira para nós aqui, não. Parabéns, sabe? Você fala muito bem português.

E8: Essa limitante, porque na ilha o contato foi muito pouco também com as pessoas. Porque começou a pandemia e eu não saía muito da casa, então sempre falava espanhol em casa. Há pouco terminei um curso foi a nível intermediário. Então eu sigo assistindo tudo o que posso, trato de ler muito em português também para melhorar.

C: Mas é um processo, é assim mesmo. Eu entendo. Aprender uma nova língua é sempre difícil. Mas para mim você é uma falante de português já e fala bem.

E8: [risos] Obrigada, obrigada.

C: Me conta. Vou fazer outra pergunta para você, fazer uma digressão aqui. Qual é a cidade natal sua lá na Venezuela?

E8: Coro. Estado de Falcón.

C: E aí você chegou a morar alguma parte na capital? Alguma parte da sua vida.

E8: Quando eu faço a faculdade, logo trabalho nos meios da educação e decidi fazer uma estrada na Universidade Central da Venezuela, ela fica na capital. Estando lá a minha situação econômica não era muito boa na minha família, mas tinha um status muito alto e eu precisava trabalhar. Então entrei em contato com uma antiga professora, ela me recomendou com um vereador que era o seu tio e aí eu comecei a trabalhar. A escala foi muito rápida e as responsabilidades ficaram também bastante pesadas e eu deixei os estudos. Por isso só me dediquei a trabalhar e morei 5 anos da capital. Gosto muito de cidade grande e me sinto aqui em Salvador como se fosse Caracas.

C: Quando você pensa na sua vida na Venezuela, nas ruas da Venezuela, tanto da sua cidade natal quanto da capital, quais são as três primeiras palavras que vem a sua mente?

E8: Quando é a cidade natal sinto mais calma, é uma cidade pequena. E capital movimentação.

C: Desculpe. É que eu apesar de mexer muito com o computador, ainda sou muito viciada no papel. Eu sempre tenho um papelzinho do lado e fico anotando as coisas. Eu sou rato de caderno.

E8: Eu também. Eu anoto. [risos] E você sabe também que existe uma conexão entre o que você escreve e o cérebro. Mesmo o que eu não leio, mas eu sempre anoto tudo que eu estou escutando, as dicas mais importantes eu vou e pego.

C: Eu também.

E8: Não se desculpe, não.

C: Obrigado. Deixa eu te falar. Quantos anos você tem hoje?

E8: 38.

C: Qual é o seu gênero?

E8: Mulher.

C: Deixa eu te perguntar: você veio sozinha aqui para o Brasil ou veio com mais alguém?

E8: Não. Nós chegamos aqui numa turma de quatro pessoas. Um sobrinho, um vizinho – contemporâneo do meu sobrinho para ele não se integrar sozinho – e minha companheira.

C: E vocês quatro moram juntos aqui hoje ou moram separados?

E8: Chegamos a morar juntos quando estivemos na Paróquia. Mas eu me separei da Paróquia e o padre falou que podia ajudar nos estudos deles. Então, como eles são novinhos, têm 19 anos, eles vão estudar aqui em uma Universidade no nível dois e eles ficaram ainda lá com o padre. Eu estou em Salvador com a minha companheira.

C: Falando um pouco sobre a mudança. Vocês vieram direto para Salvador ou passaram por outra cidade antes?

E8: Nós passamos primeiro por Roraima. Roraima é uma cidade fronteira. Um estado, desculpa aí. Fronteira com a Venezuela. E na cidade de Boa Vista nós ficamos 1 mês, porque nós estávamos pegando o programa de interiorização que tem o governo brasileiro enquanto fazíamos a documentação e aguardamos o processo ficando lá. Mas o processo ainda vai demorar muito mais será pelo governo. Foi uma casualidade na ONG que manejava a igreja evangélica [pausa para tentar lembrar o nome da igreja]. Enfim, foi uma igreja que estava na rodoviária e eles falaram que se você tinha uma pessoa que receberá você, você pegava um “boat” seguinte. Então nós chegamos com ele até Manaus, de Manaus pegamos a rodovia ao sul e eles fizeram uma viagem de “stand by”, toda gratuita. Mas o custo de viajar até Boa Vista foi pago, a estadia também foi paga. Nós já viemos morar aqui no Brasil em 2016 e voltamos na Venezuela em 2018. Moramos aqui dois anos, mas decidimos voltar na Venezuela, imaginando que as coisas iam melhorar, com a economia estabilizada um pouquinho, porque o câmbio trocou da moeda e tiraram uns selos da moeda e a economia estava fluindo um pouquinho. Mas nesse [estalar de dedos] disparou toda a inflação novamente e ficamos trabalhando. Mas você lá trabalha e é só para a comida, não tem nenhuma perspectiva de ter uma casa, suas coisas. Se você perder alguma coisa material, você não pode conseguir comprar novamente porque o poder aquisitivo já se perdeu na Venezuela.

C: E quando vocês vieram aqui em 2016, vocês ficaram onde?

E8: Em Roraima, ali em Boa Vista.

C: Ah, sim. Ficaram em Boa Vista, depois foram para a Venezuela de novo e aí retornaram agora.

E8: Sim. O que acontece porque não ficar em Boa Vista, Boa Vista é uma cidade que já está lotada por venezuelanos. Lá já não tem opção para trabalho nem para os próprios brasileiros.

C: É uma cidade relativamente pequena para uma capital. Quando você compara com Salvador, com São Paulo, com Rio que são cidades muito maiores, Boa Vista é uma

cidade pequena. Eu não conheço Boa Vista, mas eu tenho amigos que conhecem. Eu ia fazer uma prova em Boa Vista, mas estava muito cara e eu desisti. Deixei para lá.

E8: Em Boa Vista não tem fábricas, não tem empresas, não tem nada. A economia se move só pelo ganho das pessoas que trabalham no governo, cargos governamentais e só. Não tem empresas grandes, não tem nada para movimentar. A economia é um ciclo. Começa 1º [dia do mês] e logo você não tem dinheiro se você não for até o final do mês. Então os cinco primeiros dias do mês é que você vai movimentar nas ruas. É Boa Vista [risos].

C: Hoje você mora onde aqui em Salvador?

E8: Na Bonocô. Cosme de Farias é o bairro, perto do metrô.

C: Perto da estação Brotas ou da outra?

E8: Bonocô.

C: Ah, perto da Estação Bonocô. Como é a infraestrutura da sua rua hoje? A que você mora aqui em Salvador.

E8: A rua é bastante isolada, porque fica no final da rua e ela não passam carros. Só o carro que vai descer que tem uma casa ali ou um uber ou um táxi que vai descendo para deixar uma pessoa. É uma rua pouco movimentada e isolada.

C: Para você, como é a sua relação com a sua rua hoje? A rua que você mora, como é que você se sente com relação a essa rua?

E8: Eu não tenho contato nenhum. Eu só chego, entro em casa, vou trabalhar, vou chegar. Só falar agonia, fantasmas. Eu não tenho contato assim com os vizinhos.

C: Eu já ia te perguntar. Então você não conhece os seus vizinhos direito?

E8: Não, não. Não conheço, não. Só na igreja do lado de onde eu moro. Eu fui duas vezes na igreja evangélica Casa do David e é complementar, mas não tenho contato com as pessoas, não sei quem são e nem elas, nem o que fazem.

C: Mas a sua rua tem muitos eventos? Tipo assim, desde que você chegou, como chama aqui, não sei você conhece por esse nome, mas festas na rua, churrasco, paredão. Ou é uma rua silenciosa?

E8: Uma rua silenciosa. Só no dia 2 de janeiro estavam fazendo churrasco na rua e tomando cerveja. Mas na parte baixa onde eu moro é muito silenciosa.

C: Pensando em você ter dito assim que a rua aqui em Salvador para você era desconhecido. Como foi chegar numa cidade tão diferente para descobrir essa cidade? Você pode falar um pouco sobre isso?

E8: Foi pelo descobrimento, perguntando. Eu estava conhecendo [nome suprimido] que foi a pessoa que deu o meu contato para você. E eu sempre perguntei para ele quando eu tinha que ir no aeroporto e eu estava pensando, quando a pandemia apareceu e eu estava sem trabalho porque me separei da paróquia, estava pensando em voltar para a Venezuela. Então o primeiro que ia fazer era ir no aeroporto para pesquisar todas as coisas que eu ia precisar e falei em uma mensagem de whatsapp: “[nome suprimido], você me ajuda a como chegar no aeroporto e como eu chego na Base Naval, o que eu vou pegar?”. Então ele me recomendou uma forma de como chegar até lá. Depois tinha que ir em um banco para que umas tias pudessem depositar dinheiro e lá disseram-me “como faço para chegar até ...” um ponto específico. Lá conhecia no centro o Pelourinho, então minha indicação sempre era que fica perto do Pelourinho, porque eu sei e já sabia como chegar até lá. Não foi sempre na pergunta. Eu acredito que quem pergunta pode chegar a Roma.

C: Pensando nessa descoberta da cidade, você andava muito logo que você chegou? Você andou muito aqui para conhecer a cidade? Ou você se locomovia mais de outras formas?

E8: Não, não. Andei, porque inicialmente eu era uma pessoa desempregada e só tinha dinheiro para andar de ônibus e voltar de ônibus. Então todas as minhas recorridas eram andando. Fui na cidade alta, baixa, do Pelourinho para o terminal da Lapa, tudo isso andando. E eu estou vendo, olhando, admirando tudo.

C: Como é que você se sentia andando pela cidade? Assim, numa cidade desconhecida, numa grande.

E8: Eu me sentia bem, eu me sentia em descoberta. Meus neurônios e meu cérebro estão totalmente abertos descobrindo tudo, lendo tudo, olhando para cá, olhando para lá. Inclusive quando chegou a vacina, Val pegou ônibus para a Lapa, sempre vai para a Lapa [risos], eu vou vendo o trajeto pela janela.

C: E o que é que chamava à sua atenção, tanto andando e de ônibus, na rua, nesse momento de descoberta?

E8: De ônibus eu vejo muita pobreza nessa área da Suburbana. Vejo muita desigualdade logo a chegar a Salvador. E no Centro eu vejo uma cidade mais bonita, muito movimentada. Eu vejo o brasileiro como uma pessoa muito solidária, muito amável, muito disposta. Quando você pergunta alguma coisa para ele, um endereço ou como pegar um ônibus, eles sempre estão falando. E “não, não” fazem assim, escutam com atenção “eu não entendi” muitas vezes na primeira fala “não entendi,

não entendi” eu repetia acalmado, porque eu falo rápido, falava mais calma, mais devagar e eles me entendiam e me ajudavam. Então, a cidade tem uma dupla faceta. É muita desigualdade, como eu vejo, o salário no Brasil é muito desigual. Como é possível que uma pessoa ganhe um salário mínimo de mil e outra pessoa que tem um cargo na política ganha trinta mil? Eu conheci uma pessoa que era defensor público em Roraima e seu salário era trinta mil e eu falava “trinta vezes mais?!!!”. A desigualdade é grande e bárbara. É triste, né?

C: É triste.

E8: Tudo tem que chegar nos políticos, porque se os políticos não fazem nada a cidade vai seguir como está tal qual. E eles não vão ajudar a todos, só quando eles querem para alguma votação. Eu estava escutando no jornal em dezembro que estavam..] era uma comunidade pequena onde os impostos não bastavam, não lembro quanto era o monte de reflexão e eles estavam pedindo na Câmara ajuste salarial de 40 mil reais. Então toda a comunidade/a população estava indignada, porque era uma população pobre. Então essas pessoas chegaram na política para enfiar [dinheiro] em seus bolsos.

C: Exatamente. Hoje em dia os seus deslocamentos são mais para perto ou para longe de casa? Você anda mais para longe ou para perto?

E8: O trabalho que eu estou fazendo agora é de pintor. Então tudo depende de onde é. Os primeiros meses foram longe, longe. Perto da casa de [nome suprimido], era perto do Bairro da Paz. Lá nos movimentamos com o chefe. Tem um carro, nós fomos até lá e voltamos em carro novamente. Novembro, terminando novembro e dezembro, nós estávamos pertinho da casa, íamos até Brotas, e vamos andando e voltamos andando. E logo pegamos uma aqui perto do bairro Cosme de Farias, então também íamos andando e voltávamos andando. Tudo depende de onde tem um trabalho para pegar, não é fixo o trabalho que fazemos.

C: Sim. E para fazer as atividades do dia a dia, por exemplo, compra em mercado ou outras necessidades?

E8: Tudo está perto aqui. Vamos na avenida e está o Atacadão, está o Maxi que também é um mercado grande de atacado, também está a Le Biscuit. Está tudo pertinho daqui. Então se de lá nós voltamos ou se queremos ir no shopping, há o Bela Vista aqui, pegamos o metrô é só uma estação e retornamos. Um dia também eu pensei melhor ir andando e chegamos até o shopping andando, porque queríamos ir andando.

C: E para lazer, você se desloca como?

E8: De metrô ou ônibus também.

C: Quais são as principais atividades de lazer hoje aqui para as quais você se desloca?

E8: No tempo não muitas, só 2 e 3 de janeiro que eu fui no Farol da Barra, porque eu ia conhecer. Um ano aqui e eu não conhecia [risos]. E aproveitei e “como chega até lá?”; “pega Barra”; eu peguei Barra e fui para lá, voltei perguntando também, tudo perguntando. Lá conheci uma senhora e me disse que tinham outras praias muito lindas, falou do Porto da Barra. E assim eu vou descobrindo na pergunta e vou indo ver. Eu não vou porque apesar que eu tenho uma renda baixa não dá para ter muito luxo, porém quando você está perto e você entra num aplicativo do uber, você vê que compensa voltar de uber do que pegar um ônibus para pagar para duas pessoas. Então melhor pegar um uber, mas se está muito longe você vai de ônibus.

C: Aqui em Salvador eu digo direto que se você se perdesse ou você para na Estação Pirajá que na Estação Pirajá vai ter ônibus para outros bairros ou vai para a Lapa. No geral a gente: “estou perdido, vou para a Estação Lapa e lá eu pego um”

E8: Eu vou para a Lapa! [risos] Eu também vou para a Lapa. Quando fomos no Farol da Barra, ninguém sabia falar qual outro que eu pegava para ir à Bonocô. Então eu falei: “vou para a Lapa”, fui na Lapa e peguei o metrô.

C: É assim mesmo. Eu fiz muito isso quando eu me mudei para Salvador. Você se perdeu muito por aqui logo que você chegou?

E8: Não, não. Ainda não e perdi. Porque sempre peguei no Centro e do Centro para o Pelourinho, à Cidade Baixa, e aí eu andava para lá e para trás. Ainda não tratei de procurar outros lugares para fazer alguma diligência. Mas me tocou fazer um trabalho na faxina em “Stela Mares”, creio que fala, e perguntei se me perdi. Não me perdi só soltei uma estação depois e ficou muito longe, então tive que voltar caminhando. Mas larguei na mesma hora, então não foi perdida. Só imaginei soltar na próxima parada e não, foi muito longe.

C: É. É assim mesmo. E o negócio é que Salvador, a linha que vai não é a linha que volta. Então você vai pegar um Barra para ir para a Barra, mas não pega mesma linha para voltar. Então isso é [risos].

E8: É complexo, não é? Eu esperava pegar o mesmo e voltar assim. Por exemplo, para eu ir para lá eu tenho que pegar “São Cristóvão”, “São Cristóvão”, “São Cristóvão”, não sei como fala, “São Cristóvão”. E para voltar tem que pegar

Barroquinha. Então é complexo esse sistema. Mas a cidade tanto em Caracas que é a capital como em todas, você pega o ônibus, você roda tudo e volta no mesmo lugar [risos]. Minha mãe pensa assim muitas vezes. Ela quando chega a Coro – ela era de outra cidade perto, Punto Fijo – e quando ela se muda com meu pai para Coro, ela falava que para ela conhecer a cidade, ela pegava ônibus percorria tudo e voltava. E ela sabia as rotas que ele pegava.

C: E aqui não dá para fazer isso, não é?

E8: Não. Mas seria bom para você conhecer. Eu imaginei outro dia... o tempo das horas ainda foi muito pouco.

C: Andar e fazer deslocamentos por aqui é muito diferente de fazer deslocamentos lá na Venezuela? Andar pela cidade, andar de ônibus.

E8: Não, não. Onde eu vi a diferença foi em Roraima, em Boa Vista. O arquiteto que desenhou a cidade, eu não sei o que tinha na cabeça. A cidade, você vê o mapa dela, então você tem umas gramas aqui, a cidade se abre muito. Então se você perde uma rua, você fica longe, longe demais que eu chorei em Roraima. Eu me perdi no começo em Roraima [risos]. Eu disse assim: “corto aqui, vou tratar disso na rua”, mas lá não acontecia isso, não. Mas aqui não. Aqui você vai na rua, caminha, caminha e vai sair a seguintes termos, se você volta pela rua paralela a ela, vai andando igual e vai coincidindo o que você viu na ida como na volta. Aí não dá para perder-se é só você perguntando/andando.

C: E como é que você se sente quando está se deslocando por Salvador?

E8: Me sinto bem, me sinto cômoda. Porque Salvador é uma cidade muito parecida com Caracas. Quando eu cheguei já tinha um venezuelano aqui morando e eu estava perguntando para ele como era Salvador. E ele falou: “Salvador é uma Caracas, mas contrária”, só isso: “Salvador é uma Caracas contrária”. Não tinha muita diferença. Me senti confortável porque eu já tinha essa experiência de morar em capital e gostei muito.

C: Quando você está nos seus deslocamentos, você costuma observar o que outras pessoas estão fazendo?

E8: Eu olho tudo [risos]. E leio tudo e vou. Tenho, assim, os olhos abertos para [...]. Eu aprendo no dia a dia. A “calle” [rua] para mim, também me dá muito ensinamento. É um processo de aprendizado também.

C: Como é que funciona esse processo de aprendizado de conhecer pela rua que você está falando? Como é isso para você?

E8: Eu vejo o que eles comem na rua, como são as suas maneiras de falar e aí eu vou imitando e vou tomando também. Por exemplo, alguma comida que eu não sei, eu falo: “Mas o que ele está comendo agora, vou experimentar”. É isso. É um processo também de imitação que eu estou fazendo para me adaptar.

C: Como você acha que a pandemia ajudou ou dificultou esse processo seu de adaptação aqui?

E8: Dificultou, porque tudo parou. Hoje ainda tem pandemia, mas não tem esse isolamento bárbaro que fizeram. Eu não podia comprar nem num restaurante que uma amiga tinha que me mandar dinheiro. Então para mim foi um pouco traumática a pandemia. E quando eu consegui saber os bancos também estavam recebendo depósitos internacionais eu “aahn” [surpresa/alívio] me senti um pouco aliviada, porque não estava nem conseguindo comprar minha comida. Então a pandemia foi brutal, foi um espancamento para tudo, inclusive encontrar trabalho com tudo muito parado.

C: E isso mudou a forma como você via a cidade? Eu digo assim, antes da pandemia e depois da pandemia? Quer dizer, não é depois, mas fim do isolamento mais duro. Mudou a forma como você vê a cidade?

E8: Eu não conhecia muito Salvador. Nós chegamos num dia de domingo, segunda fui no Pelourinho e terça já estávamos na ilha. Então não conheci essa Salvador movimentada, não conheci essa Salvador com praias abertas. Eu fui no Farol, mas a praia estava fechada. Não dava para tomar banho e as pessoas que tomavam banho a polícia falava: “tem que sair, tem que sair!”. Mas não conheci essa Salvador mais aberta. Mas cheguei aqui para ir ao banco e com a pandemia tudo era mais parado. Hoje que o isolamento “se levantou” [interrompeu] um pouquinho, vejo que Salvador é muito mais movimentada que Salvador é muito alegre. E me falam: “isto não é nada”, as pessoas falam: “isto não é nada, Salvador é pura festa!”. [risos]

C: E você acha que Salvador é pura festa mesmo?

E8: Na ilha sim. As pessoas gostam de curtir muito, de tomar – tem um bar em cada esquina – e o povo baiano é muito alegre, muito festivo. Domingo, segunda, todos, a casa toda, eles gostavam, estavam pegados na balada.

C: Pensando na sua relação com a cidade e pensando que Caracas é parecida com Salvador, no tempo em que você morou nas duas cidades. Tem alguma memória que você acha que é importante sobre a cidade para você? Sobre as cidades. Tipo assim, quando você pensa em Caracas ou quando você pensa em Salvador – obviamente

que em Caracas e em Coro você tem mais memórias. Como é que é a vida por lá e como é que é a vida por aqui?

E8: Lá eu me sinto mais confortável. Pelo idioma que é minha língua. É minha gente, minha família. Eu sei como me desenvolver mais, eu consigo falar muito mais. Sinto muito mais segura. E as lembranças de minha terra significa ser uma cidade muito calma e muito calorosa, amável. Na capital, Caracas, as pessoas são mais desconectadas em comparação a uma pessoa que mora numa cidade pequena que é mais amável, mais tranquila, mais cortês. “Venha na minha casa para tomar um café comigo”. E na cidade não, você vai caminhando e ninguém vai olhar para a pessoa que está ao lado. Mas as lembranças da capital são muito boas porque pude colher muito no nível profissional, então, quando você também está ganhando um pouco mais, você tem a autoestima muito aguçada, se sente melhor até. Podiam andar onde você quiser, quando você quiser. Então a capital Caracas para mim são lembranças de uma Venezuela que eu quero voltar a viver.

C: E Salvador? O que Salvador é para você hoje?

E8: Para mim Salvador tem muita, além da tradição, me deixa nostálgica. Porque aqui experimentei uma etapa muito cruel da minha vida. Vivi o desemprego, às vezes ficava: “eu quero ir, mas vou esperar um pouquinho”. Mas é linda e vou lembrar muito muito dela, das praias também que são lindas. Essa parte de Salvador, essa parte turística eu não conhecia. Então quando eu olhei essa Salvador eu falei: “uau!”. Salvador é linda demais e não sabia que estava aí, porque chego para trabalhar e para o trabalho ir. Então, essas lembranças, essas memórias, são tanto para riquezas estão convertendo em coisas bonitas para experimentar a parte turística do que tem em Salvador.

C: Você acha que a sua relação com a rua muda quando você se muda da Venezuela para cá?

E8: Claro que sim. Por exemplo, em Caracas eu tinha muito contato com a população. Porque eu trabalhava na licenciatura então conhecia muito a vizinhança. Então ia na rua e “oi, oi, oi”, todo mundo me abraçando, me beijando, porque quando você ensina deixa uma marca nas pessoas, então, as pessoas me amavam muito. E quando você está aqui numa cidade desconhecida ninguém para você e: “Oi, tudo bom? Como está você?”. É uma vida muito mais corrida, mais fira. Ainda que o brasileiro seja muito atento, mas não tem esse contato, esse enlace que podia ter em sua cidade natal.

C: Mudando de fase, pensando na sua infância e aí até chegar à fase adulta, você acha que a sua relação com a rua mudou também nessa perspectiva?

E8: Como?

C: Pensando na infância que a gente cresce e tudo, até chegar à fase adulta, você acha que a sua relação com a rua mudou? De quando você era criança para quando você ficou adulta?

E8: Tem uma mudança grande que é as novas tecnologias. Eu quando era criança não tinha tanta tecnologia, não existia nem sequer um telefone celular. Então você ficava na rua por um tempo. Você brincava com seus colegas, com suas amigas, na rua. Você fazia um troço da sua vida na rua e você sabia que nove horas você tinha que voltar em casa. Porque você estava muito perto, mas estava brincando e fazendo uma vida na rua. Mas quando você é grande, você se ocupa de muitas coisas, é trabalho e a rua fica em segundo plano. A rua fica só para suprir às necessidades como vestir, comer, um pouquinho para lazer, mas a rua perdeu o significado de quando você era criança que era tudo para você, só estava esperando a hora de ir correndo para a rua [risos]

C: E você acha que esse processo é um processo parecido, tanto lá na Venezuela quanto aqui, de mudança?

E8: Totalmente. Quando eu cheguei e olhei também as brincadeiras, falei com o padre: “aquelas brincadeiras são iguais, todas iguais”. Os meninos vão na rua, se divertem um pouquinho, voltam. Começamos a falar dos nomes, por exemplo, pula-pula, esconde-esconde. Tem tudo muito parecido, processos iguais. O que muda são as barreiras geográficas, o que muda é a fala, mas tudo é igual.

C: Você sente falta desses momentos de uma vida mais próxima com a rua da infância do que com a fase adulta?

E8: Não. Eu amadureci muito e então você já tem outra prioridade na vida. Quando eu tive um processo de ser empreendedora, o empreendimento fiz na minha própria casa e você via o vizinho sentado na rua e eu muitas vezes pensava: “ele não tem uma casa?” [risos]. Então eu não sinto essa saudade da rua.

C: E o que é que você sente quando pensa nessas memórias da infância?

E8: Grata. É bonita, mas já cresci.

C: E hoje, o que é que você acha da relação das crianças com a rua hoje?

E8: As relações diminuíram muito por esse tema da tecnologia. As crianças ficam muito no celular e desligam totalmente de fazer alguma brincadeira natural. Mas lá na

ilha eu vi esse cenário do ciclo passado na ilha. Os meninos vão brincando na rua, fazem tudo na rua, porque não têm muito contato com esse telefone bandido que os pais dão de presente de Natal, não deveriam. Na cidade normal não tem criança assim brincando na rua todos os dias. Na minha rua não tem, não tem não. Na mesma casa onde eu moro tem vários quitinetes, tem dois meninos mas eles estão sempre [...]. Eu chego, volto, domingo vou ao mercado e eles lá em suas casas. Não vejo esse movimento na rua de brincar, de pular, de correr.

C: Pensando nessas memórias que você tem e nas mudanças que a tecnologia trouxe na relação das pessoas com a rua, como é que você imagina o futuro da rua e da cidade hoje?

E8: Eu vejo uma cidade mais tecnológica, mais avançada, mais inteligente. Que podemos resolver com um clique no celular, pedir alguma coisa e tudo chega em casa. Você precisa ter o endereço e muitas vezes não está lá. Porque eu falava porque não tinha o crédito no celular, mas você pode descarregar um aplicativo ver qual ônibus passa, qual é a rota, tudo está mais certinho. Então o contato com as pessoas fica um pouco mais desligado, porque se sente mais conectado a esse mundo virtual.

C: E como é que seria para você a cidade dos sonhos? Tipo assim, se fosse uma cidade que fosse para ser a cidade dos meus sonhos ou a rua dos meus sonhos, como é que seria isso?

E8: A cidade inteligente onde tudo seja com tecnologia. Tipo – não sei se aqui fala – supersônico. Digital, toda tecnológica, seria as ruas dos meus sonhos. [risos]

C: Para você, estar na rua sozinha ou acompanhada é diferente? Quando você está nos seus deslocamentos no dia a dia.

E8: É diferente sim. Você quando está sozinha não repara em nada. É só caminhar e ir baldeando e divisando tudo. Mas quando você está acompanhada você pode falar, pode compartilhar ideias, pode tomar alguma coisa, inclusive você toma um tempo para tomar um sorvete, tomar uma água quando está com calor. Por exemplo, quando eu tinha que fazer alguma coisa da ilha para chegar em Salvador e não tinha muito dinheiro, eu me locomovia sozinha. Então eu voltava e nem uma água comprava. Então quando você vai com outra pessoa: “Ah, vamos tomar um sorvete”, “Ah, vamos parar aqui e vamos tirar uma foto”. Então você curte mais da rua, da paisagem.

C: Você disse que quando você pensa na rua de Salvador, uma das palavras que vem a sua mente é ‘solidariedade’, por que ‘solidariedade’?

E8: Porque quando eu paro para perguntar alguma coisa encontro a resposta.

C: E no 'movimento', quando você pensa em movimento é por causa do movimento do comércio?

E8: Sim. A pessoa quando está ali comprando e caminhando, indo e vindo, são os movimentos para mim.

C: Olha, eu acho que a gente cobriu tudo o que eu tinha para perguntar.

E8: Obrigada. Espero que [...].

C: Ah, sim. Ajudou demais. Foi uma excelente entrevista e para fechar eu queria fazer uma pergunta. Para você como imigrante, como é essa experiência de ser imigrante, de andar na rua como imigrante, de estar num país com a língua diferente? Esse processo, não só de adaptação, entendeu? Mas como você se sente. Porque para mim, não sei se é isso o que você pensa, mas eu acho que ficou claro que num futuro próximo você pretende voltar para a Venezuela assim que as coisas melhorarem para viver lá com a sua família e tudo. Aí eu queria saber de você nessa perspectiva de imigrante, como imigrante, como é essa experiência de viver numa cidade diferente, de andar, como é que isso aparece para você? Em forma de resumo.

E8: Você sabe quando você apresenta uma coisa nova a qualquer pessoa você fica deslumbrante, então sempre que eu chego em uma nova cidade, em um novo lugar, todo mundo chega para conversar para querer falar, querer saber, então eu gosto de ser a 'imigrante', a 'gringa' que falam em Salvador. Então eu gosto muito desse processo de me exhibir, de que as pessoas queiram saber como sou eu, como é minha família, como é onde eu moro, como é minha cidade, o que é que a gente come. Para mim, ser imigrante é muito confortável porque as pessoas sempre querem conversar com você, querem falar, você se sente exposta porque eu gosto dessa exposição com as pessoas. Inclusive quando eu estou na rua e as pessoas na primeira vez que estão falando comigo só perguntaram uma coisa, um valor de um produto e a pessoa olha para mim e fala: "Você não é daqui, não é?". E eu: "Por quê?"; "Pelo sotaque". E aí você fala: "Você fala muito bonito" [risos]. "Eu sou venezuelana" e a pessoa fala: "Por que você está aqui? Turista?"; "Não, não. Eu estou aqui pela [trecho incompreensível]". E você começa a conhecer uma nova pessoa a cada dia, então eu gosto muito desse processo de descoberta da minha pessoa. Eu estou falando muito, sou tagarela [falando com dificuldade a palavra]. Eu gosto de falar.

C: Ah, isso é ótimo. E eu gosto de ouvir. Deixa eu te perguntar, mas você pretende voltar para a Venezuela, não é?

E8: Pretendo sim. Se a Venezuela melhorar eu volto. Eu sei que a Venezuela vai dar um tempo para ela melhorar, para ela se recompor, porque está muito deteriorada, muito bloqueada, os políticos fizeram um buraco muito grande. Então eu sinto muita saudade da minha cidade, da minha terra, da minha família, mais que tudo. Inclusive, se tem algum trabalho, mas não na Venezuela que possa gerar um lucro maior eu vou. Eu não tenho esse apego. “Bora aqui no Equador que tem um salário melhor para você tentar num trabalho” eu vou. Não me apego a nenhuma cidade.

C: Sim. Então é isso. Para mim foi um prazer conversar com você. Eu vou interromper a gravação e a gente pode continuar conversando um pouco. Mas eu vou interromper para diminuir o tamanho do vídeo, para poder depois converter em áudio. Um momentinho só.

Entrevista 9: O que é isso a rua para uma candomblecista?**Caroline Vaz [C]****Entrevistada 9 [E9]**

C: Então, primeiro, eu queria avisar que a entrevista tá sendo grava nesse momento, a chamada, para eu poder transcrever essa entrevista e utilizar na pesquisa. A senhora concorda com a gravação do áudio?

E9: Concordo.

C: Para participar da pesquisa, eu preciso que a senhora autorize que eu use o depoimento que a senhora está me dando. Então, se a gente estivesse pessoalmente, eu entregaria um termo para senhora dizendo como funciona, mas nesse período de pandemia, eu vou ler para senhora esse termo e aí, a senhora concordando, a gente prossegue,es tá certo? Se a senhora não concordar, a gente encerra. Então, participando dessa entrevista, a senhora declara ceder à pesquisadora Caroline Bulhões Nunes Vaz, sem restrições aos seus feitos patrimoniais e financeiros, a propriedade e os direitos do depoimento de caráter histórico e documental, prestada à pesquisadora, entrevistadora aqui referida em Salvador [Bahia], em 21 de janeiro de 2021, como subsídio a construção de sua tese de doutorado, a ser submetida ao programa de pós- graduação em Geografia da UFBA. A pesquisadora, acima citada, fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir ao grupo de pesquisa em que faz parte: Espaço Livre de Pesquisa-Ação e Geopraxis o acesso ao depoimento para fins idênticos com a única ressalva de garantia da integridade do conteúdo e de preservação da identidade de fonte e autor. A senhora concorda. A senhora concorda?

E9: Concordo sim.

C: Tá certo. Então, a gente vai dar prosseguimento. A primeira pergunta que eu tenho para senhora, que eu queria saber, é: quais são as 3 primeiras palavras que vem à cabeça da senhora quando a senhora pensa em rua?

E9: Assalto, eu não gosto daquele quadro. A segunda é a falta de segurança, que a gente não tem mais segurança. Todo mundo, para mim, não tem mais

confiança. Eu andando na rua, para mim, todo mundo desconfia de mim e eu também já estou desconfiada de todo mundo.

C: E a terceira palavra?

E9: A terceira palavra, quando eu penso em rua, é que hoje, a gente anda de ônibus, mas é muito inseguro. De rua, o que eu penso é isso, é a insegurança. **C:** E quando a senhora pensa em insegurança, a senhora pensa em insegurança relacionada à quê?

E9: Olha, a segurança em tudo, em guarda municipal, em essas coisas, eu não acho que isso dá segurança para gente não. O meu pensamento é assim. Eu tenho a minha segurança e a confiança das pessoas, que a gente hoje senta de junto de alguém, qualquer palavra, pequenas palavras, curtas palavras, né? Ele já se sente ofendido e já ofende a gente também.

C: Quando a senhora pensa, assim, na trajetória da senhora, né? Como pessoa de axé, como é que a senhora se sente com relação a rua, nesse contexto, né? Como é que a senhora se iniciou, né? Se a senhora puder contar um pouquinho essa sua trajetória e como é que a senhora se sente com relação a fazer atividades, oferendas e outras atividades de candomblé na rua?

E9: Nós não temos respeito nenhum. Quando vai fazer, quando vamos comprar, as pessoas tiram da gente o que pode, o máximo do máximo que pode tirar, emprego e a discriminação é muito grande. Quando se vai arriar, agora já a segunda, né? Quando vai fazer um trabalho, arriar um ixé, arriar um ébo é muito ruim. É satisfatório para minha vontade, pelo meu desejo, que eu gosto de fazer, faço porque tenho um desejo dentro de mim que nunca apagou, nem vai apagar, mas somos muito discriminados. Temos medo dos malfazejos muito criticado lá, na hora, passa carros e tal, pessoas, ciclistas e discrimina muito, critica muito isso é ruim.

C: E com relação a dimensão do sagrado? Porque fazer oferendas na rua, fazer trabalhos na rua envolvem uma dimensão do sagrado da cidade, né? Como é que é isso, essa relação do sagrado com a rua para senhora?

E9: Eu acho bem. Eu faço e graças a Deus nunca tive, como diz, assim, nunca tive uma volta errada não. Para mim é muito bom e para mim, a gente tem que continuar fazendo sim.

C: E a rua, nesse sentido, ela tem uma dimensão de ritual para vocês? A rua setorna diferente para senhora, no contexto de fazer os trabalhos do candomblé do que no contexto do dia a dia? Ou não tem importância?

E9: Tem sim. Muitas e muitas coisas se faz em casa, mas ele tem que ir para rua. É esse ou fez em casa, um outro trabalho já é o mesmo. A gente leva para rua, mas lá já é outro ritual. Então, tem trabalhos que a gente tem que ir fazer na rua, só prepara, em casa, os condimentos e leva para fazer lá. Tem firmeza sim, a rua tem necessidade, sim, de se fazer.

C: E como é para senhora lidar com essa discriminação, com essas dificuldades todas e ter, ao mesmo tempo, essas dificuldades e ter a rua como um espaço vinculado ao sagrado, né? De fazer atividades que são do sagrado.

E9: Como é para eu agir com essa dificuldade... é fazer de conta que não tá ouvindo, a dificuldade. É levar na calma, levar na tranquilidade, fazer de conta, o fazer de conta é fazer de conta que não ouviu. Porque temos que agir, temos que fazer. Nós pedimos a libertação, nós pedimos, também, a liberação ao sagrado e a gente vai e faz.

C: O quê que significa, para senhora, sair à rua? No geral, o quê que é ir à rua para senhora?

E9: A rua, no geral, para mim, na parte da minha profissão, né? Da parte do axé.

C: Sim.

E9: O que significa eu ir para rua é porque tem que levar as coisas para rua, que a rua é que vai orientar o tempo. Ali o tempo tá ali, então vai destruir aquilo que se faz, viu? E é ele que vai nos ajudar, a rua é quem nos ajuda no axé. Se deixar dentro de casa, se pegar, terminar de fazer, de trabalhar, viu? E pegar e jogar no balde do lixo, é a mesma coisa de não fazer nada. Então, a rua, para mim, étudo.

C: E fora da dimensão do sagrado, no dia a dia? Como é que é para senhora a rua? O quê que é ir para rua para senhora?

E9: Aí já me faz um medo, já faz uma desconfiança. Eu faço o possível para não ir. Eu junto 2, 3 compromissos para poder no dia de eu ir, fazer esses compromissos, para eu não tá todo dia na rua. Porque a rua, para mim, é muito violenta, é muita desconfiança e é aquilo que eu falei atrás, a gente olha um para o outro e só vê desconfiança. Todo mundo, hoje, desconfia de todo mundo.

C: A senhora acha que a relação da senhora com a rua mudou? Sempre foi assim essa desconfiança toda?

E9: Não, mudou de, mais ou menos, uns 10 anos para cá.

C: Como foi que mudou? A senhora pode falar um pouquinho sobre isso?

E9: Graças a Deus eu nunca fui assaltada, graças a meu pai Ogum. Já passei por apertos na vida, mas não nesse, mas eu já vi muita agressão na rua, com alguém, já vi em ônibus, com alguém. Os cobradores mesmo, as cobradoras são muito arrogantes e a arrogância das pessoas é que me fez isso.

C: O quê que é diferente quando a senhora pensa, assim, em 10 anos para cá? O quê que tinha antes de diferente e que hoje não tem mais, que fez mudar, assim, para pior?

E9: Muita calma, tinha bastante calma e tinha confiança. A confiança nas pessoas. Eu olhava para uma pessoa e eu conseguia ter confiança e hoje eu não consigo.

C: Quando a senhora tá saindo na rua, a senhora vai como? Geralmente, assim, a senhora se desloca como na rua?

E9: Eu me arrumo normalmente, gosto de bolsa.

C: Mas a senhora vai de ônibus, vai de carro?

E9: Eu, agora, depois da pandemia, eu vou mais de carro. Eu acho que da pandemia para cá, se eu peguei ônibus 5 vezes, eu peguei demais.

C: Quando a senhora se desloca, a senhora se desloca mais para perto ou paralonge de casa?

E9: Mais para perto, mas tanto faz, para longe eu também vou. Agora tá sendo mais para perto.

C: Quando a senhora sai, a senhora costuma prestar atenção no que as pessoas estão fazendo?

E9: Gosto muito.

C: O quê que chama atenção da senhora nas pessoas, quando a senhora tá se deslocando?

E9: Nos olhares.

C: A cidade fica diferente para senhora quando a senhora anda de carro? Ou quando a senhora anda a pé? Ou quando a senhora anda de ônibus?

E9: De pé é bem mais diferente.

C: Por quê?

E9: Porque de pé a gente vê mais coisa. A gente se esbarra em mais pessoas, a gente tem chance de conversar com alguém, de perguntar alguma coisa a alguém e receber essas desconfianças todas, que eu já falei.

C: Sim. Quando a senhora está nos seus deslocamentos, a senhora presta atenção em alguma coisa de Salvador? O quê que chama atenção da senhora no trajeto?

E9: Os engarrafamentos, que é horrível.

C: E quando a senhora está fazendo deslocamento a pé, onde é que a senhora anda mais a pé? Mais perto de casa, mais longe de casa?

E9: Onde eu ando mais a pé é mais longe de casa porque, às vezes, eu vou bastante ali na Avenida Sete, tem no Campo Grande, na Graça, que eu tenho trabalhos lá, na Sussuarana, que eu tenho trabalhos com as pessoas lá. Então, é mais longe de casa e vários lugares que eu tenho longe, aí eu tenho que me deslocar.

C: Além do axé, a senhora trabalha com outra coisa?

E9: Eu sou revendedora de confecção.

C: E aí a senhora roda muito Salvador. A senhora anda mais em Salvador por causa do sagrado ou por causa do trabalho com confecção?

E9: Não, por causa do sagrado. Confecção, praticamente, eu vendo em casa.

C: Entendi. A senhora mora onde, hoje? **E9:** Em Paripe [trecho suprimido], Paripe.

C: A senhora mora com quantas pessoas? **E9:** Com 4 pessoas, 5 comigo.

C: Como é que é a infraestrutura da rua da senhora?

E9: A estrutura da minha rua tá em péssimas condições. Assim, hoje tem borra de asfalto, mas é borra já bem inacabável, né? Não tem nada de acabamento. E as pessoas, hoje, cada um faz sua casa mais para frente, cada um faz sua casa mais para frente, a rua fechou. Então, hoje, eu me vejo num lugar muito apertado. **C:** E como é a relação da senhora com a sua rua?

E9: Com a rua?

C: Sim.

E9: Não, graças a Deus, bem. Eu tenho muitos anos aqui e as pessoas, os que já foram embora daqui que se mudou, graças a Deus, ainda todo mundo fala

comigo e os que tão aqui também, todo mundo fala comigo. Graças a Deus, eu aqui não tenho nada de mau aqui na minha rua não.

C: E o quê que a senhora acha de eventos de rua? Aí tem muita passeata, churrasco, corrida, festa, baba?

E9: Tem, tem tudo isso, só não passeata. Passeata só quando tem de colégio, os coleginhos que tem aqui, aí é coisa mínima e uma vez na vida, mas festa, paredões tem.

C: E a senhora acha o quê desses eventos de rua? Como é que a senhora se sente quando tem eles?

E9: Esperando, a qualquer momento, uma tragédia, né? Que é o que mais tem. Eu não gosto, apesar que eu gosto de festa, mas não assim, eu não gosto. A gente só espera o pior.

C: E na quarentena isso mudou?

E9: Não, muito pouco, 10%, mas já voltou tudo de novo.

C: A senhora cresceu aqui em Salvador ou veio de outro lugar, para cá?

E9: Eu vim de outro lugar para aqui, mas eu vim com 14 anos. Então, eu cresci, a minha vida foi aqui.

C: A senhora acha que a vida da senhora, com relação a rua, mudou da infância para cá? Aqui em Salvador?

E9: Muito, lá onde eu morava não existe nem infância para as crianças.

C: Como foi a infância da senhora, essa adolescência aqui em Salvador? Na rua, a senhora brincava na rua?

E9: Não, mas eu morava com meus irmãos e na casa dos meus irmãos tinha espaço à vontade. Então, eu me acostumei ali, fiz muito crochê, aprendi muita coisa com as colegas daqui de Salvador, daqui mesmo do bairro, viu? E crochê, tricô, muitas coisas, sonho de valsa, tudo. Muitas coisas eu aprendi de costura, de artesanato com elas e por isso, para mim, minha infância aqui era melhor. Apesar que não estava com meu pai e nem minha mãe.

C: A senhora sente falta desses momentos?

E9: Não, porque eu era muito mandada, eu era muito maltratada, hoje que eu sei que era maltrato. Do jeito que eu achava que era bom, não era, era um maltrato. Jamais eu ia criar uma garota e criar do jeito que me tomaram para me criar.

C: E quando a senhora pensa nisso, a senhora não fazia muita atividade de rua, por exemplo, brincar na rua, por causa disso ou a senhora não gostava mesmo? **E9:** Eu não brincava porque eu não gostava. Eu tinha meus 2 sobrinhos e eu me dedicava muito a eles e meus irmãos, também, eram muito rígidos, eles não deixavam.

C: Quando a senhora pensa, hoje, no lazer da senhora, qual é o lazer da senhora?

E9: Meu lazer é praia, mas hoje me dia, não vou na praia tem muitos anos. O meu lazer mesmo é a minha casa.

C: E na quarentena?

E9: Pior, fico em casa também.

C: Como é que a senhora acha que a quarentena afetou a vida da senhora, em termos de trabalho, do lazer, do sagrado?

E9: Em termos de lazer, eu não sou pessoa de passear, eu não sou pessoa de viajar muito, assim, para um lazer. Eu sou uma pessoa muito de casa, sou uma pessoa muito de arrumar minhas coisas. Eu já sou muito ocupada, não posso entrar muito em bebedeira e a quarentena, para rua, para mim, fechou porque agente não pode sair para canto nenhum, eu não posso sair, tudo tá errado. Não gosto muito de máscara, uso, mas eu não gosto, não me sinto bem com aquilo. **C:** Sim. E com relação ao sagrado? Mudou alguma coisa ou a senhora continua saindo na rua do mesmo jeito?

E9: Mudou. Mudou porque muita gente deixou de vir, viu? E eu tive que começar a trabalhar virtual porque eu já trabalhava pela internet, mas era assim, uma pessoa que tivesse de longe, que não pudesse, tal e tal, mas só que agora é uma coisa forçada pela situação.

C: Sim.

E9: Mas mudou muito.

C: E a senhora quando pensa, né? Nisso que a senhora falou, de que, antigamente, a rua tinha uma relação de confiança, de segurança. Hoje, como é que a senhora acha que vai ser o futuro da cidade? Pensando no que a gente tá vendo aí, hoje, o que é que a senhora acha que vai ser o futuro da rua e da cidade?

E9: Na rua não tem mais futuro. O futuro está nas crianças, nos jovens e, também, nas pessoas que tem uma mente melhor, mas só que as pessoas não

estão mais assim. Hoje, a gente não pode dar freio em um filho, em um neto, em um sobrinho, não pode falar com um filho de uma vizinha, não pode falar mais nada. A gente tem que viver de boca lacrada, já deu graças a Deus mesmo de entrar aqui de máscara, mas eu espero que a rua, a partir de agora, não vai ter mais bondade para rua. Eu acho que jeito não tem mais não, já é daí para pior. **C:** E se a gente fosse pensar numa rua dos sonhos, como é que seria?

E9: A rua dos sonhos era ainda o pessoal com aquelas cadeiras do lado de fora, de tardezinha, todo mundo sentado com seus filhos do lado, a esposa esperando o marido chegar, as outras aconselhando, uma com a outra, conversando. Eu acho que a rua dos sonhos era essa, a gente sair para ir comprar sem medo, a gente chegar, conversar com alguém sem medo de receber uma resposta mal. A rua dos sonhos era essa, se eu fosse pensar era essa, mas eu acho que essa não vai ter mais não, viu?

C: E quando a senhora pensa na cidade? O quê que a senhora acha que vai acontecer com Salvador? Pensando, assim, em tudo isso que a senhora já falou. **E9:** Poxa, eu acho que Salvador também é um caso perdido, viu filha? Porque depende de um prefeito, depende de um governador, depende das pessoas maiores. Agora, só Deus para dar jeito neles todos e eu acho que o jeito que Deus vai dar não é mais com a calma, uma cidade ótima. Eu acho que Salvador, também, não tem mais uma segurança, não posso nem mais ir em lugar nenhum, tudo que se procura em Salvador não encontra. A gente procura saúde não encontra, nada da parte da saúde não se encontra, a gente só encontra só particular, particular a gente não pode. Como é que fica? Salvador vai ficar bom quando? Nunca.

C: É, não fica mesmo. Quando a senhora falou, lá pelas tantas, que a senhora sentia aperto, né? Pensando na rua da senhora.

E9: É porque, por exemplo, um carro se subiu, o outro tem que esperar passar para poder passar, apertada demais.

C: E a senhora se sente assim na cidade toda ou tem lugar que a senhora se sente mais à vontade, na cidade? O que é que faz a senhora se sentir à vontade, em Salvador? Se é que ainda tem lugar para se sentir à vontade aqui.

E9: O quê que me faz eu me sentir à vontade, em Salvador, é só mesmo a minha parte do candomblé, é só. Porque as ruas a gente não tem confiança, ninguém tá na frente, não tem confiança, ninguém tá do lado, não tem confiança quem

entra numa loja, também, tá gente ali lhe olhando, lhe fiscalizando, lhe trazendo como ladrão e isso é de mais, é ruim demais. Então, onde eu me sinto bem mesmo é na minha casa.

C: A senhora sente diferença quando a senhora está na rua sozinha e quando tá acompanhada?

E9: Sinto.

C: Qual é a diferença para senhora?

E9: É porque eu gosto de andar, assim, conversando. Eu sempre converso com quem está comigo, eu chamo atenção de quem tá comigo e se a pessoa tá conversando comigo ali, eu estou sentindo que eu estou apoiada. Eu me sinto apoiada, mas quando eu saio sozinha eu não gosto muito não. A minha vida, praticamente toda, foi sozinha.

C: A vida da senhora, praticamente toda, foi sozinha?

E9: Foi.

C: Sim. Eu queria ouvir um pouco sobre a história da senhora, né? Se a senhora quiser contar, se sentir à vontade de contar. Por que a vida da senhora, a senhora disse que foi toda de sair sozinha?

E9: Olha, eu saí da casa de meus pais com 12 anos, da casa dos meus irmãos eu saí com 16 anos, morei um tempo com eles e saí. Então, quem me criou, praticamente, que uma menina com 16 anos ainda tem alguma coisa para se criar. Quem me criou, praticamente, foi graças a Deus, Deus e eu. Eu não vou dizer a rua, a rua não me criou porque eu não morei na rua, graças a Deus nunca morei na rua, mas eu sempre andei sem a confiança. Eu nunca andei, assim, dando confiança para as pessoas, assim, porque se eu vivia só e praticamente só porque, também, eu sempre ia para o meu médico só, sempre vou é só e quando tem alguma coisa para eu ir de candomblé, também, eu vou é só e aí a minha vida, praticamente é só.

C: E quando a senhora morava com os irmãos da senhora, a senhora continuou estudando ou quando a senhora saiu do interior parou de estudar?

E9: Parei quando vim para cá.

C: Então, estudou até ali o começo do ginásio?

E9: Foi. Naquele tempo, era segunda série, terceira série e lá onde eu morei, onde eu nasci não tinha ninguém que soubesse estudar até a quinta série. Aí, eu estudei até a terceira série.

C: E depois a senhora continuou, de alguma forma, os estudos aqui em Salvador? Ou não?

E9: Não, eu fui alguns tempos, assim, mas eu estava gestante até, tem mais de 30 anos e eu estava gestante e passei uns dias, quando foi no tempo das provaseu não fui fazer, mas também não continuei mais estudar não. É uma coisa que não entra na minha cabeça mais não.

C: Eu sei como é. Eu sou professora de Geografia, né? E ano passado eu dava aula na rede estadual e aí a gente tinha muitas pessoas que acabavam voltando a estudar, mas não seguia porque já estavam cansados, né? De uma rotina de trabalho, de outras demandas da vida e é uma rotina que o pessoal coloca para ser sempre de noite, na insegurança de Salvador. Aí eles acabam criando mais dificuldade do que ajudando para gente trabalhar e seguir as coisas, né?

E9: É verdade.

C: A senhora tem quantos anos?

E9: Mas eu estou velha minha filha. Eu tenho 70 anos. **C:** Está velha nada, está jovem, tanta vida pela frente. **E9:** Jesus que te ouça.

C: Amém. Agora, para terminar eu queria ouvir um pouco a história da senhora com relação ao candomblé, do que a senhora puder contar, né? Quando foi que a senhora começou com o candomblé? Se foi no interior, se foi aqui. Como é que a senhora se relaciona com a cidade, com relação ao candomblé, que a senhora disse que se desloca muito por causa das atividades do candomblé, né? Qual é a importância da cidade para senhora por causa do candomblé? Claro que dentro dos limites do que a senhora se sentir confortável para falar e do que puder falar, né?

E9: Posso sim, me sinto confortável sim. É uma coisa que eu fui escolhida, eu comecei com 6 anos, eu já comecei a deferência de que não estava uma vida normal. Aí, a minha mãe não gostava, meu pai não desacreditava, não levava, mas também não desacreditava, mas a minha mãe não gostava, nem ver falar. Só que eu fui andando, né? Crescendo e as coisas foram acontecendo dentro de casa, cada hora, as vezes eu dizia assim: “fulano vai cair”, aquela pessoa caía, ela pegava e depois me batia, que disse que eu estava rogando era praga. E aí foi levando a vida e quando eu fiz 15 anos, eu estava aqui, aí eu voltei, fui lá no interior para poder fazer uma obrigação e precisava e aí fui seguindo.

Então, eu fui uma pessoa escolhida, graças a Deus, para eu trabalhar e eu comecei a trabalhar para um, para outro, sem ganhar nada, sem cobrar nada, sem pedir nada a ninguém e fui levando e fui trabalhando. Até que a minha zeladora, que nós somos da umbanda, minha zeladora pediu para eu começar a cobrar porque tinha que sobreviver. Então, a cobrança era para uma vida de sobrevivente porque senão eu não ia poder, eu ajudava um e não podia ajudar outro. Aí eu comecei a cobrar alguma coisa pouca, mas eu achei muito estranho aquilo, mas foi e eu amo muito. Não gosto muito da parte da esquerda, eu trabalho, também, com ela, mas não é uma coisa muito da parte da esquerda, eu não trabalho muito com ela, mas eu amo de paixão. E, para mim, ele é meu fôlego, se eu comer, comi, se eu beber, bebi. Graças a Deus, bebida e cachaça para mim, pode ter bebida que quiser, eu não tenho sentimento nenhum porque o meu sentimento são meus orixás. E eu trabalho há muito tempo, muito tempo mesmo, eu comecei a trabalhar com meus 16, 17 anos, mas já tomei muita surra de minha mãe, para não trabalhar, para não aceitar. E eu estou aí até hoje, graças a Deus, eu faço minhas oferendas sou eu mesmo, eu hoje não tenho umpai de santo, eu não tenho um zelador, viu? Mas eu levo a minha vida assim, tenho um, no vão, tenho meu salão pequeno, que é o salão de Ogum, mas é ali onde eu trabalho, eu me sinto aconchegante, me sinto satisfeita ali por eu ter conseguido fazer aquele barracão. Eu consegui fazer com as forças divinas e deles porque, se fosse mesmo pela minha, eu acho que eu não faria não. E foi assim, minha vida é essa daí, trabalho e gosto, viu? Tenho minhas obrigações que eu faço, que é um caruru, tem a feijoada de Ogum que é de junho, tem a mesa branca de Obaluaê, eu faço junto com os caboclos que é no dia 16 de agosto, eu tenho um caruru que é no dia 26 de outubro e tenho um tabuleiro de acarajé que eu faço para lansã no mês de dezembro, antes do dia 18. Aí pronto, já tem o encerramento do ano, que é antes do dia 18 e depois eu volto a trabalhar de novo na primeira semana de janeiro. A minha história é essa.

C: E o candomblé e a umbanda mudaram a forma como a senhora vê a rua? **E9:** Mudou. Vamos voltar, assim, eu vou na rua, eu entro em uma loja, entra uma pessoa atrás de mim, essa pessoa pode ser um ladrão, mas mentira. Aquele dalié uma das pessoas da loja que tá trazendo eu como ladrão. É isso que me tirado sério, é eu não ser e ser vista como ser. É isso. Eu sou simples, eu sei que eu sou simples, não sou uma pessoa muito abafada para fazer as coisas. Agora,

na hora do meu trabalho, do meu trabalho do axé eu trabalho mesmo e a rua muda, o axé muda a gente para o jeito de ver a rua.

C: Muda como? Como assim muda? O que é que muda? Se a senhora puder falar, claro.

E9: Muda porque a gente que é do candomblé, quando a gente sai, a gente já é visada pelo pessoal. É por isso que a rua muda.

C: E sempre foi assim?

E9: Sempre, sempre. Nos hospitais, que eu considero como rua também, as pessoas, as vezes, não querem atender antes, quer atender por último e olhe lá, as vezes não quer nem atender, se puder não atender, não atende. Nos bancos, as vezes não atende porque fica botando dificuldade por causa de uma conta que tá no pescoço, por causa de um brinco que tá mostrando um desenho do candomblé. Sempre foi assim e sem contar que traz a gente como ladrão porque se eu for comprar algo, esse algo é 200 reais, eles são capazes de botar para 500 reais porque eu ganho muito, que na cabeça deles eu ganho fácil e isso é eu e isso é muitas pessoas e isso é todos os do candomblé. A não ser alguns que tenha suas amizades por aí e tal, mas eu sei que comigo sempre foi assim. **C:** Eu pensando aqui, né? Com base no que a senhora tá falando. Eu podia pensar que a relação do sagrado, né? Do candomblé, da umbanda, do axé coma rua é uma relação de quê? Uma relação de respeito?

E9: É uma relação de respeito, mas o povo não respeita a gente com o candomblé não. Quem respeita a gente do candomblé são os próprios do candomblé. Um cristão não respeita a gente, desafia, pisa, se possível, que já aconteceu, até cospe, viu? Tem outros que vai no candomblé e tudo, as vezes precisa, vai lá, mas não tem aquela crença, também desafia. A gente não tem, assim, um respeito total não. Por exemplo, é o que eu vejo muito, não tem um respeito total não. A gente é muito discriminado.

C: É complicado, né? Porque tudo o que a gente quer é só respeito e tranquilidade para viver a vida, né? E a gente vê muita falta disso.

E9: Olha, eu nunca fui parada em canto nenhum, essa resposta é outra, para uma pergunta que teve lá atrás, mas eu nunca fui parada, graças a Deus. Por polícia, já, mas ele me tratou com todo respeito e com toda sinceridade. Assim, a gente ia arriar um trabalho e nesse tempo eu estava com o marido, aí ele perguntou assim: “é o

quê que você está levando aí nesse carro?” porque ele estava procurando alguma coisa de errado, né? Que estava acontecendo, aí a gente estava levando uma abóbora muito bonita e está abóbora estava quente, viu? Aí a abóbora muito bonita, a polícia veio tocar a mão, quando ele tocou a mão, ele viu a quentura. Aí ele pegou e disse: “não, arreie logo aí, faça o que você vai fazer aí, imediatamente. A gente estamos procurando 3 bandidos que pôs fogo não sei onde” e estava naquelas mediações. Aí a gente pegou e fez e eles ainda chegaram e deram uma volta, assim, ficou mais adiante esperando agente terminar. Então, eu ainda achei que eles ainda tiveram respeito de esperara gente.

C: Consideração, né? De vocês terminarem o trabalho e proteger, né? No sentido de não deixar vocês ali, sozinhos.

E9: E o lugar era bem perigoso mesmo, é perigoso até hoje. Outra vez, também, eu fui dar socorro a uma criança na Boca do Rio. O menino errou o caminho, a polícia seguiu e pegou a gente. Aí, revistou os meninos e veio me perguntar o que era que eu tinha na bolsa, na sacola, que era uma sacola grande, cheia comas coisas. Aí ele viu que as pipocas, o milho branco, essas coisas estavam quentes, também, aí ele perguntou o quê que eu ia fazer, eu falei, quando eu falei o nome da pessoa que eu ia para casa, o rapaz foi chegando de junto de mim, aí liberou a gente, mas, também, tirando essas duas vezes, eu não tive mais não. Mas na rua a gente é discriminado, pessoal para, os carros param, xinga, falam muitas coisas e a gente estamos fazendo o que a gente sabe fazer, o que a gente é mandado fazer, o que a gente é escolhido para fazer. Eu sou escolhida para isso, então, nesse escolhimento eu gosto de fazer e gosto de trabalhar, eu gosto de ver as pessoas felizes, eu amo ver a felicidade das pessoas chegar assim e dizer: “poxa, eu fui na sua casa” ou “eu fui em uma casae eu me dei bem” isso, para mim, é um abrir o coração, mas o povo não quer isso, né?

C: O povo complica mais do que descomplica, que ninguém é obrigado a querer, né? Mas eu acho que todo mundo devia ser obrigado a respeitar quem quer e a deixar as pessoas fazerem o que elas querem, o que elas acreditam, a expressar sua fé, a expressar, como a senhora diz, né? Suas obrigações religiosas com liberdade, tranquilidade e segurança, o que não é o que a gente vê, né? E é complicado que Salvador é uma cidade tão cheia de terreiro, tão cheia de roça, né? Depende de como chama, as pessoas chamam diferente e tanto preconceito o tempo todo. Então, é como a senhora falou, né? Quantas pessoas vão, usam do serviço, né? Oferece

coisa para uma divindade, para um orixá e depois menospreza o trabalho dos outros, as vezes porque tá na frente dos outros, né? Uma situação, assim, difícil, de desrespeito.

E9: É, quando consegue o que quer, a maior parte delas é assim. Quando consegue o que quer, ou vão para igreja ou vão para outra casa e deixa aquela de lado e traz polícia, por isso que o pessoal sofre, deixa aquela como ruim. Aí sofre por isso, porque mais tarde vai pagar o que está fazendo.

C: Tem mais alguma coisa que a senhora ache importante falar dessa relação do sagrado com a rua que eu não perguntei? Alguma coisa que a senhora quisesse deixar registrada e que eu não perguntei ou que a senhora queira chamar atenção.

E9: Tem, que o pessoal deixe de tanto preconceito com rua porque a gente quando vai para rua, não vai só. A gente quando vai para rua, ele já está lá esperando, mas de qualquer jeito a gente não vai só. Então, quando as pessoas veem falar de um Tranca Rua, se sente medo, mas não sabendo que um Tranca Rua, ele também tem um bom coração, ele tranca o que é ruim e destranca o que é bom para qualquer ser humano, basta ter a fé. E eu gostaria muito que as pessoas não cortassem os pés de árvore, não tirasse tudo de uma vez e quando vê a gente trabalhando em um pé de árvore, em uma mata, em uma beira de estrada, num poste, numa encruzilhada, não passe dizendo palavrões, que as vezes tem gente ali que nem é cristã e fica dizendo palavrões para gente e fica desfazendo o que a gente tá fazendo. É isso que eu gostaria e salve Deus, em primeiro lugar e ele há de abrir os caminhos, de Ogum de ronda para Ogum abriros nossos caminhos também.

C: A senhora falando agora me veio uma pergunta, uma outra, que eu vou perguntar rapidinho para senhora. Qual é a importância dessa natureza para senhora na cidade, né? A natureza na rua que a senhora falou de cortar árvore e tudo. Qual é a importância dessa natureza para senhora com relação ao sagrado, ao axé e como é que a senhora acha que tá a situação, hoje, de Salvador, com relação a isso, né? A essa natureza na cidade.

E9: Eles arrancam as árvores e os frutos, eles arrancam as árvores que a gente precisa e botam umas árvores que não tem nada a ver. A importância das árvores na cidade é muito bom, em primeiro lugar, a natureza é ali que vai para o universo, é dali que a gente pede, é da li que a natureza responde. As árvores respondem por nós e é ali que vai para o universo e quando não tem árvore, os nossos pedidos vão, mas será que vão rápido como é para se pedir? Como é para ser, como a gente

precisa? É natureza e a gente precisa, também, deles para arriar alguma coisa, em algum lugar e o pessoal tão tirando tudo e plantandoumas plantas que não tem nada a ver. Nós não vemos um pé de aroeira, nós não vemos um pé de manga, até os coqueiros tão poucos. O que nós precisamos, nós não estamos tendo mais, nós não vemos um pé de jaca, nós não vemos nada dessas coisas. O quanto de outras cidades, que eu já fui em outras cidades parecendo que a cidade é um sítio. A cidade parece um sítio, tem todos os pés de árvores, de frutos e não só Salvador não. São umas canelinhas que não dá para se botar nem uma farofinha, passar uns queimados para São Cosme.

C: Esá feia a coisa, né?

E9: É, para o axé está, mas mesmo assim a gente é teimosos e não só tem, mas a gente vai à frente. Eu acho que a turma do axé, hoje, está muito grande, pessoal que tá pensando que não.

C: É, eu também acho. Então, para gente não ficar aqui até muito mais tarde, eu vou encerrar a gravação da nossa conversa, agradecendo a senhora por esse tempo, né? De 1 hora conversando comigo por telefone, por ter a sensibilidade de compartilhar comigo a trajetória de vida da senhora, a importância da cidade, da rua para senhora na dimensão do sagrado, na dimensão do dia a dia também. A gente continua com o contado uma da outra, quando terminar de transcrever eu mando para senhora, está certo? Demora um pouquinho, mas eu volto a entrar em contato.

Entrevista 10: O que é isso a rua para um porteiro?**Caroline Vaz [C]****Entrevistado 10 [E10]**

C: Quando você pensa em “rua”, quais são as três primeiras palavras que vêm à sua cabeça?

E10: As primeiras então, quando penso em rua, é segurança, em primeiro lugar. Como eu trabalho... No caso é referente a casa?

C: Tanto faz. As primeiras que vem à sua mente. Se importe não.

E10: A segurança, como eu trabalho em cima de moto. A imprudência, né? Quedos motoristas está demais. E a falta de atenção.

C: Primeiro, eu queria te perguntar assim. Essas são as três palavras que mais para frente eu vou perguntar um pouco sobre elas para você.

E10: Certo.

C: Mas, primeiro eu queria te perguntar: como você veio trabalhar como porteiro? E se você pudesse falar um pouco da sua trajetória profissional, se foi a única coisa que você já fez, se você já fez outras coisas.

E10: Quando eu vim trabalhar aqui na portaria, eu comecei assim: essa vaga era cedida para o meu irmão, no caso, que ele ficou durante 1 mês, 1 mês aqui. Só que como ele tinha duas jornadas de trabalho, estava muito carregado para ele. Eu também tinha duas jornadas de trabalho, mas a minha era mais leve. Então eu aceitei ficar no lugar dele. Um mês após eu estar aqui, eu fui demitido do meu outro trabalho. Então eu fiquei praticamente... eu não fiquei desempregado. Então, de lá para cá, isso foi em 2004. 2004 de lá para cá, permanece e eu estou aqui até hoje.

C: E foi o seu primeiro emprego?

E10: Emprego, não. Já trabalhei em vários empregos. Agora, relacionados à Embasa. Aqui desde quando eu entrei eu não saí mais. Agora, assim, já tive trabalhos em várias empresas, agora sempre de área de manutenção da Embasa.

C: Sim. E vem cá, como é que você avalia o seu trabalho? Como é um dia comum aqui na portaria?

E10: Olhe, um dia de trabalho aqui normal, normal, é tranquilo. Agora, tem uns dias atípicos que chega umas pessoas mais estressadas, querendo desfazer da sua pessoa, desrespeitar o seu trabalho pela forma que você está ali, acha que você é

inferior a eles e eu não me acho inferior a ninguém. Entendeu? Não abaixo a cabeça, sempre fazer o melhor, trabalhando melhor. Mas quando ocorre esses aí a gente perde um pouco a cabeça, a paciência. Entendeu? Já deixei claro aqui. Já tive vários confusões aqui, no caso, com morador de querer chegar aqui e me agredir verbalmente porque eu não abaixo a cabeça. Porque se você abaixar a cabeça, vão querer agredir fisicamente. Aí num dia normal isso aqui é excelente de trabalho.

C: Mas como assim no dia a dia, como é que é? Tipo assim, o movimento da rua, essas coisas.

E10: Bom, o movimento da rua é aí que você vê, é só nos horários quando tem maior movimento, é o horário do pessoal chegar, do morador chegar. E a partir das dez horas, vinte e duas horas, é a hora que tranquiliza, já está todo mundo nos seus apartamentos, não tem mais movimento. Aí o movimento é agora só prestar atenção na rua que é onde rola os assaltos e aí fora o pessoal que passapedindo as coisas. Então a atenção só é essa.

C: Para quando você pensa em segurança, que foi uma das palavras que você falou. O que é essa segurança quando você pensa nela?

E10: Quando eu penso em segurança, só para falar a vocês. Só aqui, sem ser na Embasa lá, eu já presenciei vários assaltos e já ajudei várias pessoas, evitando ser assaltadas. Aqui na frente mesmo várias pessoas já foram assaltadas já. Pessoas que ficam desatentas passando aí com o celular na mão e aí o pessoal, como tem vários assaltos, já até avisa: está vindo ali. Se der para abrir o portão para a pessoa entrar, faço. Caso o contrário, infelizmente...

C: E você se sente inseguro no seu trabalho aqui?

E10: Me sinto. A proteção da gente aqui é Deus. Aqui não tem segurança. Praticamente aqui policiamento passa a cada duas horas, quando passa. Aqui no prédio mesmo a única segurança que tem é as câmeras que ele acha que isso aqui é seguro, câmera não segura ninguém. Até porque os bandidos agora assaltam e ainda botam o rosto na câmera ainda. E aqui é só nas mãos de Deus mesmo.

C: E no dia a dia quando você está se locomovendo na rua, você se sente seguro?

E10: Não, em nenhum momento. Inclusive eu já fui até assaltado, perdi uma moto. Perdi uma moto. Uma moto com um mês de uso, a sorte que estava no seguro. Dois elementos me abordaram – inclusive não tinha polícia no local – me abordou com várias ameaças e xingamentos, eu tranquilizando eles. Eles não sabiam nem ligar a moto, para você ter uma ideia, mandando eu ligar a moto, porque eles não estavam

acertando ligar a moto. Eu falei: pode levar a moto que a moto é sua. Agora, ele querendo atirar, é essa aí a insegurança na rua.

C: Quando você está no trabalho, você costuma prestar atenção na rua, no movimento da rua?

E10: Costumo.

C: E o que é que chama a sua atenção?

E10: Primeiramente, como a gente trabalha em vários bairros, a gente costuma ver que agora esses bairros periféricos têm as facções: comando vermelho, C.V, e por aí vai. É B.D.M, as facções deles lá. Então quando a gente já sabe que é uma área de risco a gente nem entra. Agora tem a surpresa, o fator surpresa é o local que você já está acostumado a trabalhar ali, num outro dia que você vai trabalhar ali já montaram uma boca de fumo. Então ali é o fator surpresa que você entra sabendo que não tem nada ali e é ali onde você toma a surpresa, é arma na cara... E Deus no comando, no controle de tudo, porque aí deixa só o tempo de tomar a arma, revista sacola para saber se tem arma, perguntar se a gente é polícia e aí, pronto, a gente segue o nosso caminho.

C: Isso aí você está falando do trabalho da Embasa?

E10: Da Embasa.

C: Como é o trabalho no dia a dia na Embasa?

E10: O trabalho no dia a dia na Embasa é um trabalho que você tem que ter bastante atenção, ver o local em que você trabalha. Como eu trabalho em cima de moto, ter atenção o tempo todo, no caso, é com os carros, e, como eu falei avocê, se o local é de bairro de área de risco. Então esse aí que é o dia a dia. É um dia que começo, pego o serviço lá, oito da manhã e vou até as dezessete horas. Eu saio daqui e vou para lá e depois casa e descanso. Agradeço a Deus por mais um dia.

C: É, deixa eu te perguntar uma outra coisa. Todo dia você se desloca pela Embasa?

E10: Todo dia. Saio daqui, como eu saio sete da manhã, aí eu já vou direto, aí bato ponto. Geralmente, como é um trabalho que a gente tem como adiantar, agilizar, para poder descansar um pouco de tarde antes de arrumar para a empresa. Então, geralmente, eu trabalho até uma hora da tarde. Aí depois eu vou para casa, almoço, descanso e retorno para a empresa de novo.

C: Os deslocamentos que você faz no dia a dia são longos?

E10: São longos. Chegam a ser... eu já marquei, às vezes eu vou cobrir água de

Simões Filho e daqui para lá eu tiro 32 quilômetros para ir, fora o deslocamento que você roda a cidade toda de Simões Filho, aí depois você retorna para casa. Geralmente dá uns 80 quilômetros de “Água”, tanto para Simões Filho como em Águas Claras, é um percurso longo.

C: No dia a dia, assim, para as necessidades do dia a dia. Primeiro eu vou na ordem. Primeiro eu quero saber onde você mora.

E10: Certo. Pronto. Eu moro na área do Cabula, o bairro é Tancredo Neves, mas a área é do Cabula. Naquela região ali que é tudo Cabula, porque é dividido: Cabula V, Cabula III... aí só que ali o bairro é Tancredo Neves.

C: E aí você, no dia a dia, faz deslocamentos de casa mais para perto ou mais para longe de casa?

E10: Mais para longe.

C: E no você fala assim para longe, você vai como? Como é que você faz esses deslocamentos?

E10: Deslocamento eu faço de moto, porque eu trabalho em cima de moto. O carro a gente só usa final de semana num lazer no dia da folga. E às vezes também quando eu necessito de um trabalho da gente sábado e domingo, a gente tem que estar à disposição da empresa lá como aqui que é plantão, não é? Mas é só de moto o deslocamento.

C: O deslocamento é de moto tanto para fazer coisas do dia a dia quanto do trabalho?

E10: Isso.

C: Com que tempo você usa para resolver coisas do dia a dia? Como é que funciona essa rotina para dividir e resolver uma coisa do dia a dia?

E10: Ah, dia a dia é assim, no caso, no dia da minha folga dá para conciliar. Entendeu? Porque nem sempre lá na Embasa eu tenho folga é só mesmo sábado e domingo, quando a demanda de serviço está pouca. Mas quando a demanda está muita a gente trabalha sábado e domingo, às vezes fecha os 30 dias trabalhando sábado e domingo. De segunda à sexta e aí vai, os 30 dias domês. Demanda aí às vezes não falta tempo nenhum de fazer as necessidades, no caso, um mercado vai eu, tem que ir de carro com a família, mas só a partir da noite depois das dezoito horas.

C: E no dia a dia, assim, fora do trabalho, você costuma se deslocar a pé em Salvador?

E10: A pé? Não. Eu não lembro qual foi... Assim, eu posso para só atividade física, mas para resolver alguma coisa, assim, para eu sair de casa para resolver, eu não sei qual foi o tempo que eu andei de ônibus, no caso, a pé.

C: E, deixa eu te perguntar, você faz atividade física e você sai para fazer caminhada. Aí você faz caminhada lá no bairro mesmo?

E10: É. É num bairro próximo, né? É no bairro mesmo que eu moro que é o bairro da Paralela, no caso ali, o Imbuí, eu desloco o carro, vou lá, paro e aí vou fazer minha atividade, uma hora de caminhada.

C: Aí você vai de moto para o Imbuí?

E10: Não, eu vou de carro. Moto eu só uso para trabalho.

C: Aí você faz exercício todo dia?

E10: No dia da minha folga à noite, porque eu só faço à noite. No caso, hoje trabalhando, aí só amanhã à noite agora.

C: Entendi. Deixa eu te perguntar. Você acha que quando você era mais novo, de quando você era criança... Você nasceu aqui em Salvador?

E10: Nascido e criado.

C: Você acha que quando você era mais novo para agora a sua relação com a rua mudou?

E10: Não. Desde novo que eu já conheço a rua, já saía, desde novo, criança. Já vendi em praia, já conheci ali o Iguatemi quando era totalmente reestruturado, que agora é Shopping da Bahia, ficava ali vendendo. Foi no tempo da ficha, para você ter uma ideia. Vendia ficha ali no Iguatemi. Já vendi na Lapa, na Estação da Lapa ali já vendi, nas praias: Ondina, praia do Buracão ali. Bem novo que eu já trabalho.

C: Então sua relação com a rua sempre foi para vender desde criança?

E10: Isso. É, sempre trabalho.

C: E quando você era criança como é que era trabalhar fazendo essas coisas? **E10:** Eu sempre, não sei se é de genética dos pais mesmo, porque meu pai trabalhou sempre desde novo, mas eu sempre gostei de trabalhar, nunca fui obrigado a trabalhar. Eu sempre gostava de trabalhar, entendeu? Isso era uma coisa que meu pai deixou bem claro, tanto que quando a gente trabalhava no nosso salário que a gente vendia lá ele não pegava nada. Era tudo para consumir nosso, roupa, o que for. Entendeu? Mas era sempre consumo nosso, tanto que era sempre mais prazeroso trabalhar.

C: Você começou a trabalhar com quantos anos?

E10: Eu na época com 11 anos já estava saindo para vender.

C: E aí depois você parou de vender quando começou a arranjar trabalho em empresa?

E10: Isso. Aí já foi a partir dos 18.

C: E como era conciliar o trabalho com o estudo?

E10: Eu sempre tinha um horário assim: eu estudava pela manhã - aí na época era de oito [horas] a meio dia, aí ia para casa, almoçava – e à tarde para fazer essas coisas. Mas sempre tralhava e estudava, é tanto que eu concluí o Ensino Médio. E depois disso foi trabalho atrás de trabalho. Agora, não fiz nenhum cursotécnico, nada. Sempre trabalhei desde novo, aprendi a profissão de encanador também e aí segui a profissão também.

C: Quando você vendia na praia ou no Iguatemi, como é que era o dia a dia? No que é que você pensava? Como era o dia a dia, o que era um dia normal de trabalho para você?

E10: Olha, como para mim era mais prazeroso do que, tipo assim, você ter que vender para sobreviver, então já não tinha aquele peso de ficar o dia todo na rua. Eu ia para lá e o que vendesse era meu o que não vendesse guardava para vender no outro dia. Então eu nunca tive esse peso, assim, como agora que as coisas apertaram mais de você levar uma coisa para casa. Porque a gente sempre teve renda, meu pai nunca deixou de faltar nada. Então a gente saía para vender porque era para ter um algo a mais. Querer comprar uma bicicleta, uma coisa assim, então a gente ia porque era coisa nossa. Então eu tinha mais prazer de estar ali vendendo do que de propriamente ter aquela coisa de você estar ali por necessidade.

C: E enquanto você estava ali vendendo, você prestava atenção na rua e no movimento?

E10: Eu prestava. Mas pelo fato de eu ser novo eu não conhecia muito a rua e não sentia a maldade do que estava no entorno, mas ficava sempre em um grupo que tinha as pessoas que era de senhores que já estavam vendendo ali e aí pronto, me sentia protegido e seguia.

C: Quando você fala de aprender a rua, o que é isso?

E10: Aprender a rua porque você vê que hoje em dia tem muitas pessoas perversas na rua, não é? Muitas pessoas perversas. Então você não sabe quem é que está do seu lado. Você não pode confiar nessa pessoa 100%. Muitos me chamavam para fazer a venda em ônibus, como não tinha credencial, você podia entrar em ônibus e

rodar a cidade. Mas como eu não tinha essa malícia porque eu era novo, eu gostava de vender num local fixo, parado ali. Porque ali eu conseguia pegar o ônibus dali para ali e dali para a casa, era só. Daí eu sempre tive essa malícia da rua, nunca procurei andar com amizades e não sei o que, porque eu sabia que era caminho errado, sempre fui mais só.

C: Deixa eu te falar. Quando você era criança, você brincava na rua?

E10: Brincava.

C: Como é que era isso?

E10: Brincava de bola. Era todo tipo de arraia. Todo o tipo que você imaginar aí de esporte. Gude já jogava, fura pé, isso aí. Eu nunca fui privado de brincar de nada.

C: Mas você tinha medo quando você era criança?

E10: Não. Medo não. Eu cresci numa área, essas áreas assim que a gente cresce de bairro periférico, sempre tem facção e a gente via muita coisa. Só que eu não me envolvia, meu pai também não deixava eu me envolver, eu não gostava também, e eu brincava no meio dos meninos lá e graças a Deus nunca tive desavença com ninguém. Não tinha medo porque eu já fui criado numa área que você tem que saber viver. Deixa ele lá que ele não vai mexer com você. Jogava bola, jogava a minha gude o dia todo ali e pronto.

C: E brincava fora do horário de escola?

E10: Isso. Sempre, no caso, a escola sempre foi prioridade lá em minha casa. Meu pai e minha mãe deixavam isso claro: a prioridade é a escola. Quando terminava as atividades de escola, não tinha assunto lá nenhum, então a gente ia brincar.

C: E aí, você parou de brincar na rua com quantos anos mais ou menos?

E10: Na rua eu parava de brincar quando, eu acredito, talvez, que meu último esporte foi arraia. Foi quando eu adoeci com a doença do sol, porque eu ficava muito tempo no sol, na maior parte da tarde depois que eu vinha da escola. Então o sol ele cozinhou as minhas vistas, cozinhou. Então eu começava a urinar vermelho, aquela coisa. Então eu tive que fazer um tratamento. Aí depois disso eu esqueci e fiquei só no futebol. E o futebol eu larguei depois que eu sofri duas fraturas no rosto e falei: “então não vou dar mais para ser jogador, vou parar por aqui mesmo”. E eu só faço atividade física hoje adulto só quando dá.

C: Nessa época que você [...], porque 11 anos é muito novo, né? Quando você ia vender, você ainda brincava na rua? Com que idade mais ou menos você parou?

E10: Na rua, eu acredito que parei com uns 15 anos, na rua mesmo, molequinho. Aí

depois começava a já vender outras coisas, a fazer entrega com meu irmão. Não era habilitado, ele quem pilotava, mas eu tinha noção. Então eu ia fazer as entregas e aí ele ficava na moto. Aí depois quando eu peguei a noção, eu ficava na moto e ele ia fazer as entregas. Entendeu? Mas na rua eu acho que até uns 14 anos e ficava na rua de molequezinho.

C: De brincar?

E10: É. De brincar de bola, essas coisas, arraiá eu ainda brincava.

C: E aí brincava e vendia?

E10: Isso.

C: Você tem boas memórias desse tempo de brincar na rua?

E10: Tenho. Eu lembro quando eu vendia no Iguatemi, lembro quando eu jogava bola, lembro que eu jogava gude e algumas memóriaszinhas que vão aparecendo, assim, que a gente lembra, mas são coisas específicas. Aí o que eu lembro mais é quando eu jogava bola em casa, moleque na rua, em frente de casa na ladeira. Aí a gente subia e descia pegando a bola lá, é a época que mais lembro.

C: E você acha que do tempo que você cresceu para cá a sua relação com a rua mudou? Pensando nessas coisas.

E10: Mudou. Eu sou mais caseiro agora. Eu vejo muitas coisas, porque como eu tenho filho agora, eu não deixo meu filho brincar na rua mais. Porque os tempos de hoje não são mais os tempos de antigamente. Antigamente você tinha mais liberdade de brincar na rua, hoje não tem condições. Então, eu mesmo é trabalho/casa. Quando eu tenho a oportunidade pego a família e saio, mas para estar em rua [...]. Se eu estiver [na rua] é trabalhando ou casa, mas para estar em rua sentado em porta eu não fico mais.

C: Mas ainda tem hoje lá perto de onde você mora gente que fica sentada na porta da rua?

E10: Tem. Tem crianças que brincam na rua, mas eu já não deixo o meu brincar.

C: Por quê?

E10: Porque os pais são liberais. Eu já vi várias coisas de moto, risco de acidente. Os camaradas que sobem lá empinando moto em ladeira, em alta velocidade em ladeira, num local que você precisa descer devagarzinho, ele desce com risco de botar uma criança, uma pessoa, e atropelar. Então eu vejo aquilo ali, antigamente eu não via aquilo e agora está banal. Ninguém respeita ninguém e aí eu prefiro em casa, prefiro ver meu filho em casa comigo. Quando é para brincar ele sai e brinca

fora comigo.

C: Quando você vai se deslocando em Salvador de moto uma das palavras que você falou foi “imprudência”. Quando você vai se deslocando de moto o que é que você repara em Salvador?

E10: Ah, Salvador é uma cidade... eu não conheço outra cidade, mas eu falo de Salvador. Salvador se você não andar 101% atento, você está em risco a todo momento de acidente. Eu mesmo já... teve acidente comigo, graças a Deus, porque eu ando muito atento. Já evitei de ser atropelado muitas vezes, no caso, em cima de uma moto, das imprudências do pessoal que está no celular, desligado. Então, tanto com moto mesmo. Teve um caso mesmo comigo, foi ano passado, o cara deu uma contramão, olhando para a direita, eu no canto para entrar no posto e ele [batendo as mãos para simular impacto de batida] colidiu comigo.

C: Foi mesmo?!

E10: Foi. E eu buzinando para ele, parei a moto, e ele veio e colidiu comigo. Só que o prejuízo pagou todo. Sorte que eu não tive nenhum arranhão, porque eu praticamente estava parado e ele descendo na contramão. Depois eu soube que ele disse que é cego do olho esquerdo e faz, para você ter a ideia do absurdo, transporte escolar. Ele disse: “desculpe é que com esse olho de cá eu não enxergo não”. Aí eu virei para o carro e era Escolar. E eu peguei o carro para abastecer [interrupção na entrevista para abrir portão do prédio]. Quer dizer, ele olhando para o outro lado, e eu buzinando, quando ele olhou para cá – eu estava na esquerda – ele não me viu. Porque esse olho dele aqui, ele não enxergava não.

C: Aí quando você pensa em imprudência, você só pensa nessas coisas assim?

E10: Nessas coisas.

C: Tem muita imprudência de pedestre também?

E10: De mais.

C: Como é que é imprudência de pedestre?

E10: Carol, é o pessoal que passa e eles acham que podem passar em qualquer local. Passa por trás de ônibus ou na frente do ônibus sem olhar primeiro, já quer passar, cruzar direto. E aí se você não estiver atento direto, como eu falo, é isso. Você tem que passar buzinando e não a toda velocidade. Tem que passar sossegado, porque ali é o risco a todo momento de você pegar alguém. O ruim dos pedestres é esse acha que podem passar em qualquer local, olham para cima, vai no celular também – celular é muita causa de acidentes – e aí é o que acontece.

C: Fora do trânsito que é essa imprudência, essa falta de atenção, que você está falando, você presta atenção em outra coisa da cidade ou da rua, quando você está andando de moto? Alguma coisa chama à sua atenção?

E10: Ah, das coisas que me chamam mais à minha atenção, no caso, é mesmo só a insegurança. No caso, como eu falei a você, a insegurança do que eu presto à atenção. No caso, como a gente está entrando nos bairros o que eu vejo, além dessa imprudência aí, é só que a gente fica mais atento, como eu trabalho na rua e aqui também. Aqui eu fico atento, se passar alguns caras pedindo coisa, aí eu fico atento para ver se não estão de dois. Porque às vezes ele pede uma água, para você se deslocar lá para dentro pegar, enquanto o outro está fazendo. Então eu presto à atenção nisso, no caso, se ele está de dois e se eu posso ir. Como eu vejo que está em dois eu não saio: “rapaz, não tem água não”. Aí ele já sabe que está mal-intencionado. Porque às vezes ele pede água aqui enquanto o outro já vai monitorar a situação. Entendeu? E na rua eu presto muito à atenção nisso se tem ponto de droga para eu já nem ali eu ir mais, aí eu já marco para naquele local eu nem ir mais.

C: No geral, quanto tempo você leva se deslocando em Salvador por dia?

E10: Por dia só de deslocamento eu gasto daqui para Águas Claras 20, 25 minutos. Eu acredito que só de deslocamento de uma área para a outra em cidade uma moto, eu acredito que umas 4 horas. Porque como eu faço um trabalho específico, trabalho aqui aí me desloco para outro local, faço aquele serviço e às vezes nem sempre o serviço é concentrado e dali você vai para outro local. Então, umas 4 horas.

C: No dia? Então entre sair do trabalho ir para o outro trabalho, ir para a casa almoçar, voltar para a empresa.

E10: É, mas é porque quando eu vou para casa almoçar, eu fico descansando. Eu só vou na empresa de novo bater o ponto e aí retorno para casa. Você entendeu? É um deslocamento de 20 minutos a 25 minutos, no caso. Aí, como no caso, eu saindo de casa para cá aí eu venho da Embasa bato e ainda descanso mais um pouco. Aí como eu pego sete aqui, dá para ficar em casa uma meia hora ainda, meia a quase uma hora. Eu chego cinco e quarenta, aí saio delá seis e trinta e cinco para seis e quarenta e chego aqui para render o colega. **C:** O que é que você acha da sua rua?

E10: A rua? Eu pretendo sair de minha rua. Pretendo, como a gente está construindo uma casa em outro bairro lá em Camaçari. Só que eu sou nascido e

criado lá. Então eu como trabalho em vários bairros, eu sei que tem muito local pior do que onde eu moro. Lá eu não digo assim que é um lugar às mil maravilhas, mas não tenho pressa e também não condeno o local onde eu moro, porque muitas pessoas fazem isso. Já não tenho o que dizer, brincava de bola na rua. Agora, para hoje eu estar lá, eu pretendo sair, agora, não tão de pressa. **C:** Por que você pretende sair?

E10: Pretendo sair porque eu moro num local que é ladeira. Desce carro, tem lugar de botar meu carro, garagem e tudo, mas a gente já pensando no futuro, na velhice. Um local que é mais tranquilo, livre disso aí. Porque lá ninguém quer gente, mas é um local que você não pode estar o tempo todo confiando. Você está chegando, possa ser que tenha um confronto de facção ou isso e aquilo. Então um local que você mora ninguém vai na sua casa procurar atrito, mas é um local que você tem que procurar o melhor futuramente já pensando na velhice.

C: Como é a infraestrutura da sua rua?

E10: A infraestrutura da minha rua quem organizou foi a gente mesmo, os próprios moradores. Porque político só vai lá em época de eleição. O que eles prometem a gente pede. Aí eles chegam lá: “vou fazer e acontecer”, mas na hora somem. Então quando tem qualquer coisa: vazamento. A gente mesmo, morador, quando eu trabalhava na Embasa, a gente que vai solucionar. Quando precisa de recapeamento a gente mesmo morador que faz, completa, junta lá e dá, porque se fosse esperar por eles.

C: Então são vocês que arrumam a rua?

E10: Isso. Os próprios moradores.

C: E como é que começou? Como é que vocês começaram a se organizar para arrumar a rua? Me conte aí como é que foi isso.

E10: Nessa rua em que eu morava era toda irregular, não descia um carro para você ter uma ideia, meu pai quem começou. Eu era criança ainda, na época quando eu falei que jogava bola, não tinha condições de jogar bola nesse local. Meu pai ajeitou. O primeiro local onde foi ajeitar nessa rua foi obra de meu pai. Ele ajeitou toda, fez uma canaleta, ficou um negócio organizado. E aí dali em diante que o pessoal gostou do serviço dele, aí foram falando com ele que iam cooperar e que iam começar a fazer. E aí conseguiram as manilhas com um vereador. O vereador prometeu botar a manilha e só deixou a manilha lá, a gente, moradores mesmo que botamos e canalizou. E aí que foi ajeitando de concreto e hoje em dia a rua está lá.

E aí qualquer coisa que quebra a gente mesmo vai fazer o serviço, inclusive até hoje eu consigo fazer. Porque se depender de alguns moradores lá que falam: “eu não tenho cano, eu não vou fazer”, então eu perco um dia de domingo, já perdi uns três dias lá para solucionar um vazamento de esgoto.

C: Fo mesmo?

E10: Foi. Teve que fazer canaleta, botar a manilha lá, tirar, deixar secar, depois cobrir, dar o concreto e a gente interdita a rua para fazer isso. Não passa carro, passa só morador.

C: Você acha que essas iniciativas dos moradores fazerem as coisas têm mais pelo bairro? Não é uma coisa isolada não?

E10: Não, tem. No caso, no bairro onde eu moro mesmo lá tem porque tem outras ruas também que eles fazem a mesma coisa. Porque esses vereadores não vão lá, só vai na época de eleição. Eles não vão para... ou senão não asfalta, ele chega lá e joga meio mundo de borra de asfalto e vai embora.

C: E o que é que você acha disso dos próprios moradores fazerem as coisas? Como é que você vê isso?

E10: Eu acho que é uma boa iniciativa, porque a gente tem que melhorar o ambiente em que mora. Se for esperar esses poderes públicos aí, como eu sempre falei, prefeitura nenhuma vem aqui, se nós mesmos não pegar para fazer não vai estar aí. Tudo quebrado, criança não brinca e por aí vai.

C: Além do asfalto na rua, vocês resolvem idem encanamento, vocês resolvem mais o que na rua? Vocês organizam evento

E10: Aí já tem a Associação. A Associação que eu já não participo e não sei como funciona. Mas tem a Associação lá, mas não cria evento. Evento, tipo assim, eles correm atrás dos vereadores nas épocas ali para ver se consegue. Tinha um rapaz lá que ele era comerciante, então toda época de Dia das Crianças ele comprava brinquedo para reunir, mas já tem uns 3 anos que ele não faz mais isso.

C: Tem muito evento na sua rua? Tipo assim: passeata, churrasco, paredão.

E10: Paredão tem, financiado pelo tráfico.

C: Mas tem paredão direto?

E10: Aos finais de semana. Raramente, aliás, raramente não, a cada 15 dias. Aí as vezes também quando a polícia vai lá que descobre com antecedência, porque é divulgado, os paredões são divulgados agora no Face. E aí, pronto, organiza e aí o coro come [risos].

C: E o que é “o coro come”? [risos].

E10: O coro come é eles mesmos lá. No caso, as festas. E aí, pronto, as mulheres lá, é gente de fora indo. Os paredões eles botam os carros e aí prontificam lá. Aí as vezes também quando a polícia não quer ir lá o negócio funciona tranquilo, aí vai mesmo só os moradores de lá, mas não é próximo da minha casa não.

C: Agora, incomoda?

E10: As pessoas que moram próximas devem gostar. Eu se fosse perto lá de casa incomodava, mas também não iria denunciar, não ia falar nada, eu ia fechar as portas. Graças a Deus é afastado. É o tipo da música, né? Incomoda, mas tem muitas pessoas que gostam. As vezes até quando não tem o paredão eles botam as caixas lá, os próprios moradores, com as músicas do paredão e não se incomodam em nada.

C: Sua vizinhança como reage a isso? Tem conversa entre vocês sobre isso? **E10:** Não. No caso, os vizinhos lá são o seguinte: tem as festas dos vizinhos que você sabe que quando até não entra o álcool no sangue o som está ambiente, tranquilo. Mas a partir de quando o álcool já entrou no sangue, já está todomundo agitado, aí não tem mais respeito não. E aí aumenta o som, e aí as casas como são coladas você escuta até a sua porta tremer. Então eu já cheguei uma vez, eu saí duas e pouca da manhã para pedir para eles tirarem o grave do som, porque já estava incomodando. E aí, automaticamente, ele disse que não sabiam mexer, porque o som era novo e não sabia, mas que ele ia abaixar e ele abaixou. Mas outras festas depois aconteceu a mesma coisa.

C: Como é que você se sente com relação a essas coisas? Essa história do som do vizinho invadir sua casa.

E10: Assim, como eu sou nascido e criado lá e ele já tem muitos anos lá também, entendeu? E é só o problema mais do lado de cá e os outros são todos tranquilos. E aí é sempre quando tem festa e é mais a partir das duas e tanta da manhã que é quando o pessoal já está todo cheio de cachaça e aí eles abrem o som todo. Então, inclusive agora, é recente, na virada do ano, eu estava trabalhando aqui mas eu soube que quando eu cheguei em casa, já sete e meia da manhã, o som estava altão lá. Como eu tenho o som potente em casa também, eu esperei desligar o som, quando eles foram dormir, eu aí descansei, e quando eles foram dormir eu falei “é agora”, peguei o meu som e botei direcionado para a casa dele e aí abri toda a potência. Então ficou lá umas duas horas com os sons lá do lado de fora e aí estrondando. O que eu senti

pena foi do meu vizinho de frente que eles são cristãos e eu vi que ele saiu para a igreja num horário que ele não é acostumado sair. [pausa na entrevista para abrir portão do prédio]

C: Sim, a gente estava falando dos seus vizinhos. Você sentiu pena dos vizinhos. **E10:** Senti, senti pena deles. Aí o que é que eu fiz? Abaixei o som. Abaixei porque eu senti que ele estava um pouco incomodado, mas não falou nada. Masa pancada foi tão grande que incomodou eles lá, aí eu só aliviei por causa do meu vizinho de frente. Porque eu respeito, tem umas pessoas de idade, então eu respeito muito. Me conhecem e tudo. Aí fora isso aí a única agonia que tem é mesmo essas épocas, não é nem da parte deles, são mais as pessoas que vêm de fora e que se empolgam e que aí não respeitam.

C: Moram quantas pessoas com você hoje?

E10: Hoje moram 5 pessoas.

C: Você e mais 5?

E10: Eu e mais 4.

C: E vem cá, e o seu lazer qual é?

E10: Hoje em dia eu abri mão de lazer. Tem umas pessoas que dependem de mim, então o meu lazer é mais estar com a família. No caso, sair para a praia, na medida do possível, quando dá. Não tenho ido agora devido essa crise de pandemia que está tendo aí. Mas quando dá é praia, clube – raramente, agora, também depois que fechou a gente não está indo mais – bola não jogo mais, gostava muito, não jogo mais, justamente por isso, depois de sofrer 20 fraturas no rosto com menos de 3 meses de uma para outra eu aí disse: “é, ou eu me dedico à família ou vou me deixar ficar inválido”, aí eu abri mão do lazer.

C: E na quarentena?

E10: Na quarentena é casa, Camaçari – no caso, fico lá que a gente tem uma areazinha que a gente está construindo e tem uma areazinha para poder entrar – e de vez em quando na praia. Só fui na praia ultimamente duas vezes no mês, eu saí de férias agora em dezembro e só fui duas vezes no mês.

C: E quando você pensa na sua rua onde você mora, como é que você vê sua relação sua rua? Você acha que ela é boa que ela é ruim?

E10: Para mim, eu não tenho o que dizer não. Têm pessoas que não gostam. Eu vejo lá muitas pessoas reclamando: ah, porque é isso, porque é aquilo. Eu falo: “ah, rapaz, mas tem lugar pior”. [pausa na entrevista para atender interfone] **C:** Você

estava falando dessa relação com sua rua e que tem gente que reclama. **E10:** Eu digo lá: “rapaz, tem local pior. Por isso que eu não falo daqui. Eu gosto muito daqui e gosto dessa rua” [pausa na entrevista para atender interfone]

C: Sim, sua rua.

E10: Sim. Aí eu mesmo procuro não falar mal. Porque como a gente trabalha, a gente sabe o tanto de local em que o morador é repreendido pelo tráfico, de tudo aí, infraestrutura que você chega no local que... Como a gente mesmo que eu falei para você, a gente mesmo ajeita lá. Você vê que lá não tem esse pessoal que tem sangue no olho que se a gente não fizer tem gente que espera pelos governantes, e aí a gente pega. Então lá mesmo, por isso que eu falo a você que não tenho o que dizer da minha rua. Eu gosto muito de lá.

C: Quais seriam os sentimentos que você diz, assim, quando você pensa em ruacomó é que você se sente? Não são mais as três primeiras palavras, mas quando você pensa na sua rua você se sente como.

E10: Eu lá me sinto protegido. Eu me sinto assim, no caso, a única coisa que eu não gosto lá é o fato de ser ladeira. Então para mim não pega porque eu saio de moto eu não sinto tanto, no caso, se for precisar comprar uma coisa no mercado que for a pé, aí eu já sentia o cansaço porque é uma ladeira puxada. Mas como eu ando de moto, precisar executar alguma coisa eu já não sinto tanto. Então para mim não tem diferença.

C: E o que é que você pensa, no geral, sobre Salvador? Como é que você vê a cidade quando pensa em Salvador?

E10: Salvador é uma cidade que é muito desigual. Só foca mais nas... agora não que eles estão focando mais em algumas áreas periféricas do subúrbio agora que vai melhorar, estava vendo ali, o VLT agora. Vai tirar o trem e vai botar um tipo de trem rápido mais para melhorar. Mas quando você sai dali das áreas que é do Centro e vai para a área do subúrbio é muito desigual. É muito esgoto a céu aberto, é triste. Você não vê área de lazer para as crianças que estivesse bem tratado, é esgoto a céu aberto. É desigual. Eu não conheço outra cidade Brasil afora, mas Salvador é uma cidade que é desigual.

C: E para você o que é que significa sair à rua? Quando diz assim “eu tenho que sair na rua”, significa o quê?

E10: O significado de eu sair na rua é a necessidade, porque hoje em dia eu não tenho vontade de sair na rua para ficar na rua de conversa com os amigos. “Ah, vou

sair na rua para estar no barzinho”. Sair na rua para mim é uma necessidade, sair na rua com o objetivo do que eu vou fazer.

C: Caso o contrário, quando você pensa, por exemplo, na sua infância que você brincou muito na rua ou na adolescência, sair na rua para você tinha outro sentido?

E10: Não. O sentido da rua era só mais diversão mesmo, como eu falei para você, eu não tinha obrigação de estar na rua para trabalhar e trazer sustento para a casa, porque eu nunca tive isso. O objetivo que eu tinha era sair para ter o meu objetivo, no caso, comprar qualquer coisa que eu quisesse. Então, eu não fui criado pelos meus pais dizendo assim: “você tem que ir lá vender porque eu quero isso aqui”, nunca tive isso. Então sair na rua hoje para mim é necessidade. Eu só saio se eu tiver necessidade de alguma coisa ou comprar isso ou aquilo. Para sair para estar em barzinho com amigos não saio.

C: E você vê a sua vizinhança agindo diferente de você?

E10: Graças a Deus, não. Só se for pelas costas e eu não vejo.

C: Não. Assim, indo para a rua para conversar, para fazer esses momentos de diversão que você diz que ficou lá na infância e que passou.

E10: O meu vizinho?

C: Sim.

E10: Os vizinhos que estão na rua?

C: Sim.

E10: Eu não vejo os vizinhos ficar na rua o que eu vejo na rua mais é criança. Criança de 8, 9 anos brincando de bola. Você não vê mais vizinhança conversando em rua [pausa na entrevista para abrir portão do prédio]. Então, não tem mais porque a gente vai ficando com experiência – velho não porque agente não tá velho, a gente fica com experiência – então a gente vê as coisas, só que a função dos pais é proteger os filhos e muitos não tão nem aí, vão para a rua, ficam lá. Então a gente vê o risco que corre a todo tempo quem não é da minha época quando a gente corria. A gente estava lá porque sabia que não ia acontecer nada, ficava brincando por isso. Mas hoje o risco é a todo momento, então por isso que você não vê mais. A gente ficava na rua, no tempo de criança para adolescente, até duas e tanta na rua conversando. Hoje em dia você não pode estar mais esse horário não, Salvador anda assim. Então a gente tem que ficar em casa e quem quiser que fique na rua.

C: E na quarentena você acha que mudou alguma coisa das crianças ficarem na rua?

E10: Do mesmo jeito, para eles não mudou nada. No caso, para mim, no controle que

eu estou tendo lá com o meu filho ele já não vai para a escola. E se ele não pode ir para a escola também não vai no shopping. A gente deixa de ir no mercado com ele. Ele fica em casa e a gente vai. Quando é para a praia, a gente entende que ele vá lá que é uma horinha só ali, voltamos para a casa e ele entendendo também a situação. Mas o que eu vejo lá na rua, as crianças estão o tempo todo lá e nenhuma usa máscara.

C: Você acha que em algum momento a quarentena funcionou lá no bairro?

E10: Lá no bairro [pensativo]...

C: Diminuiu a quantidade de gente na rua?

E10: Não. No início até que teve um controle. Como a prefeitura estava fazendo uns testes lá, então, o bairro ficou quatro semanas seguidas fechado, porque disse que o índice estava alto. Mas depois falaram que várias pessoas de outros bairros estavam indo para lá fazer os testes. Então vários bairros próximos era equivalente a Tancredo Neves. Mas a rotina não mudou não.

C: Mas o comércio chegou a fechar?

E10: Fechou por quatro semanas seguidas.

C: Aí quando o comércio fechou diminuiu o movimento?

E10: Diminuiu porque não tinha como o pessoal estar transitando porque os comércios estavam fechados. Eles iam para fora, para mercado grande, Atacadão, essas coisas, porque lá no bairro todos fechados. Foi o período que ficou mais tempo de gente afastado o lado do povo, mas depois que abriu voltoutudo ao normal. Num dia de domingo lá, num dia de semana lá é gente “como oque” na rua.

C: Para você, quando você pensa, assim, que você andava de ônibus. Quando a gente anda de ônibus, a gente pelo menos tem que andar até o ponto, né? Anda de ônibus, caminha. Na infância e adolescência e depois trabalhando de moto e de carro, você vê a rua diferente se você estiver andando, de moto ou de carro ou é a mesma coisa?

E10: Não, é diferente. Hoje em dia tem mais veículo na rua, mais moto na rua, menos ônibus. Porque o povo se queixa muito que falta ônibus para estar andando na cidade. E fora o índice de assaltos nos ônibus. Hoje em dia você saide manhã aí e você vê logo no noticiário, são dois/três ônibus assaltados de manhã na hora de você ir para o trabalho. Então eu graças a Deus na época em que a gente andava de ônibus eu nunca presenciei assalto no ônibus.

C: E como era andar de ônibus para você?

E10: Andar de ônibus para mim era, por exemplo, tudo para mim era diversão. Se eu ia vender na praia no final do dia a gente vinha no fundo do ônibus fazendo aquela batucada que tinha, agora de noite você não vê mais. Agora indo como eu ia vender as fichas eu ia sentadinho, sossegado ali. Mas quando era na praia era diversão o dia todo. Era vendendo, direitinho, vendendo. Quando eu vendia tudo ficava mais feliz. Depois tinha aquela hora dali quando você terminava cedo, quatro horas você já vendia tudo, então ainda tinha aquela uma hora e meia ainda de sol para você aproveitar a praia ainda e eu aproveitava bem, depois a diversão no ônibus indo para casa.

C: Mas, por exemplo, quando a gente anda, quando a gente está indo para um canto de ônibus ou de moto, Salvador aparece diferente para você?

E10: Dos tempos de hoje para o tempo de antigamente?

C: De antes para hoje.

E10: Com certeza. Mudou tudo. Mudou em termos de quantidade de gente na rua. A apreensão de muita gente que pega ônibus com o risco de ser assaltado, porque antigamente você não tinha esse risco. Não tinha até porque mudou muitas coisas. Você não tinha esses celulares que têm agora modernos e tudo. Antigamente era só aqueles Motorolas e você não via essas coisas assim. Não sei se também é o índice de desemprego, os caras baixaram agora para querer roubar coisas miúdas do trabalhador. Então tudo isso aí influenciou. É uma época que você não via antigamente o que você vê tudo agora. Então você vê o povo nos pontos todos apreensivos. Se você vai para o trabalho, vai sair, você sai de casa, quando você chega no ponto e que vê duas pessoas encostarem, você fica logo apreensivo. Se for mulher, então, no caso, você fica logo apreensiva. As vezes não é nada ali, a pessoa está ali, mas você não está vendo por que não tem escrito “bandido ladrão”, então você fica com aquela apreensão que é coisa que você não via antigamente. Então mudou tudo e cada vez vai mudando mais.

C: E hoje quando você anda de moto ou de carro, você vê a cidade de forma diferente ou é a mesma coisa?

E10: Eu vejo ela a mesma coisa. A única coisa que tem são as melhorias que eles fazem, o BRT, o metrô. Tudo isso aí que tem a melhoria. É pista para cá, pista para lá. Você vê agora ali o Parque da Cidade, antigamente para você ir tinha que ir lá embaixo na Lucaia, fazer o contorno para mudar. Não tem necessidade, você chega ali e só sobe já cá na Paralela. Quantos quilômetros você para ir lá embaixo? Então

tem as melhorias só das pistas que estão fazendo.

C: E quando você está caminhando, você diz que faz caminhada. Você faz caminhada sozinho ou acompanhado?

E10: Faço com a minha esposa.

C: É diferente quando você está fazendo sozinho e acompanhado?

E10: Eu só faço com ela. Eu já fiz com um colega, mas a gente parou por falta de incentivar um ao outro. No caso, ele parou aí não teve aquele incentivo: “ah, bora outro dia” que nem ela faz: “e aí, vai hoje?”, então você tem que ir porque tem o incentivo de um com o outro. Então hoje eu não fui, estou aqui no plantão, aí amanhã, depois do expediente da Embasa – porque eu só posso depois do expediente, vou lá na empresa, bato o ponto - aí chego em casa cinco e quarenta para cinco e cinquenta, ela já está com a roupa, já vou botar a minha e descer. E aí é uma hora de caminhada.

C: Você caminha na praça, né?

E10: É. Eles fizeram uma pista agora nova lá, como eles fizeram o metrô, então tem uma pista de atletismo e tem de pedestre para você fazer as caminhadas. **C:** Lá na Paralela mesmo?

E10: Isso. Ela sai dali e acredito que ela deva ir até São Cristóvão, quase no Aeroporto. É bem longo, só que a gente limita. Tipo assim, eu boto no relógio uma hora, a gente vai caminhar meia hora indo e meia hora voltando. Porque, como eu estou cansado já do dia a dia do trabalho, então meia hora para mim já é o suficiente, indo e voltando dá uma hora de caminhada.

C: E para você é diferente quando você está andando fazendo as caminhadas, e quando você está de carro e de moto na rua ou é a mesma?

E10: Não. De moto você é só o cansaço, porque as vezes a pessoa acha: “ah, você está de moto, você vai ali”. É cansaço o tempo todo, porque você está fazendo o serviço, uma atividade ali. Depois você vai ter a tensão de estar em cima de uma moto, porque a todo o tempo você está correndo risco. Você está andando ali e estourar uma correia de transmissão você pode cair. Furar um pneu de repente ali, você pode balançar e cair. Aí você está com a tensão do cansaço do trabalho ali que você faz esforço repetitivo, o trabalho é o mesmo, só que local diferente. Caminhar você vai ali com o seu carro e só vai respirar e caminhar, então uma coisa é totalmente diferente da outra.

C: Quando você fala respirar e caminhar é o quê?

E10: Respirar e caminhar é você deixar o estresse do trabalho para lá, se concentrar só na caminhada. E caminhar faz bem, né? Ainda mais eu que preciso por causa do cardíaco. Eu precisava e eu comecei agora, mas tudo tem um começo.

C: Pensando nessas coisas que a gente conversou, como é que você imagina que vai ser o futuro da rua e da cidade?

E10: A gente espera sempre que melhore, a gente torce que melhore. Mas o que a gente vê, no caso quando eu falo é da rua que eu moro, eu torço que melhore mas ninguém nunca que fez nada lá. Então, geralmente a iniciativa é minha lá para fazer as coisas. Eu quando vejo lá me sinto incomodado. Pessoas que não se incomodam com nada. Então, as vezes eu pego lá e tomo a iniciativa e começo a fazer. A cidade em si eu acredito que a depender do bairro, porque depende muito de bairro para bairro. Bairro periférico a tendência é aquilo ali mesmo, é paliativo que eles dão.

C: Quando você fala assim “pelo que a gente vê”, significa que você está ali e tem coisas que faz você pensar nisso. O que é isso?

E10: O que eu penso nisso é o desprezo das pessoas. Por exemplo, uma pessoa que chega ao poder, no caso, chega um vereador, um cara que está ali querendo seu voto e você dá o seu voto de confiança a ele. Aí depois que ele é eleito, aí você espera a retribuição do que ele prometeu, nada mais justo do que ele fazer isso aqui. Aí ele te dá as costas, aí você se pergunta: “pera aí, eu vou cobrar dele”, chega lá e o cara nem te atende. “Ah, não está não”; “Ah, vou marcar um dia” aí você volta um dia e ele nem te atende. E o que ele prometeu está ali, vai passando anos e aí já vem a próxima eleição e vai aparecer outro. Aí você com sua boa-fé de novo dá um voto de confiança, é sempre assim, paliativo. Então o que a gente vê quando eu digo é isso. Eles dão muito paliativo, muitas promessas, e pouco serviço de qualidade. Nem serviço eles dão mais de qualidade. É tipo assim, eles primeiro e depois eles e depois eles.

C: Venha cá, tem alguma coisa sobre Salvador e sobre a rua que você queira falar e eu não tenha perguntado?

E10: Acredito que você tenha perguntado tudo. Da rua é só isso aí, é a melhoria que eu espero que chegue, mas eu acredito que não vai chegar. Porque quando você é nascido e criado num bairro, como eu já tenho 39 anos lá, sou nascido e criado lá e eu nunca vi um político ir lá para fazer uma melhoria de infraestrutura.

Só eles largaram lá e a gente morador que até hoje faz. Inclusive até hoje precisa porque a rua está afundando lá e eles não vão fazer, quem vai fazer é a gente mesmo de novo. É uma coisa que tem que tirar um recurso nosso que é um dinheiro para comprar material, a gente perder um domingo, ou um sábado ou um domingo para a gente fazer uma coisa que é dever deles. O que eles fazem? Iluminação pública, trocar lá as luzes dos postes todos, botar a luz de led branca. Ganhei, inclusive. Não falta isso, então vai lá para fazer mais o restante.

C: Então é isso. Vou interromper a gravação agora.

Entrevista 11: O que é isso a rua para Pedro Mota Viana, com trabalho de fotografia e artes audiovisuais?³

Caroline Vaz [C]

Pedro Mota Viana [PMV]

C: Então, primeiramente, bom dia Entrevistado. Eu queria saber se você me autoriza a gravar a reunião para depois poder ser utilizada na transcrição.

PMV: Beleza! Bom dia Carol! Sim, autorizo. Tem a autorização de minha voz, de minha imagem, de todas as informações que a gente conversar.

C: Obrigada! Geralmente, antes da entrevista presencial, eu entregava uma autorização para pessoa assinar. Só que como a gente tá vivendo um tempo de pandemia, isso tem sido feito virtual. Eu vou ler essa autorização e aí depois você me diz se concorda ou não concorda para gente poder dar seguimento. Certo?

PMV: Ok!

C: Então, você autoriza a utilização dessa entrevista na pesquisa de doutorado sem que ela tenha prejuízo ao meu patrimônio financeiro, a meu patrimônio moral. A propriedade desse depoimento e os direitos do depoimento que você vai dar, eles vão ter caráter histórico e documental, prestados a mim, a pesquisadora Caroline Bulhões, aqui em Salvador, dia 8 de junho de 2021, com base para a construção da sua tese de doutorado no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Daqui em diante, eu fico autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o depoimento, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir ao grupo de pesquisa em que eu faço parte, o grupo de pesquisa: Espaço Livre de Pesquisa-Ação e o grupo Geopraxis, o acesso ao depoimento para fins idênticos com a única ressalva da garantia do conteúdo, de integridade e da preservação da identidade de fonte do autor. Você concorda com os termos de utilização?

PMV: Sim, concordo.

C: Então, muito obrigada! Primeiro, eu queria saber um pouco da sua história, né?

³ Antes do início da entrevista, Pedro e eu ponderamos sobre a possibilidade de identificação da entrevistada devido ao caráter artístico de sua produção. Pedro, prontamente se disponibilizou a identificar-se para que as menções que faz à sua arte tivessem o devido reconhecimento de modo que o entrevistado assinou um termo de autorização de identificação de fonte e autor.

Assim, quantos anos você tem, se você é de Salvador, se você não é de Salvador, né? Onde você mora, um pouco da sua história, o que você faz, como você chegou no que você faz...

PMV: Tá ok. Meu nome é Pedro Mota Viana, tenho 34 anos, sou nascido em Salvador, mas fui criado no interior da Bahia, numa cidade de sertão chamada Serrinha. Onde eu criei toda a minha identidade, como a gente diz: onde eu me entendi por gente, foi no interior e a minha relação com a rua também veio de lá, porque tive pai ausente, né? Minha família paterna não era presente, assim como meu pai. Então, algumas referências eu precisei buscar na rua e foi com essa identificação da rua que eu comecei a criar um olhar específico, pelas pessoas, pelas expressões das pessoas, ainda no interior, ainda com as expressões do sertanejo. E aí com 18 anos eu vim para cá para prestar vestibular e entrar em faculdade e tal, cursei direito. Não me identifiquei com o curso de direito porque já tinha essa linha mais criativa na cabeça, mais artística e passei para publicidade, para comunicação. Dentro da publicidade, com um grupo de amigos, fundamos o DIdeia, DIdeia ao Seu Redor, que é um coletivo de arte e informação de membros de diversas áreas da comunicação, das áreas de arte, como fotografia, audiovisual, jornalismo. E esse coletivo me trouxe, também, um olhar mais específico que direcionou o meu olhar mais para as questões de povo e aí, eu posso dizer no sentido popular mesmo, das expressões mais populares, com a característica específica do povo soteropolitano, que tem seus traços, tem suas construções culturais todas históricas, suas raízes. E aquilo me chamou atenção, sempre me chamou atenção, na verdade, eu sempre tive atenção para isso, mas não sabia identificar, não sabia como trabalhar e esse coletivo foi quem veio me trazendo luz e foi quem veio me trazendo propostas, também, de trabalho. E aí entramos mais para o rap, para o hip hop e fizemos gravações de clipes e tal, alguns eventos de rua, mas nosso funcionamento sempre foi na rua, tanto que a gente tinha dificuldade de encontrar uma cede fixa, uma localização física. Para gente trabalhar, para gente se encontrar e trocar as ideias vivíamos sempre mudando para casa de um, quarto do outro, playground do prédio de alguém ou numa praça. A gente variava os encontros porque nossa expressão, nossa fonte de conteúdo sempre foi a rua.

C: Tem várias coisas que eu queria explorar já, que apareceram nesse momento inicial, mas para organizar, eu queria conhecer um pouco mais sobre o coletivo. Como é que vem essas inspirações da rua, um pouco mais aprofundada, assim, em termos da história do coletivo e o que é que vocês fazem. Assim, por que a rua, né? Como é que vocês chegam na rua? Isso é uma pergunta que eu queria saber. Por que que vocês chegam na rua e depois por quê que vocês ficam na rua? Vamos dizer assim, né? De ter a rua como esse elemento.

PMV: A gente se juntou mais pelas ideias porque, assim, eramos um grupo de jovens que conversávamos sobre coisas que não era comum grupo de jovens conversarem. Eram temas mais, vamos dizer assim, mais eruditos, com uns olhares mais específicos que, numa roda comum de amigos, a gente não conversa. E daí surgiu a ideia da gente: “poxa, a gente pode publicar essa troca de ideias da gente para poder, também, conversar, dialogar com o povo, saber o que é que as pessoas acham e também divulgar essa linha de raciocínio, esse pensamento que é tão incomum”, ok. Naquela época de blog, sabe? A gente não tinha Orkut sequer, todas essas mídias digitais, não era a época das redes sociais, então a gente só escrevia. Com o tempo, não sei se com 1 ou 2 anos de blog, com a alimentação um pouco esporádica, assim, a gente não tinha muita frequência na alimentação dos posts, veio o advento do Facebook e aí a gente começou a trabalhar com mídias, fotografia, já passamos a ir para rua e lembro que em 2013, quando começaram as manifestações políticas, né? Aí a gente começou a ir para rua acompanhar esses movimentos da rua, das manifestações políticas e o que acontecia, como aquele povo junto pensava, como aquela unidade massa se expressava e para onde se direcionava isso e aí, esse evento foi a virada de chave para gente cair para o audiovisual. Então, nossa identidade passou a ser o audiovisual, passou a ser vídeo, então, a gente ia para rua para filmar, as vezes não tinha nem o que dizer, mas era só a imagem que, por si só, já comunicava alguma coisa, uma fotografia que expressava, festas de largo também, a gente começou a cobrir. Enfim, era uma pesquisa, vamos dizer assim, né? Mas uma pesquisa de brincadeira que acabou se tornando uma paixão e nosso mote acabou sendo a rua e o povo na rua.

C: E você, assim, qual é o seu papel? O quê que você mais faz? Como é que tá dividido as atividades no coletivo? Ou não estão divididas e todo mundo faz de tudo um pouco?

PMV: É, mais ou menos, assim, a gente sempre aprende um com o outro, não deixa buraco, certo? Mas, hoje, funciona com jornalista, publicitário e o T.I, então, as funções são meio que divididas de acordo com a função de cada um, com a formação de cada um ali dentro. Então, tem Ruan que é o T.I, que ele lida mais com as questões de tecnologia, burocracia, essas coisas todas que a gente do audiovisual já não tem tanta intimidade, então é ele quem mexe com algoritmo e quem faz, sabe? Esse lance todo que eu sei nem como explicar. Eu fico já na parte de cobertura de audiovisual, então filmo; fotografo; edito os vídeos e tal; proponho alguns temas; trago da rua, também, algumas coisas para gente explorar; os vídeos clipes, também, faço roteiro, edição, pós-produção e o jornalista escreve, ele é quem é responsável pelos os textos todos. Enfim, se ele não pode atender algum momento, eu posso cobrir o texto ou posso buscar como solucionar algum problema de tecnologia e assim a gente vai se suprimindo, mas já funcionamos com 10, 12 membros no coletivo, com funções menos responsáveis, não sei se posso dizer assim. Mais gente menos trabalho e aí, à medida que as pessoas vão se desvinculando, seguindo seus caminhos, a gente vai se reorganizando para poder continuar a ideia, não deixa morrer.

C: Me diga aí, o quê que é arte para você? Arte foi uma das palavras que você colocou como importantes para pensar a rua. Aí eu queria saber o que é arte para você e o que é arte de rua, né? Além de arte, o que é arte de rua? Que foi outra coisa que você falou.

PMV: É uma pergunta um pouco difícil de responder, assim, não é nem de sentir, porque dá para sentir muito bem ela, mas não sei lhe dizer exatamente o que é arte, para mim, é além de expressão, né? Que é a expressão genuína de cada pessoa, de cada existência, ou de grupo de pessoas ali. Elas vão se expressar daquela forma e, para mim, qualquer tipo de expressão é arte, para mim, a fala de alguém é uma maneira artística de se posicionar e a diferença da arte de rua é um pouco da rebeldia, né? Um pouco de você ir buscar visibilidade, você foi negado às fés, tanto aos requintes da arte, como as artes plásticas. Então, você vai buscar se expressar da forma como seu coração grita, vamos dizer assim. Então, a gente vai para o grafite, a gente vai para própria música, o hip hop, então são sempre um pouco agressivas, são um pouco desafiadoras pela contestação desses fatos, entende? Então é uma luta por um espaço, pela visibilidade, para poder ser enxergado como um elemento daquela sociedade

também. Então, as artes clássicas, para mim, tem mais notoriedade por serem sempre estimuladas, ou seja, o artista quando tem recursos, ele tem o estímulo, ele começa a se formar numa arte clássica. Quando você é negado a esses estímulos, esses recursos, você vai gritar para um monte de rua, onde você pode ser visto com pouco recurso, né? Onde você pode ser notado, enfim, se expressar de alguma forma.

C: E por que na rua? Por que a rua tem esse vínculo com a rebeldia? Vamos dizer assim. Pode falar um pouco mais sobre isso, em termos de arte?

PMV: Posso. Porque a rua é o lugar dos desabrigados, né? De quem não tem uma casa, de quem não tem um teto, apesar de, assim, os muros são os maiores outdoors da cidade, né? Todo mundo passa e nota um muro as vezes, não notao outdoor, mas nota o grafite que tá ali na rua [ruídos] com uma frase de protesto ali escrita. Então, a rua é o grande outdoor, onde tem a comunicação, isso é sabidamente notado pelos artistas de rua, sabe? Se ele quer se expressar, ele não pode gritar de dentro de uma caixa, ele tem que botar a boca no mundo e, visualmente, a boca no mundo é um muro, eu falo assim, pelo grafite, né? Que como... esqueci a palavra, mas como “ás” da arte de rua.

C: O que é que significa sair à rua, para você, diante disso, né? O quê que é sair à rua? O quê que é ir para rua, para você, Entrevistado? Que pode ser para você, Entrevistado artista, entende? Nessa relação.

E11: Primeiro é batalha, né? Sempre que você bota uma roupa e pega a chave, bota a carteira no bolso e vai para rua é para lutar, então, a primeira coisa que me vem à cabeça, assim, o que é que você vai fazer na rua é lutar e aí na rua as coisas acontecem, né? Por exemplo, a gente que mora em Salvador tem a orla, tem o mar, então, as vezes você tem uma contemplação e as vezes essa contemplação é por um lado positivo, como a paisagem bonita que a gente tem, como o clima, as cores que a gente tem na cidade de Salvador e as vezes é contemplação por um lado ruim, né? Que são as misérias, a falta do mínimo de decência que a gente pode esperar para alguém, que a gente não encontra, então a gente se choca também com aquela coisa e aquilo é uma expressão. A própria existência daquela pessoa sem dignidade é uma expressão da cidade, acaba sendo uma marca também. Choca quem não conhece, enfim, quem tá ali convivendo com aquela realidade também é tocada, é marcada.

C: Aí você falou do que chama sua atenção quando você tá na rua, né? Você falou, assim, da paisagem e de 2 polos, esse polo mais positivo que seria dos atrativos que Salvador tem, assim, de uma beleza paisagística que Salvador tem e por um outro lado a desigualdade social. O que chama sua atenção na rua? Tipo assim, na verdade, acho que a pergunta não é essa. Quando é que você tá na rua que você tem esses momentos de contemplação, sabe? Tem como você me contar, assim, um dia regular, como é que um dia regular em que a gente lida com esses 2 polos, no dia a dia, né? Não sei se eu me fiz clara.

PMV: É porque, assim, hoje, talvez eu já não esteja vivendo mais esse ponto de partida que aconteceu comigo porque era quando eu pegava ônibus para ir trabalhar. Então, desde quando eu saía de casa, eu morava na Federação, trabalhava na Boca do Rio. Então pegava o caminho desde Ondina, Rio Vermelho, atravessava a orla inteira até a Boca do Rio. Dava para ver várias nuances da cidade nesse percurso, por isso que eu falei do mar assim, que era o meu percurso do mar, do Rio Vermelho até a Boca do Rio. Só que de um lado você vê isso, do lado direito quando você vai sentido aeroporto, né? E do lado esquerdo é a cidade em si, então você passa pela Pituba, você passa pelo Jardim de Ala, por Armação, Boca do Rio. Então, você vai vendo várias nuances da cidade assim, nesse percurso de orla, né? E aí, posso ser um pouco mais específico contigo, chegando na Boca do Rio, trabalho na Embasa e com a Embasa eu faço visita aos clientes, né? Vou atender as demandas, enfim, gerais dos clientes, então vou nas casas das pessoas, então tenho acesso. Isso é uma coisa que devia ter dito no início e não disse, mas também porque lembrei da Embasa agora. Eu visito muito favela, assim, as vezes saio da favela, saio de uma casa muito humilde, onde a pessoa sequer tem condição de pagar a conta de água e vou para um condomínio de luxo que tá ali do lado, que tá ali colado. Então, minha rotina no dia a dia essa, transitando entre os diferentes mundos da cidade de Salvador, entende? Então, atendo o pessoal de Stella Maris, de Praia do Flamengo, das casas de praia, das mansões, dos pontos mais altíssimos, até as pessoas que são ali do lado em Nova Brasília, no Alto do Coqueirinho, em São Cristóvão que, sabe? Geograficamente estão muito perto, mas socialmente a distância é imensa.

C: É porque as coisas vão aparecendo e aí eu vou atropelando, porque tem umas demandas que aparecem ao longo do processo, que eu acho mais

produtivas. Eu também, sabe? É uma coisa que eu gostava muito era de andar de ônibus porque eu via muito a cidade. Eu queria que você falasse um pouco mais sobre essa sua experiência de andar de ônibus e de andar a pé na cidade, né? Como é isso? Como era? Enfim.

PMV: Andar de ônibus em Salvador já é uma experiência marcante, assim, porque é clara a desigualdade. Desde o ponto de ônibus onde você... e outra coisa muito marcante do ônibus é o comércio informal, são os baleiros, são os poetas que entram para declamar poesia, são as pessoas que entram para pedirdinheiro porque não tem o que oferecer em troca as vezes. Então, tem artistas muito criativos que se viram como podem também, para conseguir aquele trocado do pessoal do ônibus, sabe? É uma experiência antropológica, desde quando você para no ponto para dar a mão para o ônibus ou esperar ou bater um papo ali com a tia que tá sentada no ponto esperando também. Até você descer, e tem umas expressões assim, que são típicas de ônibus: “ó o ponto motô”, umas coisas assim bem de Salvador, sabe? São essas expressões que a gente vai pincelando e publicando, assim, divulgando porque, do meu ponto de vista, são coisas que todo mundo percebe, todo mundo nota, mas não se conversa. Então, quando você toca nesse assunto, a pessoa: “ah, é verdade, tem isso mesmo” e as vezes, essa pessoa já traz outro ponto também, que você não percebeu e a gente vai criando a identidade da cidade a partir desses dados. **C:** Para você, Pedro, qual a diferença de andar a pé e andar de ônibus e de carro em Salvador? Qual é a diferença de se locomover na cidade em meios de transporte? Vamos dizer assim.

PMV: Assim, eu sempre fui obrigado a andar, então, aprendi a gostar dessa coisa. Também nunca tive muita paciência para esperar um ônibus que eu sabia que era uma distância muito curta e o tempo que eu ia esperar era muito grande, as vezes eu resolvia ir andando para não perder esse tempo. Porque como Salvador é cidade de vales e de montanhas, enfim, as vezes a gente acha que é longe porque os ônibus dão uma volta inteira contornando aquela montanha para poder chegar no lugar que tá próximo. As vezes vale a pena você subir, descer uma ladeira, atravessar uma montanha para tá ali da Ogunjá para Vasco da Gama ou do Bonocô para ACM. Então, são distâncias, para mim, andando são muito curtas, mas de ônibus, de transporte público as vezes a gente dá umavolta. O transporte público em Salvador também é muito confuso desse lance,

hoje, com o metrô e ônibus e algumas linhas suprimidas também, o pessoal vendo e de carro é beleza, né? De carro você olha para o que quer, as vezes se você dá um passeio na orla é quase uma viagem, né? Que você tem, praticamente, 15 quilômetros quase, de orla, de farol, as vezes se quiser estender, você pode ir até a Cidade Baixa ainda, até Suburbana lá em Paripe, Periperi lá para baixo. Então, um passeio de carro é muito bonito, mas não é a realidade da cidade, a cidade não é orla também, as vezes para dentro, pras periferias ou para região metropolitana também existe um mundo diferente, para mim, que tenho esse olhar, enfim, eu acho bonito, sabe? Quando a gente passa pela BR, tem aquele paredão inteiro de casas ali pelo... esqueci o nome daquela rua, aqui vai da BR até a paralela, que de um lado direito você tem aquele paredão também dos Pernambués com casas, sabe? Casas sem reboco e tal, para mim, esse visual é bonito, tem um pôr do sol ali também, atrás daquelas casas que, fotograficamente, são bonitos, mas é isso. A diferença entre andar de pé, de ônibus e de carro é o que me chama atenção, né? De pé e de ônibus você tem um olhar mais esmiuçado, você olha com mais calma, com mais tempo para aquelas coisas ao seu redor e de carro você tem só o superficial também, talvez só o que Salvador quer vender para quem vem de carro, para o turista ou para quem vem ver Salvador bonitinha.

C: Como é que você avalia sua relação com Salvador? Tipo assim, em geral, porque para muitas pessoas, para mim, por exemplo, Salvador é amor e ódio. Tem horas que eu adoro Salvador, que eu não quero ir embora de Salvador nunca na minha vida e tem dia que eu quero que Salvador se exploda e não voltar mais. Essa é a minha relação com Salvador, eu queria saber como é a sua relação com Salvador, né? Como é que é isso, né? Como é que você se sente em relação a essa cidade?

PMV: Olhe, eu tenho... eu converso isso com meus amigos inclusive que, assim, eu acho que escolhi à dedo o lugar que eu iria nascer. Eu tenho minhas ressalvas, tenho minhas críticas todas à cidade, mas acho que não tenho identificação maior com música, com gente, com cultura, com geografia, com clima, sabe? Para mim, não existe cidade melhor no planeta, de acordo com minha personalidade, para se morar.

C: E como é que você vê as ruas de Salvador nesse contexto, né? O que são as ruas de Salvador para você, para essa relação que você constrói com a cidade?

PMV: Olha, eu acho que cada rua, não vou ser específico com rua porque seria

muita especificidade, mas assim, Salvador, para mim, tem regiões, sabe? Tem bolhas e aí, cada bolha, você sente uma energia diferente, até o cheiro dessas regiões são diferentes, dá para você sentir se o lugar é feliz, se o lugar não é feliz, sabe? Dá para sentir que o lugar é leve, que o lugar é pesado, então eu vejo que, talvez, sejam as pessoas daqueles lugares que criam essa atmosfera. E aí quem tá presente acaba sentindo e elas todas juntas criam a atmosfera de Salvador, que quem vem de fora sente, que as vezes se chama de axé, né? As pessoas não, mas Salvador tem axé, Salvador tem uma energia diferente, realmente, mas acho que essa energia é das pessoas, da localidade, entende? São energia das pessoas daquela localidade se expressando, que resulta nessa atmosfera.

C: Me diga aí como é que... desculpa, eu te interrompi.

PMV: Desculpe, eu que peço desculpa. Queria dizer que é uma sensação minha, não sei se todo mundo entende, enxerga dessa forma, mas eu sinto assim.

C: É sobre isso que eu ia perguntar agora, me diga aí. Como é saber que uma rua ou que uma parte da cidade é feliz? Como é que é saber? Você pode me dar um exemplo de diferentes atmosferas de Salvador, desse sentimento que você tem com a cidade?

PMV: Posso e é um exemplo, para mim, muito clássico, que é do Santo Antônio e do Pelourinho. Existe uma fronteira entre o Santo Antônio e o Pelourinho e é uma percepção minha também, não sei se é geral, que é a igreja do Passo, a igreja e a escadaria do Passo onde tinham os shows de Gerônimo ali. Da igreja para o Santo Antônio, você sente uma atmosfera diferente da igreja para o Pelourinho. A atmosfera do Pelourinho é uma atmosfera diferente e não é uma atmosfera feliz, não é uma atmosfera leve, as vezes as pessoas se sentem festejando, né? Com música, com dança, com álcool, as pessoas sentem aquilo ali na euforia do momento, mas o Pelourinho é um lugar de sofrimento, foi um lugar de sofrimento e essa energia do sofrimento do Pelourinho, para mim, ainda é muito presente, sabe? Para mim, é um lugar que ainda traz sofredores, sabe? As pessoas tão ali por um vínculo energético, mas que eu creio que não seja muito racional, seja uma questão mais espiritual, seja um chamado mais de espírito mesmo. E o Santo Antonio, dali da igreja do Passo para frente já tem um ar mais burguês que caracteriza as pessoas daquele lugar, né? As pessoas são um pouco mais conservadoras nesse sentido, sabe? Não tem a mesma energia e a mesma vibração, vibração no sentido energético, do que as pessoas do Pelourinho, eu sinto dessa forma.

C: E no dia a dia? Me diga aí, tipo assim, ao longo do trabalho, por exemplo, na Embasa. Há quanto tempo você trabalha na Embasa? Antes de fazer para essa outra pergunta.

PMV: 10 anos.

C: Pensando nessa diferença ainda de atmosfera, eu vou falar para mim, tá? Eu sentia muita diferença ali da Ondina, Barra, Rio Vermelho, para quando você vai entrar, por exemplo, para Centenário. Quando eu estou ali na Barra, andando perto da orla, não sei o quê, como é o nome daquela rua? Eu sou péssima com nomes. Aquela rua de trás da orla da Barra, é Celso alguma coisa. Enfim...

PMV: Afonso Celso.

C: Exatamente, Afonso Celso. Você tá ali na Afonso Celso, é uma atmosfera, aí quando você vai entrando para Centenário para pegar, eu me sinto de outra forma, né? Com relação a cidade. No dia a dia, como é que isso aparece para você? Tipo assim, no trabalho da Embasa, você sente essa diferença, mesmo no dia a dia corriqueiro, andando na cidade?

PMV: Totalmente. Como eu lhe falei, as vezes eu saio do Alto do Coqueirinho, de Nova Brasília. Pronto, vou lhe dar um exemplo clássico. Nova Brasília de Itapuã, que é ali em cima, onde fica a Lagoa do Abaeté, aquela região tem uma energia muito específica, você sente uma... não sei explicar, é porque é do sentido, mas é diferente de tá ali e de tá em Stella Maris, por exemplo. Stella Maris também tem um cheiro muito específico do lugar, se confunde um pouco ali com Praia do Flamengo, talvez pela similaridade das pessoas, semelhança entre os modos de vida das pessoas e as suas escolhas e Itapuã, para mim, é um condado específico de Salvador porque ela tem uma característica própria, o lugar tem a personalidade dela ali, sabe? Não conheço Cajazeiras, que talvez tenha, mas também não conheço a ponto de lhe dizer se existe isso ou não, que é um lugar que todo mundo diz, também, que é independente de Salvador, tudo funciona lá sem precisar das coisas de centro. Então, a gente vê, no meu dia a dia é isso, né? E o que é notável é você sair da favela e ir para um condomínio de luxo, mas a energia do condomínio de luxo é superficial, não existe uma personalidade, uma personalidade do lugar, sabe? É uma coisa meio padronizada, mecânica, sem cara, sem aspecto.

C: Como é que o seu trabalho na Embasa é no dia a dia? Tipo assim, você se desloca muito no dia a dia na Embasa?

PMV: Meu trabalho é deslocamento, é visitar os imóveis, né? Eu sou fiscal.

C: E aí você se desloca de carro ou de moto ou de ônibus? Como é que você se desloca?

PMV: De carro. De carro até onde o carro vai, né? Porque tem muitas localidades que o acesso é bem complicado e a gente tem que descer, a gente sempre tem que descer, mas assim, a gente tem que descer ladeira ou subir escada, lugares onde o carro não chega a gente tem que ir e passar por tudo isso, né? Porque Bairro da Paz em Salvador, ainda tem lugares muito rurais, sabe? Que é ali do lado do metrô, do lado da Paralela, entre a paralela e a orla, mas lugares que adivisão entre as casas é de cerca, entende? As ruas são de barro, de terra, do lado da casa dele tem uma plantaçozinha que ele cultiva para poder comer e isso aqui do lado do aeroporto, né? Do lado de Piatã que tem casa luxuosíssimas, crescendo casas e mais casas ainda para esse consumo, enfim, do coeficiente.

C: Deixa eu te perguntar, você disse que é fiscal na Embasa, aí você se desloca todo dia em Salvador, todos os dias que você tá trabalhando você se desloca. O senhor me diz aí, mais ou menos, quantos quilômetros de Salvador você roda por dia, mais ou menos? Assim, quantas horas, quantos...

PMV: [trecho inaudível].

C: 100 quilômetros?

PMV: Por toda a cidade, porque assim, a minha unidade atende de Amaralina a Praia do Flamengo, na orla e para dentro tudo o que beira a paralela, entende? Então, da paralela para dentro, de Amaralina até Praia do Flamengo sou eu que atendo, então, as vezes a gente tem o atendimento em Amaralina e na Praia do Flamengo no mesmo dia e tem que voltar para Pituba, ir na Boca do Rio para resolver alguma coisa e volta para atender de novo. Então, roda e a gente roda um bocado e, assim, são 100 quilômetros que a gente nem sente.

C: Por que nem sente? Diga aí.

PMV: Porque, pelo menos para mim, eu sentiria passar 8 horas dentro de um escritório fechado na frente de um computador, eu não sentiria o tempo passar, na verdade, mas na dinâmica da cidade, tendo sempre provocações e as vezes você para para tomar uma água de coco e conversa com o rapaz da água de coco e aquilo faz o tempo passar, né? Lhe distrai, né? Fica sendo um trabalho mais leve, mais dinâmico, eu gosto.

C: Deixa eu te perguntar, você acha que seu trabalho na Embasa te ajuda no seu processo de identificar essa Salvador que você apresenta a partir do audiovisual?

PMV: Foi fundamental para que o Dideia criasse uma linha, sabe? Porque muitas das imagens vieram da minha presença nesses lugares, eu saía para trabalhar com a câmera dentro do carro. Então, via alguma coisa, clicava, as vezes via uma expressão artística de um lugar, por exemplo, muros pintados com erro de ortografia. Isso tem com muita frequência: luto, né? Mensagens de luto para membros de facção que já morreram, isso tem em todos lugares, então, tem: “luto, não sei quemzinho, eterno”; “luto, não sei quemzinho, tudo 2 ou tudo 3”, de acordo com sua facção, isso é muito frequente, qualquer favela que você for em Salvador, você vai encontrar esse tipo de coisa, ou seja, as pessoas morrendo e as lápides delas são os muros, onde as pessoas deixam os lamentos das perdas dos seus queridos.

C: Pesado.

PMV: Bagunçado, é. Então, falou de uma coisa aqui, outra lá, mas depois você se organiza.

C: Não, tá ótimo, para mim não tem nada bagunçado não, tá tudo organizado. Eu digo pesado porque é um retrato da violência de Salvador, né? Isso é pesado. **PMV:** O retrato da consequência da violência, né?

C: É, exatamente. E me diga aí, por exemplo isso, o que mais você usou, assim, como inspiração e estímulo que apareceu na cidade te mostrando? O que mais que você poderia me dizer assim, do quê que aparece? Entende o que eu estou dizendo? O que mais que a cidade te deu ao longo desses trabalhos, ao longo do trabalho com a Embasa que virou mote para o Dideia? Você tá entendendo o que eu estou dizendo?

PMV: Estou, mas é essa nova geração do hip hop, isso foi o que mais se destacou nos últimos tempos porque a gente conheceu uma turma, um mundo, né? Porque, assim, eu sou de 87, né? As vezes a gente se enxerga como ainda na crista das informações, na crista das coisas que estão acontecendo, mas aí vem uma geração nova que derruba tudo o que você está pensando e fala: “ó, agente tá fazendo desse jeito” e essa turma trouxe uma perspectiva muito boa para a gente, assim, trouxe muito as falas desses meninos, trouxeram uma perspectiva muito nova para a gente. E a gente visitar os lugares onde eles moram e a realidade que eles tão falando, também, trouxe uma perspectiva muito rica, sabe? Com relação à arte mesmo. Então, são coisas assim que a gente nem alcança de tanta riqueza, de tanto material, tanto conteúdo que esse pessoal traz para gente e hip hop, que eu digo, é no sentido muito amplo, de dança, de música, de poesia. Poesia nos ônibus

também, que é uma coisa que a gente via e as vezes via com outro olhar, né? E as vezes quando você conheceu o artista e sabe o que ele tá indo fazer lá, e sabe qual é a história que ele tá contando. Todo artista de rua que você vê, você para para ouvir um pouquinho melhor porque você estava criando a identificação.

C: Deixa eu te perguntar, e os muros? O que mais os muros de Salvador te contam? O que mais as ruas te contam nesses trajetos?

PMV: Tem uma discussão que é um pouco polêmica, que é do grafite e da pichação e aí nessas vivências todas eu pude aprender o porquê tirar um pouquinho de preconceito da pichação e aprender que aquilo, também, é uma forma de expressão rebelde, é feio porque tem que ser feio, incomoda porque tem que incomodar, sabe? E eu acho que a intenção dos pichadores é essa arte deles elevar essa mensagem de que: “ó, Salvador bonitinha que você vê na televisão, que você vê no site, nas agências de viagem, não é assim não”. Existe a Salvador feia e o que é feio, entre aspas, né? Não é esteticamente artístico, existe. Essas pessoas existem e entre eles, também, existe um movimento de visibilidade, por exemplo, depois que a gente passa e lê, a gente fica com alguns nomes na cabeça, né? E depois você vai e conhece essas pessoas e vê que essas pessoas tem muita história para contar naquele letrado, sabe? Esse letrado também é uma coisa muito exclusiva de cada artista, cada um tem o seu letrado. Então, você pela entrada nesse mundo, você acaba entendendo o que é uma assinatura, como uma assinatura do artista que coloca ali, por exemplo, a assinatura artística de Caribé, assinatura artística de Bel Borba, sabe? A estética de cada um, também, é apresentada daquela forma e se a gente tem um pouco menos de preconceito e um olhar mais apurado para essas pessoas, você pode ver que aquilo que eles estão fazendo é arte, só não tem um recurso para apresentar uma arte clássica, uma arte erudita. Então, os muros me mostraram isso, me mostraram que a pichação não é vandalismo, pichação também é uma expressão artística. Não tem as cores, não tem a estética bonita do grafite, mas tem uma mensagem diferente da mensagem que o grafite quer passar, enfim, que as pinturas ou as outras artes querem passar.

C: Quando você está andando na cidade, que você tem que subir uma escada, tipo assim, em Salvador porque é engraçado, né? Que Salvador as vezes tem umas ladeiras que são uma rua e aí você vai descendo ali de carro de boa, até um momento que aquilo ali, ou é um muro ou é, enfim, é um barranco ou é nada ou é uma escada. Ou você para o carro e continua a pé ou você não segue, eramais ou menos

sobre isso que você estava falando. Uma escada dessa, é uma rua? É uma continuação da rua? O que é uma escada dessa para você?

PMV: É uma rua...

C: O quê que faz... desculpa, continue, eu achei que você tinha parado.

PMV: O que faz uma rua ser rua?

C: Não, porque assim, é uma coisa que eu sempre achei diferente em Salvador, entendeu? Tipo assim, tem uma rua ali perto do Dique, que quando a gente tá passando no Dique a gente vê, assim, olhando para o lado que tem uma escada, aí do nada tem um monte de carro estacionado e as casas subindo e aí é muito interessante que você sempre vê carro estacionado nessa rua, eu nunca fui nessa rua, mas sempre via carro estacionado, pessoas subindo e descendo e as residências. E aí eu sempre me perguntei se para as pessoas uma escada como essa, porque existem várias outras em diferentes contextos em Salvador inteira, né? Você pega ali, descendo da Vasco para o Engenho Velho, da Vascopeira para o Ogunjá, enfim, Salvador inteira você vai encontrar isso. Eu queria entender, tipo assim, o que são essas escadas para você, são ruas?

PMV: É, para mim, tem todas as características de uma rua, assim, né? Eu não posso dizer que rua é só onde passa o asfalto, se você tem moradias de um lado, moradias do outro e um espaço de circulação no meio eu entendo como rua. O pessoal chama de avenida, não sei como é que fala nos logradouros assim né? “Avenida não sei o que”, você entende que ou pode ser uma avenida, como a avenida Paralela ou pode ser um beco que liga um lugar ao outro e isso chama-se avenida também, sabe? Então, pelas nomenclaturas da Embasa esses lugares de escadinha seriam, as vezes são chamadas de avenidas ou chamadas de ruas ou chamadas de travessas, que são essas ruazinhas com espaços menores, sabe? Mas eu não sei se existe uma classificação para cada tipo específico.

C: Não, eu estou menos interessada na classificação e mais interessada no sentimento, entendeu? Quando a gente está passando por esses lugares é rua?

PMV: Vejo rua, com certeza.

C: O que é rua? Diga aí. Tipo assim, você tá me dizendo que isso é rua, entendeu? Uma das minhas inquietações é, justamente, o que é rua? Então, se a gente tá pensando nessa cidade toda diferente, toda assim, então, o quê que é rua?

PMV: Olhe, posso lhe dar 2 respostas.

C: Até mil.

PMV: O que eu acho, que a gente pode pensar por um sentido mais amplo, que rua seja esse lugar das manifestações, né? A gente tem a casa e a rua, tudo que não for dentro de casa, tudo o que não for particular, privado é a rua. Então, é o espaço público de maneira geral. Eu vejo assim, como eu digo, a rua me criou, também é uma entidade rua, né? Que você sai dali como uma entidade do candomblé, como um orixá ou como um espírito mentor ou como... Enfim, existe a entidade rua que também lhe traz informações ou lhe traz ensinamentos, lhe pune e lhe cria. Existe essa concepção para mim também. E a rua de um modo do sentido estrito, né? Como a gente estava discutindo aqui se moradia de um lado, do outro e um espaço de circulação no meio também entendo como rua. Enfim, eu acho que, para mim, a definição mais bonita, mais poética é essa da entidade que te cria.

C: A rua como espaço público, não é? Como esfera do outro, daquilo que não é meu em termos de posse.

PMV: Isso, do nosso também, pode ser.

C: Deixa eu te perguntar, você disse para mim, a outra palavra que você usou foi gente como expressões da existência. Quando você tá na rua, o quê que é essa gente? Enfim, você sabe o que você disse.

PMV: Gente é todo mundo que é um pouco diferente da massa. Assim, existe a expressão “da massa” que é uma expressão das unidades que se convergem ali, criam uma espécie de grupo, mas o que eu digo que é gente é, por exemplo, um baleiro que entra mercando sua mercadoria. Então, ele tem uma frase ali específica, ele tem uma frase de efeito que ele vai buscar conquistar o cliente. Ele, para mim, é gente funcionando naquela manifestação ou um morador de rua que, não sei, que está ali destoando de um ambiente da orla, sabe? Às vezes eu vejo muito morador de rua deitado no banco do ponto de ônibus e as pessoas em pé, aquela pessoa tá existindo, ela tá se expressando, ela, para mim, é gente naquele contexto, entendeu? Então, assim, quando se tem muitas pessoas dentro dos carros, enfileirados, esperando o sinal abrir para seguir para um mesmo caminho, para mim, aquilo não expressa nada. Então, não vejo essas pessoas como gente, você tá entendendo? É quem tem uma expressão específica ou alguma mensagem para lhe comunicar, existir.

C: Tenha um pouco de paciência porque eu estou reorganizando a ordem das coisas que eu vou perguntando, na medida que você responde antes eu antecipo, que você responde depois eu postergo. Enfim, para evitar fazer pergunta duplicada e

para evitar perder coisa porque eu vou acrescentando também, mas é porque eu fiquei aqui agora pensando nisso que você falou de gente, né? O que chama atenção, para você, em gente é uma singularização dessas pessoas diante de um contexto...

PMV: Isso, de grupo.

C: Eu não vou chamar de homogêneo, mas assim, no contexto da cidade, né? Como um todo.

PMV: É por aí, homogêneo. Eu acho que você entendeu, a palavra é essa. **C:** Fora a Embasa, quais são os motivos de seus deslocamentos na cidade? **PMV:** Mercado. Hoje em dia está bem mais restrito, né?

C: Não, mas pense assim, fora pandemia.

PMV: Encontro com amigos ou passeio no Pelourinho ou praia ou casa de minhamãe, minha casa. Assim, hoje, não sento mais em bar, não gosto mais dessa rotina de noite, sabe? Mas rua, para mim, quando eu saio é mais ou menos nesse sentido aí, para fazer coisas da demanda humana mesmo

C: E quando você vai para esses deslocamentos, eles são mais para perto ou mais para longe de casa? Fora do trabalho porque pelo trabalho você roda Salvador inteira, né? A banda da Paralela para cá, se fosse para outra banda já era subúrbio e o outro lado da cidade. Então, a banda atlântica, basicamente, você roda ela toda no dia a dia, mas assim, fora o trabalho, como é que você fazesses deslocamentos na cidade?

PMV: Como? De que meio de transporte?

C: Isso.

PMV: Hoje, de carro, né? Mas não foi minha realidade durante a maioria de minha vida, assim, por um bom tempo de minha vida foi... assim, em Serrinha não porque em Serrinha você consegue fazer tudo a pé, né? Assim, o que eu rodaria em Salvador eu rodo 1 hora ou meia hora se fosse para fazer em Serrinha, na mesma quantidade de atendimentos, mas aqui em Salvador sempre foi de ônibus, né? Ou de pé quando não tinha ônibus, por exemplo, eu e meus amigos a gente ia para show longe, na Paralela, Wet'n'Wild, essas coisas e não sabia como voltar. Se tivesse transporte para gente voltar, a gente voltava, pegava, se não tivesse a gente voltava andando de onde fosse e para gente não era um problema não, era diversão também.

C: É mesmo? Andando do Wet até a Federação?

PMV: Até a Federação. Não poucas vezes, do estádio de Pituaçu, do Wet'n Wild,

Bahia Café Hall, esses shows todos para o lado de lá que a gente ia. As vezes a gente ia com o dinheiro do show, não tinha nem dinheiro de tomar uma cerveja, de tomar refrigerante, para ver o quê que ia acontecer e se der certo, voltava, se achasse uma carona, massa, se não achasse, paleta.

C: Paletada... e como era bater essas paletada?

PMV: É isso, era divertido, para gente era divertido. Chato era tá em casa, né? Preso dentro de casa, não tinha nem internet, não sei se tinha internet direito naquela época, a gente não tinha tanto acesso assim, para se distrair dentro de casa. Assim, quando a gente não descia para se encontrar aqui por baixo, a gente caminhava e a gente mora aqui perto da UFBA também, a UFBA sempre era um passeio para gente, aqui no... você conhece aqui o Parque São Braz, né?

C: Conheço.

PMV: PAF 3, biologia, aquela região ali sempre era um passeio para gente, depois a gente cruzava a UFBA para chegar na praia de Ondina. A gente ia por dentro ali, pelo portão de Geologia até a portaria principal, sabe? Então, dava volta pela Lima de Barros. Não sei nem se o pessoal hoje tem esse costume assim, de sair andando, né? Pela cidade, conversando, batendo o papo com os amigos. Não sei nem se tá perigoso ou se não.

C: Você não achava perigoso, né? Pelo que você falou, tranquilão.

PMV: Não, era um grupo de 4, 5. Às vezes as pessoas achavam que a gente era o perigo nesse contexto. Porque só ia um grupo de 4, 5 amigos, assim, não sentimos o perigo não. Sempre frequentei ali e nunca tive, assim, já soube de coisas que aconteciam, né? Mas nunca presenciei, nem nunca aconteceu nada de... e eu ia desde muito cedo, assim, entende?

C: É... quando foi que você diminuiu mais, assim, andar a pé e de ônibus? Por quê?

PMV: Andar a pé e de ônibus nunca foi a opção assim, né? Porque eu não tinha carro, não tinha como me deslocar pros lugares que eu queria e como eu queria, eu dava meu jeito, se não tivesse como ir de ônibus eu ia de pé, não tinha esse problema e também nunca priorizei carro, sempre priorizei viagem, então, a grana que eu podia juntar para comprar um carrinho eu sempre viajava e gastava dinheiro todo e voltava para trabalhar, para ter mais dinheiro para viajar, meus 20 e poucos foram assim. Só que a gente cansa, né? São 10 anos já quase, nessa rotina e chegou um momento que eu falei: "ó, tá muito cansativo, tá prejudicando minha produção inclusive, no trabalho, então, eu preciso ter tranquilidade para chegar e

sair” e aí sacrifiquei outras coisas, comprei o carro e estou indo e voltando de carro e fazendo outras coisas de carro também, rodando a cidade e fazendo outros trabalhos, também, de carro. E facilita muito com relação ao deslocamento, hoje, que a gente tá com as produções audiovisuais, né? Que a gente precisava se deslocar com equipamento e com tripé, câmera, microfone, um bocadinho de coisa e de ônibus fica meio complicado, mas tem que ter uma condição financeira.

C: Nos deslocamentos em geral, quando você estava andando ou de ônibus ou de carro, o que chama sua atenção durante os deslocamentos? Fora os da Embasa, né? Tipo assim, porque eu já percebi que no da Embasa, tipo assim, aí sou eu interpretando o que você me disse, tá? Como eu entendi. É como se fosse uma abertura para cidade, tipo assim: “eu estou no trabalho e eu encontro essas coisas diferentes ao longo do meu trabalho e essas coisas servem para mim de inspiração porque é um mundo novo.”

PMV: Se fosse na minha vida privada, assim, vamos dizer.

C: Exatamente. Então, essa vida pública de profissional te abre espaço para conhecer a cidade de uma forma diferente da que você conhece regularmente, né?

PMV: Exato.

C: Nos seus deslocamentos do dia a dia, também tem coisas que te chamam a atenção? É diferente desses deslocamentos da Embasa?

PMV: Não, eu posso dizer que os deslocamentos da Embasa me abriram os olhos para o que eu acabo observando no dia a dia, entende? Então, assim, o que eu via nesses lugares eram os lugares dessas pessoas, né? Que as vezes elas são de lá, mas vão ganhar a vida no centro ou vão procurar trabalhar e a gente via essas pessoas, assim, essas pessoas que eu digo não são pessoas específicas, né? Mas representantes de moradores desses lugares, que a gente vê circulando no centro, a gente vê passeando por aí, a gente não sabe de onde elas são, mas quando a gente tá no lugar e ver que: “olha, essas pessoas se agrupam ou vão descansar, voltam para casa, colocar a cabeça no travesseiro aqui e aqui de onde elas saem todo dia e para onde elas voltam todo dia”, porque, assim, né? Na rua você não sabe quem é quem, olha para cara de alguém e ela é só aquela expressão do momento, né? Por exemplo, as pessoas que eu vejo no ônibus, não pessoas, caras que eu vejo no ônibus, eu não queria dizer tipo de pessoas, você está entendendo?

C: Estou entendendo.

PMV: Enfim, e você vai na casa dessas pessoas e vê que aquela realidade existe

também e que as vezes as pessoas tão com a roupa bonita, nova, mas as vezes não tem... sabe? Porque precisam se apresentar socialmente, as vezes o trabalho só aceita se você tiver bem vestido, se você tiver maquiada, se você tiver, né? E você vai na casa e as vezes na casa não tem mínimas condições, assim, enfim, de bem-estar, mas o guarda-roupa, a roupinha ali tá bonita, o celular tá, sabe? Então, as vezes a realidade das pessoas não condiz com a aparência delas, tanto de um lado quanto do outro. Viajei muito não foi?

C: Viajou nada rapaz...

PMV: Viajar é a minha, sabe? Se eu não tiver alguém para puxar: “epa, segura aí”, eu vou embora [risos].

C: Me diga aí, você costuma prestar atenção no que as outras pessoas estão fazendo na rua enquanto você se desloca?

PMV: Costumo.

C: Fora da Embasa, vamos dizer assim, no dia a dia.

PMV: Costumo. Inclusive a gente fez um trabalho recentemente para outro coletivo que... não sei se conhece Clarindo Silva da Cantina da Lua.

C: Eu sei quem é, mas não o conheço.

PMV: Ele lançou um livro recentemente, aí ele estava trabalhando nesse livro chamado Histórias de Buzú que são essas histórias que ele ia pescando das pessoas, conversando no ônibus e ia tomando nota e juntou 50 histórias dessas aí, lançou um livro agora recentemente com essas histórias e você perguntou se eu costumo prestar atenção, né? No que as pessoas tão falando, então, ônibus é um lugar mais... me possibilita isso, né? Você prestar atenção, porque as vezes as pessoas tá no banco da frente não tá nem aí que tá com mais 50 pessoas ali dentro ouvindo a conversa, contando histórias íntimas, assim, da vida do marido que fez isso, que fez aquilo. Se você não botar seu fone você acaba entrando na vida da pessoa sem querer, mas eu sou observador sim dos diálogos, eu gosto. **C:** E o que é que chama sua atenção nessas pessoas quando você está na rua? Primeiro, você presta atenção mais nos ônibus e quando você está andando ou de carro, essas pessoas continuam chamando sua atenção ou isso muda?

PMV: Minha atenção tá um pouco difusa porque eu estou prestando atenção ali na direção, mas sinaleira me chama muita atenção, assim, sempre bato um papo, troco uma ideia. Não sou de dar o trocado, mas sou de bater um papo, de perguntar o quê que tá acontecendo, de onde ela veio, assim, sabe? Aquele papo ali de amizade de

2 minutos que você faz enquanto você está esperando sinal abrir. Hoje de carro é isso, mas o que me chama muita atenção são as gírias, assim, sabe? Como eu falei do ônibus, vou lhe dar um exemplo aqui bem específico, teve um dia que eu estava no ônibus e subiu uma moça vendendo abará, sabe? Esse abará temperado de 2 reais que o pessoal vende no ônibus e subiu, mercou, falou abará 2 reais, temperado com isso, com aquilo e a mulher chamou ela lá do fundo, falou: “moça, venha cá, me dê 2 abarás, um com pimenta e com sem”, isso me chamou atenção de uma forma que eu escrevi isso, dei uma de Clarindo Silva, escrevi isso aí para poder aplicar no... porque isso acontece muito, assim, ou a própria mercadoria das coisas: “abará 2 reais, abará temperado é 2 reais”, sabe? “Amendoim torrado, quentinho da hora é umé 2, 3 é 5”. Então, essas coisas me chamam muita atenção, mercar, isso eu quero fazer um vídeo sobre mercados, os novos mercados modernos, assim, de ônibus, de ponto de ônibus, de rua. Porque a gente tinha isso muito, né? Na Bahia de Feira, dos estivadores ali de baixo, mas não sei se as pessoas sabem que isso aconteceu, a história também vai se perdendo. Eu queria registrar isso. Mercadores, Carol, isso me chama atenção.

C: E se eu te disser que eu ia entrevistar uma rifeira, uma pessoa que sai vendendo rifa, mas aí o que aconteceu... rock and roll, eu também fiquei rock and roll velho, fiquei empolgada.

PMV: Você não pode deixar de dizer dessa galera da rifa.

C: Rapaz, mas sabe o quê que foi que aconteceu? A rifeira que eu tinha o contato, o celular dela não fazia vídeo chamada e aí eu perguntei se eu podia gravar, né? Tipo assim, botar um gravador no telefone, mas aí não rolou porque, enfim, a gente tá numa pandemia, então, eu não podia ir ao encontro dela e aí ela não se sentia confortável de por fazer por ligação. Eu acho que ver a pessoa, mesmo que à distância, aproxima a gente de uma forma, que falar no telefone não aproxima porque somos identidades abstratas, mesmo que você saiba quem é a pessoa, quando você tá só no telefone é como se eu fosse uma agente de telemarketing, né? “iai, senhora, como é que é a rua para senhora?”, “deixa eu aqui vender minha rua para senhora”. Então, eu tive essa sensação que para gente, como a gente não era pessoas próximas e que ela não estava disposta, porque tem isso, né? Tem gente que mesmo não sendo próximo não se importa, tipo assim, está seguro pelo anonimato e tá tudo bem, vamos fazer, mas ela não quis e isso foi uma perda para mim, que eu fiquei, assim, chorosa porque a experiência de uma pessoa vendendo

rifa na rua e como é que é vender rifa narua é surreal, entendeu?

PMV: Eu acho que você deveria procurar outra pessoa.

C: Rock and roll, né? Diga aí.

PMV: É velho, porque tem muitas, hoje em dia, é o que a gente mais vê. Então, essas figuras, isso que você falou, essa figura da rifeira é sensacional. Sensacional.

C: É sensacional, né velho? Sensacional. Eu também fiquei nessa, deu uma dorno coração assim, eu falei assim: “caramba, vou procurar”. Assim, eu preciso defender logo, mas mesmo que não apareça para qualificação, eu posso incluir ela depois, entendeu? Não tem problema. É assim que eu estou pensando, eu não acho que as coisas precisam ser pragmáticas necessariamente de tipo assim, tudo precisa ser feito para acabar, tipo assim, vou fazer para acabar. Então, eu já devia tá acabando e estou fazendo uma nova entrevista porque aconteceu, apareceu e se aparecer uma outra pessoa que venda rifa ou um rifieiro. Eu tentei também com um poeta de ônibus, mas também não deu certo, acabou sendo difícil e tal porque eu...

PMV: Eu posso lhe ajudar.

C: Eu quero.

PMV: Com poeta de ônibus eu tenho muitos nomes para lhe indicar.

C: Porque é isso, entendeu? Acaba sendo um pouco diferente, vamos dizer assim, porque quando tá no ao vivo, eu ligo para pessoa e digo assim: “ó vei, vamos nos encontrar ali na Lapa ou na Piedade, eu pago um café para você, a gente toma um café e a gente conversa”, é uma coisa. Outra coisa completamente diferente é você tá distante, em risco de vida porque Covid é risco de vida até que se prove o contrário e essa pessoa você não vê, né? Eu não quero ser uma entidade de telemarketing na vida de ninguém, entendeu?

PMV: Com certeza.

C: Não é uma coisa boa, né? Ser entidade de telemarketing.

PMV: [Trecho inaudível] Para quem está falando também, olha nos olhos, nota as expressões. É outra relação.

C: É outra relação. Então, eu acho que essas coisas eu vou continuar agrupando, mas para um momento posterior, não necessariamente para tese especificamente, mas para continuar isso, como um trabalho de continuação da pesquisa mesmo, entendeu? Porque a pandemia prejudicou.

PMV: [risos]. Segura ela aí. [trecho inaudível]. Mas também como resultado de uma situação que a gente vive hoje, né? Encontraram esse recurso, essa saída que dá

certo porque todo mundo tem fé, todo mundo precisa ganhar um pouquinho mais e as vezes sobra um trocado e vai fazer essa fé ali na menina que conhece porque joga na Megasena também, é muito distante da realidade deles e da sorte deles, enfim, aí feira tá ali é 6 para 300, bora, bora, bora, todo dia vou ali ver mesmo. É lindo, é lindo.

C: Exatamente, eu acho também.

PMV: E parabéns, viu? Pelo tema de sua pesquisa porque sou apaixonado.

C: Ai eu sou doída, Entrevistado, eu sou doída. Eu sofro tanto com essa pesquisase tu soubesse, tem dia que eu quero jogar o computador na parede, tem dia que eu quero continuar, tem dia que eu digo: “por que, meu Deus, eu inventei isso para minha vida?”, porque é difícil, né? Mexe, para mim, isso mexe com o âmago da gente, entendeu? Em como a gente se relaciona com o outro e com acidade e nem todo mundo quer falar, entendeu? Então, realmente tem gente que fala 10 minutos para todas essas perguntas que eu te fiz, tem entrevista que, contando tudo, não dura 20 minutos, mas tem entrevista que dura mais, porque eu preciso respeitar, também, que existe um desconforto, um desconforto em expor, um desconforto em conversar sobre isso porque não é todo mundo que vê isso de forma de aprendizado, entendeu? De querer, as vezes aquilo ali é todo o trauma, toda a luta da vida da pessoa, de sobrevivência e a pessoa tá sobrevivendo e ela não quer lidar com isso e eu preciso respeitar, e aceitar e entender que não é uma entrevista pior por isso, ao contrário, é uma entrevista que mostra, justamente, esse outro lado, né? Uma dureza, uma crueza do mundo em que a gente vive. Porque a gente pode achar isso tudo lindo e interessante, mas o outro lado é toda a condição que faz as pessoas precisarem disso, de falta de assistência de etc. etc. etc.

PMV:: Exatamente.

C: É nesse sentido. Hoje em dia...

PMV:: Você acha que...

C: Diga, pode perguntar.

PMV:: Eu vou lhe entrevistar [risos]. Você acha que lhe transformou muito essa pesquisa, assim, mudou seu pensamento?

C: Nossa, assim... não mudou meu pensamento porque eu não cheguei com um pensamento, vamos dizer assim, eu cheguei com dúvidas, eu sempre tive dúvidas. Dúvidas que vinham de como eu vivo a cidade e do que essa cidade me traz. Então, eu cheguei na pesquisa com dúvidas, se eu soubesse... porque não, quando eu

pensei nisso, eu não sabia que eu ia mexer com coisas tão profundas das pessoas, eu não sei se eu faria porque isso envolve, para mim, muita dor porque envolve muita empatia. Então, eu entrevistei, por exemplo, uma mulher que viveu em situação de rua e isso para mim foi doloroso por dias a fio, entendeu? Então, assim, para mim, falar sobre isso é doloroso, continua doloroso. Então, não tem como não me mudar porque por um lado isso humaniza o que está desumanizado, porque uma pessoa que vivia em situação de rua ela está desumanizada, ela está colocada numa situação, muitas vezes, de alguém que é estranho a minha vida, né? É desumanizada nesse sentido, ela não é um outro para mim com quem eu converso, com quem eu tenho relacionamento cotidiano, ela é uma pessoa que está ali, mas muitas vezes ela tá no contexto dado, né? De cidade, de falta de acesso por qualquer motivo que seja, ainda que seja a vontade de estar nesse contexto, por qualquer motivo que seja, ela está num contexto muito diferente do meu e que eu não troco com essas pessoas o tempo inteiro. Então, numa troca com uma pessoa dessa envolve mexer com as minhas entranhas, do mesmo jeito que envolve mexer com as entranhas dela e isso em muitos contextos. Então, assim, conversar com você mexe com as minhas entranhas, por hora, enquanto a gente tá conversando aqui, de uma forma divertida, entendeu? Porque mexe comigo de um jeito que eu também vejo uma cidade múltipla, que se abre a partir da rua, né? É assim que eu entendo a nossa conversa, então, a gente dá risada, a gente compartilha, a gente troca, mas nem sempre é esse o caso e muitas vezes envolve coisas que a gente não tem como escapar, entendeu? Então, eu não teria como mudar, eu não posso dizer jamais que entrei e saí do mesmo jeito, é mentira, eu mudei, mas eu não posso nem dizer no que eu mudei porque eu não estava, necessariamente, esperando alguma coisa, entendeu? Até porque a minha metodologia teve que mudar por causa da pandemia, várias coisas aconteceram. Então nesse processo isso tudo torna, entende? Um processo diferente. Então, para mim, é isso.

PMV:: [inaudível]. Você está somando ao invés de trocando de posição de pensamento.

C: Exatamente. Então, para mim é isso. É complicado, eu vou te dizer que eu acho que envolve muito quem a gente é fazer isso e eu não sei se eu estaria disposta a passar outros 4 anos fazendo investigação sobre quem eu sou desse jeito porque você conversando com outro você descobre sobre si, entendeu? E aí eu não sei se eu teria condição de fazer isso, assim, de prosseguidamente. Eu acho que seria

mais fácil se eu, tipo, por exemplo, fosse professora com vários bolsistas, aí os meus bolsistas fazem para mim, porque eu já tive essa experiência de saber essas mudanças, mas o confronto emocional constante com esses contextos de cidade, de uma forma muito intensa é difícil, entendeu? É nesse sentido, tipo assim, porque não tem como ser fácil. Não é difícil porque é operacionalmente difícil, é difícil porque se você ser humano e trata o outro com a humanidade que você tem é difícil.

PMV:: Você acaba sofrendo também, né? É empatia, né? Como você tinha dito desde o início. Você tem empatia, você acaba sentindo tudo o que aquela pessoa tá falando, você vai sentindo junto, então... é difícil, essa menina, mas eu acho que não...

C: Eu estou te falando que já teve entrevistado que chegou para mim, para dizer assim, parar no meio, eu ia fazer uma pergunta e a pessoa dizer assim: “você sabe que isso não é fácil de responder, não é?”, aí eu: “desculpa, eu sei, mas você não precisa responder se você não quiser, tá tudo bem”, entendeu?

PMV:: Imagino. Entendo.

C: E assim, o rumo que a entrevista leva é o rumo que você quer que ela leve, então, se a pessoa traz muita coisa dura para lidar, a entrevista vai tomar um rumo de falar de muita coisa dura, que não é o nosso caso. Eu estou falando isso porque ela já tá, assim, encaminhando para o final, né? Eu não tenho muito mais para perguntar, na verdade, eu estou explorando já o que você falou, mas a gente foi explorando, você deve ter percebido isso, a partir do que você trouxe. Então, eu não tenho como te dizer que existem outros casos em que o contexto é diferente, entendeu?

PMV:: Entendi.

C: E as vezes, também tem isso, você acha que você vai falar com uma rifeira sobre rifa e você fala sobre tudo menos rifa, entendeu?

PMV: [risos]. Isso é verdade, mas enfim, se você quiser marcar outro dia, surgir outras perguntas também, eu estou aí à disposição para sua pesquisa.

C: Pode deixar.

PMV:: Que os conteúdos são bons, eu não esqueço não, as coisas que tão... **C:** Seu número está salvo, Pedro. Como o meu deve tá salvo aí, seu número está salvo.

PMV: Vou te convidar para gente fazer um podcast para o DIdeia, viu? Com o tema da sua pesquisa.

C: Ah, eu vou gostar, vai ser muito divertido. Deixa eu te falar, para você é diferente andar na rua sozinho, estar na rua sozinho e acompanhado? É diferente?

PMV:: Claramente.

C: Por que?

PMV:: Assim, primeiro por uma questão de confiança, né? De autoconfiança, mas pelo sentido acho que contrário que o de todo mundo. Eu sozinho me sinto mais seguro na rua porque eu acho que já sei lidar, eu falo acho porque, assim, as vezes a gente acha que sabe e nunca sabe, né? Vem uma situação, pega a gente de surpresa e a gente: “ó, tomei um nó da rua”, mas que já sei lidar com algumas situações de perigo, de ameaça e de vulnerabilidade, sabe? Que se eu tivesse acompanhado talvez fosse um pouco mais difícil de lidar na conversa, como eu falei, né? Eu transito entre todos esses mundos então aprendi, precisei aprender a usar o vocabulário de cada lugar desse, de cada mundo. Então, por exemplo, vou dar um exemplo aqui que eu não sei nem se é muito pessoal, mas enfim. Estava na prainha de Ondina, ali aquela por trás do hotel do Vila Galé e estava com um amigo, como é aqui perto é uma praia que a gente sempre frequenta porque não é muito turística, então a gente sempre vai e tem um pessoal da comunidade e aí eu não sei lhe dizer se é da comunidade do... recebi uma ligação aqui.

C: Se você quiser interromper e atender não tem problema não.

PMV:: Não, sei nem quem é. Da comunidade de Alto da Ondina ou da comunidade de São Lázaro do Calabar, daquela região, não sei porque também cada uma é uma facção diferente e aí o hábito da gente, né? Eu estava com um amigo meu e o hábito de, enfim, das expressões que a gente acha que são próprias nossas, mas que a gente acaba absorvendo de uma malandragem que não é do seu mundo, ele cumprimentou um rapaz, passando um pelo outro, ele cumprimentou o rapaz: “iai? Êa”, o cara falou: “Êa não, o bagulho aqui é nós”. Então é uma coisa, assim, ele é menino de prédio, de playground, assim, coisa que se eu tivesse sozinho eu sequer, sabe? Faria menção a saudação de facção nenhuma, dava oi, boa noite, boa tarde ou seja lá o que for, mas quando você quer fazer parte de um grupo e usa as expressões daquele grupo de uma maneira errada, as vezes você pode tá dando tiro no pé. Então, eu vejo dessa forma, eu sozinho eu saberia lidar com uma situação dessa, mas acompanhado não sei se confio em quem estaria comigo para poder passar ileso por uma situação de ameaça como essa que aconteceu.

C: Mas e no contexto, por exemplo, de uma paletada dessas que você dava na juventude, saindo de um show para casa, como é que seria pensar em sair sozinho e acompanhado? Que é um contexto bem diferente, né?

PMV:: É, mas eu vou lhe contar que o meu segredo é tirar a camisa, sozinho, de noite, eu dou de doido, entende? Se eu estou com um grupo, estou acompanhado tá todo mundo em grupo ali, pelo menos, você tem a quem gritar, tem alguém para lhe socorrer, mas sozinho sou eu comigo mesmo e eu tenho que ser mais ameaçador do que quem me ameaça, eu me posiciono dessa forma, por ser preto também, por ter um porte físico que as vezes é intimidador. Então, uso disso e aí quando acontece eu falo: "iaí mano, beleza?" tal, pego na mão, troco, sem a ressalva de quem tá se colocando num lugar melhor e falando com alguém, sabe? De uma posição inferior? Não, de igual para igual e isso salva muito numa comunicação dessa, se você chega com soberba, se você chega com um ar de superior o cara vai sentir isso e ele vai querer lhe responder da forma que ele é superior e ele é superior em violência, ele é superior em ameaça, ele é superior daquela forma, então vai ser... sabe? E vai bater de frente com a ameaça moral que você imprimiu a ele. Divagando, viajando junto.

C: Deixa eu te dizer, você ainda bate uma paletada de noite, hoje em dia? Esqueça a pandemia, né? Eu digo assim, hoje em dia, num contexto em que a gente pode viver.

PMV: Hoje em dia estou velhinho, né? Não tenho mais essa disposição da juventude de caminhar quilômetros e quilômetros, mas a noite para mim não assusta, sabe? Sei também que tem lugares que não, que você não entra, você não vai, você não é maluco, sabe? De pisar em algumas regiões, alguns lugares que a noite é diferente. Tem lugares que à noite quem frequenta é um pessoal e de dia é outro pessoal, sabe? Numa rua que você passa, vê a tiazinha ali, o coroa cuidando do passarinho, você vai de noite ali já é tráfico, então o coroa tá dentro de casa dormindo, a coroa também, deu 5 horas troco tudo e aí já sai o pessoal e vai dormir quem é do tráfico.

C: Fora, assim...

PMV: [trecho inaudível]. Você não perguntou, mas eu vou lhe dizer. As vezes agente acha que...

C: Não entendi não, rapidinho, é porque cortou para mim.

PMV: o tráfico também é muito frequente, em todas essas... Que as vezes você acha que não é nada, tem um avião ali trabalhando para o tráfico, entendeu?

C: No cotidiano, você diz, no cotidiano da cidade você vê isso.

PMV: Todos os lugares, as vezes o que você aprende a identificar você nota que o avião tem um pontozinho, você não roda a cidade sem achar um ponto de droga.

C: Deixa eu te falar, assim, você fala: “estou velho, estou velho, estou velho”, mas o que foi que mudou da juventude para... eu vou chamar, assim, de vida adulta, né? Adulto maduro, não é velho é adulto maduro porque eu acho que tem uma classificação, não tenho certeza que diz que é jovem adulto até os 29. Então, entrou nos 30 é adulto maduro.

PMV: Tá certo. Mudou, assim, minha vontade de tá na rua, o lance é esse. Antigamente, minha diversão era na rua, sabe? Hoje, minha diversão é em casa, assim, não sei se é por passar tanto tempo na rua, que eu acho que meu descanso é em casa, né? Quando eu estudava era faculdade, casa, quando não estava em casa queria me divertir era na rua também, porque celular não tinha tantos recursos, eu não tinha vídeo game... [trecho inaudível]. Mudou isso, minha disposição para estar porque eu gosto de estar para estudar, para tirar proveito e depois volto para casa para me recolher no meu momento.

C: Deixa eu te falar, mas você continua indo na rua, né? Só mudou a disposição, vamos dizer assim.

E11: É, não da mesma forma que antes, sabe? Hoje eu vou na rua, assim, da mesma forma não, mas com as mesmas pessoas. Antigamente, o que era um passeio... não era um passeio, você ia para rua para encontrar a galera, como no interior a gente vai para pracinha e encontra o pessoal na pracinha e tal e hoje são passeios mais específicos, hoje eu vou para os lugares, sabe? Tem um destino, tem um objetivo ali naquele lugar. Vou e cumpro meu destino, meu objetivo que é encontrar alguém ou ver um pôr do sol ou viver o lugar e antigamente, era a rua pela rua, eu ia para estar na rua e lá o que acontecesse era proveito, eu ia viver a rua?

C: Deixa eu te dizer, viver a rua, a rua como uma entidade e a rua como rua, as duas formas?

E11: é, viver a rua, antigamente, era o que a rua me propusesse, eu ia lá de peito aberto para, sabe? Para as possibilidades e hoje eu vou para um destino. Então, eu ia para a rua e vou para rua, mas ia com uma perspectiva e vou com outra perspectiva.

C: E aí me vem a terceira palavra que você usou, que foi possibilidades. Diga aí como é que é essa rua como possibilidades, tem a ver com essa rua que você falou

agora?

PMV: É, assim, essa entrevista toda só me veio com uma coisa na cabeça que é Exu, né? Que é o orixá dos caminhos, das encruzilhadas, da comunicação então, rua para mim é Exu. Assim, é uma representação divina, divinizada ou, enfim, identitária da rua, para mim, é essa porque ele é comunicação, ele é encruzilhada, ou seja, cruzamento de caminhos e daquele cruzamento novas possibilidades, é criação, entende? Então, quando eu digo possibilidades é isso, você dentro de casa tem suas possibilidades limitadas pelas paredes, da porta para fora não existe limitações, né? Porque tudo pode acontecer.

C: A rua tem uma dimensão religiosa para você?

PMV: Essa que acabei de te dizer.

C: Não, eu perguntei porque eu também fiz uma entrevista com uma candomblecista entendeu? É uma pessoa que tem um... eu não vou lembrar, especificamente agora, porque faz tempo que eu fiz essa entrevista, mas como uma pessoa que foi entrevistada para conversar um pouco sobre as experiências religiosas na rua. E aí eu quando eu te perguntei isso era se tinha mais, algo além dessa dimensão da rua como encontro, dessa rua como encruzilhada, como Exu, se você também faz expressões religiosas na rua, entendeu? Se a rua também é centro de expressão religiosa sua.

PMV: Se a gente entender por religião esse sentimento abstrato, né? De que existe a rua física, claro, mas o que a gente tá falando não é da rua física, né? São das atmosferas e dessas bolhas de sensações que a gente tem em cada região, isso para mim também é religioso. Eu falei região ou religião? Em cada região tem essas atmosferas, tem a bolha e isso para mim também é religioso, entende? O que eu digo que a gente chama de axé, quando diz que Salvador tem axé, esse axé não é sentido dentro de casa, não é sentido dentro dos lares, esse axé é da rua, é a energia da rua. Então, isso para mim, tem a sua dimensão religiosa e as oferendas do candomblé são na rua, então, existe esse cunho religioso das oferendas, das coisas serem entregues aos orixás, a quem seja de direito, na rua, né? Então, não é uma coisa que você guarda para si, dentro de casa, uma energia que se bota na rua.

C: Pensando em Salvador e em Serrinha, a relação com a rua, pensando em Salvador e Serrinha, é diferente?

PMV: É porque Serrinha você não precisa muito para ser conhecido, né? Então, você tá num lugar que onde você vai você conhece as pessoas e as pessoas lhe

conhecem. Então, você também tem outro cuidado porque tá sendo visto por alguém que pode dizer a sua mãe o que você estava aprontando ali com sua galerinha na rua e tal. E Salvador já é mais anônimo, assim, você sai para encontrar com vários anônimos, sabe? Ali naquele anonimato as coisas acontecem e você tem outra relação entre casa e rua nesse sentido, mas assim, uma boa parte da identidade da gente e de onde a gente traz a construção da nossa identidade, eu não vivi em Salvador, né? Vivi no interior, em Serrinha. Então, assim, quando saía de casa eu ia para o clube jogar bola ou ia para sorveteria ou ir, já um pouco mais velho a gente ia para o bar, sabe? Não tinha muitas opções de lazer, de diversão assim. Salvador já engloba mais outras opções e eu também já estava em outra fase da vida, sabe? Então, talvez não tenha como comparar uma cidade e outra nas mesmas fases da vida, cada cidade foi uma experiência, vamos dizer.

C: E como foi a infância em Serrinha? Foi uma infância na rua ou dentro de casa?

PMV: Na rua. Na rua, na roça, no terreiro, jogando bola, era uma infância totalmente de rua. A gente tinha quintal em casa, mas o quintal era para brincar quando os primos chegavam, a gente ia para o quintal, brincava e do quintal ia para rua. Meus amigos eram os amiguinhos da rua ali, onde estava sempre um na casa do outro que ia tá na rua também. Então, não era casa não e eu acho que essa seria uma diferença da infância em Salvador porque eu fui para Serrinha com 7 ou 8 anos, então eu vivi dos 8 em diante, de quando eu me entendo por gente, dos 8 aos 18. Então, até 8 anos eu vivi a influência do apartamento, né? Só podia sair na hora certa, acompanhado pela mãe, então era uma coisa, assim, que tinha os amiguinhos restritos que era os amiguinhos do prédio, os amiguinhos do prédio vizinho não tinham muita amplitude, assim, sabe? Nos círculos, era só aquela galerinha ali de 2 ou 3, descia com os brinquedinhos para brincar ali, dava o horário, subia, tomava banho, tomava café e ia dormir para acordar amanhã e ir para escola de novo, não éramos livres, sabe? Em Serrinha, eu andava de bicicleta, ia para a roça, não tinha perigo assim, não tinha preocupação, a vida era muito mais fácil de ser vivida, assim, lá a gente não tinha restrição.

C: Então, na infância em Salvador você não aproveitou a rua?

PMV: Não, não.

C: Mas em Serrinha...

PMV: Agora, assim, vivi em Salvador até os 8, né? Então, nada podia fazer sozinho, minha mãe trabalhava, ficava com minha tia em casa as vezes, e quando saía era

quando ela ia me levar a algum lugar. Então, meu mundo era o mundo daquilo, da área do prédio, do playground e do apartamento, sabe? Era esse o mundo, eu não conhecia o mundo, para ir para escola era sair daquele mundo e ir para outro. Em Serrinha não, a cidade era um mundo, pelo menos agente tinha essa... sabe? Esse alcance de... [trecho inaudível], a gente podia rodar a cidade.

C: Você acha possível ter uma infância, como a que você teve em Serrinha, em Salvador? Você acha que existe isso?

PMV:: Negativo, impossível. É impossível ter uma infância plena, em uma cidade grande.

C: Mesmo quando você vai em vários bairros de Salvador, você não vê crianças brincando na rua ou coisa do tipo? Aparece isso, não aparece? Brincando, mais ou menos, como você brincava em Serrinha?

PMV: Mais ou menos porque aquela criança ali tá sujeita ao tráfico, tá sujeita as influências da rua, as influências típicas da cidade grande. No interior, a gente sabe quem é perigoso, perigoso assim né, a gente sabe quem seria uma má influência, quem lhe desviaria de um caminho de infância e aí a gente não encosta porque a gente tem medo dessas pessoas, a gente não tem admiração, entende? E talvez na cidade grande a admiração seja por essas pessoas que tão ali, né? Bem vestidas ou com poder financeiro numa comunidade super carente são eles que tão bem vestidos, lhe oferecem essa possibilidade. Eu achoque é mais difícil por conta dessas questões mesmo assim, no interior é muito mais difícil disso acontecer. Agora, cada interior, também, é um interior, não sei se Alagoinhas, por exemplo, tem essas características e Feira de Santana.

C: Deixa eu te falar, e pensando assim, na infância que você vê essas crianças terem na cidade, no dia a dia, como é que você vê a infância dessas crianças, né? O que elas tão fazendo na rua, como é que é, tipo assim, qual é a percepçãoque você tem dessa infância na rua que você experimenta andando pela cidade,né? Andando, eu digo assim, se deslocando ou trabalhando, enfim.

PMV: Assim, eu acho bonito quando vejo, gosto. É uma coisa que sempre fotografo, apesar de toda as ressalvas com imagem e tal, mas eu gosto muito dever criança na rua, criança só de cueca na rua com um pedaço de pau, correndo,sabe? Brincando..., mas criança é criança, criança não sente essa diferença porque, para ela, ela só tá vivendo o mundo, ela não sabe que aquilo ali é perigoso ainda, ela não sabe que aquilo ali pode levar ela para própria morte ainda. Então, ela tá sendo da ingênu

como qualquer criança, vivendo, mas essas coisas a gente só nota depois que passa, né? As vezes a gente não sabe o dia seguinte daquela coisa bonita que a gente tá vendo acontecer, que é uma criança brincando na rua, né? As vezes pode ser um acidente por ela tá ali descuidada e vai atravessar uma rua e não sabe que carro mata e pega e morre, as vezes é influência do tráfego, as vezes é o amiguinho que é perverso também, tudo isso acontece.

C: Quando você pensa em infância na cidade, em crianças na cidade, essas memórias, essas coisas que a gente tá conversando, te levam a pensar como é que você gostaria que fosse a rua e a cidade?

PMV: Não, na verdade. Assim, é porque eu entendo isso como consequências, né? Consequências sociais e essas coisas todas, assim, não atribuo culpa ao indivíduo, né? Mas não sei se exista um modelo da infância feliz, é isso que eu quero dizer, assim, se a criança tem espaço e ela pode se misturar com esse espaço físico, eu acho que ela é feliz, porque criança mesmo, dentro da cabeçadela, ela cria o mundo e cria sua própria diversão. Enfim, não é o que se propõe a ela é o que vai ser realmente a diversão dela. Tudo para criança é diversão e aí se você dá uma arma, ela vai se divertir com a arma porque para ela é brinquedo, mas se você dá uma bola é a mesma coisa, ela vai se divertir com a bola e para ela é um brinquedo. Não acho que exista um modo ideal de se viver a infância, mas eu acho que exista uma infância ideal de ser vivida, pode ser confuso, mas assim, você entende? Não é uma coisa geral, mas é uma coisa individual de como você se comporta com o mundo ao seu redor e como as coisas acontecem para si.

C: Você acha que depois que você cresceu, pensando, seja na infância em Salvador, seja na infância em Serrinha, seja na adolescência, início de vida adulta, em Salvador e hoje, sua relação com a rua mudou?

PMV: Aumentou. Aumentou, no sentido, não da presença, mas da minha relação mesmo de identificação com rua, aumentou. Eu via a rua como um parque, talvez, né? Como lugar que a gente ia para se divertir, para sair de casa, da sua concentração para ir fazer outras coisas e hoje eu vejo a rua como arte, né? Como uma televisão, um cinema ou uma coisa que eu saio para observar, para contemplar, para trabalhar a rua, então mudou.

C: Por que você acha que isso aconteceu?

PMV: Acho que ela se apresentou, não sei se eu já tenho uma natureza voltada a esse... porque, assim, meu pai também tem muito essas viagens, de gente, de povo,

gostava de samba, é envolvido com essas coisas todas de expressões populares. Não sei se isso é genético e eu acabei puxando porque também, tive pouco convívio, como eu lhe disse e tudo, mas genética é foda [trecho inaudível] eu estava, né? A gente traz essa carga e a gente não sabe nem de onde. Me esqueci sua pergunta.

C: Eu perguntei do porquê que você acha que sua relação com a rua mudou, aí você estava dizendo que aumentou, aí você estava me dizendo por que aumentou.

PMV: Ela se apresentou, na verdade, sabe? Esse formato de rua acabou se apresentando, contando a história toda que eu lhe falei do Dê Ideia e desses amigos, que a gente notava coisas específicas e tal, o rap que veio. Então, as coisas foram tomando vida própria e a gente só se organizando para receber aquelas informações, mudou por isso, né? Porque eu criei uma relação mais íntima de observação e não só de viver, não só de me jogar nos lugares [trecho inaudível], passei a registrar também, essas coisas, mudou nesse aspecto. Talvez o olhar voltado mais assim para as pessoas, para os invisibilizados talvez, que não era o foco da minha observação anteriormente. Foi o que mudou, mas o porquê não sei lhe responder, talvez.

C: É porque é um processo de elaboração, né? A gente vai pensando nessas coisas, a gente vai elaborando, então, muita coisa a gente não sabe mesmo, não sei. Eu acho que não saber faz parte de viver mesmo, muita coisa a gente não sabe mesmo e é isso aí. Eu acho, um spoiler, ao longo desses 4 anos porque eu fiz 4 anos de doutorado agora em abril, era para eu ter defendido em abril e eu estou atrasada por causa da pandemia. Teve uma palavra que apareceu para mim que é “estar entranhado”, então, é como se para mim, o que você está falando é como se a rua estivesse entranhada na vida, entende? Tipo assim, para mim, vários processos são isso, as coisas entranharam de um jeito que eu, é como se tivesse, literalmente, virado entranhas do corpo, tipo assim, entranhou, entrou de um jeito que eu não tenho mais como tirar. O que você me fala para mim, eu entendo desse jeito, entranhou. Então, é como se a rua, quando você fala que aumentou, ela entranhou de um jeito que ela não é só a diversão, o estar fora, encontrar amigos, um encontro, a observação, a contemplação, ela entranhou de um jeito que é uma própria forma de expressão de ser você.

PMV:: Exatamente.

C: Eu sei que eu não devia estar dizendo o que eu acho das coisas, entendeu? Mas...

PMV: Não, você tá traduzindo o que eu não estou conseguindo dizer.

C: Mas, para mim, a palavra “estar entranhado” é porque é uma coisa que eu não consigo mais tirar, entendeu? Então, é por isso que eu digo que essa pesquisa, para mim, é muito difícil porque tem muita coisa que está entranhada em mim e, para mim, é uma palavra pesada, é uma palavra forte. Enfim, não é comum o uso dessa palavra, tipo assim, cientificamente, entendeu? Mas hoje, eu não tenho como ver de outra forma que não seja entranhado, então quando você falou essas coisas para mim, de aumentou, que não sei o quê e você disse que não sabe porque mudou, eu entendo não saber porque mudou, porque entranhou de um jeito que separar para dizer porque mudou, o que aconteceu, não sei o quê, é como expropriar, é arrancar um pedaço e se você arranca morre. Então, não tem como arrancar, entende? Então, para mim, entranhar é isso, então, entranhou é entrou nas entranhas de forma profunda. Não é só você que viaja, tá vendo? Eu também faço essas viagens doidas. Doideira, doideira total. Me diga aí, diante dessa rua entranhada na vida, como é que você imagina o futuro da rua e da cidade?

PMV: Eu sou piscianinho, né? Eu sou muito otimista com as coisas, por mais que todo o mal que esteja acontecendo aí, eu sempre acho que são males que vem para o bem, que é para gente se entender e, assim, acho que quando a gente entender o outro como nós, vai ser mais fácil da gente melhorar o convívio de rua, da gente andar mais tranquilo ou ser um espaço de compartilhamento, de troca ao invés de um espaço de disputa. Minha esperança é que a vida de todos os lugares seja como a vida dos interiores, das ruas dos interiores e as pessoas se conheçam e se não se conheçam, passem a se conhecer, que troquem, se relacionem com respeito. Acho que, para mim, o futuro da rua tem que ser esse, se talvez não for é porque ainda não é, mas um dia vai ser, entende? Se a longo prazo não for, é o caminho para ser ou se a curto prazo não for é o caminho para ser.

C: Eu vou, depois que a gente encerrar, vou te falar de um filme que eu assisti esses dias e tem tudo a ver com isso que você me falou porque senão a gente vai começar a falar de filme, entendeu? E eu não quero sair da rua, eu não quero sair da rua e aí eu não vou falar de filme agora por isso, muito especifica, só para contextualizar, para você me lembra para falar desse filme, mas você acha que existe alguma relação entre a memória, essas memórias que você tem da cidade e o futuro da cidade?

PMV: Difícil a pergunta, não sei. Sim, porque óbvio, que é uma linha. O futuro só vai ser construído a partir dessas memórias que a gente vem trazendo consciente ou

inconscientemente, voluntário ou involuntariamente, mas não sei se o futuro vai ser construído das memórias, talvez por causa delas, não sei se as memórias ainda vão existir, não sei se o inconsciente coletivo vai trazer isso para o futuro. Não sei, mas o que eu posso lhe dizer, talvez, é que essa energia que a gente vem falando isso o tempo todo, dos lugares, seja um pouco das memórias dessas pessoas, né? E talvez de um processo ancestral.

C: Agora eu vou entrar na última parte, finalmente, eu peço desculpas pela demora, pela longevidade da entrevista, que eu sei que todo mundo tem compromissos, mas para mim está sendo um prazer estar aqui.

PMV: Igualmente.

C: Eu não vou nem dizer que são perguntas pragmáticas porque não são, porque nunca são, mas eu vou chamar assim de...

PMV: Eu vou entender.

C: Obrigada. Onde é que você mora hoje?

PMV:: Santo Antônio, Salvador. Santo Antônio Além do Carmo.

C: É casa ou apartamento?

PMV: Casa.

C: É imóvel próprio ou alugado?

PMV: Próprio.

C: Você mora com quantas pessoas?

PMV: Sozinho.

C: Como é a infraestrutura da sua rua?

PMV: Em que sentido? É uma rua sem postes, é uma rua de centro histórico, então não tem poste, a fiação é interna, uma rua de calçamento de paralelepípedo, não é nem paralelepípedo, são pedras porque não são paralelas, não são no formato de paralelepípedo. E de uma rua residencial, uma comunidade unida, as pessoas se ajudam, as pessoas conhecem. É seguro, apesar da insegurança do lugar e rua do centro histórico, uma rua turística, né? Movimento turístico, movimento de pessoas, de turistas, noite e dia. Agora, tá passando por um processo de gentrificação, de politização do uso lugar, surgindo novos cafés, novos empreendimentos, assim, para outro nível de público que não é o público dos moradores, é uma rua que eu gosto.

C: Como é essa relação com essa rua? Além do gostar.

PMV: De família. Assim, eu cheguei estranho, né? Porque quando eu cheguei, a comunidade toda já se conhecia e eu cheguei como alguém de fora que veio para se

posicionar naquele lugar, mas por conta dos projetos, por conta das atividades do Dê Ideia, por conta de outras atividades que a gente desenvolveu lá, eu criei uma relação mesmo de família. Então, eu sou padrinho de crianças lá na rua, a gente sempre se ajuda como pode, contratando serviços, então é uma rua que funciona como uma comunidadezinha ali mesmo, dentro do coração do Pelourinho.

C: Desculpa, é que meu esposo tá dando aula e reclamando da resenha dos alunos, aqui do lado e aí eu não pude deixar de ouvir essa reclamação. Ai meu Deus, mundo virtual. Então, eu entendo o que você está falando em termos de mudança, prestei atenção em tudo, entendi que sua rua é família, sensação de familiaridade para você. Estou te dando esse retorno só para você ver que eu tive essa pausa, mas não foi pausa de desatenção, foi pausa de entender se estava tendo problema ou que eu precisava, tipo assim, socorrer ele ou o que era, entendeu? Foi essa uma preocupação doméstica, do cotidiano.

PMV:: Não se preocupe não.

C: Com a quarentena, mudou alguma coisa na sua relação com a sua rua? **PMV:** Mudou. Assim, porque é uma rua turística, de um lugar turístico da cidade, então, com a quarentena o movimento turístico mudou e com o movimento turístico, algumas pessoas que ganhavam com isso precisaram buscar outras formas de sobreviver. Então, o cotidiano da rua mudou, sabe? Então, lá tem uma casa de show, casa de Castro Alves, que fazem casamentos, eventos e tal, ali do lado da Igreja do Passo, já deixou de ter, alguns eventos que o pessoal fazia na escadaria também, eventos artísticos assim, sabe? De saraus e apresentações musicais e tal não tão acontecendo. Então, todos esses eventos culturais que movimentavam lá não tão acontecendo. Tá só acontecendo no grupo de moradores, sentam na porta, não deixam de tomar sua cervejinha ali na porta de casa, batendo papo, de conversar com os vizinhos, esse movimento não mudou. Agora, o movimento, o fluxo comercial da rua mudou com a pandemia.

C: E você podia falar um pouco mais sobre esse seu cotidiano na sua rua? Cotidiano pré-pandêmico e cotidiano pandêmico, vamos dizer assim, os dois cotidianos.

PMV: O meu cotidiano era rodar e trabalhar, quando chegava em casa ouvia um pouco da briga da vizinha [risos] que fala bem alto e é bem uma senhorinha, sabe? Essa senhorinha que gosta de reclamar e ela reclamava muito, as vezes ouvia, ouvia tudo o que ela tinha para dizer, ela é dona de um bar, saía para tomar uma cerveja

com ela, comia um kibe dela que é muito gostoso também. Então, era essa relação assim, saía, batia um papo ali de noite, conversava com o pessoal, entrava e ia esperar outro dia. Agora, final de semana era a gente na porta de casa, batendo papo, ouvindo música, as vezes eu fazia uma feijoada ali, sentava todo mundo na rua para comer e é assim, a nossa praça é a rua, sabe? Não tem ponto específico da reunião.

C: E nos tempos de pandemia?

PMV: Esse movimento das pessoas, sim. Agora, assim, eu também tenho ficado muito pouco, participado muito pouco dessas reuniões ali do pessoal, mas isso continua acontecendo. O que muda é só o fluxo turístico e o movimento comercial, assim.

C: Mudou a forma como você via a rua antes e depois da pandemia?

PMV: Não, para mim é a mesma coisa.

C: Para você é a mesma rua, a mesma coisa em toda Salvador? O mesmo processo?

PMV: Não, vou lhe dizer, aqui na Federação, eu acho que as aglomerações e as reuniões e os festejos tão maiores do que antes da pandemia. Na Federação, na Muriçoca. Tá de se impressionar, dia de sábado, se você passa é clima de festa total, assim, que antes não tinha. Agora, eu não sei se era por uma questão da violência, né? Que tinha muita violência nesses lugares, aí sábado era sempre tenso estar e hoje, talvez, já não esteja, não sei se é uma questão dos tempos ou se é uma questão da vontade das pessoas de tá na rua também, não sei.

C: Você se sentiu privado de estar na rua em algum momento?

PMV: Passei 2020 todo sentindo essa sensação, de querer sair, de querer fazer as coisas que eu fazia antigamente.

C: Mudou em 2021 essa sensação?

PMV: Mudou porque a minha rotina no trabalho mudou, em 2020 eu estava mais em home office, na verdade, no final de 2020 para cá, eu tenho trabalhando mais presencialmente. Mudou nesse aspecto, né? Eu estou saindo mais e talvez saindo porque, assim, quando eu saio mais, eu resolvo mais minhas coisas da rua, né? Tem coisas que eu tentava me virar para resolver dentro de casa para não precisar sair, mas já que eu vou estar na rua, já que eu vou estar trabalhando resolvo tudo de rua com muito mais facilidade.

C: Vou voltar um pouco porque eu queria ouvir um pouco mais sobre isso, sobre essa sua relação com... sobre essa relação não porque não é uma relação, mas sobre

essa sua observação. Ao longo do trabalho, né? Agora, que você tá indo para a rua trabalhar, você acha que, no trecho que você trabalha de Salvador, as pessoas ainda tão fazendo isolamento social? Assim, pela percepção de rua, entendeu? Você tá entendendo o que eu estou dizendo? Eu não estou perguntando se você tá sabendo de indivíduos específicos, eu estou falando dessa sensação de estar na rua fazendo as demandas e o que tá acontecendo ali, entendeu?

PMV: Eu acho que o susto passou, que as pessoas já estão mais acostumadas com esse clima de doença e morte ou menos preocupadas consigo nessa realidade, porque eu vejo muita gente sem máscara, muita gente junta, muita gente querendo encostar também e você precisa, sabe? Situar as pessoas. Indivíduos com máscara no queixo, com máscara pendurada, sabe? É um pouco mais de descuido que antigamente eu não via, naquele momento da tensão, da gente não saber o quê que estava acontecendo e como lidar com isso.

C: Como é que você acha que a quarentena afetou sua vida?

PMV: Eu não queria ser egoísta de dizer isso, mas afetou positivamente, assim, me trouxe o tempo que eu precisava para organizar minha vida que a rotina não deixava, me trouxe novas perspectivas, como trouxe para o mundo, mas eu acho que me colocou num lugar de busca também, sabe? De inquietação com a zona de conforto e isso foi muito positivo, eu estou buscando outras coisas, sabe? Sair daquela rotina de: trabalho, casa, trabalho, casa, trabalho, casa. Pensar em outras possibilidades foi importante, enfim, coisas de relação pessoal, assim também, proximidade com minha mãe que aumentou muito, tive tempo para mim, essa é a verdade. Não queria ser egoísta em dizer que foi positivo porque, né? O mundo tá sofrendo, mas, para mim, para minha realidade específica, minha comigo mesmo foi muito positivo.

C: Eu vou, como diz o povo, né passando o pano não, mas é porque eu acho que a gente precisa entender que uma coisa é o contexto do mundo e como as coisas que estão acontecendo no mundo nos afetam não necessariamente é falta de empatia com o que está acontecendo com o mundo. Então, eu não vejo como um egoísmo, isso que você me disse, para mim, não é egoísta, entendeu? É a forma como o processo global de isolamento, etc. Afetou você, que não é igual para todo mundo e as pessoas reagem a isso de forma diferente e para mim é só uma questão de individualidade, não necessariamente de egoísmo. Até porque pelo o que você compartilhou comigo isso não tá envolvendo aglomeração em festa, não tá envolvendo várias coisas que colocariam não só você, como os outros em risco e,

para mim, isso eu chamaria de falta de empatia, entendeu? Ou de um egoísmo do prazer imediato. Eu acho que é mais ter aproveitado esse tempo no contexto que você teve para se reconectar consigo, diante do que era possível. O que não quer dizer que não existe dificuldade e perda e adversidades mil em todo o processo, seja com a gente ou com pessoas do entorno, né? Você tá entendendo o que eu estou dizendo? É nesse sentido. **PMV:** Lhe agradeço, viu? Porque me tranquiliza.

C: É porque, assim, de fato, meu esposo uma vez me disse uma coisa que por muitos anos me marcou que é, tipo assim, para morrer basta tá vivo e para mim muitas pessoas estão agindo na pandemia com essa realidade. Tipo assim, eu estou vivo e eu vou morrer de qualquer forma, então eu vou agir assim, só que numa questão sanitária não é só sua vida, é a vida das outras pessoas porque você pode ou não morrer, mas você não tem controle sobre os outros. Não é, necessariamente, uma atitude de você sobre si, é de você com relação aos outros, mas, de fato, para todo mundo, a pandemia é um contexto de risco e demorte, desigual porque a gente sabe que os riscos, genética, imunidade, enfim, são diferentes para as pessoas, mas isso também não significa que a gente não continue vivo, quando é demandas e necessidades individuais e pessoais que estão em jogo aí o tempo inteiro, entende o que eu estou dizendo? Então, tipo assim, não é sobre ser egoísta, é sobre viver e a vida na pandemia, ela é fácil e difícil por muitos aspectos diferentes, eu tenho certeza que houve percalços para você, diante disso em termos de isolamento, solidão, etc. Etc. Etc. Mas isso não quer dizer que outras coisas não foram possíveis, eu acho que o que você trouxe como uma visão de egoísmo, na verdade é esse caminho de possibilidades que foi aberto por uma interrupção, por um evento que rompe uma novidade no mundo, que trouxe para você essas outras possibilidades.

PMV: E me afetou de forma positiva, mas não que eu não esteja incluído no contexto negativo disso tudo.

C: Exatamente, é isso que eu estou dizendo, porque, por exemplo, para mim é a mesma coisa, assim, a mesma coisa não, né? Porque obviamente somos pessoas diferentes, mas eu não fiquei ameaça em termos de salário, então, para mim, eu não tive esse lado negativo porque eu sou bolsista e eu tinha minha bolsa assegurada até o começo desse ano, meu esposo tem emprego. Então, isso muda a forma como a pandemia me afeta, agora, é óbvio que existe uma questão de produtividade, de cansaço, de demandas emocionais e etc. que estão aí, isso não quer dizer que a gente esteja feliz com o que está acontecendo no mundo, mas que estamos vivos. Eu

acho que é isso.

PMV: É, pelo menos.

C: E viver demanda agir, demanda escolher, demanda fazer, demanda, inclusive, agir pela não ação. Então, eu considero assim. Eu achei importante falar isso porque eu não acho que é tudo a mesma coisa depois de 1 ano a gente enfrentando um problema sanitário grave e, também, não dá para gente fingir que é a mesma coisa de estar 1 mês em quarentena e estar 1 ano em quarentena. E depois de 1 ano em quarentena, a gente consegue fazer avaliações das coisas que acontecem com a gente de forma diferente do que a gente faz com 1 mês, 2 meses, 3 meses. É nesse sentido, que para mim, o que você fez uma avaliação disso.

PMV: Obrigado, eu fico mais tranquilo.

C: Deixa eu te perguntar, seu lazer mudou na quarentena?

PMV: Mudou porque o meu lazer, antigamente era esporte... tem problema eu sair do lugar não, né? E continuar falando aqui?

C: Não, fica à vontade.

PMV: Meu lazer, antigamente, era o esporte, né? Eu sempre gostei muito de esporte, seja eles individuais ou coletivos e como praia fechou, os campos e tal, meu lazer deixou de ser esse. Então, meu lazer tem sido filmes, tem sido as coisas mais de casa. Para eu sair, para fazer alguma coisa assim, com o intuito de lazer é muito mais difícil. Então, não posso jogar minha bola, não posso nadar, que eu gostava de nadar, não posso fazer essas coisas. Baixei o aplicativo que eu estou indo fazer os exercícios do aplicativo, então, é um lazer limitado.

C: É o nosso mundo, eu também estou assim. Eu adoro jogar vôlei, mas vôlei é impossível e aí eu tenho uma bola de vôlei e eu tenho que ficar batendo vôlei na parede, sozinha... ou contando quantas manchetes eu consigo dar sozinha. Então, eu fui fazer recorde, né? "Vou fazer recorde, quantas manchetes eu dou? 100, 200", pronto. Esporte de vôlei, para mim, tem sido isso.

PMV: [risos]. Para as crianças deve estar sendo terrível também.

C: Tem os seus desafios. Você acha que a pandemia favoreceu você ter mais memórias da cidade do que em outros contextos?

PMV: Não porque a minha memória é péssima e se eu não estou vivendo a coisa é muito difícil eu ter memórias, eu ter lembranças daquilo ali, sabe? Por exemplo, se eu vou no Pelourinho, eu lembro do que aconteceu no outro dia que eu fui ou nos outros dias ou algum dia que aconteceu alguma coisa, mas se eu não vou, aquilo vai

embora, sabe? Aquela memória ali vai embora e eu ocupo com outras coisas, minha memória é muito de curto prazo.

C: Penúltima pergunta, a pandemia te fez pensar sobre o futuro da rua e da cidade?

PMV: Sim, se a gente pensar que me pensar no futuro da humanidade, sim, no futuro da rua e da cidade.

C: Como? O que foi que apareceu sobre a rua e a cidade e a humanidade nesse período de pandemia?

PMV: Eu vou lhe contar, eu sempre acreditei muito em conspirações, em teorias da conspiração. Então, eu sempre achei que viria uma grande revolução, durante minha vida inteira, assim, eu sempre acreditei que a gente estava se preparando para uma catástrofe assim, para um apocalipse. E vi essa pandemia como uma possibilidade disso acontecer, como isso acontecendo de uma forma menos intensa do que a minha imaginação, mas sei também que é um pouco disso, sabe? Que é uma centelhazinha que vai acender a chama de uma revolução, mas uma revolução da humanidade e tá acontecendo, né? A transformação dos espaços, as confusões do mal para que apareça e, se aparecer, a gente combata e melhore e evolua. Meu pensamento é positivo, minha linha de raciocínio é otimista nisso.

C: E agora, assim, na verdade, eu estou retomando o que eu tinha para perguntar, especificamente, eu já perguntei, mas eu quero perguntar uma coisa. Na verdade, não é perguntar, é um pedido mais específico, para você comentar uma coisa que você mencionou, mas que eu, na hora, não pedi para você aprofundar e eu queria saber se você pode aprofundar. O quê que você acha de eventos de rua em geral? Porque você falou de 2013, que é uma manifestação, a gente falou de grafite, a gente falou de hip hop, a gente falou de pixo, a gente falou de várias coisas, né? Falou de fazer da rua uma extensão da casa, no sentido de que a gente tá ali no ambiente familiar, no caso da sua rua, enfim, de várias coisas sobre a rua, né? Então, eu queria saber o quê que você acha de eventos na rua, de forma geral, como passeata, corrida, festa, baba, churrasco... desde 2013 até as coisas como as marchinhas de Carnaval do Santo Antônio, entendeu? Que tem desde outras coisas, as pequenas lavagens de rua que a gente sabe que acontecem e que não são mainstreaming, não são a lavagem do Tapuã, não são a lavagem do Bomfim. Enfim, todas essas coisas... não são as grandes manifestações, como o 2 de fevereiro, não é Carnaval, mas envolvem também essas coisas. Por um lado numa dimensão de multidão que seriam esses eventos maiores, mas por outro lado, também, em

contextos que são menores, talvez mais familiares, talvez não, talvez mais conhecidos, no sentido, de familiar ser conhecido, não no sentido de família de proximidade, que seria essa relação de corrida, festa, baba, churrasco. Enfim, porque você falou um pouco sobre isso lá em cima, com a ação do coletivo e aí eu queria ouvir um pouco mais sobre isso.

PMV: Tá, eu acho que, assim, todas essas manifestações que você citou, não tem como não ser na rua, sabe? Tudo o que envolve grupo, tudo o que envolve a relação entre as pessoas, tudo o que envolve o social é rua. Então, não vou bater um baba dentro de casa, né? Não vou fazer um show, não vou para o show, não vou sair para paquerar, não vou fazer nada disso dentro de casa, tudo isso exige a rua, a troca, né? Um lugar neutro, um espaço público para que todas essas manifestações aconteçam e, principalmente, os eventos quando é político, né? Esses eventos de manifestações mesmo, políticas. Isso tudo tem que ser na rua, não adianta a gente, por exemplo, agora em situação de pandemia e com isso tudo que vem acontecendo, eu não quero entrar em questões políticas aqui, que vem acontecendo com o país se a gente ficar gritando ou tweetando e fazendo postagem em Facebook, isso não vai mudar nada. Eu acho que precisa, sim, ocupar a rua, as pessoas precisam se unir no sentido da união das forças, tá? Não precisa ser união dos corpos, mas eu vi que, recentemente, teve uma manifestação muito interessante que as pessoas tavam usando o distanciamento social para se manifestar e acho que isso é uma saída, sabe? Acho que a gente precisa botar a voz no mundo, a gente precisa dizer que tá errado, a gente precisa se posicionar, porém nesse contexto de cuidado. Acho que a pandemia ensinou muita coisa a gente, né? Lidar com o vírus é muito mais difícil que lidar com a própria humanidade, mas a gente precisa entender qual é a saída para o futuro da rua, respondendo suas 2 perguntas.

C: E o que é o futuro da rua?

PMV: O futuro da rua é comunidade, é a comunidade como unidade.

C: Tem alguma coisa que eu não te perguntei que você quer deixar registrado?
PMV: Não, acho que não. Talvez não agora, talvez quando eu coloque a cabeça no travesseiro eu lembre: “eita, devia ter dito aquilo”.

C: Mas as vezes você não se avexe, eu estou por aqui. Eu vou interromper a gravação então e aí a gente segue aqui conversando um pouco o que a gente achar pertinente.

APÊNDICE IV
A RUA NA PANDEMIA PELAS NOTÍCIAS DE JORNAL

Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

Nº	Data	Jornal	Link
1	3/7/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/levivasconcelos/noticias/2126823-salvador-relaxou-no-isolamento-e-agora-o-lockdown-e-inevitavel-premium
2	3/12/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/oxe-que-corona-mesmo-com-tres-casos-populacao-de-feira-segue-tranquila/
3	3/18/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/coronavirus-governo-da-bahia-garante-que-feiras-e-mercados-nao-serao-fechados/
4	3/19/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2123605-cerca-de-14-mil-pessoas-em-situacao-de-rua-podem-ser-afetadas-na-bahia-devido-ao-covid19
5	3/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/homem-fura-quarentena-por-jogo-virtual-e-e-multado-em-r-11-mil/
6	3/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-unida-vizinhos-criam-campanhas-para-ajudar-trabalhadores-autonomos/
7	3/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/amor-nos-tempos-do-coronavirus-como-baianos-encaram-restricao-de-afeto-e-sexo/
8	3/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/especialistas-indicam-saidas-para-pequenos-e-micro-empresarios-durante-pandemia/
9	3/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-mapeia-20-hoteis-para-abrigar-pessoas-durante-pandemia-e-chuvas/
10	3/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/comercio-de-rua-pode-ser-fechado-nos-proximos-dias-afirma-prefeito/
11	3/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fiscais-da-prefeitura-interditam-nove-estabelecimentos-em-salvador/
12	3/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corra-pro-abraco-arrecada-doacoes-para-pessoas-em-situacao-de-rua-veja-como-ajudar/
13	3/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/coronavirus-prefeitura-garante-banho-e-alimentacao-para-moradores-de-rua/
14	3/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-tera-500-vagas-de-acolhimento-para-morador-de-rua-ate-segunda-30/
15	3/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/coronavirus-ruas-de-salvador-recebem-higienizacao-especial/
16	3/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/empresarios-baianos-e-entidades-nao-apoiam-reabertura-do-comercio-mas-temem-quebra-geral/
17	3/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-unida-moradores-do-rio-vermelho-criam-campanha-para-ajudar-ambulantes/
18	3/28/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/favela-contra-o-virus-comunidades-se-unem-para-amenizar-estragos-da-pandemia/
19	3/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/precisamos-comer-as-historias-invisiveis-de-quem-trabalha-durante-a-pandemia/
20	3/30/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/viagem-protegida-motoristas-de-aplicativos-mudam-de-habitos-durante-pandemia/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

21	3/30/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/proibido-abrir-28-estabelecimentos-sao-interditados-so-neste-fim-de-semana/
22	4/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/parque-de-exposicoes-acolhera-300-pacientes-com-coronavirus/
23	4/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sem-academia-malhadores-de-plantao-trocam-isolamento-pela-orla-de-salvador/
24	4/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/caes-de-rua-sofrem-na-pandemia-bombeiros-voluntarios-ongs-e-cuidadores-de-salvador-tentam-garantir-comida/
25	4/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/idoso-acha-solucao-fofa-para-se-divertir-com-a-neta-no-isolamento/
26	4/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cura-senhor-fieis-reverenciam-imagem-do-senhor-do-bonfim-nas-ruas/
27	4/4/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ronda-diferente-bcs-santa-cruz-entrega-brinquedos-para-criancas-do-bairro/
28	4/4/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/motoqueiro-esterilizado-conheca-a-historia-do-entregador-que-nao-dispensa-o-alcool-em-gel/
29	4/4/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/domingo-de-ramos-tera-missas-nas-redes-sociais-confira-lista/
30	4/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fieis-furam-isolamento-para-enfeitar-casas-de-vizinhos-no-domingo-de-ramos/
31	4/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/aglomeracoes-causadas-pela-chuva-podem-facilitar-transmissao-do-coronavirus/
32	4/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/no-meio-da-rua-quarentena-nao-impede-os-babas-tradicionais-de-domingo/
33	4/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/onibus-de-salvador-terao-limite-de-passageiros-para-evitar-aglomeracao/
34	4/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ter-ovo-para-comer-e-luxo-sem-renda-ambulantes-pedem-doacoes-na-barra/
35	4/9/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/turismo-baiano-sente-impacto-do-coronavirus-e-crise-provoca-demissoes/
36	4/12/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/lojas-que-vendem-ovo-da-pascoa-tem-fila-neste-domingo-video/
37	4/16/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2125014-isolamento-social-acende-sinal-de-alerta-para-a-seguranca-publica
38	4/17/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/novas-regras-entram-em-vigor-e-supermercados-comecam-a-ser-fiscalizados/
39	4/18/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/supermercado-e-duas-lojas-sao-interditados-em-salvador/
40	4/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ocorrencias-para-resgate-de-felinos-durante-pandemia-e-cinco-vezes-maior/
41	4/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ong-distribui-quentinhas-em-bairros-de-salvador-durante-pandemia/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

42	4/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mototaxistas-credenciados-comecam-a-receber-cestas-basicas-da-prefeitura/
43	5/4/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-na-pandemia-como-as-pessoas-tem-celebrado-a-vida-durante-o-isolamento/
44	5/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pm-encerra-festa-com-mais-de-100-jovens-em-lauro-de-freitas-veja-video/
45	5/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/homens-abrem-fogo-contra-barreira-sanitaria-na-bahia-e-duas-profissionais-sao-feridas/
46	5/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bairros-terao-restricoes-para-combater-a-covid-19-a-partir-desta-semana/
47	5/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/boca-do-rio-centro-e-plataforma-tem-correria-antes-do-bloqueio/
48	5/9/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2126960-taxa-de-distanciamento-social-cai-para-menos-de-50-em-salvador
49	5/9/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/moradores-dao-jeitinho-e-encontram-points-para-furar-quarentena-em-brotas/
50	5/12/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/feira-denuncias-de-violencia-contra-a-mulher-aumentam-19-na-quarentena/
51	5/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pituba-tem-52-estabelecimentos-interditados-por-descumprimento-de-decreto-municipal/
52	5/18/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/shoppings-voltam-a-funcionar-em-sistema-drive-thru-em-salvador/
53	5/18/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/baianos-sem-emprego-deixam-sao-paulo-em-onibus-clandestinos-e-poem-cidades-em-risco/
54	5/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/voltou-mas-tem-regras-comercio-informal-tera-de-adotar-novos-habitos/
55	5/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/medidas-restritivas-bonfim-liberdade-e-lobato-tem-67-estabelecimentos-interditados/
56	5/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-fim-de-restricoes-pituba-corre-para-se-adaptar-ao-novo-normal/
57	5/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nao-ha-outra-saida-moradores-comentam-medidas-em-brotas-e-cosme-de-farias/
58	5/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/campanha-arrecada-fundos-para-cooperativas-de-reciclagem-em-salvador/
59	5/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/indice-de-isolamento-social-na-bahia-e-de-44-ideal-seria-70/
60	5/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/feira-de-sao-joaquim-tem-tres-mortes-ligadas-ao-coronavirus-e-uma-feirante-na-uti/
61	5/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeito-critica-guerra-de-espadas-em-salvador-insensibilidade/
62	5/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/periperi-tera-medidas-restritivas-a-partir-da-quinta-28-diz-acm-neto/
63	5/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/calcao-lotado-feriado-tem-orla-cheia-e-prefeito-volta-a-falar-em-interdicao/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

64	5/28/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-inaugura-restaurante-popular-em-pau-da-lima/
65	5/28/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sem-isolamento-cenario-no-suburbio-ferroviario-e-preocupante/
66	5/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/parece-que-nao-tem-quarentena-diz-morador-sobre-falta-de-isolamento-em-pernambues/
67	6/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mais-4-bairros-com-restricoes-moradores-esperam-que-aco-es-imponham-isolamento/
68	6/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/moradores-do-extremo-sul-baiano-relatam-que-populacao-ignora-pandemia/
69	6/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/lauro-de-freitas-comecam-nesta-quarta-as-restricoes-de-circulacao-em-itinga/
70	6/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/policia-acaba-festa-em-casa-de-luxo-com-quase-40-pessoas-em-vilas-do-atlantico/
71	6/4/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/casas-de-luxo-sao-alugadas-para-festas-regadas-a-alcool-e-drogas-durante-pandemia/
72	6/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/teimosos-vao-as-ruas-de-sao-marcos-no-primeiro-dia-de-medida-restritiva-no-bairro/
73	6/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/protesto-anti-bolsonaro-tem-veto-da-pm-gritos-por-democracia-e-contra-racismo/
74	6/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-com-pessoas-aglomeradas-e-encerrada-pela-pm-em-sussuarana/
75	6/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/itapua-e-sao-caetano-terao-medidas-restritivas-a-partir-de-quarta-10/
76	6/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-nao-descarta-novas-medidas-em-bairros-que-ja-passaram-por-restricoes/
77	6/14/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/politicos-e-academicos-apostam-que-economia-fraca-colocara-povo-na-rua/
78	6/14/2020	Jornal Correio	https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/2130096-produtores-de-licor-de-cachoeira-se-reinventam-em-ano-marcado-por-restricoes
79	6/15/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estudante-de-12-anos-morre-em-acao-da-pm-familia-nega-confronto/
80	6/15/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/custou-caros-apos-domingo-de-aglomeracao-orla-da-barragem-sera-fechada-por-uma-semana/
81	6/16/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-tem-2o-domingo-com-mais-veiculos-nas-ruas-durante-pandemia/
82	6/16/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/orla-da-barragem-e-interditada-com-barreiras-no-calcadão-e-na-rua/
83	6/16/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pandemia-poetica-leva-o-slam-para-a-internet/
84	6/17/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/redemix-entrega-doacao-de-10-toneladas-de-alimentos-a-entidades/
85	6/19/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festival-graffiti-queens-feminino-artistico-e-politico/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

86	6/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/tanto-faz-se-morrer- hoje-ou-daqui-a-um-mes-entenda-como-pensa-quem-desrespeita- a-quarentena/
87	6/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/orla-de-amaralina- ganha-monumento-em-homenagem-as-baianas-de-acaraje/
88	6/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-em-casa- arraia-ao-vivo-do-correio-anima-noite-de-sao-joao/
89	6/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-lives-de-forro- do-sao-joao-no-correio-baianos-comemoraram-dentro-de-casa/
90	6/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pela-cura-da-covid- 19-imagem-de-nossa-senhora-aparecida-percorre-ruas-de- salvador/
91	6/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sao-joao- reinventado-a-chama-da-tradicao-durante-o-isolamento/
92	6/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-nao-tem- previsao-para-reabertura-de-shoppings-prefeitura-de-feira-autoriza/
93	6/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pituba-recebera- projeto-drive-thru-solidario-neste-fim-de-semana/
94	6/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/forca-tarefa- desmonta-39-fogueiras-em-bairros-de-salvador/
95	6/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nao-passou-em- branco-festeiros-baianos-fazem-arraia-dentro-de-casa/
96	6/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-ja-definiu- protocolos-para-serem-adoptados-em-retomada-diz-bruno-reis/
97	6/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sem-o-2-de-julho/
98	6/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/e-barulheira-noite- de-sao-joao-bate-recorde-de-denuncias-de-poluicao-sonora/
99	6/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/moradores-do-imbui- relatam-preocupacao-com-a-covid-19-e-fazem-testes/
100	6/27/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/periperi-comeca- segunda-etapa-da-requalificacao-do-canal-do-paraquari/
101	6/28/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/outro-cenario-orla- da-barra-amanhece-vazia-em-primeiro-domingo-apos-liberacao/
102	6/28/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/lava-e-fica-bom- catadores-reaproveitam-materiais-contaminados-durante-pandemia/
103	6/28/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/mundo/noticias/2131312-paradas-virtuais- celebram-dia-do-orgulho-lgbti-no-brasil-e-no-mundo
104	6/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sem-procissao-nem- fogueira-sao-pedro-e-celebrado-com-quadrilha-e-missas-online/
105	6/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fim-de-semana-teve- 80-estabelecimentos-interditados-e-29-festas-interrompidas/
106	6/30/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/centro-voltara-a-ter- medidas-restritivas-anuncia-acm-neto/
107	6/30/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/desfile-do-2-de- julho-nao-vai-acontecer-pela-primeira-vez-na-historia/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

108	7/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/por-melhores-condicoes-entregadores-ocupam-avenidas-de-salvador/
109	7/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/requalificacao-da-rua-paraguai-em-paripe-e-entregue-pela-prefeitura-de-salvador/
110	7/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cerca-de-mil-cestas-basicas-foram-entregues-para-autonomos-do-turismo/
111	7/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/depois-de-madrugada-de-terror-pm-instala-base-movel-em-sussuarana/
112	7/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/dois-de-julho-nove-filarmonicas-farao-concerto-virtual-com-hino-renovado/
113	7/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/tiroteio-em-saramandaia-suspende-servicos-contr-a-covid-19-na-comunidade/
114	7/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/me-sinto-desolada-moradores-lamentam-falta-do-cortejo-do-2-de-julho/
115	7/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/um-2-de-julho-diferente-e-as-memorias-da-independencia-da-bahia/
116	7/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/solitarios-no-pavilhao-caboclos-do-2-de-julho-inspiram-novos-tipos-de-comemoracoes/
117	7/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/de-profissional-da-saude-a-babalorixa-eles-furaram-a-quarentena-para-ver-o-caboco/
118	7/4/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/drive-thru-musical-arrecada-alimentos-para-musicos-durante-a-pandemia/
119	7/4/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/politica/noticias/2131870-em-meio-a-pandemia-carreata-politica-tem-fogos-e-buzinaco-em-coracao-de-maria
120	7/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/toque-de-recolher-em-10-municipios-da-rms-vai-ate-12-de-julho/
121	7/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/praca-da-maozinha-passa-por-reforma-e-fica-irreconhecivel/
122	7/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/neto-critica-festas-paredao-em-salvador-tem-gente-que-ta-se-lixando/
123	7/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-menos-carros-nas-ruas-postos-de-combustiveis-demitem-quase-7-mil-na-bahia/
124	7/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/alta-de-casos-de-covid-19-leva-tancredo-neves-a-recorde-de-5a-semana-em-restricao/
125	7/9/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/briga-entre-faccoes-cp-e-bdm-leva-o-terror-aos-moradores-de-saramandaia/
126	7/10/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/igrejas-e-templos-se-preparam-para-retomar-cultos-presenciais-em-salvador/
127	7/10/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/liberdade-sitiada-bairro-volta-a-ter-medidas-de-isolamento/
128	7/10/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/encantando-na-janela-centenas-de-musicos-do-neojoba-levam-alegria-a-vizinhanca/
129	7/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/catador-e-morto-por-bandidos-apos-pm-matar-integrantes-de-facao-em-portao/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

130	7/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/itapua-volta-a-ter-medidas-restritivas-a-partir-de-segunda-feira-13/
131	7/12/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sol-fraco-do-inverno-nao-impede-que-baianos-reocupem-as-praias/
132	7/12/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/assistir-para-promover/
133	7/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/governo-do-estado-entrega-obras-com-investimento-de-r-4-milhoes-no-suburbio/
134	7/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/as-escolas-devem-abrir-primeiro/
135	7/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-nao-tera-festival-da-primavera-esse-ano-diz-acm-neto/
136	7/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-tem-nova-via-ligando-a-orla-a-avenida-paralela/
137	7/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/as-10-saudades-exclusivas-de-salvador/
138	7/14/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cantores-e-empresarios-opinam-sobre-adiamento-do-carnaval-2021/
139	7/15/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-autoriza-inicio-de-obras-de-reparo-na-ladeira-da-barra/
140	7/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-o-pe-no-acelerador-multas-por-velocidade-crescem-32-no-primeiro-semester/
141	7/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/alem-do-carnaval-covid-19-ameaca-festas-de-verao-em-salvador/
142	7/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-fara-intervencoes-urbanas-para-a-retomada-da-economia-em-salvador/
143	7/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nova-frota-reforca-trabalho-de-modernizacao-da-iluminacao-em-salvador/
144	7/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/uma-mao-no-terco-outra-no-alcool-em-gel-igreja-do-bonfim-reabre-nesta-sexta-24/
145	7/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/associacao-de-feirantes-faz-doacao-de-100-cestas-de-alimentos-no-jardim-cruzeiro/
146	7/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/barulhentos-denuncias-de-poluicao-sonora-mais-que-dobraram-durante-isolamento/
147	7/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cajazeiras-vii-tem-83-nos-casos-de-covid-19-na-regiao-em-apenas-um-mes/
148	7/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-carnaval-2021/
149	7/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/compras-sac-e-problemas-clientes-encaram-6h-de-fila-em-reabertura-do-shopping-da-bahia/
150	7/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/shoppings-salvador-e-barra-tem-movimento-discreto-e-alivio-em-dia-de-reabertura/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

151	7/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/shoppings-lapa-e-piedade-tem-filas-do-lado-de-fora-e-publico-se-aglomera-por-promocoes/
152	7/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/shoppings-reabrem-em-salvador-com-movimento-intenso-e-filas/
153	7/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/primeiro-dia-de-lojas-grandes-abertas-tem-filas-gigantes-na-avenida-sete/
154	7/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pandemia-obriga-venda-de-imoveis-e-placas-de-vende-se-se-acumulam-na-capital/
155	7/26/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/2133737-o-cotidiano-de-entregadores-de-aplicativos-de-delivery-lidando-com-a-falta-de-direitos
156	7/27/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/zona-azul-retoma-cobranca-com-novas-regras-e-opcoes-de-pagamento/
157	7/28/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/unidade-de-acolhimento-institucional-de-piraja-vai-abrigar-100-pessoas-em-situacao-de-rua/
158	7/28/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/herois-da-resistencia-indiferentes-a-reabertura-eles-escolheram-seguir-em-isolamento-total/
159	7/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/deque-e-pedras-portuguesas-veja-o-que-mudou-na-praca-cairu/
160	7/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/multas-por-excesso-de-velocidade-aumentam-33-no-1o-semester-em-salvador/
161	7/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/332-sucatas-foram-retiradas-das-ruas-de-salvador-em-sete-meses/
162	7/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/coronavirus-velhos-habitos-que-oferecem-perigo-de-contaminacao/
163	7/31/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-verba-privada-prefeito-entrega-obra-do-jardim-brasil-que-valoriza-circulacao-de-pedestres/
164	7/31/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/1a-festa-da-santa-dulce-dos-pobres-tera-missas-romaria-virtual-e-sarau-com-artistas/
165	7/31/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-falta-que-o-perto-faz/
166	7/31/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estrada-das-barreiras-prefeitura-entrega-geomanta-e-anuncia-iluminacao-em-led/
167	8/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/enterro-em-carreatavira-opcao-para-despedida-de-vitimas-da-covid-19/
168	8/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-oficio-de-baiana-de-acaraje-fora-de-seu-lugar-nas-ruas-patrimonio-em-risco/
169	8/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estamos-passando-dificuldade-e-cestas-basicas-estao-acabando-dizem-baianas-de-acaraje/
170	8/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/delivery-drive-thru-ou-ate-na-garagem-baianas-se-reinventam-na-pandemia/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

171	8/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-registra-domingo-com-maior-fluxo-de-veiculos-na-pandemia/
172	8/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/medo-do-virus-medo-da-violencia-mortes-violentas-crescem-durante-a-quarentena/
173	8/4/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/area-de-restricao-bonoco-e-a-via-com-mais-infracoes-de-caminhoes/
174	8/4/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sao-roque-a-cura-e-o-novo-normal-igreja-celebra-missas-a-cada-duas-horas/
175	8/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/largo-dos-mares-ganha-pia-publica-para-populacao-em-situacao-de-rua/
176	8/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/famosos-pontos-comerciais-de-salvador-passarao-por-readaptacoes-confira/
177	8/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mudanca-de-cenario-ambulantes-da-avenida-sete-deixarao-as-calcadas/
178	8/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/taxistas-com-medo-primeiro-semester-foi-o-mais-violento-dos-ultimos-3-anos/
179	8/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nova-orla-de-amaralina-faz-homenagem-a-baianas-pescadores-e-mestre-de-capoeira/
180	8/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/condominios-devem-ter-regras-proprias-para-liberacao-de-areas-comuns/
181	8/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/na-vespera-do-dia-dos-pais-filhos-fazem-fila-nos-shoppings-para-comprar-presentes/
182	8/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/frota-de-onibus-sera-aumentada-para-80-com-fase-2-da-reabertura-em-salvador/
183	8/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/artistas-invadem-as-ruas-de-salvador-e-fazem-exposicao-em-placas-de-outdoor/
184	8/9/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/santa-dulce-peregrina-por-data-festiva-e-pelo-fim-da-pandemia/
185	8/9/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/imagem-de-santa-dulce-dos-pobres-desfila-em-carro-aberto-por-40-bairros-de-salvador/
186	8/9/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/agnaldo-de-mesquita-o-val-faz-sucesso-com-drive-thru-de-acaraje/
187	8/10/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/tudo-em-ordem-reabertura-de-saloes-academias-e-bares-nao-teve-interdicoes/
188	8/10/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2135305-frota-de-onibus-e-ampliada-para-80-nesta-segunda-em-salvador
189	8/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ambulantes-e-feirantes-recebem-alimentos-em-novos-bairros-com-restricoes/
190	8/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fazenda-grande-do-retiro-e-paripe-sao-os-bairros-mais-denunciados-por-paredoes/
191	8/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sensacao-de-normalidade-clientes-festejam-volta-de-academias-restaurantes-e-bares/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

192	8/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/movimento-timido-e-clientes-sem-mascara-nos-bares-no-primeiro-dia-de-retomada/
193	8/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pela-primeira-vez-na-historia-festa-da-boa-morte-nao-acontecera/
194	8/12/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sem-mascara-ou-agendamento-alguns-saloes-de-beleza-sequer-conhecem-novas-regras/
195	8/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sussuarana-homem-ensanguentado-invade-culto-e-e-poupado-por-bandidos-em-respeito-a-igreja/
196	8/14/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/muito-amor-fieis-encaram-pandemia-e-visitam-santuاريو-no-dia-de-santa-dulce/
197	8/14/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/quem-tem-fe-vai-de-carro-reitor-do-bonfim-sugere-carreata-na-lavagem-de-2021/
198	8/15/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/santo-protetor-contra-doencas-sao-roque-tera-festa-online-neste-domingo-16/
199	8/16/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fe-sobre-quatro-rodas-a-nova-forma-de-demonstrar-a-religiosidade-dos-baianos/
200	8/16/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nova-noite-soteropolitana-tem-distanciamento-mascaras-na-cadeira-e-ate-turistas/
201	8/16/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/transformar-a-cidade/
202	8/17/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fluxo-de-veiculos-em-salvador-aumentou-durante-todo-o-final-de-semana/
203	8/17/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/veja-lista-atualizada-de-bares-e-restaurantes-que-podem-usar-calcadas-de-salvador/
204	8/17/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/revitalizacao-do-comercio-tera-recuperacao-de-117-imoveis-para-servidores-publicos/
205	8/18/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/economia-criativa-e-uma-das-apostas-para-a-retomada-em-salvador/
206	8/19/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/obras-na-joana-angelica-mudam-transito-e-transporte-na-regiao-confira/
207	8/19/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/combate-a-festas-paredao-tera-mais-equipes-e-acoes-diz-mauricio-barbosa/
208	8/19/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/faccoes-estao-agindo-mais-em-salvador-na-pandemia-diz-comandante-da-pm/
209	8/19/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cresce-uso-de-transporte-por-aplicativo-na-periferia-de-salvador-diz-pesquisa/
210	8/19/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-falacia-do-novo-normal/
211	8/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/invasao-dos-bichos-resgate-de-animais-em-salvador-mais-que-duplica-na-pandemia/
212	8/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estamos-apavorados-moradores-estao-traumatizados-apos-tiroteio-em-sao-goncalo/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

213	8/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/trecho-da-avenida-loana-angelica-passa-a-ser-mao-unica-a-partir-do-sabado-22/
214	8/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/agua-invade-caixa-subterranea-da-coelba-e-provoca-fumaceiro-no-comercio/
215	8/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mesmo-com-restricoes-comercios-do-nordeste-poderao-abrir-anuncia-prefeito/
216	8/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/noitada-cinderela-100-dos-bares-e-restaurantes-interditados-passaram-das-23h/
217	8/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/seis-bares-tem-alvaras-cassados-apos-desobedecerem-interdicao-em-salvador/
218	8/22/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/imoveis/noticias/2136666-pandemia-impulsiona-os-negocios-de-mercadinhos-e-feirinhas-nos-condominios
219	8/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fiscalizacao-apreende-equipamentos-de-som-e-flagra-desrespeito-a-decreto/
220	8/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nunca-cozinhamos-tanto-em-casa-familias-fazem-producao-de-lixo-crescer-7/
221	8/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/barraca-de-praia-em-ipitanga-era-ponto-de-aliciamento-para-trafico-internacional-de-drogas/
222	8/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/imbui-e-caminho-das-arvores-ganham-novas-vagas-de-zona-azul-veja-locais/
223	8/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-tem-56-bares-interditados-em-duas-semanas-da-reabertura/
224	8/27/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/taxistas-relatam-alta-exposicao-a-covid-19-e-falta-de-passageiros/
225	8/28/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-investimento-de-r-26-milhoes-nova-orla-do-lobato-e-inaugurada/
226	9/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/taxistas-mortes-assaltos-e-roubos-cresceram-durante-a-pandemia/
227	9/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/trio-eletrico-com-cinema-ambulante-e-opcao-para-carnaval-em-2021/
228	9/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sopro-de-solidariedade-musico-doou-mais-de-duas-toneladas-de-alimentos-em-salvador/
229	9/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-ja-identificou-17-imoveis-para-1a-fase-de-programa-de-moradia-no-comercio/
230	9/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/vamos-ter-uma-moda-desenfreada-diz-gloria-kalil-sobre-roupas-pos-pandemia/
231	9/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pandemia-deixou-o-desfile-do-sete-de-setembro-minguado/
232	9/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/um-sete-de-setembro-sem-desfile-e-sem-o-verde-e-amarelo-nas-ruas/
233	9/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/comerciantes-do-lobato-pagam-ate-r-100-por-semana-a-facao-para-nao-serem-mortos/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

234	9/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/barracas-de-praias-cumprem-normas-mas-clientes-ignoram-pandemia/
235	9/10/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-decide-manter-feirantes-na-rotula-da-feirinha-em-cajazeiras/
236	9/10/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/dia-do-gordo-especialistas-e-artistas-reivindicam-acessibilidade-e-saude/
237	9/10/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/comerciantes-de-cosme-de-farias-sao-extorquidos-por-trafficantes-de-facao/
238	9/12/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/adote-uma-baiana-de-acaraje-contribua-com-as-mais-afetadas-pela-pandemia-em-salvador/
239	9/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-tera-carreata-com-senhor-do-bonfim-e-nossa-senhora-das-dores/
240	9/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/de-boa-na-bike-veja-guia-de-ciclovias-e-ciclofaixas-em-salvador/
241	9/14/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/carreata-com-imagem-do-senhor-do-bonfim-leva-celebracao-as-ruas-da-federacao/
242	9/15/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-prorroga-auxilio-de-r-270-e-doacao-de-cestas-basicas-em-salvador/
243	9/17/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sao-cristovao-lidera-multas-por-desrespeito-a-ciclistas/
244	9/18/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-que-pode-e-o-que-nao-pode-fazer-na-reabertura-de-praias-de-salvador/
245	9/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/carreta-buzinaco-e-fogos-de-artificio-celebram-nossa-senhora-do-pilar/
246	9/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nota-dez-ou-nota-zero-volta-as-praias-testa-cooperacao-dos-baianos/
247	9/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/saude-mental-na-pandemia/
248	9/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/baianas-de-acaraje-recebem-doacoes-em-dinheiro-cestas-basicas-e-ate-tabuleiro-novo/
249	9/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/3-em-cada-10-baianos-permanecem-em-isolamento-rigorous-diz-ibge/
250	9/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/tre-ba-podera-punir-candidatos-que-descumprirem-protocolos-sanitarios-em-campanha/
251	9/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/numero-de-moradores-de-rua-acolhidos-em-salvador-aumenta-durante-pandemia/
252	9/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pontos-de-onibus-sao-os-principais-alvo-do-vandalismo-em-salvador/
253	9/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/comando-vermelho-se-estabelece-na-bahia-a-partir-de-alianca-com-o-cp/
254	9/25/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/transito/noticias/2139854-infracoes-e-multas-por-excesso-de-velocidade-aumentam-na-pandemia

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

255	9/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-ja-tem-50-hortas-e-quatro-pomares-veja-os-beneficios/
256	9/29/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ladroses-se-disfarcam-de-operarios-destroem-rua-e-roubam-fios-de-cobre-subterraneos/
257	10/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/idades-de-acolhimento-emergencial-funcionarao-ate-marco-de-2021/
258	10/1/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nova-geomanta-na-fazenda-grande-do-retiro-vai-protoger-980-moradores/
259	10/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-entrega-nova-via-que-liga-sao-goncalo-ao-arraial-do-retiro/
260	10/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pelo-sobre-rodas-carro-eletrico-faz-tour-guiado-para-cadeirantes/
261	10/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-ganhara-vila-de-food-trucks/
262	10/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-nova-cidade-baixa/
263	10/9/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ate-o-dia-12-devotos-homenageiam-nossa-senhora-aparecida-padroeira-do-brasil/
264	10/9/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/dia-das-criancas-tera-praias-e-parques-fechados-shoppings-funcionam/
265	10/9/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/politica/eleicoes/noticias/2141639-rui-costa-cobra-comportamento-adequado-em-meio-a-pandemia-e-candidatos-dizem-cumprir-protocolos
266	10/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/devotos-baianos-homenageiam-nossa-senhora-aparecida/
267	10/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nove-meses-de-pandemia-qual-consciencia-voce-vai-dar-a-luz/
268	10/18/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-paredao-com-cerca-de-3-mil-pessoas-e-interrompida-em-arenoso/
269	10/18/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fim-do-distanciamento-social-pode-provocar-sindrome-da-cabana/
270	10/18/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2142638-festa-paredao-com-cerca-de-tres-mil-pessoas-e-encerrada-no-arenoso
271	10/19/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeito-critica-aglomeracao-no-arenoso-e-manda-fechar-casa-de-show-na-ribeira/
272	10/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/na-campanha-eleitoral-cidades-reduzem-em-ate-90-testes-de-covid-feitos/
273	10/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/maratona-salvador-sera-disputada-virtualmente-em-novembro/
274	10/24/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/adocao-e-abandono-de-animais-domesticos-aumentam-durante-a-pandemia/
275	10/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/segunda-onda-de-covid-19-deve-encontrar-uma-legiao-de-doentes/
276	10/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/primeiro-grupo-a-ser-liberado-sera-o-ensino-superior-diz-rui-costa-sobre-aulas/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

277	10/27/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pandemia-provoca-prejuizo-de-r-107-milhoes-no-transporte-publico/
278	10/31/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/burger-king-da-av-acm-e-interditado-por-aglomeracao-de-jovens-com-vassoura/
279	11/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bem-melhor-que-antes-novo-mercado-sao-miguel-e-inaugurado-em-salvador/
280	11/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bem-melhor-que-antes-novo-mercado-sao-miguel-e-inaugurado-em-salvador/
281	11/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-aumento-de-casos-de-covid-19-prefeitura-adia-liberacao-de-praias-aos-fins-de-semana/
282	11/8/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/politica/eleicoes/noticias/2145420-candidatos-e-eleitores-se-adaptam-a-pleito-diferente-em-tudo
283	11/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/megaempreendimento-do-shopping-da-bahia-preve-revolucao-urbana-e-700-empregos/
284	11/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/feira-de-produtos-organicos-volta-a-acontecer-na-pituba/
285	11/15/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/aglomeracoes-agressoes-e-crimes-eleitorais-marcam-dia-de-votacao-no-interior-da-bahia/
286	11/15/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/acabou-a-pandemia-o-dia-do-voto-teve-aglomeracao-santinho-e-acompanhante/
287	11/15/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/inicio-de-votacao-tem-movimento-intenso-em-salvador-uso-de-mascara-e-raro/
288	11/15/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/politica/eleicoes/noticias/2146338-aglomeracoes-marcam-dia-de-votacao-no-interior-baiano
289	11/19/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/forca-tarefa-vai-ser-criada-para-evitar-aumento-de-casos-de-covid-19-no-verao/
290	11/20/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/papai-noel-percorrer-ruas-da-pituba-itaigara-e-costa-azul-neste-sabado-21/
291	11/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pessoas-sem-mascaras-se-aglomeram-em-frente-a-bares-do-itaigara/
292	11/23/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nada-de-muvuca-na-rua-festival-virada-salvador-tera-que-ser-assistido-do-sofa/
293	11/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/carreata-e-live-pandemia-forca-adaptacao-de-festas-populares-de-salvador/
294	11/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-novo-normal-das-festas-populares/
295	11/27/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nossa-senhora-da-conceicao-caticos-se-preparam-para-celebrar-padroeira-da-bahia/
296	11/27/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/black-friday-tres-lojas-sao-autuadas-por-descumprir-protocolos-em-salvador/
297	11/27/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bairros-de-salvador-vao-voltar-a-ter-testagens-e-distribuicao-de-mascaras/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

298	11/27/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/carnaval-de-salvador-esta-suspenso-e-nao-sera-em-fevereiro-diz-neto/
299	11/27/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/edicao-de-2020-da-parada-lgbtqia-da-bahia-vai-discutir-racismo-e-lgbtfobia/
300	11/28/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/carnaval-so-com-o-bloco-da-vacina/
301	11/30/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/decoracao-de-natal-do-campo-grande-tera-visita-agendada-atraves-de-site/
302	11/30/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/procissao-e-missas-virtuais-celebram-sao-francisco-xavier-padroeiro-de-salvador/
303	12/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/escolas-particulares-lutam-por-decisao-sobre-retorno-das-aulas-presenciais-em-2021/
304	12/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fecomercio-ba-da-orientacoes-a-empresarios-para-evitar-contaminacao-em-lojas-veja-lista/
305	12/2/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/baianos-nas-ruas-ibge-revela-que-780-mil-deixaram-isolamento-no-estado-em-outubro/
306	12/3/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pos-pandemia-62-dos-soteropolitanos-temem-aumento-do-transito-diz-pesquisa/
307	12/4/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/devotos-de-santa-barbara-e-iansa-se-adaptam-a-pandemia/
308	12/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/oito-estabelecimentos-sao-interditados-em-salvador-por-causa-de-aglomeracoes/
309	12/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/quem-precisa-vai-a-rua-quem-nao-precisa-tambem-vai/
310	12/5/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/parada-lgbtqia-da-bahia-acontece-neste-sabado-5-saiba-como-o-movimento-surgiu/
311	12/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-cidade-das-pestes-capital-foi-afetada-por-varias-epidemias-ao-longo-dos-anos/
312	12/6/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/conceicao-da-praia-vai-testemunhar-carreata-em-vez-de-procissao-pela-padroeira/
313	12/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/onda-de-confrontos-entre-trafficantes-esta-relacionada-com-a-permanencia-do-cv-na-bahia/
314	12/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/rio-vermelho-e-itapua-bares-terao-que-fechar-as-17h-na-sexta-sabado-e-domingo/
315	12/7/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/novembro-de-sangue-mes-tem-ao-menos-127-assassinatos/
316	12/8/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/verao-com-restricao-plano-estadual-faz-recomendacoes-para-evitar-a-covid-19/
317	12/9/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-coloca-barreiras-no-farol-da-barras-para-controlar-aglomeracao-na-praia/
318	12/10/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2149656-prefeitura-intensifica-fiscalizacao-na-origem-da-barras

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

319	12/10/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/comerciantes-reivindicam-menos-restricoes-em-bares-e-restaurantes-de-itapua-e-rio-vermelho/
320	12/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/obra-de-menelaw-sete-painel-modernista-vira-atracao-visual-no-horto-florestal/
321	12/11/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fiscalizacao-da-sedur-no-rio-vermelho-vai-ate-a-madruugada-de-sabado-12/
322	12/12/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2149778-ambulantes-que-dependem-das-festas-de-verao-tem-futuro-incerto-com-segunda-onda
323	12/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/devotos-lotam-igreja-no-comercio-em-dia-de-santa-luzia/
324	12/13/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/santa-luzia-acaba-com-esta-pandemia-fieis-fazem-pedidos-a-protetora-da-visao/
325	12/17/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/decoracao-de-natal-com-materiais-reciclados-ganha-as-ruas-de-salvador/
326	12/21/2020	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2150973-verao-tem-inicio-nesta-segunda-e-acende-alerta-contr-o-novo-coronavirus
327	12/21/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mulher-e-morta-a-tiros-em-sussuarana-e-salvador-cheqa-a-tres-feminicidios-em-10-dias/
328	12/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/de-olhos-abertos-ruas-praias-e-mar-serao-avos-de-operacoes-durante-o-verao/
329	12/22/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/av-joana-angelica-e-reordenada-e-ambulantes-ganham-espaco-fora-dos-passeios/
330	12/25/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/e-um-sinal-fieis-lotam-igreja-do-bonfim-na-ultima-sexta-feira-do-ano/
331	12/26/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cicloturismo-e-opcao-para-proveitar-salvador-durante-o-verao/
332	12/31/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/virada-com-restricoes-praias-e-comercio-fechados-va-marcar-reveillon-da-pandemia-em-salvador/
333	12/31/2020	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sem-galeota-com-gratidao-festa-da-boa-viagem-sera-sem-procissao-maritima/
334	1/1/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/volta-de-bom-jesus-do-navegantes-atrai-fieis-clamando-por-vacina-e-pelo-fim-da-pandemia/
335	1/1/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sextou-com-fe-fieis-lotam-colina-sagrada-pedindo-protacao-e-restauracao-da-saude-em-2021/
336	1/1/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/virada-de-ano-de-muita-luz-e-pouca-aglomeracao-em-salvador/
337	1/4/2021	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2152518-pandemia-muda-tradicional-festa-do-senhor-do-bonfim-em-salvador

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

338	1/4/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/missas-sao-adaptadas-em-sao-lazaro-na-primeira-segunda-feira-do-ano-confira/
339	1/5/2021	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/tempopresente/noticias/2152551-cuidados-nas-festas-reduzem-movimento-premium
340	1/7/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cheirinho-da-lavagem-do-bonfim-dentro-de-casa-agora-e-possivel/
341	1/13/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/as-lives-sao-as-novas-avenidas-diz-vocalista-do-afrocidade/
342	1/14/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/falta-de-publico-e-de-politicos-marca-lavagem-do-bonfim-na-colina-sagrada/
343	1/14/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/lagrimas-e-pedidos-veja-como-foi-o-trajeto-do-senhor-do-bonfim-ate-a-colina-sagrada/
344	1/14/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sedur-interdita-dois-estabelecimentos-por-descumprirem-medidas-na-cidade-baixa/
345	1/14/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/devotos-ignoram-pedido-de-ficar-em-casa-e-vaio-ao-bonfim-isso-e-a-fe/
346	1/16/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ouro-de-tolo-nas-ruas-do-carmo/
347	1/17/2021	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/educacao/noticias/2154387-primeiro-dia-de-enem-em-salvador-registra-pouco-movimento
348	1/20/2021	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2154737-era-sol-que-me-faltava-passeios-de-lancha-e-escuna-viram-alternativas-durante-a-pandemia
349	1/21/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/agressoes-as-religioses-de-matriz-africana-seguem-acontecendo-na-bahia-mesmo-na-pandemia/
350	1/26/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/homem-destroi-bloqueio-de-acesso-a-praia-do-porto-da-barra/
351	1/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/devotos-contam-como-vaio-reverenciar-iemanja-nesse-ano-de-restricoes/
352	1/29/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festival-de-street-art-vai-colorir-salvador-santo-amaro-e-castro-alves/
353	1/30/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-de-iemanja-com-restricoes-confira-como-fica-a-celebracao-em-meio-a-pandemia/
354	1/31/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-manifestantes-fazem-carreata-pedindo-impeachment-de-bolsonaro/31/01/2021
355	2/1/2021	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2156197-representantes-de-movimento-pedem-volta-das-aulas-presenciais-na-bahia
356	2/2/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/devotos-desobedecem-o-fiqueemcasa-e-encontram-iemanja-no-rio-vermelho/
357	2/2/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-de-iemanja-comeca-com-pouco-movimento-nas-ruas/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

358	2/2/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/movimento-volta-as-aulas-entrega-carta-a-deputados-na-alba/
359	2/2/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/luto-pela-pandemia-devocao-e-tradicao-veja-como-foi-celebrado-o-dia-de-iemanja-em-salvador/
360	2/2/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-entrega-projeto-de-iluminacao-em-cosme-de-farias/
361	2/12/2021	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2157430-sem-carnaval-economia-baiana-perde-e-trabalhadores-informais-buscam-auxilios
362	2/12/2021	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/economia/pr-newswire/noticias/2157753-vendas-do-comercio-do-rio-caem-15-em-janeiro
363	2/14/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-nao-tem-registro-de-fofia-irregular-nos-circuitos-oficiais-neste-domingo/
364	2/14/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-intervencoes-artisticas-fazenda-grande-do-retiro-vive-dia-de-museu-nas-ruas/
365	2/14/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-tem-domingo-de-carnaval-de-praias-cheias-e-folhoes-saudosos/
366	2/15/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-circuitos-vazios-varandas-de-salvador-viram-palco-de-shows-surpresa-no-carnaval/
367	2/15/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/carlinhos-maia-diz-que-nao-se-arrepente-de-super-festa-de-natal-durante-pandemia/
368	2/17/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cerca-de-200-gatos-estao-em-situacao-de-abandono-em-piata/
369	2/19/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/por-conta-da-pandemia-seap-proibe-visitas-sociais-e-religiosas-em-prisoas-da-bahia/
370	2/23/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-notifica-estabelecimentos-e-testa-moradores-em-tres-bairros-de-salvador/
371	2/24/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/banhistas-lotam-porto-da-barra-um-dia-antes-da-interdicao-das-praias/
372	2/25/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nos-bastidores-do-google-maps/
373	2/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/por-que-tanta-gente-abandonou-as-mascaras-especialistas-reforcaram-a-importancia-do-uso/
374	2/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/como-chegamos-ao-pior-momento-da-pandemia-veja-trajetoria-da-covid-na-bahia/
375	2/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-sextou-no-vazio/
376	2/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/1989-lavagem-de-itapua-comecou-com-ijexa-terminou-em-lambada/
377	3/1/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/engenho-velho-de-brotas-dona-de-bar-resiste-a-acao-da-prefeitura-e-caso-termina-em-barraco/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

378	3/2/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/quase-metade-dos-baianos-quebra-isolamento-no-fim-de-semana-de-lockdown-parcial/
379	3/3/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estabelecimentos-comerciais-descumprem-decreto/
380	3/5/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/academia-fechada-orla-lotada-numero-de-pessoas-praticando-exercicios-a-beira-mar-aumenta/
381	3/7/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/negacao-e-medo-alimentam-agressoes-e-comportamentos-de-risco-na-pandemia/
382	3/9/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/alegria-no-ceu-empinar-arraia-vira-paixao-de-menino-em-meio-a-pandemia/
383	3/11/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-de-salvador-intensifica-acolhimento-as-pessoas-em-situacao-de-rua/
384	3/12/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/apos-noite-violenta-suburbio-tem-dia-tranquilo-mas-temor-persiste-paz-momentanea/
385	3/12/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/forca-tarefa-intensifica-fiscalizacao-para-coibir-feira-do-rola-aos-domingos/
386	3/12/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-palavra-e-dela-seguranca-publica-em-tempo-de-pandemia/
387	3/14/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/irreconhecivel-suburbio-vive-segundo-domingo-consecutivo-sem-feira-do-rola/
388	3/14/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/um-ano-de-pandemia-provoco-montanha-russa-de-emocoes-nos-baianos/
389	3/15/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nao-ha-que-se-discutir-lados-enquanto-isso-as-pessoas-estao-morrendo-diz-delegada-da-policia-civil/
390	3/15/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/vice-campeao-baiano-de-boxe-e-morto-na-boca-do-rio-enquanto-trabalhava/
391	3/16/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/moradores-da-vila-brandao-solar-do-unhao-e-gamboa-de-baixo-interditam-praias-para-impedir-contagio-da-covid-19/
392	3/17/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/forca-tarefa-realiza-mais-de-360-mil-acoes-fiscais-em-um-ano-de-pandemia/
393	3/18/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/artistas-aplicam-doses-de-alegria-na-fila-de-vacinacao-da-covid-19/
394	3/18/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-472-anos-correio-cria-serie-de-acoes-para-marcas-o-aniversario-da-cidade/
395	3/20/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-472-anos-de-todos-os-cantos-encantos-e-axe/
396	3/24/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-com-aglomeracao-em-cobertura-na-barra-cause-indignacao-falta-empatia/
397	3/24/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/donas-do-guidao-mulheres-motociclistas-superam-machismo-e-fazem-renda-com-entregas/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

398	3/26/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-virtual-descubra-como-matar-a-saudade-da-cidade-sem-sair-de-casa/
399	3/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/crianca-morre-depois-de-ser-baleada-em-tiroteio-no-vale-das-pedrinhas/
400	3/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/desprotegidos-pela-fe-uso-de-mascara-e-tido-como-decisao-pessoal-em-algumas-igrejas/
401	3/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mortes-de-pretos-e-pardos-crescem-na-pandemia-mostra-pesquisa/
402	3/28/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/almas-que-habitam-salvador-revelam-o-que-o-olhar-comum-nao-ve/
403	3/29/2021	Jornal A Tarde	https://atarde.uol.com.br/aniversariodesalvador/noticias/2162775-pandemia-permite-novos-olhares-sobre-os-recantos-da-primeira-capital-do-brasil
404	3/29/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/como-irma-dulce-1a-santa-do-brasil-ajudou-a-transformar-as-antigas-palafitas-de-salvador/
405	3/29/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-muda-de-cara-e-soteropolitanos-aguardam-fim-da-pandemia-para-conhecer-novidades/
406	3/29/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/museu-vivo-salvador-e-transformada-em-uma-janela-para-o-mundo/
407	3/29/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/onibus-deixam-de-circular-no-vale-das-pedrinhas-apos-morte-de-menino/
408	3/30/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/aniversario-de-salvador-filtro-criado-pelo-correio-mata-saudade-da-rua-dos-leitores/
409	4/1/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/quentinhas-de-caruru-fazem-fila-dobrar-a-esquina-nos-restaurantes-populares/
410	4/3/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-isolamento-das-putas-maresia-medo-e-fome-na-orla-de-salvador/
411	4/3/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/relato-me-sinto-num-labirinto-fugindo-da-covid-19/
412	4/5/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-acredita-que-obras-de-requalificacao-podem-ajudar-salvador-a-sair-da-crise-no-pos-pandemia/
413	4/6/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/avenida-sete-tem-alta-procura-de-clientes-na-reabertura-das-lojas/
414	4/7/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/casal-e-assassinado-a-tiros-por-encapuzados-em-boavista-de-sao-caetano/
415	4/7/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-plena-pandemia-o-que-levou-os-shoppings-a-ficarem-lotados-na-reabertura/
416	4/8/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-carro-e-as-cidades/
417	4/9/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-principal-vitoria-foi-evitar-o-colapso-da-saude-diz-bruno-reis-sobre-balanco-dos-100-dias-de-gestao/

Continuação Quadro 4. Notícias sobre as ruas da cidade e a pandemia em Salvador-Ba.

418	4/15/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/uruquai-tem-maior-taxa-de-contagio-do-mundo/
419	4/19/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/80-das-familias-de-favela-dependem-de-doacoes-para-sobreviver/
420	4/23/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-mais-verde-dique-do-cabrito-ganha-500-arvores-em-acao-da-prefeitura/
421	4/25/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bom-exemplo-soteropolitanos-mostram-que-e-possivel-ter-lazer-sem-se-aglomerar/
422	4/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/numero-de-pontos-comerciais-fechados-cresce-40-na-pandemia/
423	4/27/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/dois-bebes-sao-abandonados-em-salvador-em-menos-de-48-horas/
424	4/30/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/na-barra-saltur-faz-blitz-para-orientar-ciclistas-sobre-a-utilizacao-de-mascaras/
425	5/2/2021	Jornal a Tarde	https://atarde.uol.com.br/politica/noticias/2166853-bolsonaro-celebra-protestos-com-aglomeracoes-no-1o-de-maio-obrigado-pela-confianca
426	5/3/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/miguel-nicolelis-preve-nova-catastrofe-da-covid-19-o-inverno-esta-chegando/
427	5/7/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/itapua-lidera-ranking-de-bairros-mais-barulhentos-veja-campeoes/
428	5/12/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pedreiro-e-executado-enquanto-trabalhava-no-bairro-de-pituacu/
429	5/16/2021	Jornal a Tarde	https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2168580-agentes-de-limpeza-tiveram-que-adaptar-a-pratica-da-atividade-durante-a-pandemia
430	5/17/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sao-marcos-lobato-e-boca-do-rio-adotarao-medidas-de-protecao-a-vida/
431	5/18/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-bicicleta-e-a-pandemia/
432	5/18/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sem-balao-forro-e-fogueira-sao-joao-sera-solitario-e-com-festas-e-viagens-proibidas/
433	12/10/2021	Jornal Correio	https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ssp-retira-quebramolas-colocados-por-trafficantes-no-nordeste-de-amaralina/

Fonte: Acervo Eletrônico dos jornais Correio da Bahia e A Tarde

Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz

APÊNDICE V
TRAJETOS MENCIONADOS DURANTE AS ENTREVISTAS

Quadro 5. Trajetos mencionados pelos entrevistados

Entrevistado	Trajetos Mencionados	Ponto Inicial	Ponto Final	Meio De Transporte
Entrevistada 1 Dona de Casa	1	Stiep	Avenida 7	Ônibus/Carro
	2	Stiep	Salvador Shopping	Ônibus/Carro
	3	Stiep	Shopping da Bahia	Ônibus/Carro
	4	Stiep	Aquidabã	Ônibus
	5	Aquidabã	Campo Grande	Andando
	6	Stiep	Sete Portas	Ônibus
	7	Sete Portas	Campo Grande	Andando
Entrevistada 2 Rosana Paulo Artista de rua, contadora de histórias infantis	1	Itapuã	EBDA	Andando
	2	Itapuã	Procon	Ônibus
	3	Procon	Avenida 7	Andando
	4	Procon	Joana Angélica	Andando
	5	Procon	Biblioteca dos Barris	Andando
	6	Procon	Pelourinho	Andando
	7	Itapuã	Itapua	Andando
	8	Itapuã	Abaeté	Andando
	9	Sereia de itapuã	Clube SESC	Andando
	10	Itapuã	Estação de Metrô	Andando
	11	Itapuã	Campo Grande	Ônibus
	12	Campo Grande	Costa Azul	Ônibus
	13	Costa Azul	Itapuã	Ônibus
	14	Rodoviária	Feira de Santana	Ônibus
	15	Itapuã	CAB	Ônibus
	16	Procon	Campo Grande	Andando
	17	Itapuã	Piedade/Joana Angelica	Ônibus
	18	Itapuã	Pituba	Ônibus/Carro
	19	Itapuã	Ribeira	Ônibus Carro
	20	Itapuã	Parque De Exposições	Ônibus

Continuação Quadro 5. Trajetos mencionados pelos entrevistados

	21	Itapuã	Comércio	Ônibus/Carro
	22	Comércio	Bonfim	Andando
	23	Itapuã	Parque da Cidade	Ônibus/Carro
	24	Itapuã	Parque de Pituacu	Ônibus/Carro
	25	Facul dade Visconde de Cairu	Lapa	Andando
	26	Lapa	Jardim Cruzeiro	Ônibus
Entrevistada 3 Aposentada	1	Mussurunga	Lapa	Ônibus/Carro
	2	Mussurunga	Mussurunga	Andando
	3	Mussurunga	Cajazeiras	Ônibus/Carro
	4	Mussurunga	Itapuã	Ônibus/Carro
Entrevistada 4 Desempregada, pessoa que viveu em situação de rua	1	Piedade	Casa de Acolhimento de Cajazeiras	Ônibus
	2	Casa de Acolhimento	Simões Filho	Ônibus
	3	Simões Filho	Piedade	Ônibus
	5	Piedade	Bompreço de Nazaré	Andando
	6	Piedade	Campo Grande	Andando
	7	Piedade	Comércio	Andando
	8	Piedade	Baixa dos Sapateiros	Andando
	9	Periperi	Piedade	Ônibus
	10	Periperi	Barroquinha	Ônibus
	11	Piedade	Barra	Andando
	12	Piedade	Rio Vermelho	Andando
	13	Piedade	Boca do Rio	Andando
	14	Boca do Rio	Piedade	Andando
	Entrevistada 5 Policial	1	Caixa D'água	UFBA
2		Caixa D'água	Barra	Andando
3		Caixa D'água	CAB	Ônibus
4		Caixa D'água	Feira do Rolo	Ônibus

Continuação Quadro 5. Trajetos mencionados pelos entrevistados

Entrevistada 5 Policial	5	Volta Da Cabocla Da Festa Do 2 De Julho		Andando
	6	Caixa D'água	Comércio	Carro
	7	Aflitos	Subúrbio	Carro
	8	Aflitos	Porto da Barra	Carro
	9	Porto	Hospital Espanhol	Andando
	10	Caixa D'água	Campo Grande	Andando
	11	Liberdade	Lapinha	Andando
	12	Liberdade	Feira de São Joaquim	Andando
	13	Pelourinho	Igreja Do Rosario Dos Pretos	Andando
Entrevistado 6 Missionário Evangélico	1	IAPI	Caçada	Carro
	2	IAPI	IAPI	Andando
	3	IAPI	Pituba	Ônibus/Carro
	4	IAPI	Barbalho	Ônibus/Carro
	5	IAPI	IAPI	Andando
Entrevistada 7 Empregada Doméstica	1	Tancredo Neves	Tancredo Neves	Andando
	2	Tancredo Neves	Canela	Ônibus/Carro
	3	Canela	Tancredo Neves	Ônibus/Carro
	4	Tancredo Neves	Camaçari	Ônibus/Carro
	5	Arraial do Retiro	Tancredo Neves	Ônibus/Carro
Entrevistada 8 Imigrante	1	Cosme de Farias	Aeroporto	Ônibus/Carro
	2	Cosme de Farias	Base Naval	Ônibus/Carro
	3	Cosme de Farias	Pelourinho	Andando
	4	Pelourinho	Lapa	Andando
	5	Cosme de Farias	Suburbana	Ônibus/Carro
	6	Cosme de Farias	Bairro da Paz	Ônibus/Carro

Continuação Quadro 5. Trajetos mencionados pelos entrevistados

Entrevistada 8 Imigrante	7	Cosme de Farias	Brotas	Andando
	8	Cosme de Farias	Cosme de Farias	Andando
	9	Cosme de Farias	Bela Vista	Metrô
	10	Cosme de Farias	Barra	Ônibus/Carro
	11	Lapa	Cosme de Farias	Metrô
	12	Centro	Pelourinho	Ônibus/Carro
	13	Pelourinho	Cidade Baixa	Andando
	14	Ilha de Itaparica	Pelourinho	Barco/Ônibus
Entrevistada 9 Candoblecista	1	Avenida Sete	Campo Grande	Andando
	2	Sussuarana	Sussuarana	Andando
	3	Periperi	Boca do Rio	Ônibus/Carro
Entrevistado 10 Porteiro	1	Tancredo Neves	Simões Filho	Moto
	2	Tancredo Neves	Águas Claras	Moto
	3	Tancredo Neves	Camaçari	Moto/Carro/Ônibus
	4	Paralela	Paralela	Andando
Entrevistado 11 Pedro Mota Viana, artista fotografia e artes visuais	1	Federação	Boca do Rio	Ônibus/Carro
	2	Boca do Rio	Praia do Flamengo	Ônibus/Carro
	3	Barra	Barra	Andando
	4	Boca do Rio	Praia do Flamengo	Carro
	5	Federação	Pelourinho	Carro
	6	Bahia Café Hall	Federação	Andando
	7	Went Wild	Federação	Andando
	8	Federação	Pituaçu	Andando
	9	Federação	UFBA	Andando
	10	Federação	Praia de Ondina	Andando
	11	Stella Maris	Itapuã	Carro

Fonte: Trabalho de campo, 2021

Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz e Alexandre Contreiras